Aff.
El autor.

MILLIARIOS

MILLIARIOS

DO

CONVENTVS BRACARAVGVSTANVS

EM

PORTUGAL

Reliquias d'epigraphia romana, trasladadas dos proprios monumentos

POR

M. CAPELLA

Presbytero bracarense, professor no Lyceu de Vianna, sócio corresp. da R. A. dos Archit. e Archeol. portuguezes.

... antiquissima monumenta memoriae
humanae, impressa saxis cernuntur.
TACIT. *Annal.* XI, 14.

PORTO
TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
LARGO DE S. DOMINGOS, 74

1895

« Scripsit mihi Sarmento laborem illum
« (viam viasve hujus regionis, *da Gei-*
« *ra*, explorandi) jam suscepisse Pa-
« trem Martinum Capella, bracaren-
« sem, sed librum ejus nondum pro-
« diisse. »

E. Hübner, *Inscrip. Hispan. Latin. Suppl.*
Berlim, 1892.

Todos os direitos reservados do auctor e editor.

A SEU BOM TIO

Dr. Manuel José Dias Salgado e Carneiro

MERETISSIMO JUIZ DE DIREITO NA COMARCA
DE OVAR

d. e off.

O auctor.

Senhor Tio e amigo,

Ha muito me andava na mente offerecer a V. Ex.ª o presente ensaio, como sendo não o menos defeituoso, ainda mal, porém de mór folego e fadiga de quantos tenho dado á estampa, poucos e rachiticos. Melhor dera se melhor tivera.

A outrem não iria em todo o caso a pobre offerta, que primeiro está a imagem viva d'aquella santa que foi minha Mãe, e o mestre que me teve pela mão nos primeiros passos do caminho das letras.

Lembra-se ainda? Já lá vão trinta annos e mais.

Meu Tio, então advogado e cultor fervoroso das letras nas horas de ocio, era muito moço ainda; eu apenas dez annos mais novo, um franzino rapazinho, mais sensibilidade que reflexão, ainda mais ignorante que sensivel. Quanta doutrina de bom gosto e critica literaria em placida palestra pelos verdes outeiros e soutos solitarios da nossa terra lhe ouvi, nem toda se foi da memoria com os annos. Bemdigo a Deus por isso, e mais ainda pela casta delicadeza de sentimentos e recato de linguagem, tão nobre e tão seu.

A primeira prédica que do pulpito declamei em annos inexperientes e bastante inconscientemente por signal, e as primeiras linhas para a imprensa transitaram pela censura esclarecida e não menos paciente de meu bom Tio e mestre.

Ha vinte e seis annos se não érro, que o traz por longes terras a carreira da magistratura tão cheia e honrada; de modo que só raras vezes e por bem fugitivos momentos me tem sido dado, nesta minha pouco menos movediça mas obscura vida de sacerdote, tornar a vêl-o.

Tempo era logo de dar conta de mim ao irmão predilecto de minha Mãe, juntamente mestre e amigo.

Ahi fica pois tal qual, testimunho de minha saudosa gratidão, o modesto presente.

Vianna do Castello, 1 de Janeiro de 1895.

Manuel José Martins Capella.

CAPITULO I

A MODO DE PROLOGO

SUMMARIO

Obra de fancaria. — Livros e filhos. — *Ars longa, vita brevis.* — Para ratificar senão rectificar. — Inventario de salvados. — Porque sairá assim e não assado? — Quem lucra? — De longe vem a queixa. — Influições do meio. — Livros velhos e amigos moços. — Mãos á obra. — Aventuras diurnas e nocturnas. — Sonhar dormindo e acordado. — Fama de magico ou cousa assim. — Muda a residencia e não a molestia senão para mais, *intensive et extensive.* — Com o *Hübner* da bibliotheca do Porto define-se o plano. — *Salidas* pela Maia, pelo Alto Minho, pela Galliza e afinal por Traz os Montes. — Sancho Pança sem a dicta e Quixote pançudo. — O José Pacheco. — Notas ao vivo da entrada na Galliza: do diario. — Destribuição das materias. — Protestos de fidelidade. — Subsidios de pessoas e de livros.

Não é destinada ao gabinete dos sabios a presente obrinha, que Deus não a fadou para tanto; é livro de curioso para curiosos.

São como filhos os livros, concebidos e dados á luz: *libri quasi liberi.* Em ambos os casos compensa Deus os trabalhos do parto com prazenteira satisfação, ás vezes aguada por deformidades organicas reveladas á nascença. Erros maiores com grave damno da economia physica como da mental, os abortivos vindos antes de tempo ou indefenidamente enkistados nos flancos maternos. De qual d'estes vicios enfermará o presente trabalho ao benevolo leitor pertence julgar.

Ha-de confessar-se que, se bem o periodo de vinte e tantos annos de gestação auctorise a nota de madureza a tão serodio fructo, a compleição fraca e mal se-

gura articulação dos membros está denunciando pequice de parto prematuro. Como quer que seja, não é tempo agora de tornar a traz, que longa é e difficil a arte e breve a vida, como lá dizem os medicos.

A esta que valerá como razão commum e fundamental, acresce a especifica de pretender o auctor ratificar senão rectificar as copias passadas de mão em mão, que de nossos milliarios recolheram poucos e nem sempre felizes copistas, e hoje correm mundo nas collecções dos sabios epigraphistas nacionaes e estrangeiros. Para que fique esta tentativa como inventario de fazenda mal parada, salvados de naufragio, restos de antiga opulencia, escapos ás mãos do homem por milagre maior que ás do tempo.

Do que se fez resenha, que não é tudo quanto ainda resta ao norte do Douro, aqui vai a conta.

Bem podera isto saír em artigos de jornal, ou ir a uma sociedade de antiquarios em estado de memoria manuscripta, que tudo isso occorreu além doutros alvitres [1] sem resultado pratico.

Portanto outra forma de publicação se não apresentava além desta.

Que taes honras não merece a lavra do auctor, isso é liquido; se as merecerá a importancia da materia, importancia que nem todos reconhecem e muitos chasqueam...

— Que lucra a especie, perguntam, com tal noticia? — A especie? como subsidio ou fonte da Historia... — Bem magro, na verdade. — Mas sadío, genuino, incorruptivel.

Isto allega a gente, sem de todo lograr já não direi convencer, nem sequer desarmar os maldizentes,

[1] Foi convidado o auctor a ceder seus apontamentos á compilação portugueza *Portugal Antigo e Moderno;* depois ao *Suppl.* do *Corpus* etc. do sabio berlinez snr. E. Hübner.

que neste como noutros casos é o maior numero. Sim o lucro afinal não será grande para a especie; as fadigas porém e dispendios de varia sorte, á fé que não tem sido pequenos para o auctor e para quantos o tem aturado.

Eis ahi porque elle ás vezes pergunta a si mesmo, como tanto se deixou entrar desta mania.

De longe vem a queixa. Talvez nascesse já com este feitio de achar encanto nos monumentos da antiguidade por onde a phantasia á vontade retouce. Depois o recorte sombrio e phantastico da paizagem gerezina onde viu a luz e lhe correram os primeiros annos, e muito creança lhe propinaram o philtro das letras latinas, [1] havia de favorecer-lhe o gosto nativo senão creal-o inteiramente.

Para mais ainda, teve á vista desde creança as velharias da via romana dicta da *Geira*, distendida invariavelmente no plano horisontal em curvas salientes e reentrantes pelo flanco da montanha fronteira á casa paterna. Ás lendas de mouras encantadas associava-se a suggestão da columna milliaria, cylindro granitico, queimado, denegrido pelo tempo, recoberto de lichens, erguido como esphinge d'espaço em espaço, com aquelles letreiros quasi delidos pelo dente dos invernos, para lhe abalar ao pobre rapazinho a imaginação e atiçar a curiosidade. Já nem se lembra de quantas tentativas inteiramente baldadas para decifrar taes enigmas.

Quando ás mãos lhe veiu muitos annos depois o *Argote* e o *Fr. Bernardo de Brito* pôde desvendar parte

[1] Aos nove annos começava a decorar a grammatica latina com seu tio-avô P. Manuel Martins, e aos dez entrava na eschola do rev. Jeronymo Gonçalves, de Covide, á raiz do Gerez. Do convivio tarde e manhã de tão douto e venerando sacerdote e de mui aproveitados condiscipulos, saiu ao fim de tres annos e meio com uns magros latins, havidos mais por contacto que por estudo, e a imaginação povoada de feitiços classicos.

do mysterio; mas declarou-se a febre epigraphica. Foi-se ao monte, a copia numa das mãos, na outra o lapis e cem olhos em pesquisa. Aquillo foi um lidar a valer, mais teimoso que avisado, por frios e calmas, por montes e valles.

Numa destas campanhas bons serviços lhe prestaram seus dois primos dr. Martins Paredes e dr. Antonio Salgado, mais seu irmão José.

Bivacaram em pleno Gerez, e labutou-se por dois dias com operarios contractados, em rolar uns e levantar outros milliarios, derribados — quem sabe? para descobrir thesouros.

No anno seguinte mandou o dr. Paredes como presidente da camara municipal de Terras de Bouro erguer os restantes que era o maior numero, desde o *Bico da Geira* á *Portella d'Homem* na distancia de tres milhas, 31.ª á 34.ª.

Periodo agudo para o auctor. Sonhou muita vez com riquissimas descobertas archeologicas, verdadeiras florestas de milliarios, em grupo ou perfilados, recamados d'escriptura, intactos, ineditos absolutamente ineditos. Que fortuna, que alegrão! Infelizmente e como é facil presumir, achou sempre muito mais dormindo que acordado.

Assim mesmo mesquinha, a realidade não o descoroçoava senão que mais lhe aguçava o appetite.

No correr o seu fadario, por vezes teve de pernoitar em despovoado na primeira casa erma, recostado ao tronco de annosa carvalheira ou sob a tenda de lona, na cabana dos pegureiros da serra ou atufado em carqueja *sub divo, à la belle étoile* como lá dizem.

Prazer exquisito era então, antes que o somno cerrasse as palpebras, tomar as *contas* e alternando com o companheiro ir dizendo em toada cadente as saudações á Virgem Immaculada!

Naquella solidão rumorosa do bosque gerezino por onde a aragem da noite derramava as mil e uma notas do murmurio das cascatas, do ramalhar dos carvalhaes e dos pios quasi uivos da coruja, essa era uma das scenas mais bellas que ainda sua alma gosou.

Que noites, que noites aquellas!

Ás vezes o nordeste caindo como açor lá do planalto de *Lamas de Homem*, enfiava pelas fundas gargantas e varria o valle. A ramaria silvestre, elastica e rija como varetas de aço de afeita que anda áquella gymnastica brutal, contorcia-se atormentada rugindo num côro de lugubres lamentos; e a misera cabana, *forno* lhe chamam lá, tudo seria menos forno. Construida de pedra solta e telha van, varada em todos os sentidos por correntes agudas como floretes, apresentava algo de indiscriptivel que mais valerá imaginar que experimentar. Sepultada a gente num montão de fetos seccos e carqueja, aos pés grossos lenhos ardendo lentamente e a noite longa, longa...

De uma vez era no curral de S. Miguel e em noite de luar, solemne e sileneiosa como soem de ser nestas êrmas solidões.

A' crepitação monotona do fogo nos madeiros do lar ao fundo da cabana ia scismando que talvez ali fóra mesmo, nos prados adjacentes por onde tanta vez na mocidade passara, mais ancioso de tirar ás corças que de achados archeologicos, jazesse desconhecida qualquer antigualha de valor.

Neste cuidado saíu logo e por duas horas ou mais andou mirando e remirando *per silentia lunae* quanto áquella luz phantastica alguns visos tivesse de antiguidade. Quem sabe, dizia comsigo, se não terá sido *campo* romano esta chapada entre a *Geira* e o *Homem*, que ali corre na orla oriental fundamente encaixado no seu leito de granito? e estas pedras lageadas aqui á su-

perficie do solo, quem me diz que não recobrem ossos e utensilios de velhos legionarios? Olha aquelle comorosinho, isolado assim a modo de *tumulus* ou de mamôa! E rondava desde a base ao vertice o conico monticulo revestido de lageas applicadas sobre o humus movediço, segundo parecia [1]. Dahi abeirou-se do rio para observar o sucalco não fosse por ventura de boa cantaria romana.

Disso tinha visos quefarte. Ao desviar os tufos de hera e outros arbustos, pouco faltou se não despenhasse da ribanceira.

Quando de manhã correu a verificar os *achados* nocturnos, com grande desapontamento seu teve de reconhecer que o tal muro de supporte, ainda que bastantemente bem aprumado e recortado o construira assim *madre natura;* quanto ao mais, descontando ao luar feiticeiro 50 por cento de parecenças, ainda ficava com que alimentar a fé vigorosa de um archeologo noviço. Peor era que tudo isto pouco menos valia que sonhar acordado, e o gosto das antiguidades ia desandando em monomania [2].

Tambem dahi resultou cobrar fama entre os rusticos em verdade pouco lisongeira: magico ou desencantador de thesouros era o menos.

Na Galliza foi somente engenheiro de estradas.

Tendo renunciado á parochia em 1880 e entrado para o collegio da Formiga, aros do Porto, parece deveria acalmar-se o prorido archeologico, longe agora do campo de operações. Ao contrario, tornou-se mais *intenso* e *extenso*.

[1] Explorado este anno passado apenas rendeu uns carvões e cinza, restos de combustões modernas, porque as lageas são naturaes...

[2] Com a visita em 1877 ás ruinas do *Forum*, do *Coliseu*, do *Palatino*, das thermas de *Caracalla* e outras em Roma, mais se aggravou o mal. Vid. *A Roma*, pelo auct.

Nos dias feriados tinha na bibliotheca do Porto a soberba compilação do snr. E. Hübner, o *Corpus Inscrip. Latin.* etc. que foi trasladando á carteira, texto e notas, na parte referente á area de suas pesquisas. Uma verdadeira mina de erudição e critica.

Então melhor se confirmou no plano primeiro: *verificar na pedra* o que andava no papel.

Para as grandes excursões eram reservadas as ferias, e durante o tempo lectivo gizavam-se planos de ataque dentro dos limites orçamentaes de um pobre mestre de meninos. Além de repetidas caminhadas nas visinhanças da Formiga e pelas terras da Maia desde a Trofa á Carriça, por Agoas Santas e S. Mamede d'Infesta, á cata de vestigios quasi inteiramente obliterados da *via* de Braga a Santarem pelo Porto, foi d'uma vez a Valença tomar ponto de partida pelo planalto de Coura, pontes do Lima e de Prado, Cavado, até Braga.

Para recolher algumas inscripções milliarias desta *via* de Braga a Lugo por Tuy.

Seria por 1883, agosto, quando no intuito de perseguir os vestigios da Geira, *Via Nova,* se internou pela Galliza com animo de dar volta por Astorga á fronteira de Bragança. Falhou a tentativa pois viu-se forçado a recuar depois de oito dias, ahi de *Baños de Bande,* além da *Limia* como lá dizem. Chegara noticia de suspensão de garantias por motivo de uma sublevação em Badajoz, e a gente não levava documento por onde provasse *al señor alcalde* não estar tractando com um *facioso.* Discutido o ponto com o illustrado e hospedeiro *señor* cura de *San Juan de Baños,* assentou-se na retirada; e ahi está como as turbulencias dos revolucionarios deitam a perder as melhores empresas.

Nesta *salida* e noutras ainda foi-lhe de *Sancho Pança* o José Pacheco o qual, diga-se em abono da verdade, não mereceu o cognome d'aquelle outro mo-

delo de escudeiros andantes, senão por se haver associado a uma empresa algo quixotesca. Nunca ambicionou governo de ilha o Pacheco, nem era moralista e poltrão como o primeiro.

No mais bem podia dizer com o bom velho Schiller das *Prisões* de Silvio Pellico:

«La fortuna si burló di me dando-me il nome
«d'un grand'uomo. Mi chiamo»... Pacheco.

De pequenissima estatura, sêcco e franzino, negro do sol, micro-cephalo, barbado até á menina dos olhos mas rapado a modo de clerigo, rijo como aço, dôce, paciente e fiel como poucos: um modelo no genero.

A qualquer proposta do amo, Pacheco respondia invariavelmente:

«Como vossenhoria quizer».

E' exposto e unico de familia. Quando cerrou a porta dos pobres penates para se ir ás aventuras archeologicas, respondeu aos visinhos que lhe notavam a temeridade: «Eu com o abbade vou daqui para o cabo do mundo»! E era assim: ninguem dirá que por elle quebrou a corda. Quem sabe se lhe não andará no sangue, ao pobre Pacheco, lêvedo d'aquelle seu illustre homonymo, o Achilles lusitano, o leão de Cochim?

Nos ossos o que lhe ficou de seguro foi boa dose de rheumatismo, isso foi. Para ver era, como caminhava lesto e lêdo debaixo d'um montão de tarecos: sacca de munições de bocca e utensilios, maleta com uma pouca de roupa, tenda de lona, frascos e borracha para vinho, marmita, foice, alvião, pau ferrado *et reliqua*: Um arsenal ambulante. Adeante o amo abordoando a longo bastão sua pessoa inda mais longa, triturando areias e amarrotando sarçaes sob esguias gambias protegidas por fortes caireis è sola ferrada, a tiracolo o breviario e miudezas, chapéu largo á prova de agua,

espadoas e abdomen proeminentes equilibrando-se menos mal.

Pena que não ficasse escorço ou photographia do grupo. Só umas notas de carteira, tomadas na occasião e fielmente trasladadas agora por amor do tom local:

«8 agosto de 1883. — A Geira além da Portella endireita a NW., prestes volve porém a ENE. e corta a fralda d'uma projecção lateral do Gerez, a serra de Negrellos. Depois para suavisar a rampa, dobra sobre si descrevendo longo zigue-zague, e deslisa pelo valle abaixo a par do arroio que ha-de entrar no Lima com o nome de *Riocaldo*.

E' a *Portella d'Homem* tôpo d'um valle estreito que se abre ao fundo sobre o Lima; breve garganta cortando a linha divisoria das agoas entre a bacia d'este rio e a do Cavado, pelo Homem seu confluente.

Este é o valle das Mouroãs. Aqui lança de si o Gerez, SW. a NE., uma cordilheira alta, despenhada, dentada, d'aspecto selvagem; a ladeira eriçada de rochedos e remendada aqui e além de carvalhaes escuros. Dos seios da encosta que ora se afasta ora se aproxima do *thalweg* do valle, precipitam-se torrentes de agoas tão vivas no inverno que tem rolado penedos descommunaes e em quantidade innumeros. Parece que o espinhaço da serra todo se desfaz para tão amplo abastecimento de pedregulhos.

Verdade seja que não se hão-de attribuir a trabalho *regular* das agoas, como seria o das geleiras nos Alpes, os ultimos resultados; senão ao *extraordinario* de forte manga de chuva caída annos ha nessa parte do Gerez, a qual ganhando forças com o empinado da ladeira trouxe á planura esses formidaveis destroços geologicos. Deante de si levou algumas pontes tantas vezes seculares, da via romana, e entrou pelas ribancei-

ras sucavando, derribando, aluindo tudo. Por tal guisa alastrou o campo que onde antes fôra verde e risonha pradaria, quedou horrido pedregal de penedos alvadios e arredondados, saibro e areia branca».

«9. — A' tardinha installados no *comercio* da Tia Antonia, de Lobios.

Requer *alta* a caminhada de dois dias para tão fracos peoneiros, e a noite mal dormida ao relento na serra.»

«10. — Soberbas fabricas as egrejas parochiaes de Lobios e do Valle. Depois da missa, batem-se os arredores de Lobios. A Geira deixa o arroio a tempo, e corta pelo soppé da montanha a cavalleiro das freguezias de S. Martinho e S. Paio (de Araujo) e Torno: divisam-se alguns fragmentos della aqui e além. Excellente clero parochial a começar pelo rev. cura de Lobios, Fulgencio Domingues Gonzales.»

«11. — A caminho. 9 h. 40 m. da manhã: Sentado depois de breve caminhada de pouco mais de legoa e meia, junto d'uma ponte genuinamente romana!

E' a ponte *Pedrinha* sobre o Lima tão pobre de agoas e essas mesmas turvas, ferruginosas, *letheas,* escoando-se por ahi abaixo entre calháus negros. Cortam-lhe o leito numerosos açudes para moinhos-choupanas, bem parecidos aos do rio do Campo no Gerez a jusante da ponte tambem lá chamada *Pedrinha.* Na cantaria da ponte resaltam a *rusticada* ou almofadas caracteristicas, como nos restos das pontes romanas do Gerez. Conserva inteiros posto que desmantelados de ameias e da calçada superior os seus dois arcos, de abertura desigual e volta inteira: para a vasão ordinaria o maior, o outro para o não-chega».

«Perfeitamente humorado e bem disposto de saude, Deus louvado.

«Vejamos por miudo: espessura da ponte debai-

xo do arco pequeno 5,m74; corda ou diametro d'este 3,m12 [1].»

«Leva arriba que aperta o sol. Além da ponte como áquem divisam-se perfeitamente alguns traços da estrada romana, hoje abandonados do transito.»

«11h. 25m. da manhã. Percorridas por mais de legoa as terras da margem direita do Lima, umas veigas e montados aridos quefarte, atravessamos depois miserrimas aldeias de casulos negros estarrecidos do sol, depois alguns milharaes até uma encosta nas immediações de *Santa Comba*.»

«Como nos dissessem não estar longe *Baños*, e o sol apertasse mais a sêde e um nadinha tambem a *gana*, olhamos em roda e logo nos ali deparou a divina Providencia á borda do caminho tres frondosos castanheiros muitas vezes seculares, estrado de relva já fanada porém enxuta e a clara limpha murmurante, como diziam dantes os poetas.

— Uff! seja Deus bemdicto e paremos aqui!

Sacca do farnel os pasteis mais o *neto* [2] da tia Antonia de Lobios o Pacheco amigo e começa a refeição, depois das ablucões requeridas pelas mais elementares praxes de aceio. Aqui desafio o mestre Matta...

Comido e palestreado o saboroso conducto, propina-me o bom Pacheco um cigarro de picado e a refeição toma ares de grandeza.

— Quer vossenhoria um cigarro?

— Pois venha de lá isso. Sinto-me rendido á lei do bom tom e passo a fumar.

Depois o respirar resfolegado do exigenio, coado pelas graves folhas do castanheiro comtemporaneo do rei Hermenrik, bem melhor que o fumo avariado da ci-

[1] Mais tarde entrei em duvida se não teria *trocado* estes algarismos. Parece-me provavel.

[2] Cousa de um litro de vinho.

garrilha de *duas ao quarto,* e afinal o breviario sempre no ambiente oxigenado e ao murmurio d'

«as claras agoas que limpidas manavam»

emquanto o pobre José succumbindo á tentação do somno me vai de lá entoando as antiphonas, rematam menos mal esta segunda etapa do dia.»

Agora a disposição das materias:

Mirando a propagar entre nós o gosto do estudo da epigraphia romana este modesto trabalho, porisso mesmo destinado a curiosos como dito fica, pareceu indispensavel precedel-o d'alguma cousa como *introducção,* de ligeiras noções para interpretação dos titulos epigraphicos. Irão em seguida, distribuidas por quadros historicos apenas esboçados as *inscripções* referentes a cada imperador, com as variantes e notas elucidativas para os menos versados nesta ordem d'estudos.

Quanto a *fidelidade* nas copias responde o auctor só pela parte *subjectiva,* que de ter errado lhe sobram exemplos de casa. Certo é que lidou por acertar, e para isso quasi todos os titulos menos claros que são em grande numero, foram vistoriados nem sabe já quantas vezes. Mesmo assim de muitos não ficou socegada a consciencia e taes houve, uns tres, refractarios a todos os ataques. Ficarão á margem provavelmente.

De bom grado se continuaria indefinadamente na inspecção e minucioso exame dos nossos milliarios, verificando aqui, corrigindo ali, aditando acolá ou suprindo no traslado quanto levou a injuria do tempo ou deformou o zelo desastrado de amador inexperiente.

Pretendeu-se mesmo dar em gravura o debuxo tal qual, desejo só e nada mais por muitas razões e boas; força é porém ater ao possivel e pôr ponto no fadario

de tantos annos, que já com elles se foi aquelle vigor juvenil, elasticidade muscular e vista apurada que tanto aqui se requerem [1]. *Eheu, fugaces labuntur anni.*

Vamos a contas; quem depois vier corrija o feito e não lhe faltará de quê, vá por diante e muito terá que andar.

De numerosas pessoas recebeu o auctor auxilio e favor de varia especie, e aqui entendeu deixar-lhes os nomes por dever de justiça como cooperadores, de gratidão como amigos.

Collectivamente e attendendo á constante e universal deferencia sobresáe a nobre classe ecclesiastica. Isto vem-lhe da illustração não só tambem d'aquella nativa benevolencia caracteristica do estado, e da affectuosa sympathia por seus irmãos nas ordens. E' delicioso pensal-o e mais ainda sentil-o.

Individualmente a todos superou sem medida e ninguem disso se melindrará o snr. dr. Francisco Martins Sarmento, o illustre vimaranense tão vantajosamente estimado pela Europa sabia. Com quatro linhas rectas se determina geometricamente a relação d'elle com o auctor: de sabio, cavalheiro, mestre e amigo.

Vem depois, nas pesquisas de *Valença a Braga*, o seu conterraneo snr. dr. Antonio de Barros agora juiz de direito na Ponte da Barca — pela passagem por Coura; na Labruja o reitor da freguezia, P. Amorim; P. Perre,

[1] Pesadas já e escriptas ahi tão *ponderosas* considerações, assim mesmo foi-se no anno passado á volta de Traz os Montes de ha muito entrevista, e a mais longa e fadigosa de todas. Atacou pelo Douro, Mirandella e Valle Passos a falada estação dos Possacos e Villarandelo, verificou as inscripções dos arredores de Chaves e atravessou por Barrôso ao Gerez. Pouco feliz na primeira, foi-o mais na ultima caminhada onde recolheu duas *ineditas*. Agora pensa para este anno na ultima visita, irrevogavelmente ultima ás da Geira, e assim ficará cerrado o cyclo das andanças, *si Domino placuerit*, bem entendido [1].

[1] Verificou-se nos primeiros dias de agosto a visita, depois de nova travessia pelo planalto de Coura. *Deo gratias*.

abbade de Covella e o snr. morgado Mello, da Correlhã, em Ponte de Lima; entre esta villa e a de Prado o P. Monteiro, abbade de Riomau; e em Prado o snr. dr. Lima.

De *Braga ao Porto,* em Famalicão o snr. José d'Azevedo e Menezes, senhor da nobre casa do Vinhal; na Trofa o P. Fonseca Pedrosa, abbade de Santo Thyrso.

De Braga por Chaves, em Valle de Telhas o conego de Guimarães, Gomes Cardoso; nos Possacos o parocho P. Francisco Gomes; em Boticas o P. Estevam da Cruz, parocho de Cervos e o P. Medeiros, parocho das Alturas, pela região de Barrôso.

Pela *Geira,* de Braga a Amares, o dr. Antonio de Freitas, abbade de Adaúfe; o P. Manuel Arantes, abbade de Crespos; o P. Fernando d'Azambuja, abbade de Figueiredo. De Amares á Portella o P. José de Moura, fallecido abbade de Caires; o P. Alexandre de Carvalho, parocho da Balança e depois abbade de Besteiros; o snr. Manuel de Freitas, do Passadiço de Covide; o P. Paulo Antunes, do Campo do Gerez e o P. João Capella, abbade d'essa freguezia, seu irmão.

Na *Galliza* o P. Fulgencio, abbade de *Lobios,* o abbade de *San Juan de Baños,* o prior de *Caballeiros* e o abbade de *Valle de Riocaldo.* Qual mais qual menos, de todos ficou memoria agradecida e ficará se Deus o quer.

Das obras de consulta não dirá que foram numerosas, nem muito escolhidas que o não póde quem de tudo carece, nem que todas pagassem tributo, nem na devida proporção, nem ainda o melhor; só sim que foram presentes *material* senão *formalmente:*

T. Livius, Strabo, Plutarchus, Tacitus, Suetonius, os dois *Plinius, Aurel. Victor, Festus Avienus, Cl. Rutilius, Pomp. Mella, Am. Marcellinus, Jornandes, Fron-*

tinus, Modestus, Vegetius, Florus, Justinus, Paterculus, Aulus Gellus, Philo, Lactantius, Paulus Orosius, Martianus Capella, A. de Rezende, Pitiscus abrégé, Freund, Theil, Alfr. Leger, E. Hübner, Daremberg et Saglio, Mommsen, Marquardt, Martins Sarmento, Cagnat, Borges de Figueiredo, Laurentie, Lafuente, A. Herculano, Thomas Valaurio, Dom Guéranger.

CAPITULO II

A MODO DE INTRODUCÇÃO

SUMMARIO

I — VIAÇÃO ROMANA: De como não seja coisa rara o marco milliario ainda hoje; — e foi vulgarissimo nos tempos idos; — da sua anchura, fórma, prestimo e demais partes. — Nem todos os imperadores tiveram d'isto cá pela nossa terra. — Rede da viação romana, monumental nas proximidades de Roma; — cobria as provincias. — Colonias e outros logares de segurança ao longo das vias romanas. — Differentes especies d'estradas: — direcção dos traçados: — construcção e á custa de quem: — serviço postal.
II — HESPANHA ROMANA: Conquista; — administração.
III — BRACARA AUGUSTA: signaes d'importancia na epocha romana; — vias romanas de Braga.
IV — EPIGRAPHES: interpretação; — conspecto comparativo das dictas.

Posto não seja objecto raro nem toda a gente conhece de vista o marco milliario, e muitos ignoram o uso primitivo d'este caracteristico monumento da epocha romana. E' o milliario um monolytho cylindrico, [1] outr'ora postado de milha em milha á margem das vias romanas, referindo as distancias de Roma ou de alguma das terras principaes da provincia. [2]

N'uma inscripção gravada no fuste memoravam estas pedras os nomes, filiação natural, adoptiva, mesmo usurpada; os titulos honorificos, os epithetos nem sempre justificados, e os cargos publicos servidos pelo imperador nomeado, que mandara construir ou reparar a estrada. Tambem ás vezes figurava o nome do legado

[1] Ou de faces planas, por excepção.
[2] A's vezes, simples contagem sem referencia.

propretor ou procurador da provincia. Com o numero das milhas [1] em algarismos romanos e ás vezes o nome da terra donde se fazia a contagem, terminava a epigraphe.

Já me lembrou se nisto entraria a moda e pretexto de louvaminhas ao cesar, pois a mór parte dos titulos epigraphicos não rezam de obra feita nem refeita; e por outro lado andam representados ahi imperadores que a curtos intervallos succederam no poder, ou passaram rapidamente e sempre entretidos nas guerras lá pela Germania, pelo Danubio, pelo Oriente. De modo que algumas destas memorias temo não as produzisse a lisonja dos servidores, sem as ter ganho a benemerencia dos amos. Verdade seja que, taes como Caio Caligula, Nero, Antonino Pio, Marco Aurelio, Septimio Severo e outros ficaram em branco nas commemorações lapidares do meu conhecimento, não por certo em lisonjas e aduladores.

Dahi veiu com o andar dos tempos a ser cada milha uma estação de *cinco, dez, doze* e mais columnas milliarias. Desperdicio para o calculo, pois repetiam todas o mesmo numero de milhas; e grosso dispendio com mandar lavrar ás vezes 215, 247, 294 como quereria cada uma das tres estradas de Braga a Astorga segundo o *Itinerario* d'Antonino, só para celebrar o nome de um imperador [2]. A não ser que prevendo nas futuras edades os vandalismos de varia especie de que seriam victimas as pobres pedras, pretendessem que alguma escaparia de entre tantas.

Na parte inferior termina o milliario por quatro chanfraduras planas ou por uma sapata em bruto, com que melhor se mantivesse cravado no chão: outras ve-

[1] Nalguns cippos da epocha de Diocleciano falta esta clausula.

[2] Inclino-me a que se não se ha-de tomar a cousa á letra. Não tenho obtido maior serie que de 3 *consecutivas*.

zes assenta n'uma base torneada. Para materia prima buscavam a de mais tenra lavra e facil conducção, como é natural; e ás vezes tão friavel que a só erosão do tempo lhe deliu de todo a escripta.

Assim é que punham de parte por sua excessiva rijeza e ingrato amanho o granito *porphyroide* para empregarem qualquer variedade do *amphibolico;* isto bem entendido, pelos sitios por onde tenho andado, terrenos geralmente siliciosos de formação granitica. Por outras bandas, leio que até de marmore os faziam e de outras rochas mais ou menos consistentes.

Tambem nas dimensões havia differenças. Em França, segundo nos informa Alfredo Leger, [1] oscilla o comprimento dos milliarios entre $0,^{m}9$ e $2^{m},35$. Nós cá possuimos alguns exemplares de $2^{m},5$ e mesmo $2^{m},6$, e poucos dos conservados inteiros descem dos 2 metros: o diametro varia entre $0,^{m}5$ e $0,^{m}63$, exceptuando raros de diametro reduzido a $^{1}/_{2}$ ou $^{1}/_{3}$ do ordinario.

Ainda em numero não estamos mal servidos; pois emquanto a França accusa [2] uns 150 a 200, só ao norte do Douro temos nós para mais d'um *cento* ainda hoje.

Se bem que nenhum milliario tenha visto com epigraphe anterior á epocha dos cesares, do tempo de Caio Gracho (183 — Chr.) data a introducção d'este e outros melhoramentos na viação publica dos romanos, segundo a curiosa pagina de Plutarcho que reza assim:

«Uma das obras que mais teve a peito (C. Gracho) «e curou com mór diligencia, foi traçar e construir as «estradas publicas que tinha decretado. Mirando pri«meiro á utilidade, não esqueceu a graça e bom gosto «da obra. Lançou em linha recta atravez do descam-

[1] *Les Travaux publ. des Romains*, 168.
[2] Cf. Leger, *op. cit.*

«pado uteis caminhos, calçados de pedra lavrada onde «houvesse mister, e argamassados de areia batida com «terra betuminosa para mór segurança. Todos os bar- «rancos e ravinas, rotas pelas torrentes ou occupadas «pelas aguas estagnadas, mandava atulhar ou galgar «por meio de solidas pontes e viaductos, de fórma que «ficando á mesma altura as duas margens, resultasse «plana e agradavel á vista a construcção.

«Demais d'isto cortou esses caminhos em partes «eguaes que chamou *milhas,* cada uma do comprimento «de oito *estadios;* e para signalar as milhas mandou ale- «vantar *pilares de pedra.*» [1]

Por aqui se póde ir ajuizando da soberba estructura das obras e largueza de vistas do maior povo do mundo.

Só de Roma irradiavam logo á saída das *quatorze* portas da cidade, *vinte* estradas de primeira ordem com *vinte e sete* ramaes para terras de somenos importancia, ao furo e medida da opportunidade topographica.

Algumas como a via *Appia,* a «regina viarum», de Roma a Brindisi; a via *Portuense,* cortada longitudinalmente por um muro baixo de separação entre os que vinham e os que íam á foz do Tibre; a via *Aurelia* desenvolvendo um percurso de 900 kilometros para contornar o mar da Liguria até Arles na Gallia, eram verdadeiros monumentos no genero:

Trincheiras, grossa muralha de supporte, atterros de 28 kilometros de comprido, pontes, viaductos, tunneis mesmo; e tudo com aquelle cunho de solidez secular, tão peculiar aos romanos. E não esqueça que os *meios de ataque* eram pouco menos de rudimentares, sem os explosivos de mina e a potencia do vapor, para não falar no mais.

[1] Plutarch. *in vit. C. Grach.*, trad. de M. Dacier.

Pelos desfiladeiros alpinos desembocavam correndo além as provincias do Danubio, a Illyria, a Pannonia, a Norica, a Rhaecia, a Helvecia e a Narbonnense derramada pelos nateiros do Rhodano, numerosas estradas. A Hespanha e as Gallias recobria-as uma rede de caminhos publicos, continuados do outro lado do mar ou do Rheno na Germania, na Britania, na Mauritania.

Depois, escalonadas pelos caminhos de primeira ordem eram as colonias primitivas onde a metropole lançava veteranos e proletarios, uns como pontos avançados para atalaiar as provincias inquietas, proteger as communicações e cobrir a capital no caso d'invasão inimiga.

Ás colonias d'Italia, mais antigas e numerosas, incumbia este ultimo officio. Talvez que a esta previdente disposição se deva em parte a salvação de Roma depois da jornada de Cannas.

Traziam demais disso estas repetidas sangrias allivio desopilante ao estado plethorico da metropole, e alargavam a orbita d'influencia romana com o uso da linguagem, leis, usos e costumes de Roma.

Para regularidade do serviço postal e commodidade das tropas em marcha mais que por utilidade publica, deparavam-se ao longo das grandes estradas de onde em onde mudas, *mutationes*, para substituição de cavallos ou muares; albergarias, *mansiones*, com provisões e agasalho para passar a noite; estações, *stationes*, logares ou pequenas cidades onde podia a gente descançar alguns dias, depois de marchas forçadas de ás vezes 100 kilometros por dia em casos de summa urgencia. Demais d'estas providencias officiaes, havia de particular iniciativa como hoje as tabernas e albergues, *cauponae*, para utilidade dos passageiros.

Pela segurança militar nos pontos estrategicos,

cruzamento d'estradas, passos apertados, gargantas ou desfiladeiros, respondiam os campos fortificados permanentes, *castra stativa,* rectangulos de 300 a 600 metros de comprimento sobre 150 a 400 de largura, defendidos por vallos ou parapeitos, fosso e ás vezes muro e baluartes. Neste espaço se acolhiam as tropas e paisanos fugitivos. Quando tinha menores dimensões o campo, 80 metros sobre 50, destinado a resguardo de pequena guarnição havia nome de castello, *castellum;* se de menores proporções ainda, o de burgo, *oppidum.*

Aos dois lados da estrada propriamente dicta, *agger,* corriam duas mesêtas, *margines,* ou passeios planos para peões; e nelles de distancia em distancia uns apeadeiros de pedra, de dois ou tres degráus, para commodidade de quem montava ou apeava.

Ás vezes simples cubos de pedra, *gomphi,* bastavam ao mister. Esta providencia parece dever-se ainda ao falado Caio Gracho, como lá diz Plutarcho: [1]

«Outra cousa fez elle (C. Gracho) e muito com-«moda, mandar erguer ás margens das estradas com «pequenos intervallos pedras, de feição a por ellas po-«derem montar a cavallo sem auxilio de moço os via-«jantes.»

Como no corpo humano os vasos sanguineos, não tinham os caminhos romanos egual anchura, comprimento e inclinação. Para as *vias* propriamente dictas queria a lei das *doze taboas* uma largura de $2^{m},36$ nos lanços rectilineos, e o dobro nas curvas afóra os passeios lateraes: *Via in porrectum VIII p.; in anfractum XVI p. esto.*

Está de vêr que isto era para o minimo da largura, porque nas immediações de Roma por exemplo,

[1] Plutarcho, *op. cit.*

algumas attingiam 12 metros incluindo os andaimes lateraes

Havia mais o *actus,* caminho para carro, com quatro pés de largura apenas, $1^{m},18$; o *iter* para cavalgaduras e peões, de 3 pés ou $0^{m},885$; o *semita* de 1 só pé de largura ou $0^{m},295$ [1]. O *callis* era um caminho irregular, aberto pelo trilho dos rebanhos; o *trames,* atalho ou travesso; e o *ambitus,* para livre servidão á roda das casas.

Privadas, *privatae,* eram algumas vias; outras publicas, *publicae.* Destas as maiores, *viae militares,* conduziam de Roma ás capitaes das provincias e conventos juridicos; outras somenos, *viae vicinales,* ligavam as povoações ou burgos de segunda ordem; finalmente as *viae agrariae,* serpeavam pelos campos, *villas* e casaes muito pouco povoados na epocha romana. [2]

No lançamento dos traçados das vias de primeira ordem parece terem a principio optado pelo trajecto mais curto, para rapida marcha das legiões e transporte de leves recovagens. O que aliás se deprehende da passagem de Plutarcho, a traz notada. Predomina por então a linha recta, bem que accidentada por violentas rampas de 10, 12, 15 e mesmo 20 por cento, mórmente no accesso ás pontes encaixadas em valles profundos, cortados mais ou menos obliquamente. Porém depois que augmentou o trafico com as provincias, e se empregaram grosseiros e ponderosos carroções, *rhedae,* tirados a custo por 4 ou 5 parelhas, todo o empenho parece voltado para evitar na construcção tão fortes desnivelamentos.

Com o mesmo cuidado desviaram dos valles ao

[1] O *pé* = $0^{m},295$. Cf. Leger, *op. cit.* 158.

[2] Cf. Leger, *Les Trav. des Romains,* 151, 152 et passim.Herc. *Hist. de Port.* Introduc.

longo e das cumiadas das montanhas a viação, evidentemente por se pouparem difficuldades de construcção, e perigos de surpreza [1] ou embaraços nas marchas. Pelo flanco dos montes é que iam contornando, não rompendo os resaltos penhascosos senão em ultima necessidade, e vencendo de longe os declives maiores com o uso dos lacetes. Na estrada da Geira, *Via Nova,* apenas dois vestigios de córte na rocha viva e uma pequena trincheira precisamente na Portella do Homem. E com isso venceram o massiço do Gerez, e com algumas obras de arte como veremos depois.

Apresentava, parece, a fórma convexa abaúlada das nossas estradas á *mac-adam* a via romana; era porém construcção bem mais dispendiosa e duradoura tambem.

A caixa ou platafórma inferior, convenientemente rasgada e recalcada, firmada mesmo em estacaria nos terrenos alagadiços recebia a primeira camada de material, *statumen,* de lousas ou pedras achatadas, dispostas por arte a prenderem as contiguas, e ligadas por cimento durissimo. Seguia depois uma chapada de argamassa com cascalho, fragmentos de tijolos e outros detritos, rijamente recalcados com maços de páu ferrados. Era o *rudus.*

Por cima d'este o *nucleus,* feito de areia grossa argamassada e disposta em camadas regulares. Finalmente a *summa crusta* era um lageado de pequenas lousas de pedra dura, conchavadas e solidamente embebidas na argamassa inferior.

Constituia uma couraça rija para longa duração.

Tamanho luxo de solidez é muito presumivel senão certo, não fôra dote senão das principalissimas ar-

1 *Qui rem militarem studiosius didicerunt, asserunt plura in itineribus, quam in ipsa acie pericula solere contingere.* Vegetius, *Inst. rei milit.*

terias viarias, e nas secções de maior transito tal a de Roma até Capua pela via *Appia,* cujo lageado resistira cerca de 900 annos ao trilho incessante de carros e cavallos como se fôra d'uma só peça, na phrase de Procopio [1]: *Non conjunctos* (lapides) *ita, sed congenitos esse.*

Esta *regina viarum* com outras de egual marca, teve pelo andar dos tempos medrada a feição monumental com a fila de sepulcros dos homens famosos, que ahi preferiam repousar em seus moimentos; simplices *hypogeus, columbarios, mausoleus* ou *tumulos,* segundo a epocha, a fortuna e o gosto dos illustres finados. Contraste para reflexões, do jornadear da vida com o repouso da morte, traria á mente do caminhante a necropole viaria.

Está de vêr que toda essa mole de trabalhos publicos se não levou de uma assentada nem pelo mesmo processo. Nos primeiros tempos, parece, era a via militar rasgada ao furo e medida que as legiões avançavam no paiz conquistado, methodo semelhante ao empregado pelas tropas russas no lançamento de vias-ferreas pelos steppes da *Transcaspia.*

Trabalho pouco mais que provisorio para abastecer de viveres e machinas de guerra o exercito, deixar assegurada a contra-marcha e recolher com rapidez e sem risco os tributos e delapidações [2]. Nestes casos a mão de obra, entregue aos legionarios durante os ocios castrenses do inverno e ás geiradas forçadas dos vencidos, traria dois beneficios além do principal: a disciplina e endurecimento do soldado, e a barateza quasi gratuita de construcção.

Demais d'isso, as obras d'arte que melhor impressionavam o espirito publico como pontes, aqueductos,

1 Cf. *Dict. des antiq. rom.* etc., abrég. de Pitis.

2 *Ut omnia tributa velociter et tuto transmitterentur.* Procop. cit. p. Leger, op. cit.

castros, etc., cercavam-se de prestigio religioso que não só as defendia de malfeitorias, senão que até com o andar dos tempos lhes careava veneração e sympathias.

E não só por isso, como porque abriam caminho para as honras e cargos publicos semelhantes empresas, muitos ambiciosos d'então á sua custa levaram a cabo trabalhos de grande utilidade publica como resulta de varios letreiros. Além de que cedo entrara num andamento regular este serviço desde que o estado encarregara da superintendencia os consules, os censores, os pontifices maximos e outros magistrados de superior graduação, alguns dos quaes lhe deixaram seus nomes vinculados. Assim a via *Æmilia* recorda o pont. max. Marco Emilio Lepido; o consul Flaminio deu a via *Flaminia;* Appio Claudio Ceco, censor, a via *Appia,* etc.

Para a viação militar se a despeza de maior tomo corria por conta do erario, «sempre abarrotado e sempre exhausto», a mão de obra grossa com ella se haveriam não só os escravos senão os proprios soldados.

Diz-se que doze mil judeus captivos conduzidos de Jerusalem por Tito edificaram em tres annos o Coliseu; e na Bretanha os vallos e muralha em tempo de Hadriano e de Septimio Severo, analogos trabalhos pelo Rheno e Danubio em tempo de Trajano, as plantações de vinha e dissecamento de pantanos em Sirmium no de Probus, a nova foz do Rhodano no de Mario por mão dos legionarios, tudo leva a crer não seriam poupados na abertura das vias militares, tanto mais que semelhantes trabalhos eram como prolongamento dos campos ou *castra,* obra inteiramente militar.

As vias vicinaes ou *agrarias,* essas deviam ir á custa dos povos visinhos assim mesmo as outras de somenos importancia, reservando-se o estado para conservação e reparação das ditas nomear os *curatores viarum.* Este serviço andava para as vias militares

a cargo dos proconsules e dos legados augustaes nas provincias, e o custeio saía do imposto sobre a propriedade e dos direitos de portagem, cobrados por arrendatarios.

Como quer que não houvera sido no principio bastante regular a fiscalisação dos trabalhos de reparar e conservar os caminhos publicos, muitos d'elles soffreram grossa avaría com o andar dos tempos. É facto attestado por alguns letreiros da epocha imperial, commemorativos das restaurações effectuadas como depois se verá. A contar desde Augusto a rede viaria que havia de cobrir as provincias recebera grandissimo impulso, e pôde julgar-se concluida pela epocha de Constantino. Abandonadas como tudo o mais durante as invasões dos barbaros, muitas d'estas estradas arruinaram-se; algumas porém atravessaram a edade media melhor ou peior conservadas.

Para servir a centralisação administrativa de Roma e a beneficio dos particulares um pouco tambem, veiu naturalmente o serviço postal utilisar tão desenvolvida viação. Parece que entr'outras medidas de vastissimo alcance já Cesar meditava nisso; a Augusto porém coube organisar tão importante instituição. Para isso destacou pelas provincias muitos correios, primeiro a pé, depois a cavallo ou servidos mesmo por um vehiculo, os quaes deviam esperar nos seus postos, *mutationes*, os despachos do imperador, *diplomata*, as novas leis ou decretos, os jornaes do tempo, *acta, diurna*, e conduzil-os incontinenti á estação proxima, onde outros postilhões os tomariam e lhes fariam o mesmo. Com o tempo, tal incremento attingiu o serviço postal que foi preciso subjeital-o a minuciosos regulamentos, e dotal-o de numeroso pessoal desde os prefeitos dos vehiculos, *praefecti vehiculorum*, especie de directores geraes, até ao sim-

ples palafreneiro ou conductor de carro, *veredarius*. Em cada *muda* vinte cavallos de posta e quarenta ou mais em cada *estação* esperavam serviço, e era defeso to mal-os todos ao mesmo tempo. Notavel a velocidade attingida por este systema de transporte, pois não eram raros os casos de 200 kilometros em 24 horas, e houve exemplo de 300.

Este era, bem entendido, o serviço rapido, *cursus rapidi*, todo de feição official e ás vezes aproveitado por singular favor de um *passe* do imperador pelos encarregados de negocios do estado, embaixadores dos principes ou povos estrangeiros e deputações das cidades. Delle se valeu Constantino quando escapo da côrte de Nicomedia ganhou a marchas forçadas a Bretanha. Para inutilisar a perseguição mandara abater todos os cavallos que lhe não serviam. [1]

Para os transportes morosos de generos agricolas e mercadorias aos depositos e portos de mar, havia o serviço das *angarias* em carroções de differente lotação e numero de animaes de tiro segundo a estação, tudo providenciado nos respectivos regulamentos. Este era um dos mais onerosos encargos das provincias. [2]

II. Hespanha romana. — De quantos povos passaram por esta nossa terra d'Hespanha, nenhum como o romano deixou de si tão funda memoria. Outros, como o godo tão prompto aliás em fundir-se com os outros elementos ethnicos no cadinho christão; o arabe que aterrou e deslumbrou a imaginação popular tão profundamente; o carthaginez que passou á maneira de moderno explorador africano, armado e porventura temído e esquecido logo; o phenicio e o grego de seu officio

[1] *Cum ad frustrandos insequentes publica jumenta, quaque iter ageret interficret, in Britaniam provenit.* Aur. Vict. XL.

[2] Cf. Leger, op. cit. 172 a 175.

mercadores, colonos de passagem pouco mais deixando de si que o cigano e o judeu, nada fizeram comparavel á obra do romano. Lingua, letras, costumes, legislação, instituições politicas e sociaes; trabalhos publicos, lavra de minas, pontes, thermas, aqueductos, vias militares, templos; moeda, utensilios, objectos de adorno e de arte, esculpturas, mosaicos, etc., por ahi ficaram e de tal maneira se apegaram ao solo da patria e ás tradições que nem a acção corrosiva de 14 seculos e mais, nem a onda dos barbaros, nem os abalos sociaes d'este povo tão inflammavel poderam apagar-lhes os vestigios. [1] Não sei se a historia regista muitos factos como este. Registe ou não, este merece bem ser notado e estudado.

Na Hespanha entraram os romanos, menos em som de guerra que celebrando allianças com os povos e cidades hespanicas. [2] Todos sabem como nas mãos delles que o vigor marcial não valia menos a politica arteira, desempoada já se entende, de escrupulos e tanta vez hypocrita apesar dos ralhos contra a *fé punica*.

De varias passagens de Livio e Polybio [3] consta fôra estipulado entre Roma e Carthago no fim da primeira guerra punica e outra vez uns annos antes da segunda, que seria o rio Ebro limite dos dois dominios abrindo apenas uma excepção não muito explicita a favor de Sagunto, encravada na esphera carthagineza ao sul d'aquelle rio e fadada para pômo de discordia, antes pretexto de duras represalias ás mãos d'Annibal.

1 «A Hespanha toda, diz um escriptor da nação visinha, é um museu «disperso... Cada dia a relha do arado do lavrador ou a picareta do alvanel to«pam com a estatua d'um imperador, com a columna milliaria d'uma via militar, «com o privilegio d'um municipio, etc.» Lafuente, *Hist. gen. d'Hespaña*.

2 *Ab ejus modi igitur foederibus, quae cum singulis civitatibus facta sunt, dominatio in Hispania romanorum initia cepit.* E. Hübner, *I. H. L. Suppl.* LXXXIV.

3 Cf. Hübner, *op. et. loc. cit.*

Precisamente quando este passava já o Rhodano e ameaçava a Italia pelos desfiladeiros alpinos, vinham sobre Hespanha os dois Scipiões a vingar o descalabro de Sagunto e tolher o passo ao terrivel africano. Era tarde. Emquanto um dos irmãos, Publio, voltava á Italia a receber no Tessino e no Trebia com pouca honra e nenhum proveito das armas romanas a visita do forasteiro, seguia o outro, Cneio, para Hespanha e desembarcava tropas em Ampurias, *Emporias*, cidade amiga dos romanos como Sagunto, Rosas, *Rhodas*, e outras, não tanto por affinidade de colonias gregas como por se abroquelarem contra a politica absorvente do carthaginez.

Mais feliz e porventura melhor cabo de guerra que o irmão, d'Ampurias partiu Cneio pelas terras do litoral apoiado na armada que singrava perto e sempre álerta para qualquer eventualidade. E não se descuidava de recrutar entre os camponios e montanhezes do paiz com que armar auxiliares ás legiões, e de trazer a seu partido aquellas gentes. Para o que tambem reatou antigas allianças, descoroçoadas com o abandono de Sagunto e rotas mesmo pela má-fortuna recente de seus compatriotas. Alguns recontros felizes e o destroço á foz do Ebro da frota carthagineza sob commando de Asdrubal ganharam-lhe adhesões e fama, recursos e sympathias entre gentes de seu natural valentes e aguerridas.

Entre outras terras adquiridas figura Tarragona, *Tarraco*, onde logo ficou guarnição romana. Desde então ponto estrategico, mesmo base de operações, seria depois a capital pretoriana da mais ampla provincia hispanica, a *Tarraconensis*. Se já corriam bem os negocios romanos na Hespanha sob commando de um só, melhor ainda quando Publio Scipião, o mal succedido contra Annibal chegava com forte contingente de tropas e na qualidade de legado de seu irmão.

Durante cinco annos luctaram com vantagem contra as forças combinadas dos dois irmãos de Annibal — Asdrubal e Magon mais o temivel caudilho da cavallaria numida, Massinissa, a ponto de alargarem ao sul do Ebro suas tomadias incluindo a propria Sagunto. Perdeu-os afinal o mau conselho de dividirem em dois corpos d'exercito as forças, e confiarem demasiado na fidelidade das milicias auxiliares deante d'um inimigo astuto, vigilante e sempre renascendo das proprias derrotas.

Em duas batalhas, antes combates tumultuosos, pereceram os já famosos chefes romanos: varado por uma lança de arremesso Publio; Cneio nem se sabe como na confusão da matança, seguida ao perder um acampamento improvisado.

Com elles ir-se-ia de golpe o dominio romano em Hespanha, se não lhe valera a coragem de Lucio Marcio, de simples cavalleiro elevado a commandante em chefe por voto das legiões, mal repostas ainda do terror panico e profundo desanimo que as acossava. Repassando rapidamente o Ebro forcejaram por manter-se ahi, e podéram mercê d'alguns golpes audaciosos conter em respeito os vencedores.

Momento critico para Roma foi este: aos desastres de Trasimeno e de Cannas houve de ajuntar a morte dos dois Scipiões com a perda quasi completa do exercito do seu commando; a Hespanha que contrabalançava a fortuna de Annibal na Italia prestes a perder-se; e a propria Italia, percorrida impunemente até ás portas da cidade pelo maior inimigo da republica, ia dando inequivocas provas de menos lealdade que fôra para desejar. Eloquente tanto como instructiva é a pagina em que T. Livio descrevendo esta situação solemne, se esforça por nos convencer de que se equilibravam então as vantagens e desastres entre os dois con-

tendores irreconciliaveis. Força é confessar porém não ter o mestre logrado seu intento: com toda a sua habilidade não pôde encobrir a fraqueza de um dos membros da pretendida egualdade. Não com o numero, senão com a importancia dos acontecimentos deveria estabelecer o calculo. Nas premissas não está a conclusão, por categorica e arredondada que pareça:

« *De sorte que tendo a fortuna egualado as situações, de parte a parte se ficou em espectativa com egual confiança e medo egual, como se n'aquelle momento principiasse a guerra*». [1]

A verdade é que só a coragem indomavel d'este povo singular, e o talento superior de um homem de conselho e acção a podiam salvar. Felizmente para Roma que dominou serenamente o perigo e teve ainda um Scipião, o *maior* d'esta familia de grandes. Estes dois factores, se os não determinassem nitidamente os factos ulteriores mais os anteriores, bastariam a denuncial-os duas brevissimas passagens de Tito Livio:

Quando Annibal tendo acampado a tres milhas de Roma chegava com alguns cavallos seus até uma das portas da cidade, *bem corrido ficaria de que por outra porta mandasse Roma saír um exercito para ir combater em Hespanha.* [2]

Fanfarronada pareceria aquillo de ter o senado mandado pôr em praça o acampamento occupado por Annibal depois de Cannas; isto agora era bem mais serio por certo, e quem tanto ousa carece de ter muito vivo o sentimento da propria força.

A outra passagem dá-nol-a o mesmo auctor na fala ao novo exercito de Hespanha, posta na bocca do

[1] Liv. XXVI, 37.

[2] *Pudebatque adeo se spretos ut, sedentibus ipsis ad romana moenia, alia porta exercitus Roma in Hispaniam duceretur. Ibidem.*

futuro *Africano:* depois de notar que ninguem se ha-de esquecer menos que elle dos desastres da guerra de Hespanha, onde dentro de trinta dias perdeu o pae e o tio, accrescenta, *mas se a soledade, a orphandade domestica quebranta o animo, a fortuna e vigor da republica prohibe se desespere da salvação do Estado. Que a sorte que o fado nos deu é sairmos victoriosos das grandes guerras em que formos vencidos.* [1]

Este moço de 24 annos apenas cuja valentia e tino militar, provados já no Tessino e em Cannas tão de harmonia com as tradições domesticas, lhe tinham grangeado não sei que prestigio lendario no conceito popular, pediu e obteve o commando das operações em Hespanha para vingar como dizia, a morte dos seus. Por Ampurias começou, e como elles foi levando conjugadas a firmeza da arremettida guerreira contra os carthaginezes, com a politica da generosidade para os naturaes. Excedeu-os porém e muito, num e noutro manejo.

Aproveitando habilmente a circumstancia de se acharem distanciados entre elles os corpos beligerantes do inimigo, prepara rapidamente e fere com arrojo e consummada mestría o golpe decisivo. De Terragona com vinte e cinco mil homens de pé e poucos mil de cavallo atravessa o Ebro e pelo litoral, acompanhado *pari-passu* pela frota, ao cabo de sete dias de marcha envolve por terra e mar os muros de Carthagena, *Carthago Nova,* que nesse mesmo dia lhe cái nas mãos, levada á escala viva. Fundação de Asdrubal cunhado de Annibal era Carthagena o emporio da riqueza, armazem de munições de guerra e chave da Hespanha carthagineza.

[1] Liv. XXVI, 41. *Ea fato quodam data nobis sors est, ut magnis omnibus bellis victi vicerimus.*

Com o lucro da presa e vantagem da nova situação para as armas romanas, ajuntou-se o effeito moral que devia ser immenso. Assim foi que não receou aventurar-se a transpôr os montes Ibericos e penetrar na bacia do Guadalquibir, *Betis,* onde depois d'outras façanhas suas e de seus logares-tenentes destroçou Asdrubral Guisgão, obrigando o a abandonar as miseras reliquias d'um numeroso exercito e refugiar-se em Cadiz. A propria Cadiz, *Gades,* havida por felonia á colonia phenicia, não tarda em passar pelo mesmo processo aos romanos; e com a defecção de Massinissa perdem os carthaginezes a peninsula ao fim de treze annos de guerra contra os romanos.

Cortada por Scipião a Hespanha obliquamente de NE. a SW., lançada ficava ampla base d'operações para a conquista romana levada por diante contra os naturaes do paiz; base outrosim do poderío romano nestas occiduas paragens do velho mundo por não menos de seiscentos annos.

D'este longo periodo os dois primeiros seculos até serem domados por Octaviano os cantabros, illustra-os a reacção armada de Viriatho e a rebellião de Sertorio que por vingar injurias domesticas jogou contra Roma o ariete da bravura hispanica, disciplinada por elle á romana. Consabido é como dos dois caudilhos se desfez Roma por processos pouco aceiados e nada harmonicos com o pregoado *cavalheirismo* de Scipião. Verdade seja que esta como outras virtudes romanas mais tinha de theatral que de real: para embelecar ingenuos, não por cumprimento de moral austera.

Ao periodo heroico segue o da quietação relativa e prosperidade publica da mesma especie. Ruidosos espectaculos e opulencia de poucos mimosos em meio da miseria de muitos; exacções vexatorias, concussões, prepotencias de vencedores sem entranhas, desregramento

de costumes difficil de crêr ennodoam a historia do imperio romano em todo o mundo. Hespanha não podia ser excepção.

Desde o tempo de Augusto acompanha ella a fortuna de Roma, e como que entra pouco a pouco no giro da vida romana. Multiplicam-se desde então as cidades e burgos de vario fôro, colonias, municipios, cidades livres, tributarias, etc.; attinge mór regularidade a publica administração, rasgam-se novas vias militares, levantam-se monumentos, firmam-se instituições, cultivam-se as terras, lavram-se minas; adoptam-se costumes, trajos, leis, lingua, religião. De todas as novidades foi certamente esta a menos medrada, apesar do zelo official na perseguição contra os adoradores de Christo.

Então pôde a Hespanha abastecer de cereaes os celleiros de Roma; e de vinho, muito e bom azeite, cera, mel, pêz, minio ou oxydo de chumbo, grã de purpura, sal, pescado, caça, lãs finissimas e tecidos especiaes [1] os mercados da grande metropole.

E deu ao estado imperadores [2] e dos de melhor nota na paz e na guerra; assim mesmo á Egreja papas e apologistas [3], poetas [4] ás letras romanas, philosophos discursadores e litteratos [5], historiadores [6], agronomos [7], geographos. [8]

Herdeira da civilidade romana em quanto possuia de bom, tirante a moral falsa e a dogmatica extrava-

1 *Exportatur autem ex Turdetania vinum, magna vis tritici, oleum que non modo ubertate, sed etiam bonitate praecipuum. Evehitur insuper caera, mel, pix et grana purpurae,* etc., etc. Strabo, *Geograph. III.* 101.

2 Trajano, Hadriano, Theodosio.

3 S Damaso, Paulo Orosio.

4 Lucano, Marcial e Silio Italico.

5 Os dois Senecas, Quintiliano.

6 Floro.

7 Columela.

8 Pomponio Mela. Cf. Lafuente, *Hist. d'Esp.* I, 8.

gante, foi a Egreja — a grande mãe das sociedades modernas.

De varias fórmas andou administrativamente dividida a Hespanha durante a dominação romana.

A primitiva divisão em *citerior* e *ulterior* parece não o haver sido pela mesma estrema sempre, nem inteiramente determinada essa estrema; pois passando muito para áquem do Ebro a primeira d'estas provincias, outra linha natural de fronteiras lhe não foi assignada. E' o juizo auctorisado do snr. E. Hübner. [1]

Ainda no anno de Roma 557, a. de Ch. 197, tiveram os pretores d'Hespanha cargo de traçar a divisoria das duas provincias d'então. [2] D'esta fronteira um ou outro ponto se conhece ainda, desde Carthagena pelos cabeços oretanos, *juga Oretana*, e pelas lombas dos montes Ibericos (?), *Saltus Castulonis*, para o norte. Paulo Orosio (IV e V seculo) traça esta linha, tangencial aos oretanos e vacceus que lhe ficavam a W., desde os Pyreneus cantabricos e asturicos até á «Carthago dos nossos mares». [3]

Por então a *Baetica* só, quasi respondia á Hespanha ulterior; e a *Vettonia*, a *Lusitania*, a *Gallaecia*, a *Asturica*, apesar de abafado ha muito o movimento de Viriatho e apagada a conflagração de Sertorio, apesar da expedição feliz de Decio Junio Bruto e das proezas de Julio Cesar, ainda não de todo reduzidas entravam apenas como hoje se diz em Africa, na esphera d'influencia romana.

Com o paiz dos vettões e o dos lusões, subjugados afinal os montanhezes cantabros, formou Augusto na

1 C. I. H. *Suppl.* de provin. hisp.

2 ... *terminare jussi (praetores) qua ulterior citeriorve provincia servaretur.* Liv. XXXII, 28.

3 *Hispaniam citeriorem ab oriente incipientem, Pyrenei saltus a parte septentrionis usque ad Cantabros Asturesque deducunt, atque inde por Vacceos et Oretanos... Carthago determinat.* P. Orosius, *Histor. I*, 2.

ulterior uma nova provincia, a *Lusitania,* cuja area regional ou ethnica parece estender-se mais ou menos intensivamente á *Gallaecia* e *Asturica;* [1] se bem que o Douro a N. e a S. e E. o Guadiana sejam os limites geralmente assignados á Lusitania administrativa por monumentos e antigos escriptores.

A' *Baetica,* comprehendida entre a esquerda do Guadiana e o litoral dos mares gaditano e malacitano, por algum tempo esteve appensada a *Tingitania* além do estreito. Este appendice perdeu depois com a reforma de Constantino.

Quando este imperador partilhou em *occidental* e *oriental* o imperio, e cada um d'estes em duas *prefeituras,* as prefeituras em tres ou quatro *dioceses,* as dioceses em *provincias,* as provincias em *conventos* juridicos, houve de ficar alterada a divisão anterior da Hespanha por Augusto.

Agora a *Tarraconensis,* que já em tempos d'Augusto parece ter adquirido para SW. novas ensanchas segundo se deprehende de alguns milliarios da *Via-Augusta,* é cerceada pela creação a SE. e NW. das novas provincias *Carthaginensis* e *Gallaecia.* Assim melhor ficou a partilha anterior, por demais desegual.

Se já os limites d'estas provincias tirante as linhas naturaes do Douro e do Guadiana não são hoje facilmente determinaveis, que dizer ás estremas dos conventos juridicos e portanto das respectivas areas nas quaes se resolviam as provincias? [2]

Quanto ao numero d'estas comarcas parece orçar

[1] *Tagi vero regio ad aquilonem spectans Lusitania est... Hujus regionis latus australe Tagus cingit, ab occasu vero et septentrione oceanus, ab aurora carpetani, vettones, vaccei et callaici* etc. Strabo, *Geograph. III.* 109.

[2] ... *Singulorum conventuum finibus quaestio perdifficilis.* E. Hubner, *Supp.* De pro. hisp.

por quatorze, tocando

á BAETICA o de Sevilha, *Hispalis*, o de Cadiz, *Gades*, o de Cordova, *Corduba*, o de Ecija, *Astigis*;

á LUSITANIA o de Beja, *Pax Julia*, o de Merida, *Emerita Augusta*, o de Santarem, *Praesidium Julium*;

á TARRACONENSIS primitiva o de Zaragoza, *Cesar Augusta*, o de Tarragona, *Tarraco*, o de Carthagena, *Carthago Nova*, o de Coruña del Conde, *Clunia*, o de Astorga, *Asturica Augusta*, o de Lugo, *Lucus Augusti*, o de Braga, *Bracara Augusta*.

Á GALLAECIA couberam os tres ultimos na creação d'esta nova provincia.

Quando Augusto repartiu entre elle e o senado a governança das provincias do imperio, e para si reservou as que por mais inquietas ou afastadas requeriam maior vigilancia e mais intensa acção administrativa [1] tocou-lhe na Hespanha a Tarraconense e a Lusitania; para o senado ficou a Betica.

Talvez dahi proceda não ter sido igual o regimen nas duas especies de provincias.

Nas *senatoriaes* o governador, *proconsul*, perdeu desde Caligula e não usou senão excepcionalmente e com expressa venia do imperador o commando militar, retirado aos *consules* desde Sylla para ser conferido aos governadores de provincias. Só nas provincias *imperiaes* estavam aquarteladas as legiões, e os governadores d'estas provincias, *legados de Augusto, propretores*, á guisa de simplices mandatarios do cesar e a seu nuto, conservaram aquelle commando até fins do seculo III, quando o governo do imperio soffreu grandes modificações por parte de Diocleciano e Constantino.

1 *Provincias validiores et quas annuis magistratuum imperiis regi nec facile nec tutum erat, ipse (Augustus) suscepit; caeteras proconsulibus sorlito permisit.* (Suet. *In. Vit. Aug. XLVII.*

Nesta odiosa distincção não é difficil reconhecer a politica ciosa e precavida dos cesares contra os proconsules, que não sendo inteiramente creaturas suas não lhes mereciam confiança inteira. Com o andar dos tempos uns e outros governadores foram perdendo das suas attribuições, repartidas por novos funccionarios. Tambem a divisão e classificação das provincias não obteve fixidez absoluta; pois algumas passaram á classe d'imperiaes, outras á de senatoriaes. [1]

Não participavam por egual dos direitos e beneficios publicos as communas, cidades e burgos d'uma provincia; d'onde uma especie de hierarchia habilmente explorada pela politica romana, que d'est'arte ia annullando todas as resistencias e fundindo pouco a pouco no seu cadinho todas as forças vivas do paiz conquistado.

Nesta escala tiveram no principio logar mais alto os *municipios,* que se regiam á moda romana mas por leis proprias e elegiam os seus magistrados. De cidadão romano tinham os direitos civis do *commercium* e do *connubium;* não os politicos do voto a eligibilidade: *cives romani sine suffragio.* Já assim não acontecia ás *praefecturae,* municipios de ordem inferior regidos directamente por funccionarios romanos.

Em seguida as *colonias,* formadas nos paizes reduzidos ao dominio romano, por cidadãos e veteranos a quem eram assignadas terras; os quaes com parte dos povos subjeitos compunham communas ou cidades governadas á romana. Nestas tinham os direitos integraes de cidadãos romanos os *colonos;* já os naturaes do paiz ou os *inculas* gosavam quando muito das regalias dos municipes. Isto no principio, que depois lá se combinaram com o tempo os dois elementos. [2]

[1] Cf. T. Mommsen, *Dr. pub. rom.* (tr. fr.) III, 201 e seg.
[2] Cf. Marquardt. *Org. de l'imp. rom.* (tr. fr.) I, 40, 48 e seg.

Colonias e municipios havia-os de direito *romano* e de direito *latino* [1] As mesmas colonias eram quanto á origem, fundadas, *deductae,* umas; outras recebiam os privilegios de colonias já formadas em cidades ou communas; taes eram maritimas, taes militares.

Os burgos e cidades isentas, *oppida immunia,* essas continuavam por especial privilegio, raro e pouco duradouro tambem, governando-se quasi como antes da conquista sem interferencias estranhas, poupadas na repartição dos tributos ao menos. Raras como estas e tambem isentas eram as cidades alliadas, *confederata,* desquitando-se apenas com a prestação de pequenos contingentes de tropas auxiliares quando requesitados, ou navios e tripulação.

Depois e esta era a grande maioria, chegavam as tributarias, *vectigalia,* [2] sobre as quaes pesavam os encargos mais onerosos do estado; e a final as de menor importancia, *stipendiaria,* que parece formarem com as antecedentes especie de gremio no pagamento d'impostos e demais alcavalas fiscaes. D'estas duas especies contava umas 355 a Hespanha, mui desigualmente repartidas pelas tres provincias de Augusto.

Assim mesmo as colonias. Emquanto a faxa oriental da *Tarraconensis* recebia umas TREZE: do tempo da Republica *uma,* Valencia; de Cesar *quatro,* de Augusto *seis, uma* de Vespasiano, *uma* de Hadriano; tinha DEZ a *Baetica:* do governo republicano *tres, quatro* de Cesar, *duas* d'Augusto, *uma* de Hadriano; já a *Lusitania* não passava de CINCO: *uma* do tempo da conquista, *Metellinum; tres* de Cesar, *Norba, Pax Julia* e *Scallabis,* depois *Praesidium-Julium; uma* d'Augusto, *Emerita Augusta* [3]. As comarcas da *Gallaecia* e *Asturica* cá para o

1 Cf. E. Hübner, *La Arq. d'Esp.* 174.
2 Cf. Lafuente, *Hist. d'España,* I, 229; *Abrégé du Dict.* de Pitiscus.
3 Cf. E. Hübner, *Suppl.* de prov. hisp. in fine.

norte do Douro *nenhuma* contavam, se não foi uma ou outra das mais obscuras da Tarraconense cujo *ubi* ignoro ainda.

Caracter de colonias *militares* tinham algumas, como Zaragoza e Merida [1]; outras, a honra de *pretorianas* ou cabeças de comarcas nos conventos juridicos, como Beja, Santarem, etc. De sorte que a dignidade de colonia nem requeria nem era incompativel com qualquer gráo da hierarchia politica, ao que parece.

Todos estes ganglios d'importancia varia onde se elaborava a vida romana, claro está que os ligava uma rede viaria como vasto systema de vasos sanguineos, encarregados do fluxo e refluxo da onda vital. Systema lhe chamei por me estar parecendo ter obedecido a plano administrativo e estrategico, senão economico, o lançamento das vias romanas na peninsula hispanica. Obra conduzida durante seculos com a persistencia e unidade de vistas tão caracteristicas daquelle grande povo; isto porquanto se tem apurado até hoje das pesquisas feitas, ainda muito longe do seu termo [2].

E aqui não virá fóra de proposito observar que para tão bello resultado algo contribuiria a fórma quasi rectangular da peninsula, e a orientação symetrica das cadeias orographicas e das bacias fluviaes portanto. Bem entendido que esta regularidade chorographica teria contribuido antes negativa que positivamente, não tolhendo o plano geral sem o impôr aliás; que não queriam os romanos como dicto fica vergar aos meandros fluviaes ou distender ao longo de suas margens os traçados. Este systema confirma-o a simples inspecção da carta chorographico-romana d'Hespanha. A esta regra apenas apparece leve excepção para logo emendada,

[1] *Idem, ibidem.*

[2] Cf. E. Hübner, *Suppl.* in fine. Cart. chor. por H. Kiepert e F. Coello. — Alfred Léger, *Les travaux* etc. *des Romains*, 237-38-39.

no Ebro, no alto Douro hespanhol e ainda no Guadalquibir.

Especie de caminho de ronda era o que, (talvez desde o tempo da campanha de Scipião o primeiro lanço), das Gallias penetrava por Figueras e contornava as flexões do litoral levantino até Carthagena, e as do meridional de Almería a Cadiz. Desde a foz do Guadiana cortando obliquamente o baixo Alemtejo seguia por Beja a Lisboa, Santarem, Coimbra, Porto, Braga, Tuy, Ponte Vedra e Padron a Lugo; tendo assim percorrido *tres* das quatro costas peninsulares, com duas soluções de continuidade apenas que talvez o não foram então, como a de Carthagena a Almería, ou ficaram remediadas com algum angulo reintrante, como a de Cadiz á foz do Guadiana indo por Sevilha. Depois largando de Lugo para Astorga evitava o Cantabrico para correr as fraldas meridionaes da cadeia pyrenaica por Leon, Burgos, Calahorra, Zaragoza até cerrar em Tarragona o ancho cyclo do seu percurso. Uma vez de volta na bacia do Ebro recolhia dois ramaes vindos da Gallia pelos desfiladeiros dos Pyreneus occidentaes. D'estes caía um sobre Zaragoza e a modo de diagonal do grande quadrilatero cortava obliquamente as bacias do Tejo, Guadiana e Guadalquibir por Siguenza, Alcalá de Henares, Toledo e Merida: d'este ponto aprumava ao sul sobre Sevilha e Cadiz.

De Cadiz arrepiando caminho para Merida seguia outro ao norte traçando agora já não obliqua mas perpendicularmente as campinas do Guadalquibir, Guadiana, Tejo e Douro mais os respectivos contrafortes orographicos por Caceres, Salamanca, Zamora 'té Astorga; d'onde endireitando para NW. alcançava por Lugo a ria da Coruña. Com a linha de Astorga a Zaragoza fechava um triangulo scalenoide inscripto no grande rectangulo, tendo o vertice ao sul em Merida e a

base fincada á muralha pyrenaica; um dos lados o maior ao Mediterraneo ao Atlantico o outro, a respeitosa distancia dos dois mares e cobertos pelas respectivas parallelas do litoral.

Além destas que parecem linhas geraes, envergadura da magna construcção, infinidade d'outras *vias* listavam para todos os rumos a face do solo hispanico. Como hoje as linhas-ferreas dos grandes centros europeus, irradiavam então das cidades cabeças dos Conventos Juridicos as vias militares romanas [1].

III. Braga, *Bracara*, nobilitada nos titulos epigraphicos desde Tiberio com o epitheto de *Augusta*, era principal sede e quiçá unica do *Conventus* dicto porisso *Bracaraugustanus*.

Nella levantava tribunal e elegia *assessores* para julgamento das causas do *Conventus* [2] o «legado d'Augusto propretor», o «legado juridico d'Augusto», o «presidente da provincia» segundo a epocha [3].

Não sei que haja sido *colonia* de nenhuma especie, nem ainda *municipium*. De taes honrarias parece ter ficado muito pobre toda a parte NW. da peninsula; o que em verdade me não posso explicar, mórmente com

[1] Cf. *In Suppl. ad C. I. H. L.* do snr. E. Hübner, a carta chorogr. *Hispaniae*.

[2] Segundo o direito romano tambem significava as *sessões periodicas* para julgamento (*forum agere*) nas principaes cidades da provincia. Daqui passou a ser designação administrativa e geographica. Aquellas sessões eram publicas e ao ar livre no *forum*, onde o pretor sentado na cadeira *curul* e ladeado dos *assessores* dava audiencia e julgava. Depois estes actos celebraram-se nas basilicas e salas do palacio (*auditorium*) mas sempre publicos. Cf. Daremberg et Saglio *Dict. d'ant. gr. et lat.*

[3] E' opinião do snr. E. Hübner fundado num titulo de Leon, que o *Conventus* de Braga desde os principios do seculo 3.º subira á categoria de provincia, e desde o governo de Trajano talvez mesmo de Vespasiano tivera *procurator* privativo. *C. I. H. L.*, 31.

respeito a Braga. Pois consta de titulos epigraphicos que os cidadãos *bracaraugustanos* estavam inscriptos numa das 35 tribus romanas a tribu *quirina,* o que equivalia a gosar do fôro de cidadão romano; que podiam outrosim seguir em Braga a carreira de todas as honras; que tinham seu senado, *decuriones* e consules, *II viros,* [1] o que mostra estar organisada á romana esta cidade; que eram eleitos *flamines* [2] ou sacerdotes para o culto especial de certas divindades; que mantinham adscriptos aqui para o culto de Roma e Augusto alguns d'elles perpetuamente; [3] que davam uma cohorte auxiliar [4].

Braga era demais disso não *oppidum* mas *urbs,* cidade no sentido mais puro da palavra, arruamento de casas circuitado de muralha, pois intitulavam-se *urbani* os seus habitantes.

E' o que, além do mais, resulta do titulo que das nossas collecções nacionaes d'epigraphia tomou o snr. E. Hübner [5].

1 Vid. C. I. H. L. tit. 2424, 2215. *Suppl.*, indic. X.

2 Esta regalia mais as duas primeiras resultam de duas inscripções recolhidas no *C. I. H. L.* com os n.os 2237 e 2257.

	Traducção:	
Q · PONTIO · Q · F QVIR · SEVERO BRAC · AVG OMNIB · HONORIB IN · R · P · SVA · FVNCTO FLAM · P · H · C P · H · C	A provincia de Hespanha citerior (Tarraconensis) a Quinto Poncio Severo, filho de Quinto, da tribu quirina, bracaraugustano, tendo gosado de todas as honras na sua republica, flamine da provincia de Hespanha citerior».	A outra inscripção que não copio, diz precisamente o mesmo de Marco Ulpio Reburro.

3 E' o que diz a pedra encrustada no muro da Sé, á Senhora do Leite:

ISIDI · AVG · SACRVM LVCRETIA · FIDA · SACERD · PERP · ROMAE · ET · AVG · CONVENTVS · BRACARAVG · D	«Lucrecia Fida, sacerdotisa perpetua de Roma e de Augusto, do Conventus Bracaraugustanus erigiu uma edicula á divina Isis».

4 Vid. C. I. H. L. tit. 5613. *Suppl.* indic. VII.

5 SODALICIVM · VRBANORVM D · S · F · C.	«Casa da sociedade dos cidadãos feita á sua custa».

Accresce a construcção de quatro ou cinco [1] vias militares convergentes a Braga, cujos milliarios referiam invariavelmente a esta cidade as distancias, como se usou com Roma e raro com outras cidades de Hespanha [2]. Isto nos auctorisa a suppôr-lhe importancia maior na epocha imperial, e porventura lhe valeu vir a ser escolhida para côrte dos reis suevos, e séde duma das maiores e mais illustres egrejas d'Hespanha desde os primeiros seculos da era christã.

Pelas quatro vias, cujas directrizes com maiores ou menores intermittencias de probabilidade ainda hoje poderão ser determinadas, fôra Braga ligada a tres cidades de egual categoria juridica.

Por uma (ou *duas*) dessas estradas ia-se a Lugo, *Lucus Augusti;* por duas outras, directamente a Astorga, *Asturica Augusta;* pela ultima a Santarem, *Scallabis, Praesidium Julium.*

Destas a ultima que marchava ao S. e a primeira a WNW. eram elementos do que chamei «caminho de ronda»; das outras uma ia talvez na direcção de NE. por Chaves, *Aguas Flavias;* outra por NNE. atravessava obliquamente os valles do *Cavado* e do *Homem* mais o massiço do Gerez, e cortava pelo valle do alto *Lima* ultrapassando as nascentes d'este rio até ir a Astorga.

A data de mór antiguidade resultante d'epigraphe milliaria está a favor da primeira, por Tuy, (titulos de Augusto); vem depois a de Chaves com varios de Ti-

[1] O *Itin.* d'Anton. (Berlim, Parthey e Pinder, 1848) conta *duas* de Braga a Astorga, ou *quatro* se na conta mettermos as *duas* de Braga a Lugo, le uma das quaes *per ora maritima* não appareceram ainda vestigios. A de Santarem a Braga ou *vice-versa* como querem os milliarios, tira-a desde Lisboa a Braga.

[2] Em outras terras d'Hespanha é muita vez omissa no milliario a referencia; outras, feita a um logar d'importancia só topographica.

berio e Claudio;[1] em seguida a do Gerez com os de Tito e Domiciano, e no fim a de Santarem com os de Hadriano.

Por quaes pontos entravam em Braga as suas vias militares não será facil hoje determinar. Além de não coincidir com a actual á Braga romana, todos os vestigios do antigo transito *extra muros* deveram desapparecer num agro d'intensa cultura como este; não falando já nas assolações soffridas na epocha mourisca, que a deixaram êrma e feita montão de ruinas. Mesmo para conjecturas escasseiam elementos, desde que foram recolhidos á cidade e sem nota da proveniencia os milliarios das visinhanças, e a natureza dos logares dispensava obras de arte duradoiras, como pontes, trincheiras, viaductos, etc. Atenhamo-nos pois aos traços largos, á mingoa de cabedal para minudencias.

Pela ponte de Prado, cujos materiaes ao menos bem póde ser provenham da epocha romana, devia seguir a primeira das mencionadas *vias*. De um marco de *Augusto* juncto desta ponte rezam as informações antigas, e pouco além ás casas de morada do snr. dr. Lima ainda se conserva o fragmento de um de Tiberio. Desde Prado até á margem esquerda do rio Lima (mill. de *Maximino* e *Maximo*, XXI milhas, na Correlhã) nenhum vestigio bem positivo appareceu ainda. Defronte da Correlhã na margem direita do Lima, agora juncto do solar do snr. conde de Bretiandos, outro milliario dos sobredictos imperadores conta XVIII milhas.

Assim mesmo XXI milhas marcam dois outros, de *Hadriano* um, outro de *Caracalla*, dos quatro que se

[1] Se a esta via pertence como é verosimil o milliario *d'Augusto*, encontrado ha pouco pelo infatigavel investigador snr. Pinheiro, professor do Lyceu de Bragança, no termo desta cidade, devemos recuar-lhe a data ao governo de Augusto.

conservam no pateo da casa do Antepaço, no bairro fronteiro a ponte do Lima.

Como se explicam taes anomalias de contagem não o saberei eu; comtudo força é convir em que por aqui passava a estrada. A propria fabrica da ponte ao menos em parte, alguns visos tem de obra romana.

Desde Ponte de Lima pelos outeiros da Labruja (frag. de um mill. de *Constante* ou *Constancio II*, da milha XXVI) ganhava o planalto de Coura, por onde passou sem deixar ao que parece, outros vestigios mais que os mill. de *Augusto*, XXX [1], de *Nerva* com a nota da milha XXXVI, de *Maximino* e *Maximo*, de *Magnencio*, num dos quaes lê-se a milha XXXI e de *Valentiniano*.

Em Valença o marco de *Claudio* dá-nos a milha XLII, a mesma precisamente que o *Itin.* assigna a Tuy, primeira estação, *mansio*, nesta estrada.

Pouco posterior senão coeva desta foi a outra *via* que no *Itin.* tem primeiro logar, de Braga a Astorga por Chaves.

Se bem que não esteja inteiramente constatada a directriz desta estrada, por não haverem sido determinados os logares das tres *mansiones* entre Braga e Chaves, parecer excessiva a contagem de 80 milhas entre as duas localidades dada pelo *Itin.* e não terem milliarios as primeiras trinta e tantas milhas, afigura-se-me ainda assim mais provavel [2] a que partindo de Braga

[1] Destes milliarios são ineditos e copiados pelo auctor, o da Labruja e os de Augusto, de Maximino, um dos de Magnencio e o de Valentiniano em Coura.

[2] Ao sabio berlinez snr. E. Hübner não parece acceitavel esta hypothese, mesmo com as informações do douto bispo de Uranopolis, D. Luiz Alvares de Figueiredo e do Argote; opina antes por um traçado provavel em these, *in universum probabile*, que tomasse desde Braga para o oriente até á margem direita do Douro, de modo que a esta via se attribuam os milliarios de Guimarães, etc. Que fariamos nós então dos milliarios de Barroso, desde Tiberio? Cf. *C. I. H. L.* pag. 636. Este mesmo parecer adoptou o illustre academico hespanhol, snr. Fernandes Guerra y Orbe dando uma carta com o traçado e o *ubi* das *mansiones*. Cf. *Revista Archeologica*, pag. 81.

tomasse pela serra do Carvalho, chapadas da Egreja Nova e Pousadouro nas alturas de Vieira e flanqueasse as vertentes da Cabreira sobre a margem esquerda do Cavado, penetrando por Ruivães no paiz barrosão.

E' por ter sido desde tempos immemoriaes esta a linha viaria entre Braga e Chaves, a que mais racional se mostra das variantes [1] por este rumo e haver desde Ruivães a seu favor os dados positivos dos milliarios.

Na extrema N. desta freguezia jaz ao pé da estrada nova um milliario analphabeto e logo a poucos passos a ponte do Arco de construcção romana. Está sobre um riacho que desce da freguezia de Salto ao Rabagão, e apara a vertente septentrional da Cabreira e meridional das Alturas. Talvez o nome lhe ficasse de haver conservado inteira e firme a canteria desnudada do unico arco, quando todo o revestimento e demais emparedamento das avenidas foi abaixo com alguma trovoada.

Logo acima na venda dos Padrões, dois milliarios. De *Tiberio* um e assás damnificado pelo tempo; outro que parece haver sido de *Trajano* [2] e só conserva a cifra das milhas, XLII. No logar de Sangunhêdo desta freguezia, um milliario de *Claudio* marca XXXV milhas de Braga; outro a pouco mais de meia legoa dahi juncto ao Rabagão, do mesmo imperador e *inedito* dá XXXVIII.

1 Um dos correspondentes do sabio vimaranense snr. dr. Sarmento informa-o d'um «caminho de Roma» subindo á Cabreira por Cantalães, Vieira. Para atravessar a Salto, parece-me impraticavel a vertente N. da Cabreira; para voltar á estrada em Salamonde ou Ruivães, sem razão de ser tal desvio.

2 Barros, *Antiguidades*, etc., cit. por Hübner, *C. I. H. L.* pag. 638 dá no Codeçoso um titulo de Trajano com a XLII milha referida a Chaves. Ora aqui é freguezia de Codeçoso e a contagem deste não diz com a dos de Braga, que devia ser XXXIV ou XXXV; parece pois verosimil que este milliario pertencesse a um ramal que desde Chaves pela Pastoria, (milliario de Trajano) por Boticas e Alturas viesse aqui entroncar. Isto diria com a construcção da ponte de Chaves, feita na mesma epocha á custa dos *Aquiflavienses*, e a tradição nas Alturas da passagem por lá de um caminho romano. Tambem são de Trajano os titulos de Guimarães e Villa Real, se é que este ultimo existiu.

Pelo valle d'este confluente do Cavado devia seguir a via romana (fragmento de milliario na capella do Zebral) até ganhar o planalto de Serrasquinhos juncto ás alturas do Pindo. (Milliario de *Claudio* em Arcos; de *Tiberio* em Antigo com a milha LIX.

D'outros milliarios de Chaves (de Hadriano e de Constantino) que andam nas collecções nenhum topei, das duas vezes que por lá tenho passado. Restam apenas as duas columnas da ponte, de *Vespasiano, Tito e Domiciano* uma, outra de *Trajano,* maltractadas pelo cizel *renovador;* estas nem milliarios são. A ponte é que parece obra romana e de notavel solidez por signal.

Em Chaves informam que a antiga estrada seguia na direcção de Valle Passos, pouco mais ou menos por onde segue hoje a de *mac-adam.* Certo que á borda desta em Villarandelo conserva-se ainda um mill. de *Macrino,* sem a contagem das milhas; nos Possacos um outro, de *Magnencio,* com o mesmo defeito; á ponte do Valle de Telhas outro, de *Maximiano, idem,* e na povoação do Valle de Telhas um de *Maximino* e *Maximo, idem* [1].

Para além é districto de Bragança, cuja exploração não poude 'té agora nem poderei jámais emprehender. Felizmente que não faltam lá trabalhadores habeis e conscienciosos.

Na veiga de Chaves além Tamega, outra anomalia:

E' um mill. de *Carino* já traçado em dois e incrustado num pequeno muro do alpendre da ermida de Santa Martha em Villa Frade, bons *dez kilometros* para o norte da linha precedente.

[1] Estes dois ultimos, que não poude encontrar na minha digressão a esses logares, foram neste anno vistoriados pelo rev. conego Cardoso, de Guimarães.

Na *via* de Santarem a secção entre Braga e o rio Douro é denunciada em Famalicão pelos fragmentos dum marco de *Caracalla*, no pateo da residencia de S. Thiago d'Antas com a milha x. Ahi mesmo, dois outros sem letreiro. Ao portão da quinta de Pereira, outro quasi de todo obliterado.

Por essa lomba abaixo devia ter seguido a estrada. Junto á egreja de Cabeçudos, um marco sem signal de letras, das quaes parece ter sido despojado intencionalmente; mais além na quinta do snr. dr. Adriano Sampaio, outro de *Caracalla* com a conta de x milhas ainda. Muito provavel é lhe tenham sido gastos com outras letras alguns algarismos complementares do numero: o proprio de Antas devia marcar XIIII, se é como parece o da *capella de S.to Estevam*. D'aqui devia seguir a *via* pela freguezia de Lousado, ou em direitura a *S. Martinho* de Bougado passando o Ave na *ponte* Alagoncinha, ou a juzante desta no *vau* em frente de *S. Thiago* de Bougado.

Na Trofa Velha, mill. de *Constante*, XXI milhas; outro, de *Licinio* e incompleto na epigraphe. Na Carriça, quinta do Paiço, mill. de *Hadriano;* em S. Pedro de Avioso, outro mill. quasi sem letras e essas intraduziveis.

Desde aqui pelos campos da Maia 'té S. Mamede d'Infesta, áros do Porto, nenhum vestigio parece restar. Nesta freguezia um mill. existiu de *Hadriano*, servindo de pedestal a uma cruz juncto da quinta do snr. Dourado, Boaventura; foi dahi conduzido para o cemiterio parochial e *adelgaçado* para melhor servir ao intento, justamente no dia em que o auctor d'estas linhas então residente na Formiga lá o procurou![1] Pela mesma epo-

[1] Do caso dá conta o rev. Farinhote, digno abb. de S. Mamede, em 1 de julho de 1894: «... conduziram os pedaços (da cruz) e a dicta pedra para

cha na quinta de Lima Barreto, á Carriça, teve sorte analoga um fragmento de mill. marcando XXIII milhas.

Dos differentes caminhos que de Braga levavam a Astorga directa ou indirectamente, foi mais curto (213 ou 215 milhas) e melhor conhecido hoje por numero maior de mill. e d'outros vestigios o chamado nos titulos de Tito e Domiciano *via nova*. Desde Amares até á Portella do Homem na fronteira conhece-a o povo pelo nome de *Geira*, hoje êrma na maior parte.

Desde Braga á ponte do *Porto* sobre o Cavado [1], 8 milhas approximadamente, nada denuncía agóra o transito antigo. Esta ponte porém, de onze arcos de solida canteria e abertura desigual, afigura-se-me obra romana. São de grande raio e levemente ogivaes os tres arcos do centro, intermeiados de aberturas em fórma de ferradura; a estes apoiam dois outros, um de cada lado e de volta quasi inteira segundo parece; dos dois outros de volta inteira alguns foram visivelmente apeados e reconstruidos com maior abertura, senão para melhor vasão das aguas pluviaes, para exalçamento das avenidas.

Entre esta ponte e Amares, numa chapada que tem nome de monte de Rabadas e em terreno algo alagadiço, vêem-se umas substrucções viarias de empedra-

o cemiterio, onde esteve por muito tempo encostada, e naquelle dia em que v. veiu da Formiga a S. Mamede é que foi preparada para de novo ser encimada por outra cruz no centro do dicto cemiterio».

Em 23 de junho do mesmo anno dizia-me o conhecido publicista rev. Castro da Cruz: «Na circumferencia da pedra estavam gravadas certas letras, que já mal se liam, e que diziam *Hadriano, Caesari, Augusto*... Vi-o alli muitas vezes quando eu era estudante no Porto, e frequentes vezes passava por aquelle logar». Era evidentemente a epigraphe que anda nas collecções, se bem as tres palavras tivessem outra ordem entre si.

[1] Num dos esbocetos topographicos dos arredores de Braga calcado sobre o trabalho de Barros Sivelo, que ladeia a carta de chorographia romana da Peninsula, no *Suppl.* ao *C. I. H. L.* traça-se esta *via* pelo valle do Homem desde a sua foz no Cavado. Este rio passava-o ella uns 5 kilometros a montante deste ponto, e no valle do Homem penetrava a uns 12 ou 14 da foz, freguezia de S. Matheus da Ribeira.

mento fóra do trilho moderno, que bem podem ter sido da via romana.

Desde Amares a *Geira* entra num plano inclinado ascendente, flanqueando as estribações orientaes do monte de S. Pedro Fins, ultimo ressalto da Serra de Santa Isabel entre Cavado e Homem, até attingir sobre a freguezia de Villela as alturas da pequena portella de Santa Cruz, por onde penetra no estreito mas risonho valle do Homem. Sobre Villela apparece o primeiro mill. E' um fragmento, parte inferior de um de *Tito* e *Domiciano*: marca XIII milhas de Braga. Da milha XIV não apparece representante, mas no sitio chamado de Lampaças, freguezia da Balança, um dos dois mill. que parece ter sido de *Maximiano* dá XV milhas.

Desde aqui a *Geira* para não perder o plano horisontal, tem de acompanhar enormes reentrancias e saliencias dos flancos da montanha sobre as freguezias da Balança e Chorense donde lhe adveiu, dizem, o nome por motivo de tamanhos *giros*.

Passa em branco a milha XVI. Não assim a XVII, que é attestada por tres mill., de *Caracalla* um, outro de *Decio* e o terceiro de *Caro* [1]. A esta estação milliaria pertenceu um fragmento de mill. de *Tito* e *Domiciano*, que anda copiado e não apparece agora.

Desta passamos á XIX, nos Lagedos. [2] Marcos de *Tito* e de *Caracalla*, dando o mesmo numero de milhas de fórma differente: O primeiro XIX, o segundo XVIIII.

Agora é em Travassos, freguezia de Villar, um mill. de *Heliogabalo*. Diz XXI milhas. Em Santa Comba, freguezia de Chamoim, dois mill. Um *cego* de todo e

1 O 2.º e o 3.º são ineditos.

2 Uma meia milha antes deste sitio, no chamado *Chãs de Villar* ou *Saím-Velho*, ha vestigios de terraplanações no maninho sobranceiras á estrada, de tijolos, pequenas mós, etc. Se aqui não era a *Salaniana* do *Itin.*, peor na 21.ª milha, onde nenhum signal apparece.

outro pouco menos. Este traz XXII milhas e foi talvez de *Tito* e *Domiciano* em primeira mão,[1] depois não atino de quem fosse. No sitio dos Esporões da mesma freguezia era a 23.ª milha, que lá estavam *dois* mill.[2] ha poucos annos ainda.

No logar de Sá freguezia de Covide, a columna do cruzeiro é um mill. de *Decio;* dá XXV milhas. Do mesmo imperador fôra um fragmento longitudinal que em Covide supporta um alpendre, e da mesma povoação era um de *Licinio* com a marca de XXVI milhas que levou sumiço.

Desde Covide a Geira deixando a vertente ladeirenta da montanha entra numas varzeas do sopé do Gerez, habitação respectiva dos povos de Covide e Campo. Ao penetrar na segunda o cruzeiro do Campo ostenta um mill. de *Decio,* deformado pelo *cizel* do curioso. Ficou-lhe intacto o numero das milhas que diz XXVII. Tresentos metros além encrustado numa parede outro de que nada se apura. Parece ensaio de substituição.

Vadiados uns arroios que escorrem para a planura do Campo, a estrada torneava á esquerda o monticulo da Casa da Guarda para descer em rampa menos violenta ao valle de Linhares percorrido pelo *Homem,* já em pleno Gerez.

Nesta descida, estação *de quatro mill.;* dois partidos. Só um conserva epigraphe de *Maximino* e *Maximo* muito delida e de somenos confiança. Era a XXIX milha.

No valle a estrada não buscava a margem do rio, mas contorcia-se aos ressaltos da fralda da serra eminente a E. Não apparecem os mill. das milhas 28 e 30;

[1] Sabe-se que alguns mill. receberam com o andar dos tempos outra epigraphe, apagada ou não a primeira. Presumo que este fosse dos taes.

[2] Destes um era *espurio,* ou tentativa de substituição do legitimo. Assim mesmo foi-se. Outro *genuino,* mas analphabeto ou pouco menos. Foi partido e applicado a rusticos mesteres.

em compensação, as substrucções á margem e os alicerces de uma casa de apparencia romana na *Bouça da Mó*, sitio êrmo.

No do *Bico da Geira, nove* mill., dos quaes *cinco* inteiros e *quatro* com letreiros de *Hadriano*, de *Decio*, de *Caro*. Foi deformada e gasta a ultima epigraphe de modo a não poder traduzir-se. O primeiro dá XXXI milhas.

Na *Volta do Côvo* ha *dez* marcos, dos quaes *cinco* inteiros: Inscripções de *Hadriano*, de *Maximino* e *Maximo*, de *Magnencio*, de *Decencio*. A primeira e a quarta trazem XXXII milhas.

Desde este ponto a estrada dobra a E. e interna-se no massiço do Gerez cortando uma ladeira abrupta sobre o *Homem*, que corre lá no fundo entre calháus a uns 200 metros quasi verticaes. Ao saír desta meia milha de despenhadeiro, vêem-se ainda sobre as margens do riacho que desce de Lionte as primeiras fiadas de cantería duma ponte romana. Noutro ribeiro a breves passos de ahi, um pouco de muro de supporte na margem e dois grandes pedaços de cantería arqueada de outra ponte, com todas as caracteristicas da edificação romana.

A' *Ponte Feia*, Albergaria, *quatorze* pedras. Inteiras *tres* e com epigraphe *quatro*. São de *Decio*, de *Caro*, de *Carino*, de *Tacito*. Na primeira e na ultima com custo se lê parte dos algarismos da milha XXXIII.

A estrada agora caminha novamente a N. e atravessa o *Homem* no sitio do *Porto*, onde se conserva parte do muro de supporte da avenida á ponte. E' apparelho de *rusticada*, genuinamente romano e de uma solidez singular.

No tôpo do pequeno valle de facil accesso está a

Portella do Homem, na fronteira. Assim mesmo lançaram a *via* em alguns flexos ou lacetes, abandonados do trilho hoje mas perfeitamente distinctos pelo bosque acima, e talharam a lomba com trincheira duns seis ou oito metros de profundidade. Na encosta gallega é mais visivel ainda e muito mais desenvolvida a linha de curvas, por motivo de maior inclinação do terreno.

Existem aqui *nove* padrões, sendo *seis* inteiros e *tres* mais ou menos reduzidos: alguns analphabetos. Dos epigraphados ha, de *Tito* e *Domiciano,* um; de *Caracalla,* um; de *Decio,* um; de *Magnencio,* um; de *Maximino* e *Maximo,* um. Nos dois primeiros e no quarto contam-se de Braga XXXIV milhas.

Na vertente gallega dicta das *Mouroãs,* topa-se á milha XXXV um grupo de mill., *sete.* Tres apresentam letreiro: de *Hadriano,* um e bem conservado; de *Caracalla,* outro quasi de todo obliterado; o terceiro é um fragmento, talvez de *Caro.* No primeiro lê-se distinctamente XXXV milhas.

Da milha XXXVII existia, ha uns 12 annos ainda, um marco de *Constancio,* algo maltractado pelos renovadores. Com a XXXIX devia coincidir segundo o *Itin.* a *mansão* de *Aquis Originis,* talvez dos *Baños* de Riocaldo, não longe dahi. E' verdade que os taes banhos são actualmente lá ao fundo do valle e a estrada tomava pelo sopé da serra á direita, a E. das parochias gallegas de *S. Martinho* de Araujo, *S. Paio* de Araujo e *Tôrno* até passar o Lima na ponte *Pedrinha,* evidentemente romana. Além d'este rio, cortava pela margem direita o descampado da *Limia.*

IV. EPIGRAPHES. — Para traducção ou interpretação dos titulos milliarios, [1] breves esclarecimentos bastam ao curioso, mesmo ao menos familiarisado ou inteiramente desconhecedor da lingua latina. Tão singela é e quasi uniforme a construcção grammatical, e transparente o sentido. E assim convinha para intelligencia de todos, sabios e ignorantes, como taboleta indicando ao publico o *transito impedido* ou pouco mais.

Comecemos pelas palavras cortadas ou *siglas*, em pequeno numero e facilimas:

IMP. [2] *imperator, is, i, e,* «o imperador», «do imperador», «ao imperador», «sendo imperador» — consoante fôr esta palavra caso directo de *nominativo,* ou obliquo de *genetivo, dativo, ablativo;* o que logo se percebe pelo contexto.

Nalgumas epigraphes como as de Tiberio e Claudio figura *uma* só vez esta palavra; noutras como as de Maximino e Maximo, *tres* vezes: geralmente, *duas.*

A' entrada da inscripção é significativa do *supremo governo, imperium;* [3] no meio d'ella e seguida dum numero designa quantas vezes, mais [4] uma, alcançou *victoria assignalada* [5] por si ou por seus generaes.

1 Bem entendido que estas observações cáem sobre as 86 inscripções da minha collecção.

2 Nos titulos de Nerva, IMPERATOR; num de Constante, IMPERATORI por extenso e em outros ainda.

3 Nos tempos antigos *imperator* era titulo só honorifico do general a quem os soldados acclamavam no campo da batalha depois duma victoria: *Ave, imperator!* J. Cesar teve-o e confirmado pelo senado como *prenome,* nome proprio; e delle passou aos outros imperadores. Cf. Sueton. *Caes.*

4 Porque o facto de possuir o supremo poder valia por *uma* victoria. Cf. Cagnat, *Cours d'Ep. L.* 154. 155.

5 Em tempo de Trajano era preciso para isso que no campo ficassem mortos *dez mil* inimigos, segundo Appian. cit. por Pitisc. *Dict.* etc. *abrégé.*

CAES · *Caesar, i, e,* Cesar. Segue os casos de *imperator* com quem está concordado [1]. Era o cognome ou appellido de um dos ramos da *gens Julia*, á qual pertencia Caio Julio Cesar. A' morte d'este, seu sobrinho-neto Octavio adoptado em testamento por filho, entrava na familia de Cesar e por isso convertia o seu nome *gentilicio* Octavio no *cognome* de Octaviano, precedido do novo *gentilicio* Cesar, e este do prenome Caio Julio.

Pela mesma razão o usaram Tiberio, Caligula e Nero. Claudio talvez por ser filho de Druso, enteado de Augusto. Com os imperadores estranhos á familia de Augusto começou a ser um como distinctivo ou apanagio da familia imperial, qualquer que fosse. Desde Hadriano o imperador só e os principes destinados á successão se appellidaram de Cesar.

AVG · *Augustus, i, o,* «Augusto», de, a ou sendo Augusto (conforme nesta ultima hypothese estiver em *dat.* ou *abla.*) O caso depende do nome com quem concordar, como é obvio, esta palavra que foi primitivamente só adjectivo [2] e qualificava os logares dedicados ao culto e sagrados pelos *augures*.

Quando Octaviano, tendo empolgado todos os poderes do estado com perfeita destreza e tino politico se viu cumulado de honrarias pelo senado, teve mais este *cognome* decretado por proposta do senador Munacio Planco [3], por onde se vinha a significar que a pessoa do imperador era sagrada.

1 Menos no *genit.* como acontece a *imperatoris* nos titulos de Maximino. Os d'Aug. Tib. Claud. Nerva trazem *Caesar*; os de Tito, *Caesare*; os de Hadriano, *Caesari* por extenso e outros ainda.

2 Como *adj.* triforme, tem na clausula final das inscrip., a forma feminina concordada com *Bracara*.

3 Cf. Sueton. *August.*, VII.

Depois todos os imperadores se enfeitaram com este epitheto, o qual por si só significava o supremo poder do estado, pois lhes era exclusivamente reservado. Desde Caracalla vê-se precedido de dois outros *cognomes :*

P · F · *Pius, Felix,* «Pio», «Feliz». Tambem nomes communs convertidos em titulos imperiaes, que se declinarão pelo do imperador respectivo na epigraphe. O primeiro foi decretado pelo senado a favor de Antonino pelo empenho em vingar contra a opinião publica a memoria de Hadriano, [1] seu páe adoptivo; que a *piedade* tanto valia para com os páes como para com os deuses.

O segundo, usado por Cornelio Sylla foi-o tambem por Commodo e assim entrou nos usos da gente imperial. Era considerado de bom agouro.

Outra sigla já usada antes, desde Augusto mesmo e depois:

F · ou FIL · posposta ao *gentilicio* d'um imperador, significa *Filius,* «filho» d'esse tal. Umas vezes apparece depois, mais ou menos distanciada do nome de quem é apposto como nos titulos de Tiberio e Maximino; outras vezes vem antes como nos de Augusto e Caracalla; outras, entre o prenome e o gentilicio, como nos de Tito e Domiciano. Nos de Claudio falta, talvez por não ter sido filho consanguineo nem adoptivo d'imperador. Nomear o páe era prova de filiação legitima, e honra con-

1 *Pius cognominatus á senatu, quod Hadriano contra omnium studia, post mortem infinitos honores decrevit.* — Capitolinus, cit. por *Petisc. Abrégé.*

tar avós illustres. Porisso alguns como Tiberio, accrescentaram:

NEP· *Nepos, tis, ti.* «Neto», de, ao etc. tambem posposto ou anteposto ao nome a quem se referia.

Caracalla tirou de mais longe que nenhum e não sei com que bullas o estendal dos avoengos, pois dá-se-nos invariavelmente como

PRONEP· «Bisneto». ABNEPOT· «Terceiro neto». ADNEPOT· «Quarto neto» de todos os Antoninos incluindo Trajano e Nerva.

P·M· ou PONT·MAX· ou PONTIF·MAX· *Pontifex maximus,* «Pontifice maximo», presidente do collegio dos pontifices. Depois dos nomes, epithetos e filiação (nas epigraphes onde apparecem estes dois ultimos elementos) o primeiro dos titulos honorificos, n'estes apontamentos desde Augusto até Carino, é este.

Instituido por Numa, andou por muito tempo só nos patricios. Tinha a superintendencia do culto, da redacção dos annaes, das alterações no calendario e dava porisso grande prestigio. Em compensação era vedado ao Pontifice maximo ter fechada a casa de sua habitação, passar a segundas nupcias e saír d'Italia. T. Livio attribue o desastre de Crasso em Charres á circumstancia de sendo elle Pontifice m. ter passado á Asia com o exercito. Julio Cesar obteve o muito cedo; Augusto, muito tarde e só á morte de Lepido, seu ex-collega no triumvirato. Desde então todos os cesares o foram, mal subiam ao poder, até que Graciano outros dizem Theodosio o aboliu [1]. Era cargo electivo e vitalicio.

[1] E' natural que terminasse com o advento ao poder, dos imperadores christãos desde Constantino.

Nalgumas inscripções vem depois a nota do numero das victorias ou saudações militares que mencionamos, e em seguida a sigla

COS · ordinariamente; CONS · como num titulo de Maximino; e noutro de Augusto mesmo CONSVL por extenso. Na concordancia segue os *casos* do titular da epigraphe como os anteriores. Significa a dignidade consular, que veiu substituir o governo dos reis como todos sabem [1]. Na carreira senatorial ordinaria das honras, esta era a quarta e mais elevada. Com o andar dos tempos variou na creação, numero, tempo d'exercicio, attribuições e honrarias esta tão cubiçada e disputada magistratura romana.

Se no principio do regimen consular, para as mãos dos consules foi transferida dos reis a plenitude do poder executivo, a creação de novas magistraturas como a dos pretores cerceou-lhe as attribuições e o prestigio portanto.

Desde Julio Cesar, se bem que os imperadores recebessem annualmente ou quando bem lhes parecia a dignidade consular partilhada com outro collega, a verdade é que só o cesar era realmente consul, porque o estado era elle. Ao outro, funcções muito secundarias, vã ostentação e despesas ruinosas [2].

Com a divisão do imperio em oriental e occidental, revesavam-se as duas capitaes na creação de consules ou cada uma dellas creava o seu. Ao lado dos *ordi-*

1 A'cerca da origem chronologica e legal do consulado disputam os sabios. Cf. Daremb. et Saglio, *Dict. des ant. gr. et rom.*

2 Presidia á libertação dos escravos perante elle conduzidos no 1.º de janeiro em que tomava posse, depois de grandes festas e distribuição ao povo de um donativo, a que chamavam *consolatum dare.* (Dar a consoada?)

narios apparecem os consules *honorarios*, como se ainda fosse muito o que os primeiros valiam.

No occidente foi ultimo consul Theodoro Paulino em 534.

Parece que nem todos os imperadores estimaram por egual este titulo: Augusto em 38 annos de governo só o teve 13 vezes; Hadriano em 21 ditos, apenas 3 vezes. Tito que só 2 annos foi imperador conta 8 consulados, porque mette na conta os que serviu em vida e durante o governo do páe ao qual fôra associado.

Mais regular foi a serie dest'outra dignidade, indicada pela sigla

T · P.[1] rara vez; assim mesmo TR · POT.[2]; mais ordinario TRIB · POT.[3] ou TRIB · POTEST · [4] e ás vezes *por extenso*[5] a segunda palavra. *Tribunicia potestate*, «do poder tribunicio».

No tempo da republica romana era o tribuno da plebe um funccionario revestido d'immenso poder para embargar as demasias dos patricios, capaz de arrostar com os proprios consules; a sua pessoa era inviolavel e sagrada. De Augusto *herdaram* os imperadores com os outros poderes mais este; de modo que exalçados ao imperio contavam desde logo um anno de poder tribunicio, e a cada anno que passava iam addicionando mais uma unidade em o numero dos tribunados. Assim é facil por este compto nas epigraphes, mais pelo dos consulados e acclamações triumphaes determinar não só o

1 Titul. de Maximiano e de Caro.
2 De Decio, de Carino.
3 De Augusto, de Tiberio, de Claudio, de Tito, etc.
4 De Hadriano.
5 De Tacito, e numa de Caro. Outras variantes deverão talvez ir á conta do gravador ou do *curioso*.

anno, mas até o mez e ás vezes o dia aproximadamente em que foi erigida a columna milliaria.

Até Trajano o tempo do tribunado imperial contava-se desde o dia da acclamação do cesar; depois fixou-se para isso o dia 10 de dezembro de cada anno [1].

PROCOS · *Proconsul.* Como apposto segue os casos do nome do imperante. Proconsul era o que terminado o tempo do consulado continuava por necessidade de serviço a desempenhar as funcções administrativas fazendo as vezes de consul, que isso diz a palavra. Depois de Augusto assim se chamava o governador de provincia senatorial. Talvez os imperadores que se arrogaram mais este titulo, o fizeram por contar governos provinciaes exercidos antes de subirem ao poder. Depois era ocioso, visto ser o Cesar proconsul geral do imperio [2].

LEG · AVG · ou AVGG · *Legatus Augusti, ou Augustorum,* «legado de Augusto», ou «dos Augustos» quando havia mais que um. Nalguns titulos ou epigraphes, particularmente nas que referem obra feita, depois dos nomes dos imperantes faz-se menção do nome do governador da provincia imperial que superintendeu *(curante)* nas obras. Este governador como já se disse, tinha o tractamento de *Legado de Augusto* [3].

PR · PR · ou PROPR · *Propretor.* Era uma dignidade annexa á *legação,* e como esta tinha o caracter de

1 Cf. Cagnat, *Cours d'epigr. lati.* 159, 160.

2 Nos letreiros de Caracalla que foi o primeiro que appareceu enfeitado com isto, nos de Tacito e num de Caro vem no ultimo logar; nos de Elagabalo, logo depois dos *consulados,* o mesmo nos de Maximino e Maximo; nos de Decio, antes dos *consulados.*

3 Só nos deram esta addição os letreiros de Tito e Domiciano, nomeando o legado Caio Calpetano Rancio Quirinal Valerio Festo; e os de Maximino e Maximo, com o seu Quinto Decio, ás vezes Valerino ou Valeriano...

subalterna. O «Legado *Propretor*» não fazia mais que as vezes de Cesar, que era de direito o governador e *Pretor* das suas provincias.

No fragmento inferior dum mill., de Maximino e Maximo talvez, na Geira, apparece em seguida a esta *sigla* que illustra o nome dum Valerino, legado, est'outra para mim desconhecida mas usada algures neste genero d'epigraphes:

C · V · *Clarissimo viro,* «illustrissimo varão.»

A BRAC · ou BRAC · AVG · ou BRACARA · AVG · *A Bracara Augusta* «de Braga», «desde Braga-Augusta», sempre no mesmo caso de *ablat.*

M · P · *Milia passuum,* «milhares de passos» ou milhas simplesmente. Em seguida, os algarismos do numero das milhas em conta romana.

Nos mill. de Maximino e Maximo, em seguida á *sigla* AVG · principia uma serie d'epithetos honorificos, dados pelas expressões seguintes:

GERM · MAX · *Germanicus maximus,* «o maior dos germanicos»; DAC · MAX · *Dacicus maximus,* «o maior dos dacicos»; SARM · MAX · *Sarmaticus maximus,* «o maior dos sarmaticos».

Sabe-se como era costume entre os romanos galardoar as façanhas dos grandes capitães com o epitheto *honoris causa,* composto do nome do povo por elles vencido. Assim temos um Metello *Macedonico,* outro *Numidico,* um Scipião *Africano,* outro *Asiatico;* um

Germanico, um *Britannico.* Agora a Maximino mais ao filho, naturalmente por antes delles ter havido um *Germanico* e por signal bem merecedor da honra e de melhor fim, pareceu-lhes por terem obtido quaesquer vantagens contra a gente d'Alem-Rheno, poder intitular-se os *maiores* dos *germanicos.* E já que estavam nesta altura não era bonito *descerem* nos dacicos e sarmaticos.

E assim ficaram os *maximos* dos tres povos da outra banda do Rheno e do Danubio. De pouco lhes prestou, que logo acabaram e muito mal.

Não contentes ainda, introduziram outra formula laudatoria quasi desconhecida antes e antigamente intoleravel a ouvidos romanos:

D · N · *Domini nostri,* «do nosso senhor», geralmente seguida da forma *imp* · e poucas vezes depois della ahi pelo meio da inscripção. Nos letreiros de Magnencio e de Decencio apparece logo na testeira e em *dat.* — «A nosso senhor», etc.

Finalmente o epitheto honorifico tão estimado dos antigos, P · P · (geralmente); PAT · PAT · (num titulo de Tacito) *Pater patriae,* «páe da patria» quasi todos [1] o usaram, antes, depois ou intercalado com os consulados, saudações imperiaes e poderes tribunicios.

Como vimos, num dos tres *casos* figura nas inscripções o nome do imperante, e dahi o differente sentido e valor do titulo.

[1] Não vem nos de Tiberio nem nos posteriores a Constantino, da minha collecção.

Se no *caso* directo, *nominativo,* uma de duas hypotheses: ou o nome do imperante é dado apenas como para datar a epocha da erecção do monumento, para authenticar a obra e se tornar popular; ou se lhe attribue algum trabalho ou reparação.

Da primeira especie, os de Augusto, Tiberio e Claudio; da segunda os de Maximino e Maximo. Os dos primeiros ao menos, indicam que a estrada é obra do estado senão feita á custa d'elle.

Se em *dativo* como nos titulos de Hadriano e outros, parece que então terá sido a obra feita á custa das cidades da provincia, e além do interesse da data significará uma dedicação ao imperante.

Se em *ablativo,* como nos de Tito e Domiciano, parece que a significação não irá mais longe que precisar a data; como era de uso no tempo da republica nomear os consules, *consulibus,* para determinar chronologicamente um facto historico [1].

Exemplos do caso directo:

1.ª hypothese:

TI · *berius* [2] CLAVDIVS · CAESAR
AVG · *ustus* GERMANICVS
PON · *tifex* MAX · *imus* IMP · *erator* V · COS · *sul*
III · TRIB · *unicia* POT · *estate* III · P · *ater* P · *atriae* ·
BRAC · *ara* AVG · *usta* XXXVIII *milia passuum*

Tradução:

Tiberio Claudio Cesar Augusto, Germanico, Pontifice Maximo, saudado imperador cinco vezes, consul tres vezes, do poder tribunicio tres vezes, páe da patria. Desde Braga Augusta 'té aqui são 38 mil passos [3].

1 Cf. Cagnat, *Cours d'épigr. lati,* 238.
2 Não está na inscripção o que aqui vai em *cursivo,* como é obvio.
3 O *passo* romano valia 5 pés romanos ou m. 1,49 approximadamente. A milha andava por 1481 metros. Cf. Alfr. Leger, *Les trav. des Rom.* 168.

Como se vê, aqui o prenome *Tiberius,* o gentilicio *Claudius* Caesar Augustus, o cognome *Germanicus* vem apenas seguidos de titulos dignatarios sem nenhuma referencia á obra feita ou refeita. Como acontece com as legendas numismaticas.

2.ª hypothese do caso directo:

IMP· *erator* CAES· *ar* C· *aius* IVLIVS
VERVS· MAXSIMINVS
P· *ius* F· *elix* AVG· *vstus* GERM· *anicus* MAX*imus* [1]
etc.
ET· CAIVS· IVLIVS· VERVS
MAXIMVS· NOBIL· *issimus* CAES*ar*
etc.
VIAS· ET· PONTES· *etc.* RESTITVERVNT
CVRANTE· Q· DECIO· LEG· AVGG· PR· PR·
etc.

Traducção:

O imperador Cesar Caio Julio Vero Maximino, pio, feliz augusto, Germanico maximo etc. e Caio Julio Vero Maximo (seu filho) nobilissimo Cesar etc. restauraram as estradas e pontes (estas) superintendendo na obra Quinto Decio, legado dos Augustos, propretor, etc.

Para o *caso* de *dativo,* uma das inscripções de Hadriano:

IMP· *eratori* CAESARI [2]
TRAIANO· HADRIANO
AVG· *usto*
PONTIF· *ici* MAX*imo*
TRIB· *unicia* PROTEST· *ate* XIIX
COS· *sul* III P· P
A BRACARA· AVG· *vsta*
M· P· XXI

Traducção:

Ao imperador Cesar Trajano Hadriano Augusto, pontifice maximo, do poder tribunicio dezoito vezes, consul tres vezes, páe da patria. Desde Braga Augusta 21 mil passos.

Neste dizer parece subentender-se um pensamento de saudação ou dedicação, como notado ficou atraz.

[1] O signal *etc.* indica ter sido supprimido aqui, quanto não vinha para intelligencia do exemplo.

[2] Parece ter sido dado por extenso o *pronome Caesari,* contra o uso para não equivocar com a fórma do ablativo *Caesare,* que podia estar concordado com o *gentilicio* e o *cognome* da mesma maneira.

Do terceiro *caso,* aqui, ou *ablativo* temos exemplo no seguinte de Tito e Domiciano:

IMP· *eratore* TITO· CAESARE [1] DIVI
VESP· *asiani* F· *ilio* VESPASIANO· AVG· *vsto*
PONT· *ifice* MAX· *imo* TRIB· *unicia* POT· *estate* IX
IMP· *eratore* XV· P· *atre* P· *atriae*· COS· *sule* VIII
CAESARE· DIVI· VESP· *asiani* F*ilio*
=========· COS · *sule* VII
C· CALPETANO· RANTIO
QVIRINALE· VALERIO
FESTO· LEG· *ato* AVG· *vsti* PRO· PR· *etore*
VIA· NOVA [2] A BRAC· *ara* AVG· *vsta*
M· P· XXXIIII

Traducção:

Sendo imperador Tito Cesar Vespasiano, filho do divino Vespasiano, Augusto, pontifice maximo, do poder tribunicio nove vezes, saudado imperador quinze vezes, páe da patria, consul oito vezes — e sendo cesar o filho do divino Vespasiano (Domiciano)[3] consul sete vezes, — e sendo legado d'Augusto e propretor Caio Calpetano Rancio Quirinal Valerio Festo, a via nova. (Subintende-se: foi aberta ou construida, *aperta extructa fuit.*)

Desde Braga Augusta, 34 mil passos.

Da simples approximação para ligeiro estudo comparativo das epigraphes dadas adiante, alguma lição resulta d'interesse historico em geral e literario em particular. E comtudo não passa isto de modica e mal apanhada gabella, na vasta seara da epigraphia lapidar.

E' reparar nos primeiros titulos ou letreiros. Denunciam de longe o bom gosto do seculo de Augusto, na correcção e sobriedade dos epithetos, na regularidade e atticismo da construcção. Lêem-se de uma olhada e dão-nos o *quantum satis,* aquella justa medida antes modesta e parcimoniosa como requer este genero

1 Por uma razão analoga á dada para o titulo antecedente, vem aqui por extenso o *gentilicio Caesare* na 1.ª e na 5.ª linha.

2 «Via nova» é aqui o *caso directo,* sendo os outros membros do periodo *ablativos oracionaes.*

3 Por decreto do senado foi apagado dos monumentos publicos o nome de Domiciano. Cf. Sueton., *in Domitian infine* —Au. Victor, *De caesaribus.*

de composições. E' o tempo de Horacio e vem perto o de Marcial, bem se vê.

Estes dotes mantem-se na epocha da gente Flavia; e na parte exterior ou dispositiva das palavras, parece attingirem mesmo algo de mór elegancia com Hadriano. As linhas são geralmente symetricas como os versos duma estrophe, e as palavras intercaladas duns floreados em vez de pontos. O *bom gosto* transforma-se ou modifica-se em *bom tom*. E' o seculo de Plinio o moço e de Quintiliano.

Dahi a cem annos (117-211) a epigraphe milliaria é uma tirada indigesta, empertigada, falsa, ridicula. E' Caracalla o fratricida e talvez parricida, que se arreia na pedra com o nome bem soante de Marco Aurelio Antonino Pio, e uma lista de avós todos *divinos* que não foram uma cousa nem outra, seguida dos titulos triumphaes sobre os Parthos, Bretões e Germanos [1] do mesmo valor que a primeira. Aqui mais se queixa a moral que as letras, o que é bem peior certamente.

Maximino, soldado da fortuna e filho de barbaros não se deu a superfectações heraldicas: bastaram-lhe os *maximos* do estylo.

Desde Decio diminuem as ornamentações theatraes é verdade, mas não reapparece o perdido atticismo do bom tempo. Cada vez mais laconicas as siglas, quer parecer á gente que ou já o publico não liga importancia a estes cartazes a passarem de moda, ou nem adquiriu a arte de lêr. O mundo barbaro avançava.

A de escrever, mórmente em pedra, essa decáe a olhos vistos.

Desappareceu a elegancia e aprumo dos traços; a

[1] Quando no senado foram votados estes pomposos titulos, lembrou-se um dos senadores de propôr por gracejo o de *Getico*... Pagou-o com a vida.

distancia respeitosa de palavra a palavra não se observa bastante; falta a pontuação muita vez e outras é impossivel porque as palavras estão colladas.

Letras deseguaes e fóra do mesmo plano; linhas envolvendo o cylindro milliario a ponto de se confundir a desinencia duma com o principio da outra.

O mau desenho graphico é de tal ordem, que muita vez entra a gente em duvidas ácerca da authenticidade do monumento.

A letra G por ex. já envolve dum modo desgracioso no bojo o traço recto ascendente, como folha murcha; já o deixa pender á guisa de labio caído. Os dois traços que deviam ser horisontaes no F fogem num plano inclinado, ascendendo da esquerda para a direita.

O L abre desmesuradamente o angulo com a inclinação do traço inferior sobre o plano horisontal.

Estampada com flagrante verdade a imagem dessorada da decadencia!

Quem diria então que civilisação nova viria depois!...

A esse tempo ia trabalhando profundamente nas massas — até'hi incongruente mistura de ferocia barbara e corrupção romana, o lêvedo christão. Nova moral traria nova cultura com o andar dos tempos.

Deus não se apressa porque é eterno.

CAPITULO III

TRAÇOS HISTORICO-BIOGRAPHICOS E RESPECTIVAS EPIGRAPHES MILLIARIAS

SUMMARIO

I Augusto. — II Tiberio. — III Claudio. — IV Tito e Domiciano. — V Nerva. — VI Trajano. — VII Hadriano. — VIII Caracalla. — IX Macrino e Deadumeniano. — X Elagabalo. — XI Maximino e Maximo. — XII Decio. — — XIII Tacito. — XIV Caro. — XV Carino. — XVI Diocleciano. — XVII Maximiano. —XVIII Galerio. —XIX Constancio Chloro. — XX Licinio. — XXI Constante. — XXII Constancio. — XXIII Magnencio. — XXIV Decencio. — XXV Valentiniano.

I

AUGUSTO

(23 ant. J. Ch. — 15 de J. Ch.) [1]

Com Augusto entra o mundo romano, pouco menos que o mundo inteiro então consciente, num periodo novo e

[1] Seguiremos a chronologia de R. Cagnat, *Cours d'epigraph. latin.* Paris, 1890. Assim o anno 23 ant. Ch. Será o do I poder *tribunicio*, do XI *consulado*, da VIII acclamação *imperial* de Augusto; da fundação de Roma 731 segundo o computo de Dionysio Exiguo praticado por Tillemont. (Cf. Laurentie, *Histoire de l'emp. rom.* I. 272) tambem adoptado por Bossuet, *Discours sur l'Hist. univ.*, por Ch. Dreyss, *Chron. univers.* I, 130 e por E. Hübner, C. I. H. L. 628, 646.

O ill. prof. bracarense snr. Pereira Caldas, numa monographia (*Corresp. Chron.* etc. Braga, 1889) á data de 753 da fundação de Roma em o nascimento de N. S. Jesus Christo determinada por Dionysio, prefere a de 746 reconhecida por Keppler. Esta doutrina, differença de 7 annos para mais nos annos de J. Ch., foi perfilhada pelos doutos padres benedictinos na *Arte de verificar as datas* (Cf. Dreyss op. et loc. cit.) e conhecida mais ou menos explicitamente pelos modernos incluindo os proprios Bossuet e Tillemont. Cf. Laurentie, op. et loc. cit. — Bossuet, *Discours sur l'H. univ.* I, epoc. X.

rico talvez como nenhum outro em materiaes para a philosophia da Historia. Quantos elementos estranhos com a conquista de tantos e tão differentes povos não deram de mistura com os usos de Roma pagã essa formidavel fermentação de chimica social, que'inda hoje nos apavora a phantasia!

Para evitar o *mare magnum* das reflexões philosophicas acaso provocadas por tão opulento drama historico, e fugir do estylo declamatorio avesso á indole d'este trabalho, atenhamo-nos aos traços firmes e rapidos do Tacito christão, Bossuet:

«Desta vez caiu Roma nas mãos de Marco Antonio, de Lepido e do môço Cesar Octaviano, sobrinho de Julio Cesar e filho seu por adopção; tres tyrannos intoleraveis, cujo triumvirato e proscripções nos causam horror ainda hoje. Tamanhas violencias não eram para muito durar. Entre si dividem o poder estes tres homens. Cesar reserva a Italia e com mudar desde logo em clemencia as cruezas passadas, pretende persuadir que a ellas foi arrastado pelos collegas. Com Bruto e Cassio perecem (42 [1] em Philippes) as reliquias republicanas. Inutilisado Lepido (36), lançam-se um contra o outro Antonio e Cesar (32). Na marinha está agora a potencia romana.

Ganha Cesar a batalha naval de *Actium* (31) e são desbaratadas as forças militares que do Egypto e do Oriente trouxera comsigo Antonio. A este abandonam todos, mesmo a propria Cleopatra que fôra a sua perdição...

Tudo cede á fortuna de Cesar. Abre-lhe as portas a cidade de Alexandria; volve-se em provincia romana o Egypto; Cleopatra esgotados todos os recursos suicida-se; Roma estende os braços a Cesar que sob o nome de *Augusto* (27) e com o titulo de *imperador* fica unico senhor do governo.

Em Hespanha submette os Cantabros e os Asturianos (25 — 24); pede-lhe paz a Etheopia (22); os Parthos aterrados restituem-lhe bandeiras e prisioneiros (20) havidos na derrota de Crassus; pedem-lhe alliança os Indios; aos Rhecios e Grisões não valem as montanhas do seu paiz (15); submette-se a Pannonia (12); teme-o a Germania (7) e o

[1] Datas ant. de J. Ch.

Weser lhe obedece. Victorioso por mar e por terra fecha as portas do templo de Jano. Em paz vive o universo inteiro e JESUS CHRISTO VEM AO MUNDO. (753-754 da fundação de Roma)» [1].

Na historia da humanidade é este o facto culminante. Demarca os tempos e domina as edades: objecto da universal expectação e das bençãos de quantas gerações vieram depois.

Foi um momento solemne, um acontecimento unico; requeria o silencio da «paz octaviana» e o brilho do «seculo de Augusto».

Para tanto cooperou como nenhum outro entre os instrumentos cegos da Providencia o proprio Augusto.

Caio Julio Cesar Octaviano, antes de apparecer na vida publica simplesmente C. Octavio, nos mill. IMP · CAESAR · AVG ·, vulgarmente conhecido pelo epitheto de *Augusto* é o typo historico do *politico:*

Homem de plano e conselho, illustrado mas sceptico, previdente, astuto, reservado e senhor de si apparentando de ingenuo, firme no proposito, prompto na execução, habil em aproveitar as occasiões, malleavel por interesse, corruptor com ares de austeridade, ambicioso fingindo desinteresse, clemente quando já lhe não serve derramar sangue, magnifico, popular, facil em acceitar convites de particulares, protector das letras e que sei eu? o homem melhor talhado para a occasião como lá se diz. Porque talvez será licito perguntar se os costumes de Roma naquelle momento historico poderiam aguentar outro regimen politico além do despotismo de luva branca, e se um povo não tem sempre o governo que merece.

A Augusto retrata-o bem a ultima scena. Em Nola ao expirar com 76 annos de edade e 38 de imperio pergunta aos circumstantes:

«Se porventura não tinha representado bem a comedia da vida.» — E concluia em grego com a formula usual no fim das peças theatraes, «então batei palmas e applaudi-me».

Por certo não foi homem vulgar quem soube, um a um e com a mais perfeita limpeza, empalmar todos os poderes do estado de geito que'inda em cima toda a gente lhe ficasse

[1] *Discours sur l'Hist. univ.* I. époc. IX, 83, 84.

obrigada por isso. Se até o velho Cicero, mestre em desenvencilhar tramas de Catilina e ambições de Cesar, se deixou embair pelas artes d'este ingenuo mocinho, — que poderia o proprio senado já *depurado* de elementos refractarios e ameaçado de novo?

E não o abandonou nas fronteiras a fortuna de Roma. Tirante o desastre de Varo tudo corre ás mil maravilhas desde o Ebro té o Euphrates. Como suas toma Augusto as victorias de seus enteados Tiberio e Druso, e até as «saudações imperiaes» delles vai sommando ás proprias. Cobre Roma de monumentos e «deixa cidade de marmore a que fôra de tijolos». Rasga innumeras estradas, organisa a administração provincial e deslumbra a imaginação popular com festas e espectaculos nunca vistos. Em paga recebe cultos divinos e tem sacerdotes, templos e poetas que o incensam á porfia.

Bem vai por fóra; em casa é que não vai bem.

Não basta que a besbelhotice de Antonio lhe conte entre não remotos ascendentes um *padeiro* de Aricia, que a mulher (Livia) o apouquente e a filha (Julia) o envergonhe; senão que a morte lhe arrebata o sobrinho e genro Marcello seu orgulho, depois o amigo e genro Agrippa, depois os filhos d'este seus netos Caio e Lucio na flor da adolescencia, e se vê obrigado pondo de parte por inepto a Agrippa Posthumo seu derradeiro descendente, a adoptar o sombrio Tiberio e a desterrar e infamar perante o senado a propria filha para colorir com serodios rigores, desordens em que foi elle talvez o principal culpado.

Que contraste entre a moral d'este *divo* Augusto viva imagem de um mundo que se vai, e a doutrina de Aquelle que por esse tempo nascia em Belem, divino informador de um mundo novo!...

Vamos ás inscripções.

Escasseiam as de Augusto e apenas se recolheu a seguinte:

1

IMP · CAESAR · DIVI
F · AVG · PONT · MAXI
MVS IMP XX · CON
SVL · XIII TRIB · POT
XXXIV · PATER · PATRI
A BRAC · XXX

An. de J. C. 11/12

Está este mill. levantado á borda do caminho no logar do Castro, freguezia de Rubiães, Coura. Altura [1] do cippo 1m,48; circumferencia 1m,69; alt. da letra 0m,1. E' de granito rijo, bem conservado o letreiro, se bem a lavra da pedra não fosse muito apurada; donde resulta algum embaraço aggravado pelos lichens, para a leitura. Traços firmes, desenho razoavel e poucas letras de todo gastas, se não é nas extremidades da 4.ª e 5.ª *lineas*. Não soffreu o *beneficio* do retoque, felizmente.

E' *inedita* a epigraphe [2]. Foi recolhida com outras em fins de julho do anno passado, 1894.

D'esta mesma estrada, Braga a Tuy, do mesmo imperador e data fôra o titulo (4868 do C. I. H. L.) dado em primeira mão por A. de Figueiredo de um mill. á ponte de Prado, depois por Argote em Braga e hoje sumido:

IMP · CAESAR · DIVI · F · AVG | PONT · MAXIMVS · IMP · XV ·
CONSVL | XIII · TRIB · POTEST · XXXIV · PA | TER · PATRIAE ·
BRAC | I · I · I · I · sic

Com razão nota o snr. Hübner que o numero XV das saudações imperiaes devia corrigir-se por XX, que tantas são as que coincidem com o dos poderes tribunicios, como

1. E' tomado o comprimento dos mill. quando levantados, desde o alto 'té á flor da terra: a circumferencia ou o diametro, segundo melhor ficava no momento a operação.

2 «Ineditas» chamo a quantas não andam trasladadas no *Corpus inscriptionum Hispaniae latinarum* ou no *Supplementum* a esta obra, do snr. E. Hübner, que apurou quanto deram os collectores nacionaes; e assim mesmo ás que não tenho encontrado nas nossas publicações periodicas.

no titulo de Rubiães se confirma. E' tambem anomala a notação das milhas.

Em outro, de Castro de Avellans — Bragança [1], do snr. H. Pinheiro tambem apparecem destoancias entre o numero XV [2] das acclamações imperiaes e o XXI dos tribunados:

IMP · CAESAR DIVI F | AVG PONT MAXIMO | XV COS XIII TRIB POT | XXI PATER PATRIAE

Falta-lhe a sigla IMP · na segunda ou terceira *lin.* a qual certamente o tempo deliu, mais a contagem das milhas no fim e os pontos intercalados. No final da 2.ª *lin.* estará O por VS, visto dever ser apposto de CAESAR como o PATER da 4.ª. Em todo o caso é de grande valor por antiguidade e raridade, e fica sendo com o de Rubiães unico par d'estes titulos porora descobertos e restantes ao norte do Douro em Portugal; e outrosim documento da *via* que de Chaves e portanto de Braga penetrasse por Valle de Telhas, já desde o tempo de Augusto nas terras do actual districto de Bragança a caminho de Astorga, como notado fica a pag. 54.

[1] Cf. *Rev. de Guimarães*, 1888; — *Suppl.* ao *C. I. H. L.*, 994.
[2] *Ibidem*, snr. dr. M. Sarmento indica XIV.

II

TIBERIO

(14-37)

Com a mudança de imperante, nenhum abalo no imperio: tão solida engrenagem tivera da mão de Augusto a machina do estado. Apenas uma sedição das legiões da Germania e das da Pannonia, suffocada logo por Druso o moço esta, aquella pela prudencia forte e leal influencia de Germanico, sobrinho de Tiberio e subalterno seu nas expedições do Rheno e do Danubio em tempo de Augusto.

Internando-se depois na Germania, onde Druso seu páe tinha deixado nome e obras [1] de abalisado capitão, superou-o na gloria militar derrotando em desforra da matança das legiões de Varo, no valle do Weser os feros germanos de Arminio, os cheruscos. Não o tolhera a inveja manhosa de Tiberio com chamal-o a Roma a pretexto de mais alta commissão de serviço no oriente, e a Germania ficaria subjugada de vez.

Na Cappadocia e entre os parthos algumas questões politicas ou intrigas de palacio com os reis de estes paizes asiaticos, tambem receberam prompta senão justa solução.

Assim bem poderia Tiberio dizer-se herdeiro da fortuna de Augusto nas provincias como dos infortunios domesticos, se aos grandes fôra licito comparar os pequenos. Que por então o empenho das provincias era como renderiam culto

[1] *Fossa drusiana*, canal aberto pelas legiões entre o Rheno e o Yssel.

ao *divo* Augusto, de cujo cadaver em pomposo prestito conduzido a hombros de senadores ao campo de Marte para a incineração jurara um pretor [1] e pelo juramento recebera peita, ter visto saír a alma de Augusto voando ao céo. O' manes de Fabricio e de Curio Dentato!

O que vocu foi uma aguia, solta da pyra para espanto do vulgo e pabulo á crendice popular. Continuava a «comedia»...

Emquanto o mundo todo á compita requeria no senado a honra de levantar templos ao cesar morto, e o vivo consummia na ilha de Caprea em passatempos vergonhosos os ultimos annos de uma velhice infame e sem entranhas, — prégava JESUS o filho da Virgem pelos burgos e cidades da Palestina a Boa Nova; e acarinhava as creanças, curava os enfermos, recebia os peccadores, ressuscitava os mortos e por amor dos homens deixava-se por elles pregar numa cruz. O Calvario e Caprea, Jesus de Nazareth e Tiberio, são aproximações quasi sacrilegas; tão duro é o contraste.

Do estado dos espiritos em Roma por esse tempo dános Tacito um quadro de mestre:

«Em Roma precipitavam-se com estrondo no servilismo os consules, os senadores, os cavalleiros: quanto mais illustres tanto maior azafama e fingimento. Artificios no semblante para não parecerem nem demasiado alegres por attenção ao finado principe, nem tristes de mais na presença do novo; e assim mesclavam lagrimas com gaudios, adulações e lamentos. Quem primeiro jurou nas palavras de Tiberio foram os consules Sex. Pompeio e Sex. Apuleio; depois foi Sejo Strabo prefeito das cohortes pretorianas, e C. Turranio prefeito da subsistencia publica; em seguida o senado, o exercito, o povo» [2].

Com tamanha abjecção depois de tanta arrogancia e

[1] *Numerio Attico.* Cf. Laurentie, *Histoire de l'imp. rom.* I, 316.

[2] *At Romae ruére in servitium consules, patres, eques; quanto quis illustrior, tanto magis falsi ac festinantes; vultuque composito ne laeti excessu principis, neu tristiores primordio, lacrymas, gaudium, questus, adulationem miscebant. Sex. Pompeius et Sex. Apuleus, consules, primi in verba Tiberii Caesaris juravere; apudque eos Seius Strabo et C. Turranius, ille praetoriarum cohortium praefectus, hic annonae; mox senatus, milesque et populus. Annal.* I, 7.

orgulho tão fero do povo *late regem* bem vingado ficaria o mundo, se na vergonha commum não tivera seu quinhão.

Tiberio, *Ti. Claudius Nero,* depois de adoptado por Augusto, *Ti. Julius Caesar,* ou TI · CAESAR · AVG como trazem as inscripções, era filho de Ti. Claudio Nero e de Livia, nascido em 42 ant. de J. Ch. Como era uso entre os romanos, teve os nomes do páe por ser o mais velho dos filhos, e entrou com a mãe na casa de Augusto quando este a recebeu por mulher durante a vida do marido. Instruido nas letras gregas e latinas mais na arte da guerra, aos 22 annos de edade recebe de Augusto o encargo facil de restabelecer no throno da Armenia seu rei Tigrane.

Consul aos 29 annos com Quintilio Varo, faz com fortuna a campanha da Pannonia e da Dalmacia dois annos depois. Em seguida tem o poder tribunicio com a mão de Julia filha de Augusto já viuva de Agrippa, para o que houve de repudiar Vipsania filha d'este.

Por desgosto da nova mulher, de costumes depravados e orgulhosa, e porventura para esconder das vistas penetrantes de Augusto o fundo negro do proprio caracter, e deixar á mãe o campo livre para machinar a perda dos dois netos de Augusto e filhos de Agrippa, Caio e Lucio, obteve venia para se retirar á ilha de Rhodes, onde durante sete annos de exilio palliado delineou melhor seus planos e recozeu odios e ambições.

Chamado no anno 2 de J. Ch. e adoptado por Augusto dois annos depois, quando no oriente fallecia o segundo dos netos do imperador e sua derradeira esperança, é encarregado do commando das tropas de modo que só raras vezes apparece em Roma. Marchava para a Illyria quando foi chamado á pressa por motivo do fallecimento de Augusto em Nola, 14 de J. Ch.

Por habeis manejos de sua mãe Livia empossado do imperio sem reluctancias, patenteia desde logo um caracter reservado, cruel, frio e hypocrita. Sua primeira victima é o ultimo neto de Augusto o desgraçado Agrippa Posthumo; a mais nobre, seu proprio sobrinho Germanico.

Os crimes dictos de *magestade* inventados agora mais a praga dos *delatores*, abriam caminho a todas as atrocidades de penas capitaes por motivos futeis. Converteu-se em chancella de taes enormidades o proprio senado, das quaes

foram victimas muitos dos seus membros; e Tiberio impermeavel a sentimentos de piedade parecia gosar em meio do esphacêlo geral.

Um dia enfastiado talvez e tambem importunado com epigrammas anonymos fingiu devoção de dedicar na Campania uns altares, e deixando a Sejano chefe das cohortes pretorianas o governo, installou-se na ilha de Caprea donde não voltaria senão afinal para espanto de todos. Entretanto que Tiberio gastava em passatempos sem nome uma velhice ignobil, amontoava riquezas e inundava Roma de sangue o seu ministro, que nem ao proprio filho do imperador perdoou. Druso o moço foi envenenado por Sejano que se dispunha já a escalar o poder supremo, quando uma sentença de morte, a unica talvez referendada ou insinuada com justiça por Tiberio ao senado, o entregou á vindicta publica. Com Sejano centenas de victimas só pelo crime da sua amisade, trucidadas sem processo. Horrores!

Com 77 annos de edade pereceu Tiberio ás mãos de Macro, prefeito das guardas pretorianas, numa *villa* do cabo Miseno. Contra elle rebentou logo uma tempestade de imprecações e maldições em Roma, tanto tempo reprimidas pelo terror. Triste e tardio desforço de um povo feito escravo dos proprios vicios primeiro que de Tiberio. Assim se explica como pôde Roma supportar o tyranno por vinte e tantos annos.

Antes da sua adopção por Augusto tinha já Tiberio obtido *cinco* vezes o poder tribunicio, o consulado *duas* e outras tantas acclamações imperiaes. A contar desde o anno 4 de J. Ch. teve cada anno um novo tribunado; não assim os consulados e as saudações imperiaes que afinal não passam de *cinco* os primeiros e de *oito* as segundas.

Será primeira epigraphe a das *Carvalheiras,* Braga:

2 ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
DIVI · IVLI NEPOS AVG
(4749) [1] PONT · MAXIMVS · IMP
VIII · CONSVL · V̄ · TR · POTEST An. de J. C.
XXXIV̄ BRACARAVG 32/33
IIII

Dois cippos sobrepostos: alt. $2^{m},12$; cir. do sup. $1^{m},81$; alt. da letra $0^{m},09$. Visivelmente renovadas as letras. O snr. Hübner preencheu em cursivo as lacunas da 1.ª *lin.* [2] e corrigiu por COS · o CONSVL do *renovador* na 4.ª. Na 5.ª porém deixou ficar o n.º XXIV dos tribunados que parece incompleto para concordar com os V consulados e a data 32/33 de J. Ch. Além de que a propria pedra alguns indicios mostra do primeiro X que escapou ao *renovador*. Respeitando como devo os processos do sabio epigraphista, optei ainda assim por dar a copia *sicut jacet*.

A uma de duas estradas deve ter pertencido este mill.: á de Chaves ou á de Tuy.

Na estrada de Braga por Tuy, em *Prado* e juncto da casa do snr. dr. Lima:

3 ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ VI AVG · F · DI ⋮ ⋮
⋮ ⋮ AVG · PONT ⋮ ⋮ ⋮
(4869) ⋮ ⋮ MP · VIII CON ⋮ ⋮ ⋮
⋮ ⋮ POTEST ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮

E' um fragmento com o letreiro gasto nas extremidades das *lin.*; as letras que restam porém bem conservadas e sem retoque.

[1] O numero entre parenthesis indicará a ordem dada no *C. I. H. L.* do snr. E. Hübner; o numero superior, a ordem por mim adoptada neste trabalho.

[2] Na primeira inspecção d'esta pedra pareceu-me descobrir na 1.ª *linea* um ⋮ ⋮ ⋮ SAR · D; agora nada descubro ahi.

E' notavel que a 3.ª *lin.* nos dê como a de Braga um CONsul em vez de COS · A 5.ª que anda nas copias, CARAVG, desappareceu.

Tem de alt. apenas $0^{m},63$; a letr. $0^{m},1$.

Como não resta senão o numero das saudações imperiaes, VIII, que foi no anno de 19 a 20 de J. Ch., de esse anno ou em deante terá sido a data do letreiro. O snr. Hübner propõe a de 32/33 de J. Ch., que tem a seu favor coincidir com as dos outros titulos congeneres.

Na estrada de Braga por Chaves, logar da venda dos *Padrões,* freguezia de Codeçoso:

4 (4773)

IMP
⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝
⁝ ⁝ F · DIVI · IVLI · NE ⁝ ⁝
⁝ ⁝ COS · V̄ · TRI · POT
BRAC · AVG
⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝

Columna inteira, de granito ordinario, mede $2^{m},5$ de alt.; $1^{m},67$ de cir.; a letr. $0^{m},1$. Está de supporte a uma varanda, com a epigraphe voltada para o solo e muito damnificada pelos saes que desaggregam a pedra.

Principia por uma anomalia o letreiro, a fórma IMP · desusada nos titulos de Tiberio mas não sem exemplo. Cagnat attribue a ignorancia ou erro casos analogos, pois como referem Suetonio e Dion Cassio, Tiberio recusou esse tratamento [1].

Se attendermos ao local e a pequenas particularidades parece dever corresponder ao n.º 4773 de Hübner, dado em primeira mão pelo arceb. de Uranopolis; comtudo as differenças graphicas e dispositivas são consideraveis. Baste que não apresenta na testeira a sigla IMP · a copia e em vez da lacuna actual na primeira *lin.* um TI · CAESAR muito

[1] Vid. *Cours de epigr. lat.* 173, not.

escorreito e como se queria. Pois com esta á vista, outra coisa não dá a pedra mais que isso que vai acima.

Diz assim a copia: TI · CAESAR | DIV*i aug.* F · DIVI · IV | LI · NEP · PONT | MAX · IMP · *viii* COS | V · TRI*b* · POT · *xxxiiii* | BRAC · AVG | XX.

Como quer que seja, de Tiberio foi o mill.; e como o seu V consulado data de 31 a 32 de Ch. possivel é que d'este anno tenha sido a inscripção, ou do seguinte se o poder tribunicio fôra o 34.º como suppõe o snr. Hübner.

Na estrada de Braga por Chaves, logar de *Antigo* de Arcos, freguezia de Serrasquinhos:

5

TI · CAESAR · DIVI · AVG · F

DIVI · IVLI · NEP · AVG · PONT

(4778) MAX · IMP · VIII · COS · V

TRIB · POT · XXXIIII · An. de J. Ch. 32/33

BRAC · AVG · LIX ·

E' um cippo especie de tamborete de granito rijo perfeitamente cylindrado. Alt. $1^{m},13$; cir. $2^{m}.$; let. $0^{m},12$. Serve de pilar no topo da escada do lavrador Liberal e apresenta alguns cortes ou entalhes, um dos quaes levou parte das letras pelo principio das *lin.* 3.ª e 4.ª.

Alguns indicios me levam a suspeitar de que esta pedra seja uma *substituição*. Primeiro é o *aspecto* de relativamente nova, pois nenhuma usura mostra do tempo; segundo é o *gravado* das letras profundo e nitido de mais; terceiro o *desenho* das mesmas apparenta de moderno nos CC de curvatura perfeitamente geometrica e nos TT, cujo traço horisontal quebra nas extremidades á guisa de letra de imprensa,

além de que os caracteres graphicos são demasiado grandes; quarto, a presença de *pontos* finaes nas 4.ª e 5.ª *lin.*

Se bem que nenhumas informações positivas poude colher, é possivel que para empregarem nalguma obra como columna de *cruzeiro* o mill. primitivo afeiçoassem para o effeito esta pedra de pequenas dimensões em altura, e por temor da lei [1] que defendia os monumentos nella gravassem o letreiro. Se assim foi, parece que o fizeram com excessivo esmero.

A copia dada por Hübner apenas tem de menos que a pedra os traços horisontaes sobre as letras numericas, os pontos finaes das duas ultimas *lin.*, o primeiro T da 4.ª e o desenvolvimento em altura de tres destas letras, aliás usado. Foi dada em primeira mão pelo medico barrosão dr. José dos Santos Dias ao *Jornal de Coimbra* em 1813, de onde a tomou o snr. Hübner para a sua obra monumental e Pinho Leal para o *Portugal antigo e moderno.*

[1] Cf. Dr. Martins Sarmento, *Nova Alvorada*, n.º 9.

III

CLAUDIO

(41-54)

Verdadeiro phenomeno historico é o socego das provincias por estes tempos. «Em tão vasto imperio, diz Bossuet [1], abarcando tantos reinos e nações, que tão submissos tenham sido os povos e raras as sublevações chega a parecer prodigio».

Ao longo reinado de Tiberio tecido medonho de atrocidades (e assim mesmo quasi abandonado o governo nos ultimos dez ou doze annos á rapacidade dos favoritos), seguem os *quatro* de Caio Caligula durante os quaes o mundo gelado de espanto contemplou as extravagancias mais cerebrinas; e ridiculas tambem se o roubo official, o assassinato, o sacrilegio, a devassidão, o escarneo da miseria alheia conduzidos pelo imperador em pessoa atravez das provincias desde Roma 'té o fundo das Gallias o consentissem.

E comtudo não se mexem as provincias e Roma cuida só de applaudir.

A mesma revolta das legiões do Rheno e do Danubio, com que aliás nada tinham os naturaes do paiz, accusa nos soldados antes cubiça e menos disciplina que espirito de indignação por tantas torpezas de seus principes. Reclamavam o dinheiro que lhes deixara Augusto em testamento.

[1] *Disc. sur l'Hist. univ.* III, 6.

Assassinado Caligula contavam os conjurados ser levados em triumpho pelo povo; que o exercito mais de uma vez obrigado por elle a representar ignobeis comedias [1] lhes entoaria hymnos jubilosos e o senado restabeleceria o governo livre. Puro engano; que ao povo lhe bastam agora «pão e espectaculos» e á soldadesca, o «donativo» de seus amos os cesares. Que importam a uns e outros os horrores da lascivia e do sangue tanta vez innocente? Não é de entre elles que sáem as victimas. Forte pena! quem tudo paga é a gente patricia e a burguezia endinheirada.

Claudio espavorido com os rumores da morte de seu sobrinho Caligula e escondido á pressa no esconso de uma porta, ahi mesmo *é feito* imperador por um soldado que talvez entrou para fazer mão baixa em qualquer cousa. Os camaradas acclamam e o senado depois de ligeiras perplexidades *obedece* e confirma.

Era um imbecil, como tal havido por todos sem exceptuar a propria familia; semi-idiota esquecido sempre, velho toda a vida menos no siso.

Venha assim mesmo, que não póde nem o povo privar-se das festas de cada dia nem o exercito, das bambochatas. Para isso serve o imperador agora, e para crear imperador a tropa basta sendo bem paga.

Claudio treme e acceita e paga a gratificação generosamente [2].

Está visto que passadas as primeiras velleidades de reformas, recaíria com todo o peso da propria inepcia na vida indolente, cevada nos vicios e grosseiros prazeres em que sempre vivera. E não era de condição malfazejo; era mesmo bonachão mas incapaz de trabalho serio. Largou portanto e sem por isso dar, a mulheres e libertos senão eunuchos *(spadones* lhes chama Suetonio) o governo do estado.

Assim mesmo appetece um dia as honras triumphaes e encarrega Plaucio Silvano de tentar uma expedição na Bretanha meridional, e de o avisar no caso de prometter exito feliz a empresa, para ir elle em pessoa colher os louros da

[1] Por ex. A *conquista* da Germania e a do Oceano... Cf. Sueton. in *C. Calig.* XLV e XLVI.

[2] *Primus caesarum fidem militis etiam præmio pignoratus. Idem*, in *Claud.* X.

victoria. E foi; nestas vergonhosas condições é que o filho de Druso o antigo e irmão de Germanico volta com o epitheto honorifico de *Britannico* que aliás mal usou, e passou a um dos filhos de Messalina nascido um anno antes. Teve desta feita *duas* acclamações imperiaes além do resto. Isto passava no anno 43 de J. Ch.; dos primeiros dias do anno seguinte deve ser a data destes titulos milliarios em que não figura o novo cognome e só accrescentadas as acclamações.

No oriente a creação de um rei titular para a Judéa na pessoa de Agrippa II da familia de Herodes, a reducção da Thracia a provincia romana, qualquer cousa na Germania e na Mauritania é negocio de méro expediente que não póde alterar a paz do imperio nem os ocios de Claudio.

Continúa o *phenomeno* da paz universal.

Entretanto fugitivos symptomas de vida nova transparecem na Historia por esse tempo.

Refere Suetonio [1] que o imperador Claudio «expulsara de Roma os judeus em contínua bulha por suggestões de *Chresto*».

Era de christãos que se tractava, evidentemente; ora o sabio benedictino Dom Guéranger [2] explica o caso pelas disputas que suscitaria na synagoga de Roma a prédica do apostolo S. Pedro em nome de J. Christo.

E allega para isso terem affirmado os escriptores ecclesiasticos Eusebio, S. Jeronymo e Phocio a vinda a Roma do philosopho judeu Philo para vêr e ouvir a Pedro. E' confirmada a presença do apostolo em Roma por antiquissima tradição, pela conservação da sua cadeira e memoria dos logares de reunião dos primitivos christãos, com os nomes de *Ubi Petrus baptizabat*, ou *Ad nymphas Sancti Petri* ou ainda *Fontis sancti Petri*, dados ao hypogeu *Ostrianum* entre a *via* Nomentana e a *via* Salaria.

«Pedro, diz o douto abbade de Solesmes, [3] teve de ceder á tempestade (do decreto de Claudio) e abandonar ao

[1] *Judeos, impulsore Chresto assidue tumultuantes, Roma expulit.* in *Claud.* XXV.

[2] *Sainte Cécile et la Société romaine aux deux prémiers siécles.* Paris, 1887.

[3] Ibidem, 36.

fim de cinco annos esta cidade por elle escolhida não sem divina inspiração para séde do seu poder.

..... Oito annos depois entrará Pedro de novo em Roma; virá concluir a sua obra sellando com o proprio sangue o titulo imprescriptivel da immortal dynastia a que estava referido o passado como introito de um futuro, para o qual tinha a Providencia disposto os successos da historia da humanidade».

Claudio, *Tiberius Claudius Drusus Germanicus*, nas inscripções lapidares TI · CLAVDIVS CAESAR AVG · GERMANICVS [1], era o segundo filho de Druso e de Antonia, neto paterno de outro e de Livia que foi mulher de Augusto, e materno de M. Antonio e de Octavia, irmã de Augusto. Foi portanto irmão do grande Germanico, sobrinho de Tiberio e tio de Caligula. Nasceu em Lyon no tempo em que seu páe fazia a campanha contra os germanos.

Como fosse incapaz de aguentar as fadigas da guerra, por debilidade na infancia e na adolescencia e limitada capacidade, ficou esquecido entre os seus e apenas recebeu tal ou qual educação literaria. Depois a convivencia com gente grosseira acabou de lhe deformar o caracter e perverter os costumes.

Nunca pensou nas grandezas e quando o levaram ao imperio contava já 50 annos. Para cumulo de infelicidade casara com Messalina que o ludibriou de um modo inqualificavel. Deram-lhe um nome tristemente celebre os excessos d'esta desgraçada mulher. Das mãos de Messalina, assassinada por ordem do liberto Narciso mas em nome do imperador, passou ás de sua sobrinha Aggripina, cujo casamento foi nova vergonha e nova desgraça. Para isso foi preciso faltar Claudio á sua palavra de não tornar a casar, pedir ao senado uma imposição fingida e acceitar os officios de casamenteiro da parte de outro liberto, Pallas.

Com Agrippina vinha um filho della de nome Domicio, a quem por artificios e crimes dest'outra sua mulher Claudio terá de adoptar em prejuizo do proprio filho Britannico. Domicio será afinal *Nero* e uma das suas victimas o pobre filho de Claudio.

1 BRITANNICUS. «Este titulo não figura ordinariamente nos monumentos». Nota de Cagnat, *Cours d'épigr. lat.*, 176.

Agrippina conseguido este *desideratum* não por amor de Nero mas por ambição propria, intenta desfazer-se do velho propinando-lhe veneno preparado pela celebre Locusta, envenenadora emerita.

Falleceu em Sinuessa envenenado pela mulher de concerto com o medico Xenophonte, com 63 annos de edade e 13 de governo.

Cinco são as epigraphes que d'este imperador vão em seguida e das melhor conservadas da presente collecção. Pertenceram a duas das vias bracaraugustanas, abertas poucos annos antes por Augusto ou Tiberio. O que me confirma na opinião de que nem sempre o mill. significa obra feita na estrada. E como todas apresentam a mesma data, lembra-me que talvez não fosse alheio ao motivo desta erecção monumental o animo envaidecido de Claudio pelos seus triumphos sobre os bretões.

No estylo parcimonioso retratou-se o bom gosto do seculo de Augusto.

No passeio das *Carvalheiras*, Braga:

6 (4750)

TI · CLAVDIVS CAESAR
AVGVSTVS
GERMANICVS
PONTIFEX · MAX
IMP · V̄ · COS · IIĪ
TRIBVNITIA · POTES — 44 de J. C.
TATE · IIĪ · P · P · BRACA
IV

De granito assaz resistente o mill. Alt. $2^{m},15$; cir. $1^{m},88$; letr. $0^{m},1$.

Visivelmente renovada a gravura, sorte da maior parte dos mill. desta estação; parece porém que o foi com bastante escrupulo, por não destoar dos titulos genuinos. O numero final das milhas merece menos confiança por certa

indecisão e desigualdade graphica. Já o tinha notado o snr. E. Hübner.

A ultima syllaba VS do nome *Claudius* não a acho tão nitida como traz a copia. E' provavel escapasse ao renovador, gasta já pelo tempo. A fórma TIA, por CIA da copia, está na pedra na 5.ª *lin.* verb. *tribunitia.* Não me atreverei a affirmar tenha sido substituição do officioso restaurador do titulo.

Na praça do pelourinho em *Valença,* estrada de Braga por Tuy:

7 (4875)

TI · CLAVDIVS · CAESAR
AVG · GERMANICVS
PONTIFEX · MAX · IMP · V ·
COS · III · TRIB · POTEST ·
III · P · P · BRACA — 44 de J. C.
XLII

E' de granito consistente e mede alt. $2^{m},15$; diam. $0^{m},54$. Está bem conservada e a bom recado a pedra, e sem retoques o letreiro se não olharmos aos *pontos* finaes da 3.ª e 4.ª *lin.,* menos usados nestas composições. Esta pedra foi encontrada no sitio dos *Arinhos* (terrenos que o rio deixa) defronte de Tuy. O numero das milhas XLII concorda precisamente com a distancia de Braga a Tuy, primeira *mansio,* dada pelo Itinerario de Antonino. Parece ter sido communicada a primeira copia pelo arceb. de *Uranopolis,* Alv. de Figueiredo. Foi vistoriada pelo snr. E. Hübner.

No logar de *Sangunhêdo,* freguezia de Codeçoso, Montealegre, estrada de Braga por Chaves:

8 (4771)

TI CLAVDIVS · CAESAR
AVG · GERMANICVS
PONT · MAX · IMP · V · COS · II
[illegible]OT · III · P · P · BRAC — 44 de J. Ch.
AVG · XXXV

Está de supporte a uma varanda, entrando o portal de um lavrador.

Não lhe foram tomadas as medidas, mas deve andar por 2 metros de altura e espessura ordinaria.

Não foi avivado o letreiro, está porém damnificado pelo tempo e acção salitrosa dos dejectos animaes, no fim da 3.ª *lin.* mais ainda no principio da 4.ª onde faltam de todo as letras TRIB · P da copia.

A primeira copia que parece ter partido do sobredicto A. de Figueiredo traz completa a epigraphe com excepção da sigla TI · do principio; a localisação das palavras porém é que não saiu fiel, donde resulta dar em 6 *lin.* as 5 do letreiro e virem com ponto final as 3.ª e 4.ª. O ponto final da penultima não está na pedra.

Jaz fóra da linha viaria e a bons 2 kilometros de costa acima este mill. Não devia custar pouco tal conducção por caminho de cabras.

No sitio do monte do *Crasto* á margem esquerda do Rabagão confluente do Cavado, freguezia dicta de Codeçôso *ut supra*:

9 TI · CLAVDIVS · CAESAR
AVG · GERMANICVS
PONT · MAX · IMP · V · COS
III · TRIB · POT · III · P · P · BRAC 44 de
AVG · XXXVIII J. Ch.

Alt. $2^{m},4$; diam. 0,57; alt. da letr. $0^{m},1$.

Esta pedra deixou-a a descoberto ha poucos annos ainda uma quebrada que desabou da ladeira ao rio. E' de granito bastante rijo e está inteira.

Tem o letreiro perfeitamente conservado e sem sombras de retoque. E' *inedita* a epigraphe e um dos melhores exemplares desta pequena collecção.

No logar de *Arcos*, freguezia de Cervos, Boticas de Barroso, da estrada de Braga por Chaves:

10 TI · CLAVDIVS · ⋮ ⋮ ⋮
SAR · AVG · G ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
NICVS · PON ⋮ ⋮ ⋮
IMP · V · COS ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
POT · III · P · ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ 44 de J. Ch.
AVG ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮

Alt. 1m,64; cir. 1m,68; letr. 0m,1.

E' de pedra dura, porém mutilada no comprimento. Foi poupado o letreiro pela mão do *curioso;* gasto porém nas extremidades das *lin.* á direita por ter estado muitos annos sob o trilho dos que passavam na rua. Hoje supporta uma varanda do lavrador Santos.

Inedita a epigraphe.

Algum corresp. de Pinho Leal [1] enviou-lhe uma copia assim: TI — CAES. AVG. DIV | · SA · F · AVG · C.... | ...NIC...VS.P.O. | IMP...VCO.... | POT.... III...P... | ...AVG.... | Pinho Leal que por certo não era cobarde, confessa que « não se póde traduzir, por incompleta ». O caso não era para menos, na verdade.

[1] *Port. ant. e mod.* verb. Cervos.

IV

TITO E DOMICIANO

(79 — 81) [1]

Desde a morte de Claudio (54) 'té á subida de Tito ao imperio (79) deixam-nos estes restos epigraphicos um hiato na Historia [2] de uns *vinte e cinco* annos *e meio*, cheio pelos 14 do governo de Nero, 2 e meio de Galba, Othão e Vitellio e 10 de Vespasiano.

Até ao fim do reinado de Nero, ultimo imperador da familia de Augusto, a machina do imperio romano caminha por si mesma. Não lograram desconjunctal-a nem sequer modificar-lhe a direcção os crimes e inepcias de seus timoneiros. Era o estado que os conduzia, não elles ao estado. Sendo quasi nulla sua acção governativa a historia delles fica reduzida a meras biographias, tecido de loucuras escandalosas.

Nero, o derradeiro destes criminosos imperiaes, compendia em si os crimes todos e loucuras de seus predecessores.

[1] Tito governou como imperador só desde 23 de julho de 79 a 13 de setembro de 81. Havia sido porém associado por seu páe ao imperio, e recebido o tribunado desde 71. Domiciano figura nestes letreiros só com o titulo honorifico de Cesar e os consulados, mas sem poder tribunicio, nem acclamação imperial.

[2] Chaves tem uma columna de Vespasiano, cuja epigraphe irá noutra parte.

Assassino da propria mãe, do irmão, de duas esposas, do mestre e do aio, a quem pouparia este malvado? Incendiario de Roma, acusa deste crime os christãos para ter o prazer de os queimar vivos. Entre as victimas conta-se Pedro o apostolo, crucificado e Paulo o doutor das gentes, decapitado. Abriu a serie das dez grandes perseguições.

E comtudo reina paz no vasto imperio dos cesares, apenas turbada nas fronteiras pela revolta da Bretanha, prompto suffocada por Suetonio e a da Armenia por Corbulão, acontecida por esse tempo. Bem podia Nero cultivar as *artes* [1] e disputar os premios de cantor comediante e cocheiro nos jogos da Grecia e nos espectaculos de Roma, que o mundo romano ia seu caminho mesmo assim.

Nesta vida porém tudo acaba; além de que um vicio de origem entre outros inquinava a legitimidade do poder de Nero como a do seu antecessor Claudio. Deviam-no ao applauso das milicias urbanas e das legiões, comprado muito caro não tanto pelo ouro dos donativos como pela quebra da disciplina.

Ora como seja da natureza das cousas desfazerem-se pelos mesmos principios porque se fizeram... Se as cohortes fazem imperadores, porque os não desfarão?

Não se mexem as provincias, é verdade; mas a si mesma se moverá guerra a soldadesca romana.

Um dia rebenta em Roma a noticia de que Julio Vindex, propretor da Lyonesa nas Gallias á frente das suas legiões dera voz por Galba *imperador,* que então governava a Tarraconense.

Foi a scentelha que ateou uma conflagração geral de guerra civil; não já em Roma só e Italia, como na dos Gracchos e na de Mario e Sylla, mas desde o occidente ao oriente por toda a face do imperio. E como se multiplicam os pretendentes e nenhum da craveira de Julio Cesar, que levasse por toda a parte com a fortuna e gloria militar o triumpho da sua causa, assim se complica a solução definitiva e os morticinios, as defecções, as atrocidades sem conta enchem de sangue e ruinas o mundo.

Galba apesar dos seus setenta e tantos annos, talvez

1 *Qualis artifex pereo!* — «Que artista se não perde!» palavras delle antes de cravar no peito o punhal. Sueton. *in Ner.* XLIX.

por esquivar a morte que contra elle meditava Nero marcha para Roma apoiado por Othão, propretor da Lusitania, e lá ao fim de 6 mezes é assassinado pela soldadesca instigada pelo proprio Othão. Este, levantado nos escudos pelos assassinos do velho Galba, tem de marchar para o norte d'Italia invadida pelas legiões da baixa Germania que trazem o *seu* imperador, Vitellio, acclamado em Colonia.

Perdida a batalha de Bedriaco acaba Othão comsigo, e Vitellio em Roma por mais que pretenda, a fim de gosar em socego dos prazeres, cerrar os ouvidos aos boatos alarmantes que chegam do oriente, não o consegue; que já na propria Roma, no proprio Capitolio se fazem fortes os partidarios de Vespasiano.

Acclamado este em Alexandria 6 mezes logo depois de Vitellio, passa da Judéa á capital dos Ptolomeus donde envia a Roma suas ordens e dá tempo a que seus soldados lhe abram o caminho.

Emquanto Roma esmagada pelo choque das legiões facciosas se vê por muito tempo theatro de sangue e ultrages sem nome, entretem-se Vespasiano com devoções ao deus Serapio e pretende passar por *santo* curando aleijados e dando vista a um cego, segundo nos informa com toda a seriedade Tacito. (IV *Historiar.)*

Era Vespasiano um valente soldado com longa folha de serviços como hoje se diz, e administrador avisado e firme. Com suas reformas e exemplos de vida frugal mais os de seu filho Tito inaugurou a epocha dos Antoninos, a menos má do governo imperial.

Principaes façanhas do seu governo foram o longo cerco e tomada de Jerusalem por Tito, as campanhas de Agricola na Bretanha e a de Cerealis contra muitos povos das Gallias, sublevados por influencias de Civilis o valente chefe dos Battavios revoltosos, e em Roma a construcção do Coliseu e do templo da Paz, cujas ruinas attestam ainda hoje grandeza descommunal.

Tito, *T. Flavius Vespasianus;* nas inscrip. IMP. TITVS · CAESAR · VESPASIANVS · AVG filho de Vespasiano e de Fla-

via Domitilla nasceu a 30 de dezembro do anno 40 de J. Ch. Seguiu como seu páe a carreira das armas e ainda môço serviu como tribuno nas legiões da Bretanha e da Germania. Na guerra contra os judeus commandava já uma legião e quando em 69 Vespasiano foi acclamado imperador confiou a Tito com o commando em chefe o cerco de Jerusalem. Voltou a Roma em 73, triumphou dos judeus com seu páe e foi associado ao imperio. Ainda existe no *Forum* o arco triumphal de Tito.

Succedeu-lhe em 79 e deu provas desde logo de grandissima moderação e clemencia. Seu breve governo de dois annos e poucos mezes foi tristemente assignalado por um incendio em Roma e pela erupção do Vesuvio que destruiu as cidades de Herculanum, Pompeia e Stabias e deu a morte a Plinio o velho então commandante da frota no cabo Miseno.

Tito não era christão mas parecia-o; e na familia de seu tio paterno Flavio Sabino, prefeito de Roma, morto pelos vitellios e genro da celebre matrona christã Lucina, tinha penetrado a Fé e produzido santas virgens e martyres. Christã foi uma Flavia Domitilla, neta de Vespasiano [1].

Tito falleceu a 13 de setembro de 81. Chamaram-lhe *amor e delicias do genero humano* [2].

Domiciano, *T. Flavius Domitianus;* nos monumentos IMP · CAESAR · DOMITIANUS · AVG ou DOMITIANVS · CAESAR · AVG irmão mais novo do antecedente, segundo o uso dos romanos teve da mãe F. Domitilla o gentilicio Domitiano. Nasceu no anno 51 em Roma.

Foi vivo contraste do irmão, e já na mocidade deu serios desgostos ao páe.

Como Nero, começou bem o governo e acabou mal. Infeliz nas campanhas contra os Germanos e Dacios entrou no caminho das suspeições e morticinios crudelissimos que trouxeram a Roma o regimen do terror e a necessidade das conspirações. Foi victima da ultima em que entrou a propria

[1] Cf. Dom Guéranger, *Sainte Cécile*, etc., 122 e 123, que se apoia nas descobertas do sabio de Rossi.

[2] *Titus cognonime paterno, amor et deliciae generis humani.* Sueton. *in Tit.;* initio.

mulher, e o senado decretou «que tivesse o funeral de um gladiador e seu nome fosse apagado» [1].

Temos apenas 3 titulos epigraphicos, todos tres da estrada da Geira.

Num sitio sobranceiro á freguezia de *Villela*, Amares:

(4798)

⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
C · CALPETANO ⋮ ⋮ ⋮
11 QVIRINALE V ⋮ ⋮
FESTo LEG AVG ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
A BRACARA
M · P · XIII

É fragmento parte inferior do mill.; pedra rija e grosseira. Está tombado á margem da estrada, em sitio êrmo. Alt. $1^{m},3$; diam. $0^{m},5$; letr. $0^{m},08$.

Sibelo deu apenas duas letras ⋮ ⋮ O ⋮ ⋮ ⋮ M (esta na 2.ª *lin.*) [2]

Foi evidentemente de Tito e Domiciano e provavelmente a mesma do n.º 4799 de C. I. H. L. cuja copia estropiada na 1.ª *lin.* tomou Arg. de outra de Britto [3].

---

1 *At senatus gladiatoris more funus fieri, radendum que nomen decrevit.* Sex. Aurel. Victor.

2 Cf. Hübner, C. I. H. L., 640.

3 *Idem, ibidem.*

No sitio dos *Lagêdos,* freguezia de Chorense, Terras de Bouro:

12 ⁝ MP ⁝ ⁝ TO CAESARE
DIVI VESPASIANI F
(4803) VESPASIANO AVG
PONT · MAX · ⁝ ⁝ IB POT
$\overline{\text{VIII}}$ ⁝ IMP · $\overline{\text{XV}}$ ⁝ P · COS
$\overline{\text{VIII}}$ · CAES DIVI VES
PASIANI F ═══ 80 de J. Ch.
COS · $\overline{\text{VII}}$ VIA NOV ⁝
G · CALPETANO · RANTIO
QVIRINALE · VALERIO
FESTO · LEG · ⁝ VG · PRO PR
A BRAC · M · P · XIX

Columna inteira, pedra rija de granito grosseiro. Alt. $1^{m},4$; cir. $1^{m},82$; let. $0^{m},08$. De pé e bastante enterrada. Epigraphe intacta, se bem que algo damnificada pelo tempo e pelos lichens.

É notavel que a indicação VIA NOVA appareça entre os nomes dos imperantes e o do propretor, ao contrario do tit. seguinte que a traz depois de este. E não se perdeu felizmente esta indicação, como receiava o snr. Hübner.

Na 1.ª, 6.ª, 7.ª, 8.ª e 11.ª *lin.* não é completa a copia publicada: na 6.ª não ha logar na pedra para O ET que o snr. Hübner intégra: na 5.ª depois do numero $\overline{\text{VIII}}$ parece-me lêr um V quasi de todo apagado. Ha-de ser qualquer vestigio do I que exige a conta dos tribunados, VIIII.

Na Portella do *Homem*, fronteira do Gerez:

13 (4838)

IMP · TITO · CAESARE · DIVI
VESP · F · VESPASIANO AVG
PONT · MAX · TRIB · POT IX
IMP · XV · P · P · COS VIII
CAESARE · DIVI · VESP · F
═══ · COS VII — 80 de J. C.
C CALPETANO · RANTIO
QVIRINALE · VALERIO
FESTO · LEG · AVG · PRO PR
VIA · NOVA · A BRAC
M · P · XXXIIII

Pedra rija e de grão um pouco mais fino, inteira, de pé. Alt. $1^{m},66$; cir. $1,^{m}9$; let. $0^{m},08$. Epigraphe intacta, bom typo e bem conservada.

É quasi exacta a copia de Argote: deficiente e inexacta a de Sibelo.

Na 2.ª *lin.* está na pedra o AVG, não existe porém o ET do final da 4.ª, integrado pelo snr. Hübner como no tit. antecedente. As tres expressões numericas referentes a Tito tem um o traço horisontal superior. Faltam na pedra os pontos entre POT IX da 3.ª *lin.*, COS VIII da 4.ª, COS VII da 6.ª e PRO PR da 9.ª. Deveria tel-os?

Como no titulo anterior a *rigola* cavada na 6.ª *lin.* resultou de ter sido picado nos monumentos o nome de Domiciano por decreto do senado, como dicto fica.

Este titulo é um dos mais nitidos e melhor conservados que possuimos.

V

NERVA

(96 — 98)

Como primeiros dias de anciada primavera preludiaram ao governo dos Antoninos os annos breves do de Tito. Interpozeram-se porém os 15 de Domiciano a modo de negra mancha, recrudescencia de longa inverneira. Afinal amanhece de vez o novo periodo com Nerva, honesto e pacifico cidadão.

Pena foi que chegasse tarde de mais para cura de tantos males, e assim mesmo desarmado já daquella firmeza viril que a velhice desconcerta e não logram reparar habitos de vida alheia de ambições, recolhida e bonançosa.

A' chaga medonha rasgada pela tyrannia no corpo social, outrosim combalido por longo regimen de vicios, trazia Nerva o balsamo da cordura honesta, da moderação e temperança, sempre raro e precioso no fastigio do poder mórmente naquelles tempos. Porém balsamo só não bastava; aquillo requeria ferro em brasa como topico e em pilulas para alimento reconstituinte do enfermo. Outros dariam isso. Nerva dava o que tinha: amor á ordem, obediencia ás leis.

Chamou logo do exilio os proscriptos, restituiu os bens confiscados, aboliu o famoso crime de lesa-magestade e suspendeu a perseguição contra os christãos. Porisso voltou do desterro na ilha de Pathmos á sua egreja de Epheso S. João Evangelista: o mundo respirava alfim.

Como é natural, este primeiro passo abriu caminho e trouxe appetite de represalias. Levantou-se então tempestade no senado contra os delatores, capitaneada por Plinio o moço. Foram indigitados á pena capital; Nerva porém contenta-se com menos, nem persegue os apaniguados do tyranno.

Por outro lado empenha-se em restituir ao senado suas attribuições e prestigio, e assegura que nenhum dos senadores ellé condemnaria á morte. Assegura e cumpre.

Comtudo Nerva tinha 70 annos. Enfermavam já de debilidade senil seus bons propositos. Se o povo reclama para o theatro a presença de infames pantomimos, desterrados pelo proprio Domiciano, Nerva transige e consente; se os pretorianos murmuram, Nerva lembrado certamente do que succedera a outro velho da sua edade, Galba, transige e paga o «donativo».

Assim o em que melhor acertou ou mais feliz esteve foi na escolha de cyreneus. Primeiro na de Virginio Rufo, modelo de civismo e lealdade politica, para seu collega no consulado; depois na adopção de Trajano, valente soldado e de altos espiritos, para associado no imperio e futuro successor.

Nerva, *Marcus Cocceius Nerva,* nas epigraphes seguintes [1] IMPERATOR · NERVA · CAESAR · AVG pertencia a uma familia de notaveis jurisconsultos e homens consulares. Tambem elle tinha já attingido esta dignidade. Um dos seus antepassados privou com Augusto; outro do mesmo nome que elle e tambem famoso jurista, condemnado em tempo de Tiberio deixara-se morrer de fome. O imperador tinha nascido em Narnia, colonia romana, e apesar de haver percorrido a carreira das honras optara pelo cultivo das letras e estudo das leis numa vida modesta e retirada. Dahi o trouxe ao imperio o voto inesperado dos conjurados na morte de Domiciano, acceito pelo senado e tolerado a custo pela tropa pretoriana.

Desta lhe viriam os peiores attritos; fôra facil conjectural-o, já que nem era creatura sua o novo imperador nem

[1] O snr. Cagnat apresenta duas variantes — *imp. Caesar Nerva aug.* e *imp. Nerva aug. Caesar*, nenhuma das quaes concorda com os nossos titulos. Cf. *Cours. d'épigr. lat.*, 181.

pertencia ás fileiras nem promettia prodigalidades e festanças sua vida modesta e parcimoniosa.

Um dia a pretexto de vingarem a morte do ultimo imperador affrontaram em tumulto os pretorianos o proprio Nerva em seu palacio, e á vista delle trucidaram o camareiro Parthenio e um dos prefeitos do pretorio. Não contentes ainda, obrigaram o imperador a dar-lhes graças em publico por taes proezas. Assim desautorado o pobre velho lançou mão do ultimo recurso adoptando Trajano, e esta foi a obra capital do seu honrado mas curto governo de um pouco menos de anno e meio, (setembro de 96 a janeiro de 98).

São modestas como elle as duas epigraphes que aqui damos de Nerva. Apenas rezam de *tres* consulados, sem numero de tribunados nem saudações imperiaes; o que auctorisa a datal-as dos primeiros oito mezes do anno 97 de Ch. [1]

No passeio das *Carvalheiras,* Braga:

14 (4751)

⋮⋮⋮⋮RATOR NERVA
⋮⋮⋮⋮⋮⋮⋮AVG
⋮⋮RIB POT
⋮⋮COS III — 97 de Ch.?
⋮⋮⋮⋮⋮⋮⋮⋮⋮⋮
⋮⋮⋮⋮⋮⋮⋮⋮

Pedra rija e perfeitamente cylindrada. Alt. $2^{m},53$; cir. $1^{m},96$; letr. $0^{m},1$.

Não foi renovada a epigraphe; mas tem de todo obliterada a parte inferior e o lado esquerdo. E' possivel que jazendo algures estivesse por estas bandas mais exposta á usura ou attrito de corpos estranhos. O snr. E. Hübner que a vistoriou numa das suas visitas a Braga, propõe-lhe a data de 100 de Ch. («J. C. 100?»). Para isso fôra preciso que o titulo tivera sido de Trajano; o que me não parece acceitavel depois de cotejado com outros d'este imperador mais ainda com o seguinte de Nerva.

[1] Cf. Cagnat, *Cours de épigr. lat.*, 181.

No atrio da capella de S. Bartholomeu de *Antas*, Rubiães, Coura, estrada de Braga por Tuy:

15 (6226)

IMPERATOR NERVA
CAESAR AVG
P · M TRIB POT
P · P · COS III — de J. Ch. 97
A BRACARA
M P · XXXVI

De granito ordinario. Alt. $1^{m},9$; letr. $0^{m},1$. Serve de pilar ao alpendre. Boa gravura, bem conservada e intacta.

Este com outros mill. do mesmo logar foram denunciados ao auctor por obsequiosa deferencia do ill. vimaranense snr. dr. Sarmento ahi por 1883 e neste mesmo anno pelo dicto senhor publicados no *Boletim de archit. e archeol.* de onde passaram por offerta ao *Suppl.* do *C. I. II. L.* do snr. E. Hübner.

Este titulo que não encontro na compilação de Hübner presumo fôra desconhecido dos antigos colleccionadores; não assim o de Magnencio, visinho delle. Entre esta copia e a do snr. Sarmento noto apenas uma pequena differença na conta das milhas que elle deu de XXXV, e a falta de pontos. Na segunda visita a estas pedras (julho de 1894) nada poude averiguar por estar recoberto de grossa camada de cal o milliario.

Nerva parece ter usado o epitheto de *Germanico* [1] em 97 de Ch., o que aliás não transparece nestes letreiros. Deveu-o ás victorias de Trajano na Pannonia.

[1] Cf. Cagnat, *Cours d'épigr. lat.*, 181.

VI

TRAJANO

(97-117)

Á relativa moderação [1] de Nerva no tracto assim da vida domestica como da publica, addicionava Trajano o vigor administrativo com a observancia ás vezes exagerada da legalidade, que melhor fôra tel-a já como obsoleta. Com os vicios do tempo as qualidades do soldado creadas num fundo natural rico e bem equilibrado.

Este contraste com as debilidades e cruezas tyrannicas de tantos seus predecessores explica como tão de prompto ganhou na opinião publica o titulo de *optimo principe,* votado pelo «povo e senado romano» segundo a formula sabida [2].

Parece ter entrado no plano da divina Providencia se adiasse a data dos tremendos castigos eminentes no imperio romano por tantissimos crimes, afim de que melhor se espalhasse pelas provincias do imperio a sementeira do Evangelho. Este adiamento coloria-o bastante o governo esclarecido dos Antoninos, que por outro lado ainda era propicio á boa causa.

Subjugando Trajano os barbaros das fronteiras além do

[1] Foram um e outro dados ao vinho, e Trajano á incontinencia e da de peior especie.

[2] Em P. Orosio, *Hist.* 487, Leide, 1738, medalha; *item* num *bronze* que possuo: S · P · Q · R · OPT · PRINCIPI.

Tigre e do Danubio, lançando pontes, cortando estradas, estabelecendo colonias, abrindo bibliothecas, alevantando fortalezas, disciplinando as provincias não só afugentava a onda ameaçadora senão que dava a mão sem o saber á obra do missionario. E quantos nas proprias fileiras do exercito não levariam ao longe sob a coiraça do legionario o symbolo da Fé? Bem ás claras se viu nos seguintes reinados.

Para prova basta o que nos diz Plinio o moço então governador do Ponto e da Bithynia, na conhecida epistola a Trajano em que pede instrucções para se haver correctamente no julgamento dos christãos.

Depois de ter averiguado que todo o «crime ou êrro de elles» consiste em se «reunirem nos dias aprazados antes do nascer do sol; em cantarem alternadamente hymnos a Christo como se fôra Deus; em se ligarem por juramento não para damno alheio, mas para não commetter furtos nem roubos, para não faltar á fé dos contractos nem sonegar um deposito» etc. accrescenta: «muitas pessoas de toda a edade «e condição e de ambos os sexos estão cada dia sendo im«plicadas neste crime. Que nem só as cidades, tambem os «burgos e as aldeias são infestados do contagio desta su«perstição» [1].

Estes malfeitores de nova especie dos quaes se ia o mundo enchendo, apostados á pratica do bem, á tolerancia de calumnias e odios e sevicias, estavam incursos assim mesmo nas penalidades da legislação *neroniana,* adoçada agora é bem verdade no tocante ao processo, não porém derogada nos castigos de pena capital ou desterro quando menos.

Com seu amigo e amo Trajano concerta Plinio não receber d'oravante denuncias anonymas contra os christãos, e outrosim absolver quantos no tribunal renunciassem á Fé; aquelles porém que renitentes fossem na crença seriam enviados á morte. Afinal toda a enormidade do crime destes facinoras estava em não adorarem o *deus* Cesar.

Porisso Trajano no terceiro anno do seu governo manda pena de morte ao santo pontifice Clemente, desterrado

[1] *Multi enim omnis aetatis, omnis ordinis, utriusque sexus, et jam vocantur in periculum et vocabuntur. Neque enim civitates tantum, sed vicos etiam adque agros superstitionis istius contagio pervagata est.* Plin. *Epist.* l. x, 97.

ha 25 annos nos gelos da Crimea, *Chersoneso,* e não curado ainda do mau sestro de ganhar almas para Christo. E comtudo não consta se lastimasse no seu infortunio o santo velho, aliás innocente e exilado nas mesmas horridas paragens do *Ponto Euxino,* donde o poeta Ovidio tão longa lamuria e blandicias interesseiras fizera chegar aos ouvidos de Augusto, impermeavel á compaixão. Que differença entre o christão e o gentio!

Na Italia foram victimas illustres Nereu e Achilleu prepostos á guarda da virgem Flavia Domitilla, ultima christã restante da familia de Sabino Vespasiano. Conduzidos com ella da ilha Poncia a Terracina ahi consummaram o martyrio.

Scena porém mais dramatica passa-se no oriente.

Reduzida a Dacia apparece Trajano em Antiochia de passagem para a campanha contra os parthos. Antiochia onde primeiro os discipulos de Christo d'Elle tomaram o nome, egreja fundada por Pedro, já então regorgitava de christãos.

Com Trajano chegava a perseguição; antes porém de estalar a tormenta e para atrahil-a de preferencia sobre si, offerece-se como victima voluntaria o santo bispo Ignacio. Levado á presença do imperador, termina o curto dialogo com dizer-lhe:

« É um êrro chamar deuses aos demonios que vós outros adoraes; um só Deus existe que fez o céu e a terra e quanto nelles se contém, e o filho de Deus existe que é JESUS CHRISTO ».

Como resposta teve a seguinte sentença de Trajano:

« Ordenamos que Ignacio que presume trazer em si o Christo-Deus (Theophoro) seja conduzido a Roma e lançado ás feras para espectaculo do povo ».

— « Graças, meu Deus, murmura o heroico pontifice, por me haverdes honrado com esta prova de perfeito amor permittindo que seja eu algemado como foram os vossos apostolos » [1].

A narração desta travessia por mar tocando em Seleucia e Smyrna, que das epistolas do santo martyr tomou

[1] Cf. Laurentie, *Hist. de l'emp. rom.* III, 204.

S. Jeronymo é uma pagina de superior belleza, de um heroismo novo, desconhecido então:

«Desde a Syria té Roma já combato com as feras por mar e por terra, ligado noite e dia a dez leopardos isto é soldados, que me custodiam... Oxalá eu venha a gosar das feras que me estão reservadas! e corram rapidas a me devorar, e não me aconteça como a outros martyres cujos corpos não ousaram attingir. Se não se resolverem, eu mesmo as excitarei, eu me apressarei a ser devorado. Meus filhos, perdoae-me: bem sei eu o que me convem... Eu sou o grão de Christo; força é seja moído pelos dentes das feras para dar pão selecto» [1].

Padeceu no anno undecimo de Trajano, sendo devorado pelas feras no Coliseu em dia de grande espectaculo.

Trajano, *M. Ulpius Trajanus*, nas inscripções IMP · CAES · NERVA TRAIANVS AVG nasceu em Italica perto de Sevilha em setembro de 52. Seu páe militar distincto, feito consul e patricio por Vespasiano, levou pela carreira das armas o filho que aliás para isso revelava felizes disposições: forte, bem apessoado, calmo, reflectido, modesto, prudente. Ás ordens do páe militou no oriente e na Germania. Teve o consulado em tempo de Domiciano e o commando das legiões do Rheno. Foi elle quem enviando a Nerva os louros da victoria o habilitou a usar o epitheto de *Germanico*. Isto mesmo determinou Nerva a declaral-o seu filho adoptivo e a conferir-lhe o titulo de Cesar, Germanico, *imperator* com a potencia tribunicia.

Era a successão no imperio. Ao voto das legiões podia Trajano ajuntar agora o direito de filho adoptivo de Nerva, que poucos mezes sobreviveu a esta adopção.

Inteiramente empossado no governo volta Trajano as armas romanas contra os dacios, que se cuidavam bastante defendidos pela linha do Danubio e pelas florestas e montanhas do paiz.

O Danubio foi atravessado sobre uma ponte, a região explorada e ao fim de duas campanhas Decebalo dava-se a morte já reduzida a Dacia a provincia romana. Trajano entra triumphante em Roma, toma o epitheto de *Dacico* e por

[1] *Frumentum Christi sum, dentibus bestiarum molar, ut panis mundus inveniar.* Cf. *Brev. Rom. in 1 febru.*

vinte e tantos dias gosam os romanos festas e jogos publicos.

Annos depois, 114, passa ao Oriente e em duas campanhas consecutivas submette a mór parte do imperio dos parthos, desce té o golpho Persico levando tudo de vencida, volta ainda á capital Ctesiphonte e impõe aos parthos mal submissos um rei.

Nesse mesmo anno, 117, enfermando gravemente vem a morrer em meio de seus triumphos como Alexandre, cuja memoria pretendera avivar senão imitar passando propositadamente em Babilonia.

Entre outras edificações de utilidade publica derramadas pelas provincias avultavam em Roma a bibliotheca *Ulpia*, o *forum* e *basilica* do mesmo appellido, cujas ruinas de 42 columnas de granito pardo ainda hoje attestam a pristina grandeza. Ahi mesmo a formosa columna *trajana* de seus 40 metros de altura, toda lavrada de baixos relevos representando as operações militares contra os dacios é um monumento de primeira grandeza.

Na veiga da *Pastoria*, entre Chaves e Boticas:

16 (4781)

⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
⋮ ⋮ ⋮I NERVAE⋮
⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
AVG · GER ⋮ ⋮ ⋮
PONTIF · MAX J. Ch.
⋮ ⋮ ⋮ POT · VII · IMP · IV ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ 102
AQVIS⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
M · P ⋮ ⋮ ⋮

Pedra grosseira, requeimada do tempo, comida pelos lichens e escavacada de maus tractos. De pé em meio de uma charneca. Alt. $1^{m},15$; circ. $1^{m},81$; letr. $0^{m},1$.

Perdeu o letreiro a 1.ª *lin.*, parte da 2.ª e 3.ª, parte da 4.ª, da 7.ª e da 8.ª; em compensação tem mais na 5.ª e na 6.ª que a copia. Tambem na copia não foi observada escrupulosamente a localisação das palavras. Não foi retocado.

A data vai segundo as indicações de Cagnat (*C. d'ép. l.* 182) que não concordam aqui com as do snr. Hübner (*C. I. II. L.* 638).

Este mill. fica distanciado bons 6 kilometros a sul do alinhamento da *via* de Braga a Chaves por Serraquinhos ou planalto de Cervos, donde a hypothese de um outro ramal aventada a pag. 56, nota.

Na venda dos *Padrões*, Codeçôso, Montealegre, estrada de Braga por Chaves:

17 (4774 e 4782)

IMP · CAESARI
DIVI · NERVAE · F
TRAIANO · AVG
GER · DACICO
PONT · MAX
TRIB · POT · VII
IMP · IV · cos · V De J. Ch. 104
AQVIS · FLAVIIS
M · P ·
XLII

E' um mill. de granito commum supportando uma varanda de parceria com o do n.º 4. Alt. $2^{m},18$.

Da epigraphe apenas ficaram as duas ultimas *lin.* assás visiveis. Auctorisam-me á integração conjectural com as oito primeiras do titulo 4782 os seguintes dados: Primeiro a identidade de logares, *Codeçoso* [1]; segundo a de contagem das milhas, XLII; terceiro a não concordancia d'esta conta com a referida a Braga que por aqui não póde dar mais que XXXV (vid. n.º 8); quarto a circumstancia de terem decorrido quasi 200 annos entre a copia de n. 4782 pelo dr. João de Barros (primeira metade do seculo XVI) e a do n.

[1] Outra freguezia ha em Barroso chamada de Codeçoso de Canedo, Boticas; esta porém não podia distar 42 milhas de Chaves. Vid. P. Leal, *Portug. ant. e mod.*

4744 de D. Luiz Alvares de Figueiredo, bispo de Uranopolis (primeiro quartel do XVIII) que apenas produz as duas ultimas *lin.* actualmente existentes; quinto não dar A. de Figueiredo copia do n. 4782, nem J. de Barros do n. 4744. E' verdade que não explica a obliteração quasi completa do letreiro tão curto lapso de tempo; inclino-me porém a suspeitar que o pico do alvanel se encarregou de alimpar de vestigios graphicos o que o tempo poupara. Tambem é verdade que o *companheiro* não foi picado; não foi nem precisava tanto, visto ter para baixo e quasi de todo sotterradas as letras.

Nota o snr. Hübner que o *caso* de dativo nas 1, 3 e 4 *lin.* resultaria de «erro ou interpolação». Comtudo no titulo seguinte a fórma *traj*ANO parece indubitavel.

No museu de Guimarães, procedente de S. Martinho de *Sande,* estrada de Braga a Guimarães:

18 (6214)

⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
V⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ANO
A⋮ ⋮ ⋮ ⋮M · DAC
P⋮ ⋮ ⋮ ⋮AX · TRIB
P⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮MP · IIII — De J. Ch. 103?
C⋮ ⋮ ⋮ P · P ·
⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ IIII

E' pedra de granito resistente, porém escavacada ou gasta pelo attrito em secção longitudinal. Alt. $1^{m},53$; cir. $1^{m},32$; letr. $0^{m},1$.

Estão intactos e nitidos os caracteres restantes no letreiro e os que faltam gravados, foram cuidadosamente restituidos a tinta sobre o rebôco com que encheram a falha da pedra.

Na copia saíu intercalado um ponto entre as letras M · P da 4.ª *lin.* que torna intraduzivel a expressão graphica. Foi lapso de revisão evidentemente. Na pedra não está.

E' este mill. unica testimunha até agora de uma *via*

romana, provavelmente de Braga por Guimarães e não mencionada no *Itin.*, se a de Chaves seguia por Barroso como parece.

Na povoação das caldas das *Taipas*, entre Braga e Guimarães:

19 IMP · CAES · NERVA
TRAIANVS · AVG · GER · DAC
(5560) PONT · MAX · TRIB · POT · VII
IMP · IIII · COS · V · P · P De J. Ch. 104

Não é mill. esta pedra; é um penêdo, *bloco erratico*, sobre o qual lavraram tres faces pianas em angulo recto e de uns 3 metr. de altura cada uma. A quarta face teve ainda uma tentativa de lavrado de alt. de $0^{m},2$ aproximadamente.

Na face exposta a NNE. é que foi gravada a inscripção.

Este singular monumento a quem o snr. Hübner reputa notabilissimo, *longe clarissimum*, e compara entre outros ao de Trajano numa fraga sobre o Danubio, alevanta-se num comoro dentro de um pequeno cerrado á saída da povoação, e domina o valle do Ave com o rosto á Citania e Sabrôso.

Foi retocada a epigraphe em 1818, de que ficaram leves senões, como o da sigla final P · P que deixaram a parecer R I.

São de tamanho descommunal as letras, como exigia a altura da pedra e a pretenção de que fossem legiveis a distancia.

As da *lin.* inferior que não são as maiores, medem segundo o snr. Hübner $0^{m},23$. O monumento tem de alt. $3^{m},18$; largura $3^{m},38$; de espessura $1^{m},54$.

Na ponte de *Chaves*, lado do norte:

IMP CAES NERVA
TRAIANO AVG GER
DACICO PONT MAX
(2478) TRIB POT COS V P P — 103 à 111
AQVIFLAVIENSES — de J. Ch.
PONTEM LAPIDEVM
DE SVO F C

Tambem este não foi mill. E' pedra rija de granito branco, cylindrica e com uns 2 m. e tanto de alt. (Não lhe foram tomadas as medidas.)

Como se vê foi este monumento erigido pelos *aquiflavienses* (os de Chaves) em tempo do imperador Nerva Trajano para datarem a construcção da ponte de pedra feita á custa d'elles.

Renovado o letreiro como se reconhece á primeira vista, pelo profundo entalhe dos caracteres graphicos e o desapparecimento dos pontos intercallados, é de receiar que algumas letras tivessem a sorte dos pontos. E' que ficou omisso o numero dos tribunados [1], de onde resulta impossibilidade de determinar o anno, contra o que se teria em mira provavelmente com a erecção do monumento. Menos provavel se afigura quizessem com tal omissão significar que a obra correu durante 8 annos entre o V e o VI consulado de Trajano (103-112) [2]. No mais parece corrente, pois os epithetos de *optimo* e de *parthico* tel-os-ha havido Trajano muito depois do V consulado, (114 e 116).

Isto que é doutrina de Cagnat, aliás modificada em nota [3], algum reparo recebe das legendas numismaticas. Assim num *bronze* que traz no *anverso* a nota de V consulado, tem Trajano no *reverso* o epitheto de *optimo principe*; o que prova que já em 112 ou antes lhe era attribuido:

IMP CAES NERVAE TRAIANO AVG GER DAC P M TR P COS V P P |
S · P · Q · R : : : IMO PRINCIPI

1 Esta falta tambem se dá nas medalhas; o que é menos d'estranhar.
2 Cf. C. I. H. L., 347: *Vidi post composita.*
3 *Cours d'épig. rom.* 182 e not. 2.

No *anverso,* busto de Trajano com a corôa de louros; no *reverso*, guerreiro galopando num cavallo de batalha na attitude de arremessar com a direita.

Noutro *bronze* que dá VI cons. e traz já o epitheto de parthico no *anverso* apparece deste mesmo lado á guisa de cognome o qualificativo laudatorio de *optimo:*

IMP CAES NER TRAIANO OPTIMO AVG GER DAC PARTHICO P M TR P COS VI P P | PROVIDENTIA AVGVSTI · S · P · Q · R

No *anverso,* busto como na primeira medalha; no *reverso,* figura de mulher apoiando elegantemente a esquerda sobre um *feixe* de onde sóbe uma lança e estendendo com ar de protecção a direita sobre o globo terraqueo.

Aos lados as sabidas S C. *(senatus consulto).*

Por ventura será permittido inferir desta aproximação que sebem o epitheto de *optimo principe* lhe foi dado antes de 114, o cognome de *optimo* apposto a *Trajano* só o usou depois do VI consulado e não sempre, como se verifica pela legenda do *meio-bronze* [1] seguinte:

IMP CAES NERVAE TRAIANO AVG GER DAC P M TR P COS VI P P | FELICITAS *Augusti*

No *anverso,* busto de Trajano com corôa de pontas bifidas; no *reverso,* figura de mulher sustentando na esquerda uma cornocopia e na direita não sei o quê.

[1] Hospede em estudos numismaticos, chamo aqui *bronzes* a moedas romanas da corpulencia um pouco maior que a das nossas de 40 reis antigas, *patacos; meio-bronze* ás que terão, quando muito, metade d'estes.

VII

HADRIANO

(117-138)

Por uma especie de lei d'equilibrio social ou ethnico, mal pendeu inerte a mão vigorosa de Trajano que distendera violentamente a norte e a leste além dos limites naturaes a raia do imperio, por si mesma voltou esta no oriente á linha do Euphrates com a perda da Mesoptamia, Assyria e Armenia. Sobre os reis d'estas longinquas regiões contentou-se Hadriano com exercer um protectorado platonico; e no Danubio sob o futil e vergonhoso pretexto de não facilitar passagem aos barbaros e realmente por má vontade ao engenheiro Apollodoro e por ventura á memoria de Trajano, mandou derribar a ponte monumental por estes construida. Como se não soubesse que para aquelles povos o Danubio todo é uma ponte de gêlo durante o inverno.

Por mais de seculo e meio manter-se-á ainda a Dacia; mas o desaire de tamanha cobardia dará aos barbaros, novos ousios e ha de entibiar o brio das legiões, ensinadas a negociar a peso de ouro a victoria antes que leval-a á força de armas.

Com quanto parente de Trajano e camarada um tanto contrafeito em algumas campanhas, menos queria Hadriano á gloria militar que ás letras e arte gregas. Não era portanto de feição a proseguir na via das conquistas e nem porisso lhe fará cargo a Historia; que não prosperam os es-

tados á ponta d'espada quando lhes mingue sábia e honesta administração.

Para esta nasceu elle fadado apesar de desigualdades de caracter e prodigalidades famosas. Adoptara por systema de governo a visita continua e inspecção pessoal das provincias. Foi um imperador viajante mais por humor e regalo que por amor do bem publico.

Attrahia-o mediocremente o mal estar de alguma provincia, e se algures estalava a rebellião talvez desviava o itinerario para vêr de longe e a salvo o incendio, cuja extincção corria por conta de seus logar-tenentes geralmente bem escolhidos, e nisso estava o merito delle.

Assim é que a revolta dos judeus exasperados por maus tractos e anciosos de verem restabelecido o governo da sua gente e reedificado o templo de Jerusalem, provocou dura repressão ás mãos de Julio Severo, da Bretanha mandado lá para isso. Para mais de meio milhão de victimas numa guerra de tres annos cortou o ferro dos vencedores, afóra innumeras ceifadas pela fome e a peste.

Os restantes foram vendidos como réz a desbarato ou deportados para o Egypto onde se finaram na miseria.

Com os materiaes das ruinas do templo foi construido um theatro; no local do santo sepulchro alevantou-se uma estatua de Jupiter; outra de marmore foi dedicada a Venus no Calvario; no presepio de Belem teve Adonis a sua. Para que todo o vestigio se apagasse da cidade santa, Jerusalem até o nome perdeu recebendo com uma colonia romana o de *Aelia-Capitolina.*

Estas profanações officiaes que mais feriam a fé christã que a dos judeus então preoccupados por outro genero de males, preludiavam recrudescencia de preseguições contra os seguidores de Christo, victimas da má vontade dos imperantes e do fanatismo das massas.

No martyrologio inscrevem-se por este tempo novos e illustres nomes, como o de Eustachio, official superior do exercito, *magister militum,* com todos os seus; de Getulo e Amancio, tribunos militares, da familia de Symphorosa que em Tibur para a inauguração do palacio e jardins de Hadriano tinha concorrido com a festa do seu martyrio com seus sete filhos; e de Cerealis, official do paço, enviado a devassar contra estes.

E comtudo mais que da perseguição soffria a Egreja dos êrros dos gnosticos, dos ataques dos sophistas pagãos e calumnias dos novelleiros. Como agora em certa imprensa, corriam então contra os christãos as mais estramboticas accusações: que nas suas reuniões mais intimas sacrificavam uma creança e lhe comiam a carne e bebiam o sangue; que a um certo signal apagadas as luzes, se entregavam á abominaveis promiscuidades, e outras petas assim.

Contra esta corrente diffamadora insurgiram-se os apologistas Quadrato, bispo de Athenas e Aristides philosopho christão, tambem atheniense. Parece terem aproveitado a estada de Hadriano em Athenas, e a sua estima pela gente helenica para melhor partido tirarem da defeza.

Assim foi que Hadriano procurou adoçar a pragmatica de Trajano com os christãos, escrevendo a Minucio Fondano proconsul d'Asia:

«Se alguem accusar os christãos e provar terem elles «attentado contra as leis, castigae-os segundo a gravidade «do crime; se porém forem calumniados, tende todo o cui«dado em punir com a maior severidade o calumniador» [1].

Hadriano, *Publius Aelius Hadrianus,* depois de adoptado por Trajano e nos monumentos IMP · CAESAR TRAIANVS HADRIANVS AVG nasceu no anno de 76 em Roma. Era filho de Aelio Hadriano, de Italica e de Domicia Paulina gaditana. Seu páe era primo de Trajano e como elle hespanhol.

Ficou orphão de páe aos 10 annos e sob a tutella de Trajano, que em Roma o educou nas letras gregas a ponto de merecer o epitheto de greguinho, *graeculus.*

Em tempo do imperador Domiciano teve de deixar a Hespanha onde desde os 15 annos levava vida solta nos prazeres e na caça para acompanhar seu parente e tutor á campanha da Moesia.

Entrou a final e seguiu o caminho das honras quando

[1] *Si quis igitur accusat et probat adversus leges quidquam agere memoratos homines* (christianos) *pro merito peccatorum etiam supplicia statues. Illud mehercule magnopere curabis, ut siquis calumniae gratia quemquem eorum postulaverit reum, in hunc pro sui supplicicis severioribus vindices.* Cf. Alzog, *Hist. univ. eccl.*, I, 162, n.

Trajano foi levantado ao imperio e teve em casamento a bissobrinha delle Julia Sabina.

Para tanto favor no paço parece não terem concorrido pouco relações demasiado intimas com a propria mulher do imperador, Plotina.

Como quer que seja, foi encontral-o em Antiochia a noticia do fallecimento de Trajano mais a da propria adopção que lhe punha nas mãos o governo do mundo. Sem esperar o voto do senado de que aliás fingidamente pedia venia depois, deu logo a exercer o mando supremo nomeando prefeitos do pretorio e distribuindo *donativo* ás legiões.

E o senado longe de se melindrar, correspondeu com o servilismo de lhe decretar os triumphos devidos ás victorias de Trajano!

Era o novo imperador o que hoje se chama um desequilibrado, e Bossuet define-lhe o governo por «tempos misturados de bem e mal» [1].

«O seu governo, diz um notavel historiador, [2] foi uma miscelanea de moderação e terror, de hypocrisia e vingança. Ora trajando com a simplicidade de um cidadão da republica, ora ostentando a magnificencia de um rei asiatico; agora familiar com os amigos, visita-os, acompanha-os no mesmo trem, assenta-se com elles á mesa para logo deslumbrar com desusada pompa o povo nos espectaculos e vergal-o pela inflexibilidade dos decretos e ares magestaticos.

Em Athenas acceita o titulo de archonte, o de pretor na Etruria, o de dictador ou edil nas cidades do Lacio, de Napoles, de Adria no Picenum donde era oriunda sua familia» .....

Durante suas viagens pelas provincias que percorreu muitas vezes, gostava de deixar monumentos que lhe ganhassem a aura popular e um nome para a Historia. Construiu e reedificou templos em Athenas, a que addicionou uma soberba bibliotheca; restaurou em Roma o Pantheon, os jardins de Cesar, a praça de Augusto, os banhos de

[1] *Disc. sur l'hist. univ.*, I, X.
[2] Laurentie, *L'emp. rom.*, III, 234.

Agrippa; levantou um templo a Trajano, outro a Venus e Roma; lançou uma ponte sobre o Tibre que ainda dura e a *mole adriana* ao fim da ponte, para seu tumulo. Era uma gigantesca edificação circumdada de columnatas sobrepostas, de fórma conica e terminada por uma pinha de bronze destinada a receber as cinzas do finado.

Sempre contradictorio e phantastico recebe entre os deuses domesticos a Jesus o filho da Virgem e manda erigir templos sem idolos ao deus espiritual, chamados *Adrianeos* e ao favorito Antinous seu cumplice de infamias, e acceita para si cultos divinos em Athenas. Passa bruscamente do goso ao fastio, da alegria ao frenesim do desespero, e alfim suicida-se comendo com excesso e gracejando insipidamente com os terriveis mysterios da morte [1]. Deste semilouco de ruins entranhas nos deixou retrato um escriptor antigo [2] nos seguintes termos:

« Era (Hadriano) severo e folgazão, lhano e carregado, « apaixonado e reservado, avaro e liberal, dissimulado, fe- « roz, clemente, desigual em tudo, cumulando de beneficios « os amigos se lh'os não pediam, recusando tudo se lh'os « pedissem. Escutava a mais leve murmuração contra elles « e depois de elevados ás honras precipitava-os como inimi- « gos. Finalmente com ser entendido em todas as artes, não « usava para com os artistas senão escarneo, desprezo e ul- « trages ».

Morreu em Baias a 10 de julho de 138.

Parece terem todos a mesma data os titulos epigraphicos restantes, adscriptos na maior parte á *via nova*, Geira. Não vai representada a *via* por Chaves, que não apparece-

1 Blasonava como Nero de artista: architecto, poeta, musico, dançarino e gladiador. Diz-se ter ditado á hora da morte a seguinte brincadeira de mau gosto:

Animula vagula, blandula,
hospes comes que corporis,
quae nunc abibis in loca,
pallidula, rigida, nudula?
Nec ut soles dabis jocos.

2 Spart., *Hist. Aug.* p. 10 (cit. por Laurentie, *L'emp. rom.* III, 262).

ram ainda os dos n.os 4779, 4780 e 4783 do C. I. H. L., posteriores dois annos aos nossos pois dão o XX tribunado de Hadriano.

Por ordem de antiguidade das construcções viarias, será primeiro o que está no passeio das *Carvalheiras* em Braga:

21 (4752)

IMP CAESARI
TRAIANO HADRIANO
AVG
PONTIF * [1] MAX
TRIB * POTES XVIII — 134/135 de J. Ch.
COS * III P P
A BRACARA AVG
M P XIII

E' pedra granitica assás consistente, inteira se bem que levemente escavacada por uma banda. Alt. $2^{m},45$; cir. $2^{m},09$; letr. $0^{m},1$.

Foi renovado o letreiro e parece que menos mal. Apenas faltam as ultimas letras NO da 2.ª *lin.* e provavelmente o T segundo da sigla POTEST · na 5.ª. Tambem suspeito de que tenha sido accrescentada com alguma cifra a contagem das milhas, por não ser verosimil que de tal distancia fosse conduzida a pedra a Braga.

De qual das *vias* conhecidas procederá este mill. não está demonstrado nem será facil, á mingoa de documento. Com a sua habitual reserva diz o snr. Hübner que é possivel mas não decidido tenha pertencido á de Braga a Lisboa. A ser acertado o juizo do sabio epigraphista, confirmar-me-ia na suspeita de alteração da contagem das milhas, pois teria o monolitho de transitar no regresso pelas milhas VIII e XII em Famalicão, representadas segundo as copias por dois mill. de Hadriano que foram destruidos.

[1] Em quasi todas as epigraphes de Hadriano, no logar dos pontos intercalados apparece um ornato rosaceo vagamente desenhado que darei pelo asterisco *.

No terreiro da casa do *Antepaço*, bairro fronteiro á villa de Ponte do Lima na estrada de Braga por Tuy:

22 (4871)

IMP CAES TRAIANO ·
HADRIANO AVG ·
PONTIF MAX ·
TRIB · POTEST · XVIII · 134 135
COS · III P P A BRACAR : de J. Ch.
AVG · M · P XX

Pedra inteira, de granito molle e fino. Alt. $2^{m},2$; cir. $1^{m}.98$. A epigraphe primitiva gasta pelo tempo como se vê do estado geral da pedra, foi renovada profundamente. Felizmente não soffreu notavel alteração com terem sido omittidos varios dos pontos intercalados ou ornatos, aliás abertos *de novo* mui provavelmente no fim das 4 primeiras *lin.* Tambem não foi renovado o ultimo A da 5.ª *lin.* Na copia do snr. Hübner talvez por lapso de revisão, ficou omisso o 2.º A da palavra TRAIANO.

No sitio da *Hervosa*, Chamoim, Terras de Bouro, estrada da Geira:

23 (4806)

: : : : : : : : : : :
: : : : : : : : : : : : : : :
PF AVG : : : : : : MAX
: : : POTES : XIIX 134/135
COS IIII : : de J. Ch.?
: BRACAR : : : :
: : XXII

Milliario inteiro porém mal cylindrado; granito fino e rijo. Alt. $1^{m},7$; cir. $2^{m},16$; letr. $0^{m},11$. Está inclinado e algo sotterrado.

Tem a epigraphe quasi de todo gasta pelo tempo e pelos lichens. O P F á esquerda da 1.ª *lin.*, sigla estranha a estes letreiros de Hadriano e só usada desde Commodo, leva-me a suspeitar que houvera tentativa de accommodar a outro subjeito os dizeres da pedra no titulo primitivo. Por isso a dou separada por um ponteado vertical.

Este caso de gravar nova inscripção num mill. antigo, abolida mesmo ou martellada mais ou menos a primeira, não é novidade pelos derradeiros tempos da epocha imperial [1]. Aqui se a regra tem applicação dá-se a engraçada circumstancia de mais durar a velha que a nova epigraphe. Desta apenas resistiu ao tempo a triste sigla P F testimunha do furto e prova de que o *roubado* não luz.

Uma anomalia apresenta o letreiro que attribúo a Hadriano, fundado em o numero dos tribunados: é a dos IIII consulados que deverá ir á conta do lapidario como no titulo 27, adiante, visto não ter gosado mais de III este imperador.

O que deu Argote e traz o snr. Hübner é BRACARA AVG | ..... | A BRAC · AVG | M · P · XXII ·

Como se vê o *Bracara* da 1.ª *lin.* foi phantasiado pelo informador de Argote; que a pedra nada fornece para isso.

Com esta peça aliás de pequeno valor foi preciso gastar muitas visitas e não pouca paciencia. Era uma das mais renitentes.

No sitio do *Bico da Geira*, Campo do Gerez, Terras de Bouro:

24 (4821)

IMP * CAESARI
TRAIANO * HADRIANO
AVG
PONTIF * MAX
TRIB * POTEST * XIIX — 134/135 de J. Ch.
COS * III * P · P
A BRACARA
M · P XXXI

[1] Cf. Cagnat, *Cours d'épigr. lat.*, 170.

De granito consistente e inteiro o mill. Alt. $2^{m},35$; cir. $2^{m},5$; letr. $0^{m},1$. Está mal desenhada a gravura, porém intacta e bem conservada.

Na copia de Hübner apenas faltam os traços horisontaes sobre as letras numericas incluindo as das milhas, o que é menos usado. As letras *inclinadas* na 1.ª, 2.ª, 3.ª e 5.ª *lin.* procedendo provavelmente da lição de Sibelo que adoptou este *indice* para as que não lograra vêr, podem dar-se aprumadas como as demais, pois como ellas estão evidentes. Não admira tenha succedido a Sibelo não vêr tudo: passou rapidamente e grande parte das pedras estavam tombadas escondendo assim em maior ou menor extensão o letreiro.

No sitio da *Volta do Côvo,* Campo do Gerez, Terras de Bouro, estrada da Geira:

IMP * CAESAR ⁝

25 TRA ⁝ ANO * HADR ⁝ ⁝ ⁝ ⁝

AVG

(4825) PONTIF * MAX

TRIB * POTEST * XIIX

COS · III P · P · 134/135 de J. Ch.

A BRACARA

M · P · XXXII

Granito duro e grosseiro: pedra inteira. Alt. $2^{m},25$; cir. $2^{m},12$; letr. $0^{m},1$.

A epigraphe bastante gasta pelo tempo, porém intacta e intelligivel. Quasi *inedita,* tão deficiente saíu a copia de Argote, mesmo assim algo melhor que as outras duas, da *Revista Litteraria,* 8, e de Sibelo segundo a transcripção de Hübner [1].

Argote tinha dado apenas ..... | III MAX | .. POTEST | COS · III · P · P | A BRACARA AVG | M · P · XXXII.

A sigla AVG da 7.ª *lin.* não na encontrei na pedra. É possivel a tenha levado o tempo; mais provavel não ter existido.

Nesta estação vêem-se ainda 10 mill. e não 3 (vid. pag. 62). E' das melhor representadas da Geira.

1 *C. I. H. L.,* 642.

No sitio da *Portella do Homem,* fronteira do Gerez, estrada da Geira:

	⋮ ⋮ ⋮ CAESARI	
26	⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ADRIANO	
	PONTI ⋮ MAX	
(4839 ?)	TRIB ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ST · XIIX	134/135
	COS ⋮ ⋮ ⋮ P P	de J. Ch.
	A BRACARA	
	M · P · XXXIIII	

Pedra dura e aspera, inteira e bem conservada. Alt. $2^{m},6$; cir. $2^{m},19$; letr. $0^{m},09$. Escripta bem desenhada e sem retoques, porém gasta do lado esquerdo. Póde julgar-se *inedita.* O snr. Hübner attribue a Hadriano («Hadriani puto») a seguinte transcripta de Argote e da *Revista litteraria:* .... | TRAIANO | .... | .... | A BRAC | M · P · XXXIIII · Tem geitos disso effectivamente; mas seria curioso que achasse na pedra o informador de Argote a palavra TRAIANO, precisamente uma das duas que agora faltam lá integralmente e omittisse quasi tudo o mais que lá está.

No sitio da *Mouroãs,* além da fronteira pela Portella do Homem, estrada da Geira:

27	IMP · CAESARI	
	TRAIANO · HADRIANO	
(4831)	AVG · PONTIF · MAX	
	TRIB · POTEST · XVIII	
	COS · IIII · P · P	134/135 de J. Ch.
	A BRACARA	
	M · P · XXXV	

Pedra rija e bem cylindrada. E' um cippo, fragmento, de apenas $1^{m},2$ de alt.; diam. $0^{m},52$; let. $0^{m},1$.

Epigraphe conservada e intacta. Apresenta porém a citada anomalia dos $\overline{IIII}$ consulados. Foi de novo vistoriada no anno passado. Tambem não usa os *ornatos* intercalados nem traços horisontaes sobre os algarismos. Na propria disposição das palavras com respeito ás *lin.* differe das suas congeneres.

O snr. Hübner manda corrigir a copia que dá de Sibelo. Effectivamente saíu bastante descurado ao nosso visinho da Galliza este trabalho. Confrontemos:

Na copia de Sibelo:	Na pedra:
IMP · CAES	IMP · CAESARI
TRAIANI · HADRIANI	TRAIANO · HADRIANO
AVG · PONTIF · M	AVG · PONTIF · MAX
TRIBVNICIE · POTEST · XVIII	TRIB · POTEST · XVIII
COS · IIII · P · P · PROC	COS · IIII · P · P
VIA BRACARA	A BRACARA
M P XXXV	M · P · XXXV

As differenças maiores são na 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª *lin.*

Na quinta do *Paiço,* á Carriça, estrada de Braga ao Porto:

28 (4736)

IMP * CAESARI
TRAIANO * HADRIANO
AVG
PONTIF * MAX
TRIB * POTEST XVII 134/135 de J. Ch.
COS $\overline{III}$ P P
A BRACARA AVG

E' um cippo de granito, bem conservado e de apenas $1^{m},12$ de alt. cir. $1^{m},94$; let. $0^{m},11$. Levantado sobre um muro de jardim juncto ás casas do dono da quinta.

De boa calligraphia o letreiro e intacto. Com o partir do cylindro foi-se a ultima *lin.*

A copia que o snr. Hübner dá, tomada do nosso fallecido Soromenho apenas differe em substituir por pontos intercalados os taes ornatos floraes de que falei, e em o numero dos tribunados que não achei senão de XVII. E' possivel que se fosse com o tempo o ultimo algarismo, tanto mais que as copias dos outros titulos de Hadriano já destruidos n'esta *via,* de Famalicão um, outro de S. Mamede d'Infesta contavam XVIII. Como quer que seja, vai como li.

Para remate, darei nota de um *bronze* de Hadriano, que possuo:

No *anverso* destaca perfeitamente cunhado o busto do imperador com a corôa de louros. Circumda-o em bellos caracteres a singela legenda:

HADRIANVS AVGVSTVS P P. No *reverso* uma figura gigantesca de mulher, ladeada por duas pigmeas sustenta na esquerda uma cornucopia e apoia a direita num ramo flexivel talvez de oliveira. *Paz e abundancia?* A' roda a letra HILARITAS · P · R · , *alegria do povo romano.* A figura symbolica entre as letras S C, *por decreto do senado;* aos pés COS III, *consul tres vezes.*

VIII

CARACALLA

(198-[1]-217)

A novo hiato aberto na Historia e este de 60 annos (138-198) nos obriga a deficiencia destas reliquias epigraphicas. Deixa em branco boa parte do governo dos Antoninos que attinge seu maior lustre em Antonino Pio (138-161) e Marco Aurelio (161-189) para caír de chofre com o filho d'este, Commodo (176-192).

Num só anno (193) passaram dois imperadores bem differentes de caracter: Pertinax que levava ou melhor intentava levar o governo a ferro-frio e Didio Juliano que o comprara a pêso de oiro aos pretorianos.

Com Septimio Severo, (193-211) soldado valente e brutal, ergueram-se para caírem de prompto dois cesares, Clodio Albino na Bretanha, Pescennio Niger no Oriente.

Para dar d'este periodo umas ligeiras noções, melhor será respigar na obra dum escriptor de são criterio e phrase colorida, dos mais conceituados em França n'este seculo: [2]

« Não apresentava então um aspecto uniforme o mundo romano; que os povos subjugados continuavam aferrados

[1] Contam-se desde este anno os tribunados de Caracalla por ter sido então acclamado *Augusto* pelas legiões depois da tomada de Ctesiphonte, cidade dos parthos, a que elle assistiu na edade de 17 annos com seu páe.

[2] De Chateaubriand, *Ést. hist.* I, 53 e seg.

aos seus proprios usos e costumes, lingua, deuses e leis locaes. Da dominação romana apenas transpareciam exteriormente as vias militares, os campos afortalezados, os aqueductos, pontes, amphitheatros, arcos de triumpho, inscripções latinas nos monumentos publicos destas gentes incorporadas no imperio; no interior a administração civil, fiscal e militar com os prefeitos e proconsules, municipios e senados e leis organicas das differentes magistraturas é que denunciavam a mão do dominador commum. Ao mundo vencido impunham os romanos sómente as suas leis, soldados e jogos publicos.

« Por uma especie de rivalidade sectaria [1] não sympathisava M. Aurelio com os christãos. « Convem, dizia elle, sem-« pre estar apparelhado para a morte por motivo de reflexão ou « juizo proprio, não por obstinação como os christãos. » Em Smyrna Polycarpo bispo, Justino philosopho e apologista em Roma, varios em Vienna e Lyão á frente dos quaes Pothino predecessor de Ireneu soffreram o martyrio. »

« E comtudo não consentia a moderação de M. Aurelio se deixasse elle dominar do espirito de rancor das escholas philosophicas. Porisso no segundo anno do seu governo, aos fieis da Asia Menor reunidos em Epheso envia uma carta de tolerancia, cuja pragmatica excedia em brandura a do proprio Hadriano: « Seja absolvido o christão accusado mesmo convencido de christão, e punido o seu accusador. » [2]

« Mudaram então de tactica os apologistas como Athenagoras: de accusados volveram-se accusadores. Para defender o culto do verdadeiro Deus atacaram o dos idolos. Tambem não eram só os magistrados quem perseguia os christãos; era mesmo a populaça como em Vienna, Lyão e Autun quem multiplicara nas Gallias os martyres. Por onde se vê terem crescido em numero os christãos, pois ameaçando a velha ordem social feriam interesses antigos e prejuizos inveterados.

Sabe-se como estava composta em grande parte de christãos a legião *fulminante*, cuja victoria sobre os Sarmatas, Quados e Marcomanos em 174 foi representada nos baixos

[1] M Aurelio era philosopho stoico.

[2] E' impugnada a authenticidade d'este documento. Cf. Alzog. *Hist. univ. eccl.* I, 162, n. (*N. do A.*)

relevos da columna Antonina e parece ter levado M. Aurelio a attribuil-a ás preces dos soldados de Christo, segundo Eusebio. »

« Dous effeitos notaveis determinava no coração humano o poder absoluto:

O primeiro é nem de leve passar pela mente aos bons principes a duvida ácerca da legalidade de tal poder, ou pensar em restituir ao povo seus direitos usurpados;

O segundo é que o proprio poder abalou a razão aos máus principes.

Foram verdadeiros loucos Nero, Caligula, Domiciano e Commodo; e assim quiz o céu cobrir com o veu da loucura seus crimes afim de não espantarem demasiado a terra.

Encontrando Commodo um dia a certo homem de grande corpulencia, partiu-o pelo meio afim de ostentar forças e gosar do espectaculo das entranhas retalhadas da victima. Dizia-se Hercules e pretendeu que Roma trocasse pelo seu o proprio nome; desta extravagancia ficou memoria numas medalhas. Pereceu Commodo victima da indiscripção de uma creança e do veneno propinado por uma concubina; e a mão de um athleta acabou por estrangulação a obra da peçonha.

A Commodo succede Pertinax, digno do poder porque lhe nascera a ambição da consciencia dos proprios talentos, não da inveja dos alheios. Acto de vigor foi obrigar os barbaros a reporem os tributos cobrados dos romanos; era porem irreparavel o damno causado pelos antecessores de Pertinax quando sacrificaram aos proprios vicios e inepcia a independencia e dignidade do povo romano. Quem poderia restaurar a honra de um imperio prestes a ser adjudicado em hasta publica?

Era Pertinax um soldado de rija tempera; foi assassinado pelos pretorianos. Posto o imperio em leilão, appareceram logo dois adeleiros da tyrannia para entre si disputarem os farrapos de Tiberio. Como Didio Juliano supplantasse o competidor com a offerta a maior de mil e duzentas drachmas, recebeu dos pretorianos o *ramo* de cento e vinte milhões de homens, e não podendo solver a conta foi ameaçado de execução por dividas. Dantes o senado punha em hasta-publica um pedaço de terra, era o campo onde assentara Annibal seus arraiaes. »

« Este povo degenerado que não perdia occasião de se dar um senhor chamou ao imperio Pescennio Niger, commandante no Oriente; mas Septimio Severo fôra acclamado pelas legiões da Illyria e Clodio Albino pelas da Bretanha. Rompe então a guerra civil e Severo triumpha de Niger na Asia, de Albino em Lyão. Ao triumpho succedeu em Roma o morticinio de muitos senadores, accusados de parciaes d'este ultimo.»

« Tinha Severo esposado Julia Domna, natural de Emessa na Syria, mulher dotada de belleza, graça, instrucção e coragem. Della houve dois filhos, Caracalla e Geta, inimigos desde a meninice. Na campanha contra os Caledonios (escocezes) tentou Caracalla assassinar seu páe por impaciencia de reinar. Recolhido á tenda colloca Severo uma espada á mão, deita-se e manda chamar o filho. « Se « me queres matar, diz-lhe o páe, aqui tens esta espada, fere « ou manda a Papiniano aqui presente que me degolle; « obedecer-te-á porque eu te faço imperador. »

Morreu de doença dahi a pouco em York *(Eboracum)* dizendo: « Tudo fui e nada me vale! » [1]

« Diz-nos S. Ireneu que por esse tempo estava espalhado por todo o mundo o Evangelho. Cita as egrejas da Germania, das Gallias, da Hespanha, do Oriente, do Egypto, da Lybia esclarecidas pela mesma Fé como pelo mesmo sol.»

« Com Caracalla reappareceram no throno a depravação e a crueza. »

« Assim expia Roma sob o cutello de seus tyrannos e nas guerras civis, diz um escriptor antigo, as recentes perseguições á religião christã » [2].

Caracalla, [3] *Septimius Bassianus*, nos monumentos IMP · CAESAR M · AVRELIVS ANTONINVS [4] algumas vezes SE-

[1] *Cuncta fui; conducit nihil!* Sex. Aur. Victor, *De Caes.*, 238.

[2] *Luit Roma caedibus principum, excitatisque civilibus bellis, recentes christianae religionis injurias.* Paul. Orosius, *Histor*, VII, 8.

[3] Caracalla é *nome de guerra*. Porque tentou introduzir em Roma a moda da tunica talar dos gaulezes chamada *caracalla* que elle mesmo usava e que por isso em Roma pretendia chamassem *Antonina*, á tal farpella, aconteceu-lhe o contrario... Cf. Sex. A. Vict. *De Caes.*, 240.

[4] Sep. Severo por gratidão pela memoria de M. Aurelio que lhe abrira o caminho das honras dando-lhe a superintendencia do fisco, *(patrocinio fisci)* não só promoveu a apotheose de Commodo filho de M. Aurelio como substituiu o nome de seu filho mais velho Sep. Bassiano pelo de *M. Aurelio Antonino*. Cf. Sex. A. Victor. *De Caes*, 238.

VERVS ANTONINVS AVG [1] filho de Septimio Severo nasceu em Lyão em 188 de Ch.

Aos 11 annos incompletos (198) era já *Augusto* com seu páe; aos 14 consul pela primeira vez (202); consul pela segunda vez com seu irmão Geta aos 17 e pela terceira aos 20 com o mesmo. Em que mãos veiu parar a magestade do consulado romano! Verdade seja que de longe vinha o exemplo destes consules infantis. O proprio Augusto *consentira* fossem creados consules seus dois netos ainda meninos, Caio e Lucio, e nomeados *principes da juventude.*

Caracalla revelara cedo seus instinctos sanguinarios assassinando na presença do páe o prefeito do pretorio Planciano, seu sogro de mais a mais e valido do imperador A' morte do páe feito imperador com o irmão Geta, volta da Caledonia a Roma ardendo em odio contra este até o apunhalar, passado pouco mais de um anno, nos braços da mãe. [2]

Para colorir tão nefando crime pretende algumas palavras justificativas do celebre jurisconsulto Papiniano que lhe responde ser mais facil perpetrar um fratricidio que justifical-o. Volta-se então para a força já que o não salvava o direito, e pratica baixezas no campo dos pretorianos espalhando dinheiro a ondas e rojando-se aos pés dos soldados. Ao povo deslumbra-o com espectaculos em que elle toma parte vestido de cocheiro e luctando contra as féras, aos grandes abate-os com o terror e a morte. Foi uma carnificina espantosa.

Depois as prodigalidades, que exauriam num dia thesouros accumulados de longa data, trouxeram espoliações atrozes e saques nas provincias como em Roma. Foram inventados novos impostos e parece que á sêde do ouro havido por este processo obedeceu a unica medida deste louco ruim digna de passar á Historia: o direito de cidadão romano concedido a todos os subditos do imperio.

Para aturdir a consciencia espavorida por tantos crimes recorre á superstição e á magía, e pretende fazer esquecel-os aos romanos emprehendendo obras publicas mo-

[1] Cf. Cagnat, *Cours d'epigr. lat.* 190.

[2] Sexto Aurelio Victor dizendo o caso torpissimo de seducção por esta mulher a Caracalla, chama-lhe MADRASTA, *novercam. De Caes.* 240.

numentaes: Rasgou pela cidade uma ampla avenida chamada *via-nova* e alevantou a massa colossal das *thermas de Caracalla,* cujas ruinas isoladas num campo juncto a Roma inda hoje assombram a imaginação.

Sob pretexto de beneficiar as provincias percorre as Gallias, o Rheno e a Rhecia em som de guerra contra os barbaros, entre os quaes apparecem pela primeira vez os *allamani,* e adopta o expediente de *comprar* a victoria quando não pode leval-a pelas armas. Isso lhe basta para enfeitar-se com o epitheto de Allamanico e Germanico.

Depois segue para o baixo Danubio onde vai topar com os Godos, até hi chamados Getas pelos romanos; passa á Asia Menor e nas ruinas de Troia para imitar o que de Achilles se conta na morte de Petroclo representa a comedia de queimar alguns raros cabellos da cabeça escalvada sobre as cinzas de seu liberto Festo a quem tinha envenenado. Porque esta figurinha grotesca de Caracalla presumia ter grandes parecenças com Achilles, o mais bello dos gregos. Votava tambem grande devoção a Alexandre Magno, cujo tumulo visitou em Alexandria e enriqueceu com os ex-votos do seu broquel cravejado de pedrarias, espada e manto de purpura.

Partindo da Troada pela Asia Menor para a Syria, a fim de colher alguns louros da victoria pretende vir ás mãos com os parthos e não o consegue.

Com a Armenia usa traições, e as legiões commandadas pelo comico Theocrito creatura sua soffrem um revez.

Dahi passa ao Egypto, e para se vingar de dictos e epigrammas dos alexandrinos e dar desafôgo á paixão da carnificina, pouco tempo depois de recebido em meio das maiores festas manda de repente ás suas tropas levar tudo a ferro e fogo durante muitos dias, e gosa do alto de uma torre tão selecto espectaculo! Rematou esta proesa collocando devotamente sobre o altar de Serapio a espada com que matara seu irmão Geta.

Empenhado novamente numa lucta contra os parthos, quando a 8 de abril de 217 marchava de Edessa para Carrhes foi assassinado pelo centurião Marcialis em virtude de uma conspiração urdida por Macrino. Caracalla tinha vinte e nove annos de edade, e seis de imperio.

Entre varios epithetos que usurpou como o de *Britannico, Arabico, Adiabenico* e *Parthico,* alguns ha que parece terem sido para escarneo da humanidade. Taes são os de *Pio, Feliz, Invicto* e *Páe da Patria.*

Quanto á filiação ostentada nas epigraphes, a verdade é que não passa de uma ridicula mentira. Todo o mundo sabia que pelo simples facto de o páe o *chrismar* com o nome de Marco Aurelio Antonino não podia elle intitular-se *neto* d'este, *bisneto* de Antonino Pio, *terceiro neto* de Hadriano e *quarto neto* de Trajano e Nerva procedendo todos estes por adopção, não por chrisma. Não podia, mas intitulou-se para que não faltasse a nota comica a este fundo negro de malvadez.

Na distribuição das epigraphes seguiremos a ordem adoptada para as de Hadriano.

No passeio das *Carvalhêiras,* Braga:

29 IMP · CAES · DIVI · SEVERI · PII · FIL ·
DIVI · MARCI · ANTONINI · NEP ·
DIVI · ANTONINI · PII · PRONEP
(4753) DIVI · HADRIANI · ABNEP
DIVI · TRAIANI · PART · ET DIVI
NERVAE · ADNEPOT ·
M · AVRELIO · ANTONINO · PIO · FEL · AVG
PART · MAX · BRIT · MAX ·
GERMANICO · MAX
PONTIFICI · MAX 214 de J. Ch.
TRIB · POT · XVII · IMP · III
COS · IIII · P · P · PROCOS
⋮ ⋮⋮⋮⋮ ⋮⋮ ⋮ ⋮ ⋮⋮⋮

Pedra monolithica de granito ordinario. Alt. $2^{m},34$; cir. $2^{m},13$.

Foi renovado em parte o letreiro, como se conhece além do mais pelos pontos no final das *lin.* 1.ª, 2.ª, 6.ª e 8.ª

Já o tinha notado o snr. Hübner: *Litterae sunt ex parte renovatae.*

Accrescenta que «não dará dos pontos finaes senão «aquelles que foram propostos pelo auctor de Accursio, «por lhe parecerem noviços os demais.»

Segundo as indicações deste sabio epigraphista anda este titulo transcripto em todos ou quasi todos dos nossos colleccionadores nacionaes, desde Barros até Soromenho.

No mesmo local das *Carvalheiras,* Braga.

30 IMP · CAES · DIVI · SEVERI · PI · FIL *sic.*
⋮IVI · MARCI · ANTONI⋮ ⋮ ⋮⋮⋮
(4754) DIVI · ANTONINI · PII · PR⋮⋮⋮⋮
⋮IVI · HADRIANI · ABNE⋮⋮⋮
⋮⋮VI · TRAIANI · PART · ET

Esta pedra é um de tres cippos sobrepostos. Alt. dos tres $2^{m},4$; circ. $1^{m},97$; letr. $0^{m},09$.

Como se vê, é um fragmento de mill. a que falta a parte inferior que devia conter o resto da inscripção.

Não apresentam as letras indicios de renovadas como adverte o snr. Hübner; a 1.ª *lin.* porém traz a anomalia de um PI · por PII · Nos titulos de Maximino e Maximo como adiante veremos dá-se um caso analogo com o IVLI · por IVLII · e ordinario. Parece porém que melhor se justifica esta fórma, já que o nome primitivo fôra IVLVS, como usa Virgilio.

Tambem este letreiro transitou pelos nossos epigraphistas desde A. de Figueiredo até Levy, segundo a indicação do snr. Hübner.

No terreiro da casa do *Antepaço,* Ponte de Lima, estrada de Braga por Tuy:

IMP · CAES · DIVI · SEVERI · PII · FIL
31 DIVI · MARCI · ANTONINI · NEP
DIVI · ANTONINI · PII · PRONCP *sic.*
(4872) DIVI · HADRIANI ABNEP
5 DIVI TRAIANI · PART · EF *sic.*
DN NERVAE ADNEP *sic.*
M · AVRELIO ANTONINO PIG PEL AVO *sic.*
PART · MAX
BRIT · MAX
10 GERMANICO MAX
PONTIFICI · MAX
TRIBVNI · POT · XVII · *sic.* 214 de J. C.
IMP · $\overline{III}$ · COS · $\overline{IIII}$ P · PROCOS
A ERACARA · AVG · M · P · XX

Monolitho granitico rijo, inteiro e bem conservado Alt. $2^{m},37$; cir. $2^{m},2$.

Recebeu muito maus tractos do cinzel renovador a pobre epigraphe. Ha porém n'esta estação milliaria cousa peior que ha-de figurar num logar á parte, como exemplo de quanto é capaz o zelo indiscreto dos terriveis amadores.

Vejamos esta agora: na 3.ª *lin.* deu o renovador um C por E na ultima syllaba NEP. Na 5.ª saíu F em vez de E no ET final. Na 6.ª na inicial DIVI uniu o primeiro I ao V e ficou N sem o ultimo I. Na 7.ª foram estropiadas as tres ultimas palavras: PIO recebeu um G por O; FEL, um P por F; AVG, um O por G. A 12.ª *lin.* apenas foi ornada com um ponto final.

Na prmeira copia que parece proceder de A de Figueiredo em primeira mão [1] escaparam algumas faltas que a pe-

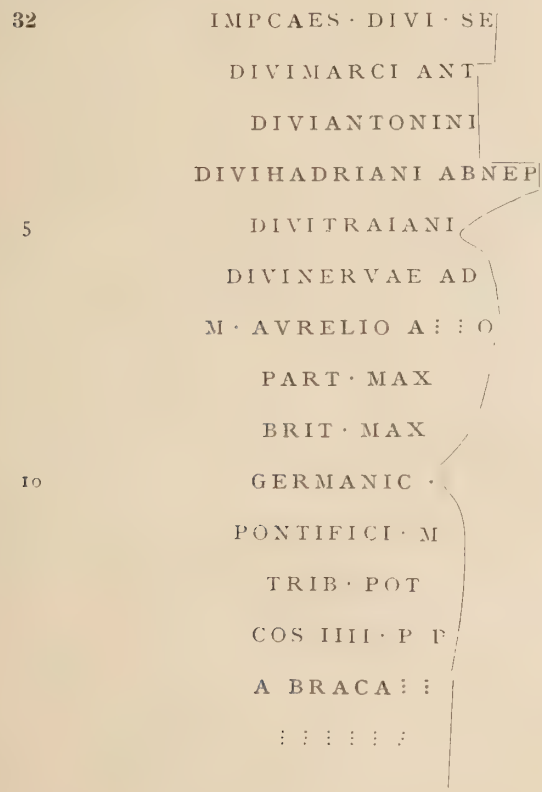
1 Cf. *C. I. H. L.* 647.

dra não auctorisa agora e provavelmente nem então, se a renovação foi posterior á copia.

Assim na 1.ª *lin.* falta na copia o S de CAES · e dos dois II de PII fizeram um N. Na 2.ª falta o N de NEP. A 7.ª foi partida em duas e pelo E de FEL deram um I. Na 13.ª segundo a minha contagem apparece IMP · IIII · o que provocou com razão o reparo do snr. Hübner com a nota *sic.* A verdade é que na pedra só ha $\overline{\text{III}}$ saudações imperiaes.

O snr. Hübner não se demorou a corrigir, remettendo para o n.º 4689.

No adro da egreja de *Rubiães,* Coura, estrada de Braga por Tuy:



de J. Ch. 214?

Pedra de granito branco, inteira em comprimento, porém cavada longitudinalmente para servir de sarcophago. Alt. $2^{m},14$; diam. $0^{m},63$; letr. $0^{m},09$.

Os caracteres graphicos bem desenhados, fundamente cortados, intactos da mão do renovador. Tem a escriptura geralmente tão fresca como se agora saísse das mãos do lapidario; por onde m'inclino a crêr jazera enterrada esta pedra por muito tempo, talvez desde que foi lavrada, isenta portanto da acção dos agentes atomospherico. Como se vê, boa parte das linhas soffreram á direita geral amputação com o rasgo da pedra para ser adaptada a *carneiro.*

E' *inedita.* Tendo sido descoberta ha pouco numas escavações no adro da egreja, foi passados mezes visitada e copiada, ahi por fins de julho do anno passado.

As primeiras palavras das 6 primeiras *lin.* não guardam intervallo com as immediatas nem apresentam pontos intercalados.

No sitio do ribeiro de *Cabaninhas,* freguezia de Chorense, Terras de Bouro, estrada da Geira:

IMP · CAES · DIVI · SEVERI · PII · FIL
33 DIVI · MARCI · ANTONINI · NEP
DIVI · ANTONINI · PII · PRONEP
(4801) DIVI · HADRIANI · ABNEP
5 DIVI · TRAIANI · PART · ET DIVI
NERVAE · ADNEPOT
M · AVRELIO · ANTONINO · PIO · FEL · AVG
PART · MAX · BRIT · MAX
GERMANICO · MAX
10 PONTIFICI · MAX
TRIB · POT · XVII · IMP · III 214 de J. C.
COS · IIII · P · P · PROCOS
A BRACARA ⁝⁝⁝ M · P
XV⁝⁝

Pedra bem cylindrada, de granito consistente. Foi-lhe decepada a parte inferior; mantem-se de pé. Alt. $1^{m}.8$; diam. $0^{m},63$; letr. $0^{m},09$,

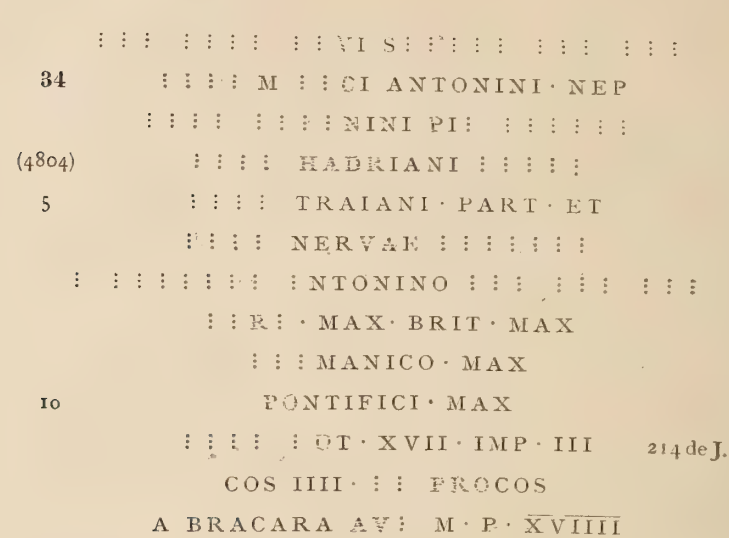
O letreiro geralmente bem conservado, bom desenho e sem retoques ainda bem. Este titulo parece ter transitado por grande numero de collecções epigraphicas nacionaes e estrangeiras, e com numerosas variantes de Ramberto, Argote e Sibelo apontadas pelo snr. Hübner podendo ser rectificadas agora pela presente copia recolhida com vagar.

Nas copias não andam as *lin.* 13.ª e 14.ª talvez por estarem como ainda hoje encobertas com a terra ao fundo do mill. Apenas Sibelo deu M · P · XVII que pelo dispositivo das palavras e nitidez dos dois ultimos algarismos auctorisa a suspeita do snr. Hübner de terem sido inspiradas por uma passagem de Argote, que nota dever ser aqui a milha 17.ª segundo a medição viaria. Com effeito assim é, e um mill. de Decio descoberto ha poucos annos n'esta estação com outro de Caro marca XVII milhas. Por onde é licito suspeitar que Sibelo procedesse um pouco *a priori*.

A hypothese do snr. Hübner [1] de um III FEL · *tertium elix*, da 7.ª *lin.* não me parece bastante fundada, porque nem neste titulo nem no de n.º 4837 achei logar para isso. Além de que o de n.º 4848, da milha XXXV da outra banda da Portella do Homem está quasi de todo obliterado. Evidentemente Sibelo equivocou-se.

[1] Cf. *C. J. H. L.* 640.

No sitio dos *Lagêdos,* Chorense, Terras de Bouro, estrada da Geira:



E' pedra de granito grosseiro e rijo, toda recamada de asperos lichens e o letreiro muito gasto, o que torna grandemente penosa a leitura. Parece ter sido mutilada a parte inferior. Está levantada á borda da estrada. Alt. $1^{m},9$; cir. $1^{m},93$; letr. $0^{m},09$.

Não soffreu retoques de curioso a inscripção e foi restituida em parte a lição agora.

A que deu o snr. Hübner das copias de Argote e Sibelo é : : : NI : : | : : NINI : : | : : ANI : : | : : N : : | : : PART : : | : IO · ANTONINO : : | : : AR · MAX · BRIT · MAX | : : : : | : : : : | : : *im*P · III | COS · III : : PROCOS | A BRACARA · M · P · XVIII.

Argote denuncia na milha seguinte alguns mill. um dos quaes subtrahido pelos moradores. Um appareceu e não subtrahido, porém illiterato. Pareceu-me ensaio apenas, regeitado por qualquer motivo como outro em Santa Cruz, entre a milha XIII e a XIV.

No sitio da *Portella do Homem*, fronteira do Gerez, estrada da Geira:

[ ] [ ] [ ] CAES · DIVI · SEVERI · PII · FIL
35 [ ] [ ] [ ] [ ] MARCI · ANTONINI · NEP
[ ] [ ] [ ] I · ANTONINI · PII · PRONEP
(4837) [ ] IVI · H [ ] [ ] IANI · ABNEP
5 [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] AIANI · PART · ET DIVI
NERVAE · ADNEPOT [ ]
M · [ ] [ ] RELIO · ANTONINO PIO · FEL · AVG
[ ] [ ] RI · MAX · BRIT · MAX
GERMANICO · MAX
10 PONTIFICI · MAX
[ ] [ ] IB · POT · $\overline{\text{XVII}}$ · IMP · $\overline{\text{III}}$ 214 de J. Ch.
[ ] [ ] [ ] [ ] II · P · P · PROCOS
[ ] [ ] [ ] [ ] CARA · AVG · M · P · $\overline{\text{XXXIIII}}$

De granito rijo e grosseiro, inteira e de pé agora. Alt. $2^{m},5$; cir. $1^{m},85$; let. $0^{m},09$.

Na copia do snr. Hübner extrahida de Argote e Sibelo falta a *lin.* 9.ª GERMANICO · MAX.

Actualmente não existem na pedra, gastas pelo tempo, as palavras iniciaes no todo ou em parte das *lin.* 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, 7.ª, 8.ª, 11.ª, 12.ª e 13.ª

Não admira que não visse Sibelo parte do letreiro voltado para a terra, pois estava tombado o mill.; o que se não explica é que désse na integra o inicio das *lin.* gastas, lado esquerdo da epigraphe que devia ficar mais ou menos a descoberto.

Tambem faltam nas copias os traços horisontaes sobre as expressões numericas.

Os traços epigraphicos bem gravados e sem retoques. Assim mesmo, parece-me um dos melhores exemplares dos titulos de Caracalla.

No sitio das *Mouroãs*, vertente gallega do Gerez, estrada da Geira:

36 (4848?)

⋮ M⋮ ⋮ ⋮ ES · DIVI · SE
VERI · PII · F⋮ ⋮ DIVI
⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ NEP
⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ PII · PRONEP
⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮DRIAN⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
. . . . . .
. . . . . .
⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮INO ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ MAX
⋮ ⋮ ⋮ MANICO · MAX
. . . . . .
TRIB · ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ IMP III · CO⋮ ⋮ ⋮ ⋮
P · P ⋮ ⋮ ⋮ COS 214 de J. Ch.?
⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ M · P · XXXV

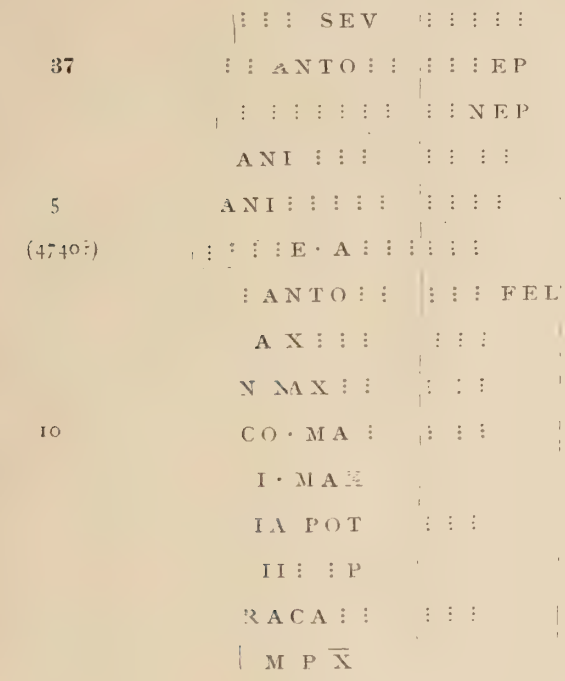
Granito duro e branco: pedra inteira, tombada. Alt. $1^{m},95$; diam. $0^{m},53$; let. $0^{m},08$.

Está quasi inteiramente obliterada a escripta e só á custa de ler aqui e ali, rara syllaba de geito se apura.

Quasi nada com esta se parece a copia de Sibelo que anda no C. I. H. L. com o n.º 4848. Como porém por aqui nenhuma pedra exista com letreiro que a este se assemelhe nem de longe, sob essa rubrica o dou.

Com esta pedra diz a copia de n.º 4842 do dicto Sibelo quanto á notação das milhas e sería uma bella inscripção por certo, mas não existe o original d'ella no demais. Donde se collige que Sibelo de *dois* titulos fez *tres*, mais o o de n.º 4843 na milha XXVI que tambem não existe, e somma *quatro*.

No terreiro da residencia parochial de *Sant'Iago de Antas,* Famalicão, *via* de Braga pelo Porto:

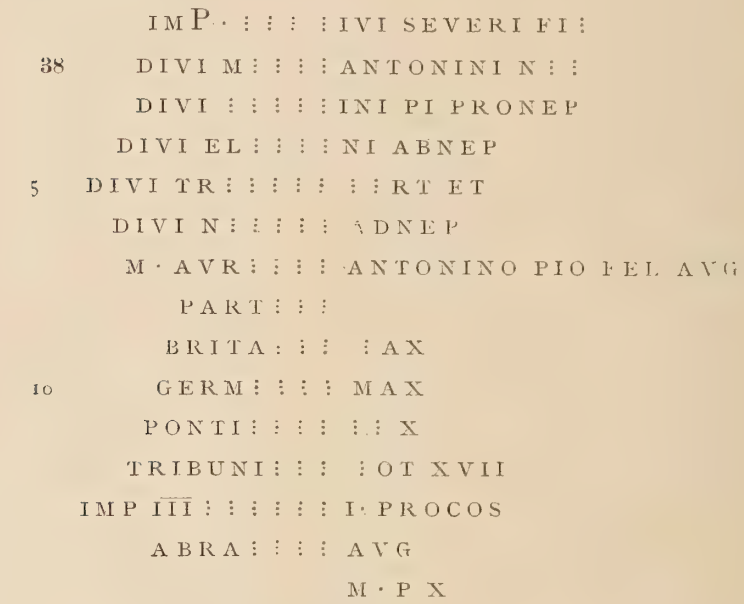


São dois fragmentos de mill. partidos longitudinalmente e servindo de espeques a um telheiro no terreiro da residencia de Sant'Iago de Antas em frente do portão que do adro dá para o terreiro.

Foram estas reliquias descobertas pelo snr. dr. M. Sarmento, que do caso deu conta na *Nova Alvorada*, revista de Famalicão, em 3 de dezembro de 1891 e m'as denunciou.

Como bem observa o sabio vimaranense, do mill. 4740 que dera Argote no sitio da Portella de Baixo, inteiro n'esse tempo, procedem talvez os fragmentos actuaes. Além de outros indicios, lá está na *lin.* 12.ª parte da ultima syllaba TIA da palavra TRIBVNITIA, forma raro usada por extenso, accusada aliás na copia do Argote.

Na quinta de *Santa Catharina*, Cabeçudos, Famalicão, *via* de Braga pelo Porto:



E' um monolitho de granito rijo, servindo de pilar á varanda das casas da quinta, dentro do portão. Alt. $2^{m},5$; cir. $2^{m},42$.

Soffreu usura que de todo lhe deliu os caracteres á inscripção por uma secção media de alto a baixo. As demais letras ficaram incolumes e perfeitamente legiveis.

Da lição do snr. dr. Sarmento publicada na citada revista de Famalicão só levemente differe a minha: na 4.ª *lin.* accrescento o P final da sigla ABNEP.; na 6.ª dou o grupo RT. da sigla PART. e o traço horisontal sobre o numero das saudações imperiaes $\overline{III}$ na 13.ª

Na 4.ª *lin.* é que me parece offerecer certa anomalia ou pelo menos novidade o grupo EL que o snr. Sarmento na traducção dá por EL*io* Hadriano. Anomalia na forma EL por AEL e em que se bem AELIVS era o nome de Hadria-

no, foi depois substituido pelo de TRAIANVS seu páe adoptivo; a novidade é por não conhecer outro exemplo. Como explicar o caso é que eu não sei. As hypotheses conjecturaes podem alentar opinião, não dão porém certeza. A de que andou ahi o cinzel do curioso não péga por falta de outros indicios; a de que o lapidario se enganou é banal, especie de *deus ex machina;* a de que por um accidente qualquer esmurrando-se a pedra resultou do H incial de Hadriano aquelle EL não valerá mais. Portanto ficamos com a solução do snr. dr. Sarmento, abonada de sobra pelo seu criterio superior nestas materias.

Tambem a contagem das milhas (X) é pelo menos deficiente. Parece provavel que fossem gastas pelo attrito as letras algarismicas que integravam o numero. Como no titulo de *Rubiães,* 32, a palavra DIVI do principio das *lin.* de 2 a 6 não está separada das seguintes por pontos nem ainda por espaços de entre palavras.

IX

MACRINO

(217-218)

Entre os quatro imperadores da familia syria, Septimio Severo e Caracalla antes, depois Elagabalo e Alexandre Severo, abre breve parenthesis de quatorze mezes o governo attribulado de Macrino. Pouco lhe deve a Historia. Sex. Aur. Victor dedica-lhe meia duzia de linhas no livro *De Caesaribus*, e quatro no *Epitome*:

«Macrino com seu filho Diadumeno pelo exercito feitos imperadores governaram quatorze mezes, e foram pelo mesmo exercito assassinados por tentar Macrino refrear o luxo e reduzir o soldo á tropa». [1]

Nada mais simples desde que o imperio se converteu em feitura exclusiva da soldadesca e fonte de receita prodigamente renovada no advento de imperador novo. De longe vinha o mal apenas attenuado pelo processo adoptivo dos Antoninos, e tam inveterado que nem Caracalla apesar de sua successão heriditaria e associação ao imperio na vida do páe logrou pôr-lhe côbro, senão que mais o aggravou.

Por isso elle era, como Nero, idolo dos soldados: não porque os conduzisse á victoria, mas porque derramava a

1 *Macrinus cum Diadumeno filio, ab exercitu imperatores creati, imperaverunt menses quatordecim; et ab eodem exercitu abtruncantur pro eo, quia Macrinus militarem luxuriam stipendiaque profusiora comprimeret.* Sex. A. Vict. *Epitome*, XXII.

ondas o dinheiro do fisco, refeito a poder de fabulosas extorsões.

Pouco valia na verdade a moral do soldado por esse tempo; a das outras classes porém não valia mais, gangrenada pelo escandalo dos grandes que penetrava todas as camadas sociaes, e sem correctivo antes sagrado pela doutrina e exemplos da religião pagã.

Pouco invejavel portanto devia de ser a situação do novo imperador: situação falsa de que não poderia saír airosamente, mal servido de talentos e firmeza. A pouco lhe podia chegar o servilismo para captar as sympathias da soldadesca, e a hypocrisia com que glorificava a memoria de Caracalla, aliás sua victima e sempre querido do soldado.

Não devia tardar muito o desfecho e teria de ser tragico.

Macrino, *M. Opellivs Macrinvs*, nos monumentos IMP · CAES · M · OPELLIVS SEVERVS MACRINVS AVG · natural de Cesarea na Mauritania, africano como Septimio Severo e procedente de baixa extirpe, fôra poeta, rhetorico e advogado até chegar depois de mil aventuras á dignidade de prefeito do pretorio. Era mal visto de Caracalla, e talvez só por evitar a morte eminente de que houve noticia por despachos interceptados, de magicos e advinhos para o imperador, teceu a trama contra a vida delle de concerto com dois tribunos militares, um commandante legionario e um centurião.

Em Roma foi celebrada pelo senado e o povo a morte do tyranno e como de costume sobre a memoria delle despejaram toda a sorte de ignominias; no Oriente porém a soldadesca pranteou-o e entrou em furor contra os assassinos. Macrino pranteou-o tambem, abraçou o cadaver, decretou-lhe honras e enviou a Julia as cinzas do morto.

Com fingida modestia e desinteresse deixa-se Macrino acclamar imperador pelo exercito e para melhor encobrir o seu crime toma o cognome de *Severo*, para o filho o de *Antonino*, e decreta a apotheose de Caracalla com templos e sacerdotes proprios, *flamines*.

Outros manejos de baixa lisonja valeram-lhe da parte do senado os titulos de *augusto, pio, feliz;* e seu filho Diadumeniano teve os de *cesar* e *principe da mocidade* quando apenas contava nove annos.

Como todos os principes fracos tentou Macrino algumas reformas, que cedo falliram na debilidade da execução ou em atrocidades irritantes.

Duas vezes batido pelos parthos, recorreu ao expediente já conhecido de comprar a paz a pêso de ouro despachando logo ao senado haver terminado a guerra, que lhe pagou a noticia com o titulo de *parthico*.

Entretanto relaxava-se a olhos vistos a disciplina militar no Oriente, minada por tantos elementos dissolventes e Macrino via-se desarmado para combater o mal. Contra elle crescia o desprêso como chefe militar e o odio pelo assassinato do imperador, cujo segredo transpirara alfim.

Uma legião acampada perto de Emessa na Syria revolta-se acclamando Elagabalo, e um corpo de tropas mandado para abafar a rebellião passa-se ao inimigo. Então Macrino corre ao campo dos pretorianos em Apamea e espalha o ouro a mãos cheias para que lhe acclamem *Augusto* o filho. Derrotado numa batalha junto de Antiochia, foge disfarçado atravez da Asia Menor. Preso em Chalcedonia ia reconduzido a caminho dos inimigos victoriosos, quando depois de uma tentativa de fuga foi decapitado. Já antes tinha perecido seu filho, victima innocente da má-ventura do páe.

De Macrino só uma epigraphe temos e já conhecida.

No logar de *Villarandêlo*, estrada de Valle Passos a Chaves:

IMP · CAES · M · OPELLIO · SEVE ⁝ ⁝
39 MAC ⁝ INO · PIO · FEL · INVICTO
(4789) ET · MAGNO · AVG · ET · M · OPELLIO
ANTONINO · DEADVMENIANO 217 de J. C.
NOBILISSIMO · CAES · PRINCI · IV
VENTVTIS

E' um cippo de pequenas dimensões de granito negro e rijo. Alt. 1^{m},45; diam. 0^{m},45. Está levantado á margem da estrada na saída da povoação para Chaves.

Epigraphe bem conservada e intacta; mas um tanto apagada pelo tempo, o córte vivo dos traços graphicos de mau desenho aliás. De leitura facil e corrente.

Segundo a nota do snr. Hübner parece fôra tomada copia d'este titulo por Tavora em primeira mão, donde passou ao Argote e d'ahi a varios epigraphistas estrangeiros. Das variantes só a da 1.ª *lin.* SEVE é conforme ao titulo. A letra R pelo menos, que devia entegral-a, foi-se por qualquer accidente. Das deficiencias de letras em MACRINO da 2.ª *lin.* e MAGNO da 3.ª, só é real a do R na primeira destas palavras.

E' este monumento bastante apreciavel em epigraphia por sua raridade na especie e caracter de authenticidade, se bem que esporadico e talvez nem mill. tenha sido, no sentido rigoroso da palavra.

O snr. Hübner só dá conta de outro em Hespanha [1] e esse notado com o asterisco * signal de somenos valor. E' de n.º 4790 visinho d'este, nos Possacos. Em vão o procurei lá no mez de agosto de 1893. Era assim a copia: IMP · C · P · L · ⋮ ⋮ ⋮ A ⋮ ⋮ ⋮ | SOVANS · ENE ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ | ⋮ ⋮ ⋮ OPE · I⋮ ⋮ ⋮ ⋮ A ·

Como a de Villarandêlo passou esta copia de Taveira ao Argote. Vê-se que não foi muito feliz o copista.

[1] Cf. *Suppl.* 1105.

X

ELAGABALO

(218-222)

Dá que pensar o phenomeno estranho da submissão do mundo romano a tantos tyrannos. Como explicar esta abdicação universal da consciencia e dignidade humana, este amortecer do mais radicado dos instinctos o da propria conservação, de sorte que mais parece rebanho de borregos conduzidos um a um ao matadouro a gente d'esse tempo que, não direi já romanos de velha tempera, simplesmente seres racionaes? Que fascinação de serpente pôde tolher os movimentos e abafar a indignação em peito de homens a ponto de não apparecer quem proteste de rosto erguido contra esta ignominia da mais feia abjecção, da maior vergonha da humanidade?

Que o terrivel ophidio immobilise o pobre e asqueroso batrachio, comprehende-se: é mais forte e mais agil. Porém que 100 milhões de homens obedeçam cegamente a uma creança afeminada, ridicula, cruel, caprichosa e comida de vicios é espantoso.

Tyranno foi Tiberio, antes porém tinha sido um valente cabo de guerra; as loucuras de Caligula e Nero cobri-as até certo ponto a boa sombra da casa de Augusto e a memoria de Germanico, páe de um e avô do outro; a Domiciano, Commodo e Caracalla porventura algo valeria o nome de seus páes. Agora a Elagabalo que lhe prestariam as

phantasias e o nome de sua mãe, uma syria intrigante e sem pudôr, pondo á frente das legiões um menino de 14 annos com habitos de mulher no corpo e na alma? um menino que brincava com as vidas e honra dos cidadãos com a mesma semceremonia com que atropellava os mais elementares preceitos da moral e do pudôr?

Para dar a chave do enigma muito se póde discorrer pelo estado dos espiritos nessa epocha, molleza de caracteres, costumes relaxados, enervação epicurista, fatalismo estoico, concentração doentia ou abscesso dos poderes do estado nas mãos de um só, militarismo infrene etc. O christão tem para isso uma palavra de profunda philosophia: castigos de Deus!

Justitia elevat gentes; miseros facit populos peccatum.

Elagabalo (Heliogabalo) *Varius Avitus Bassianus*, nos monumentos epigraphicos IMP · CAESAR M · AVRELIVS ANTONINVS AVG, natural de Emessa na Syria, era filho do senador romano Vario Marcello e de Julia Soemis. Dizia-se filho adulterino de Caracalla, primo de sua mãe, e porisso lhe adoptou o nome. Parece ter sido sua avó Julia Moesa quem primeiro infamou a propria filha para ganhar popularidade entre os soldados dedicados a Caracalla, e preparar assim um futuro successor de Macrino.

Tanto que se viu assumpto ao poder, logo em despachos ao senado se arroga o nome de *M. Aurelio Antonino* com os epithetos de *pio, feliz, augusto*, etc. Protesta outro sim tomar por modelos Ces. Augusto e M. Aurelio. Bons modelos, mau artista.

Desde então os tres annos e tanto da vida e governo d'este louco correm num crescendo d'excentricidades e crimes taes como não viu até então a Historia nem veria depois.

Entre as que se podem dizer sem macular a penna, figura a da nomeação de sua tia Julia Moesa para o cargo de senador, e de sua mãe para presidente de um senado de mulheres no Quirinal, encarregado de legislar em materia de modas, equipagens, etiquetas *et reliqua*. Elle proprio teve velleidades de se fazer mulher e quiz que o tractassem de senhora, *domina*, vestindo de mulher e trabalhando entre ellas.

Rematemos este fastidioso apontoado d'insanias na fórma breve e sacudida de um escriptor antigo: [1]

« Foi morto (Elagabalo) num tumulto de soldados. Arrastaram-lhe os soldados pelas ruas da cidade de Roma o cadaver, como se fôra de um cão. Em tom faceto de caserna chamavam-lhe cadella rabiada de lubricos furores. Afinal como não topassem boccal de cano d'esgoto bastante largo para arrojarem lá o cadaver, lançaram-no ao Tibre com um peso para não emergir. Viveu 16 annos [2] e por esta ultima aventura poseram-lhe o cognome de *Tiberino Tracticio.*»

Esqueceu-lhe accrescentar que foi degollado numa latrina do campo militar, e que o mesmo golpe levou a cabeça da mãe, principal culpada dos desvarios do filho.

E é a isto que as epigraphes chamam *principe fortissimo* e *felicissimo!*

Pois nem por isso, valha a verdade.

Tambem de Elagabalo não abundam os letreiros. Além dos tres seguintes o snr. Hübner [3] apenas nota mais dois em Hespanha, os de n.º 742 (?) e 3328.

No passeio das *Carvalheiras,* Braga:

40 ⁝ MP · CAES

⁝ ⁝ ⁝ ⁝ SEPTIMI · SE

PI NEPOTI · T

⁝ ⁝ TONINI · PI · NAGNI

RELIO ANT

(4768 e 4769) TRIB · POT · II · COS · II 219 de J. C.

PROC · P · P

FORTISSIMO · FELI

CISSIMOQVE

PRINCIPI

1 Sex. Aur. Victor, *Epitome,* XXIII.
2 Outros contam-lhe 18 annos de edade.
3 *Suppl.* etc., 1105,

Foi recomposta a epigraphe com letreiros de 2 cippos de granito, lá existentes. Aquelle que contem a parte inferior da escripta está só e foi descabeçado visivelmente. Ainda assim mede: alt. incluindo o sócco $2^{m},54$; cir. $1^{m},9$; let. $0^{m},09$. Quando inteiro devia de ser um dos mais corpolentos da nossa terra. O outro cippo está sotoposto a um de Caracalla, o de n.º 30. Provavelmente quem o assim collocou intendeu completar o letreiro por esta fórma.

Já o snr. Hübner tinha aventado a hypothese da mutua pertença [1] dos dois primeiros.

Nenhuma differença noto entre a lição d'este senhor e o que está nestas pedras, que aliás elle visitou.

No passeio das *Carvalheiras,* juncto á capella de S. Sebastião, Braga:

IMP · CAES: : : :

: : : : SEVERI · PII · NE : : : : : : ANTONINI PII

41 MAGNI · FILIO : : : RELIO

(4766) ANTONIN : : : : : : : ICI · AVG

PONT · MA : : : : : POT · $\overline{\text{II}}$

COS · $\overline{\text{II}}$ · PROC : : : : 219 de J. Ch.

FORTISSIM :

FELICISSIM : : : :

PRINCIPI

A BRACARA

M · P · $\overline{\text{III}}$

Monolitho de granito ordinario apresentando uma falha longitudinal que lhe levou pelo meio parte do letreiro. Alt. $2^{m},53$; cir. $1^{m},8$; let. $0^{m},1$.

Foram renovadas as letras.

[1] *Hic posui propter praecedentem, cujus pars fuit.* C. I. H. L., 637.

Segundo a nota de Barros dada pelo snr. Hübner, foi conduzido da estrada de Chaves por ordem do arcebispo Dom Diogo de Sousa.

A epigraphe tem corrido pelas collecções de numerosos epigraphistas nacionaes e estrangeiros, como aponta o snr. Hübner. [1]

Tambem aqui, nenhuma discripancia do que a pedra dá traz a lição do sabio berlinez. Apenas omittiu advertir que as letras foram renovadas, postoque com inteira correcção.

Perto da aldeia de *Travassos*, Villar, Terras de Bouro, Geira:

IMP · CAES · DIVI · SEPTIMI

42 SEVERI · NEPOTI · DIVI

(1805) AN ⁝ ⁝ MINI · PII · MAGNI · FILIO

M · AV ⁝ ⁝ LIO · ANTONINO PIO · FEL · AVG

PONT MAX · TRIB · POT · II

COS II PROCOS · P · P · 219 de J. C.

⁝ O ⁝ ⁝ ⁝SSIMO · FELICISSIMO QVE

PRINCIPI

A B ⁝ ⁝ C AVG

M P · XXI

E' um cippo de granito duro e grosseiro, já mutilado. Foi derribado da borda do caminho e jaz tombado num souto ladeirento sobre o ribeiro. Nesta situação é bastante trabalhosa a leitura, pois carece de ser rolado com cautella que a rampa é ingreme. Está em risco de se despedaçar contra os calhaus do ribeiro. Alt. $1^{m},73$; diam. $0^{m},6$. Não foi medido a letr. por muito desigual.

Tem bastante damnificada a epigraphe, aliás intacta, pela acção do tempo e mais ainda dos agentes telluricos

[1] *Loc. cit.*

num *humus* succulento produzido pelas folhas das arvores e humidade do solo. Dahi algumas letras delidas de todo e outras a caminho d'isso.

Da copia dada na integra pelo snr. Hübner segundo Argote e Sibelo tem de deduzir-se agora o que o tempo levou, e podem corrigir-se as variantes. Ainda aqui Sibelo não foi feliz, nem isso admira.

Quanto ao numero dos consulados, apesar da concordancia dos copistas, deve manter-se; que lá estão as duas letras algarismicas II já gastas um pouco mas legiveis ainda.

Entre os penêdos do ribeiro jaz um pequeno troço de mill. sem letras.

XI

MAXIMINO E MAXIMO

(235-238)

Como balança louca ou navio sem lastro, entra a machina do estado romano a desgovernar agora por tal guisa, que bem se lhe póde augurar proximo descalabro. Com a intermittencia apenas dos 13 annos do governo honesto porém fraco de Alexandre Severo, passa o timão da publica governação das mãos de uma creança vergonhosamente afeminada, para as de um soldado brutal, barbaro pelos quatro costados. Entre Elagabalo e Maximino parece trazido Alex. Severo como que para amortecer a dureza do contraste de dois principes pessimos por vicios de caracter contrario, e para mostrar com seu luzir d'estrella fugitiva e pallida a medonha cerração prestes a cobrir o *mare-magnum* do imperio romano. Faz lembrar o lugubre hemistichio do poeta latino:

ponto nox incubat atra.

Alexandre Severo, imperador aos 13 annos, governado por sua mãe (Julia Mamaea), como pela delle (Julia Moesa) fôra seu primo Elagabalo, da natureza teve apuradas pela educação excellentes qualidades que prompto lhe valeram a estima publica e presagiaram porvir venturoso. Cedo se

apagaram tão fagueiras esperanças, que a militança afeita ao assassinio de seus imperadores nem a este poupou.

Do Oriente onde trouxera á razão após porfiada lucta o imperio novo dos persas resuscitado sobre o dos parthos, corre Alex. Severo ás Gallias devastadas pelos germanos. Esperava-o ahi, junto de Moguncia, a morte ás mãos dos proprios legionarios suggestionados por um soldado a quem elle e os imperadores da sua familia tinham levantado do nada 'té o commando de uma legião. Com a delle caíu a cabeça de sua mãe, pretexto senão causa da má vontade da soldadesca.

Tal qual como na morte de Elagabalo. De sorte que tiveram o mesmo fim e pelo mesmo processo, o principe honesto e o malvado; opprobrio da humanidade um, esperança mallograda o outro.

Quando assim desvaira a consciencia publica, mormente naquelles a quem está confiada a segurança do estado e a vida dos cidadãos, força é que a sociedade pereça.

Abre Maximino o periodo chamado dos «usurpadores militares». Pouco diz o epitheto por demasiado restricto: simplesmente reinado da usurpação é que devia ser, quando tudo era usurpado e todos usurpadores. A violencia, a aleivosia, o assassinato, o latrocinio penetrando todas as classes sociaes adquiriram foros de cidade, tornaram-se o processo ordinario de levar a vida.

A proposito vejamos o juizo que desta epocha nos deixou um historiador antigo, no seu latim barbaro porém vigoroso:

«Desde Caracalla os imperadores romanos, mais ciosos de dominar seus concidadãos que de subjeitar os estranhos, e luctando entre si á mão armada, concorreram a precipitar do alto o estado romano, revezados na posse do imperio os bons e os maus principes, os nobres e os ignobeis e muitos delles mesmo barbaros. Na verdade, quando por toda a parte tudo anda em confusão nem pelo modo ordinario correm as cousas, cada qual julga-se habilitado a ser-lhe permittido em meio da desordem, usurpar aquelles cargos alheios que não póde desempenhar e por crassa ignorancia terá de deshonrar. Tanto a insolencia da fortuna que tudo

se permitte, póde atormentar os humanos levados de cubiça damninha! a qual a principio impedida pela virtude que lhe embarga os passos como um muro, logo que todo o mundo mergulha num mar de vicios e flagicios, até aos incapazes por educação e nascimento, abre caminho para a publica governação » [1].

Maximino, *Maximinus*, nas inscripções IMP · CAESAR C · IVLIVS VERVS MAXIMINVS AVG era um thracio sem naturalidade precisa nem data de nascimento, filho de um godo de nome Micca e de uma alana chamada Ababa [2]. Da condição de pegureiro trouxe-o ás fileiras da guarda pretoriana, reformada por Setimio Severo, a unica recommendação da sua enorme corpulencia e força muscular desmedida. Na presença do imperador luctou com dezeseis legionarios robustos e derribou todos, um após outro, sem difficuldade de maior.

Esta e outras proezas com certa firmeza de caracter valeram ao brutamontes que diariamente digeria 40 libras de carne e bebia uma amphora capitolina de vinho (26 litros), o favor imperial e por elle apesar de illeterato e rude mereceu a estima do soldado e foi subindo os postos militares. De Alexandre Severo, mais tarde sua victima, recebeu commissão de organisar e commandar uma legião, teve um logar no senado e o proprio imperador chegou a pensar no casamento de sua irmã com o filho delle Maximino.

Como se vê, tão extremada benevolencia longe de captivar o barbaro mais lhe atiçou o fogo da ambição e insuflou orgulho.

Apesar do espantoso terror que em Roma espalhou a noticia do assassinato do imperador com a da proclamação do assassino, logo o senado se apressou a sanccionar o facto consummado; tão baixo tinha descido o decoro desta outrora «assembleia de deuses»!

Para um natural feroz como o de Maximino, na vereda escorregadia do sangue leva longe o primeiro passo. Mal se viu na posse do mando e ladeado de seu filho a quem no-

1 Sex. Aurel. Victor. *De Cæs.*, XXIV, 240.
2 Cf. De Chateaubr. *Étud. hist.* I, 74.

meou cesar, desafogou seus ruins instinctos contra tudo e contra todos, pretendendo reinar pelo terror já que não podia pelo amor.

Contra duas classes de pessoas desatou de preferencia a sanha sanguinaria e sem remissão: os seus parentes e amigos testimunhas da humilde condição e origem baixa que tivera, e os christãos sympathicos e affeiçoados ao assassinado principe. E se o sangue d'estes correu a ondas por todo o imperio, imagine-se que sorte teriam os indiciados na mais leve sombra de conjuração. Houve matanças em massa, de quatro mil suspeitos de uma só vez e as proprias legiões foram dizimadas.

E porque já o christianismo ganhara então a grande maioria do povo, temendo Maximino metter todo o mundo a ferro e fogo, feriu de preferencia os ricos e prelados da Egreja. Entre estes Ponciano papa no 4.º anno do seu pontificado; em seguida o successor delle Anthero, martyr, que apenas governou por um mez a Egreja de Deus. Depois os clerigos e outros fieis, como na Cappadocia sob o governo do presidente Sereniano, segundo reza uma epistola do bispo de Cesaréa a S. Cypriano; e em Nicomedia a Santa Barbara, virgem. Tambem o diacono Ambrosio e o sacerdote Protecteto morreram por Christo.

Por este motivo saíu á luz o grande Origenes com o seu livro magistral ácerca do martyrio [1] em que exorta á paciencia e firmeza nos tormentos os christãos; elle proprio teve de andar foragido por dois annos [2].

Tantas cruezas valeram ao feroz imperador uma saraivada de epithetos injuriosos [3], atirados de longe e a salvo. Triste desforço e protesto infantil que mais irritava que amordaçava a besta fera.

Não saciado de sangue, penetra com o exercito na Germania levando por toda a parte a destruição. Despovoam-se as burgadas pelo terror e a morte. Passa como cyclone, sem que o detenham pantanos, mattagaes, ermas charnecas.

[1] *Exortatio ad martyrium.*

[2] Cf. Wouters, *Hist. eccl. comp.* I, 123. — Alzog, *Hist. univ. eccl.* I, 167.

[3] « Cyclope », « Busiris », « Sciron », « Phalaris », « Typhon », « Gyzes ». — Jul. Capitol. (cit. por Wouters, I, 122 *ut supra*).

«Devastamos, manda elle dizer ao senado, o paiz numa extensão de quatrocentas milhas, incendiamos as aldeias, levamos os gados e multidão de prisioneiros, ficando mortos os restantes...

«Em poucos dias feri mais batalhas que nenhum dos antigos generaes, e o espolio dos vencidos excede quanto esperavamos. Nem accommodação temos para tantos captivos».

A isto responde o senado decretando-lhe o epitheto de *germanico* e pouco depois os de *sarmatico* e *dacico* por não sei que passageiras victorias sobre estes povos do Danubio [1].

Para repousar de suas correrias e porventura tambem por não querer affrontar em Roma o espirito zombeteiro dos romanos [2], fixa em *Sirmium* na Pannonia a residencia e entretem os ocios matando e espoliando os proprios subditos. No anno seguinte (237) estala em Africa a revolta popular contra os exactores do fisco, rematada pela acclamação do proconsul Gordiano, rico, estimado e bem aparentado com as familias historicas de Roma. Logo o senado reconhece e saúda o novo eleito mais o filho, do mesmo nome. Morto este num combate com a gente fiel a Maximino, o páe suicida-se e o senado temendo as iras daquelle oppõe-lhe dois novos imperadores, Pupieno e Balbino, soldado o primeiro o segundo literato.

Maximino ao saber estas noticias, num paroxismo de furor bestial rola-se no chão e afoga em vinho as maguas. Depois proclama aos soldados e espalha dinheiro para os levar a tomar vingança do povo e do senado. Acompanham-no de má vontade até ao norte d'Italia, e junto aos muros de Aquiléa numa sedição provocada pelas crueldades delle contra muitos officiaes condemnados á morte, é atacado na propria tenda pela soldadesca amotinada e decapitado. Por elle arrastado na queda como fora na elevação, ahi mesmo foi trucidado o proprio filho.

Em Roma produziu esta noticia uma alegria indescriptivel: houve sacrificios e solemnes acções de graças aos deuses, como se todos se vissem livres dum verdadeiro cataclysmo. Na verdade a cousa não era para menos.

[1] Cf. Laurentie, *Hist. de l'emp. rom.* IV, 151.
[2] Maximino era analphabeto ou pouco menos.

Maximo, *Maximus*, nas inscripções C · IVLIVS VERVS MAXIMVS [1] etc. filho de Maximino e por elle feito *cesar* e *principe da juventude*, teve como o páe os titulos de *germanico, sarmatico* e *dacico* e tambem *maximo* nos tres, bem entendido. Apesar disso pouco delle nos deixou a Historia, nem sequer o nome da mãe, naturalidade e data do nascimento.

Apenas Chateaubriand num tom menos de historia que de romance nos ministra alguns traços curiosos:

«O filho do gigante Maximino fôra versado nas letras; vestia elegantemente e com apuro, e assim mesmo eram os gostos e maneiras que tinha; pelo que ganhava o affecto do sexo feminino. Em vez de peito de aço como o de seu páe, ostentava uma coiraça de ouro, assim mesmo de ouro era o broquel, dourada a lança e o êlmo cravejado de pedraria. Depois de morto tinha ainda muita formosura no rosto bem que pisado e manchado de sangue e de pó.

Ao joven cesar alguem applicou em vida os versos de Virgilio que comparara a gentileza do filho de Evandro á estrella da manhã surgindo humida do seio do mar. Por um momento pareceu condoida a propria populaça da sorte deste moço, cuja cabeça a internecera; o que não obstaria aos ultrages com que depois a queimaram no campo de Marte. Assim acabaram estes dois godos, antes de Alarico soberanos em Roma pela purpura não pela espada». [2]

Das 9 inscripções que seguem de Maximino e seu filho Maximo nem uma só que escapasse indemne das injurias do tempo e dos homens, como que protestando contra a incuria do senado por não mandar apagar os titulos d'este malfeitor imperial que ousava chamar-se *pio, feliz* e *augusto* até duas vezes em cada pedra.

Ainda nas epigraphes d'este imperador é a Geira, *via nova*, a melhor representada e com uma notavel variante de redacção que depois veremos.

---

[1] No mill. de Bretiandos vem com o nome de MAXIMINVS e alguns epigraphistas lh'o attribuem. Além de merecer menos fé o titulo deste mill. por haver soffrido retoque, alguns dos outros contradizem como adiante se verá.

[2] *Étud. hist.*, I, 79.

No passeio das *Carvalheiras,* Braga:

IMP · CAESAR · G IVLIVS · VERVS
43 MAXIMINVS · P · F · AVG · GERMANIC
MAX · DACIC · MAX · SARMATIC · MAX ·
PONT · MAX · TRIB · POTEST · V̄ · IMP · VII ⁝ ⁝
5 *sic* COSNS · PROCOS ET G IVLIVS · VERVS 235
MAX ⁝ MVS · NOBILISSIMVS · CAESAR · GER de
MANIC · MAX · DACIC · MAX · SARMATIC · J.C.
MAX · PRINCEPS IVENTVTIS · FILIVS · D · N ·
(4757) IMP C · IVLIVERI MAXIMINI P F AVG

E' um cippo de granito rijo, sobreposto a outro de menor diametro, juncto á capella de S. Sebastião do lado do nascente. Foi-lhe decepada a parte inferior, como se vê.

Alt. do cippo superior $1^{m},26$; cir. $2^{m},11$; letr. $0^{m},09$.

Tem bem conservada a epigraphe e apparentemente não retocada; apresenta porém algumas anomalias das quaes é principal a fórma COSN · por CONS · ou COS · na 5.ª *lin.*; as outras consistem nos pontos finaes das *lin.* 3.ª, 7.ª e 8.ª. Talvez por isto lhe pôz o snr. Hübner a nota de «letras renovadas», *litteris renovatis.* [1]

Sem pretender contestar o juizo do sabio epigraphista allemão, confessarei que mais me agrada admittir aqui a hypothese de *lapso* do lapicida primitivo, já que o aspecto geral do letreiro não accusa outros indicios de renovação.

A fórma IVENTVTIS por IVVENTVTIS da 8.ª *lin.* apparece ainda noutros titulos d'este imperador.

Maior difficuldade porventura estará no *quinto* tribunado (TRIB · POTEST · V̄ ·) attribuido a Maximino por testimunho conteste de todos os titulos inteiros nesta parte, 6, e desta collecção. Porque afinal tendo este imperador governado pouco mais de 3 annos (janeiro de 235 a março ou maio de 238) mal se comprehende como contar-lhe 5 tribunados. Occorre-me que talvez foram lavradas as pedras quando

[1] C. I. H. L., 935.

ainda durava o IV tribunado para serem erectas no immediato, e entretanto a morte imprevista cortou o fio das honras com tudo o mais. Sobre isto escreveu o nosso fallecido cardeal Saraiva (D. Fr. Francisco de S. Luiz) uma dissertação [1] que não conheço, mas ha-de ser obra de mestre como todas as suas.

No dicto passeio das *Carvalheiras*, Braga:

IMP · CAESAR · C IVLIVS
44 - VERVS · MAXIMINVS · P · F
AVG · GERMANIC · MAX · DAC
MAX · SARMATIC MAX · PONT ·
(4?56) 5 MAX · TRIB · POTESTATIS
V IMP · VII · P · P · CONS · PRO 238 de J. C.
COS · ET · G · IVLIVS · VERVS
MAX · NOBILISSIMVS · CAESA ⁝
GERMANIC · MAX · DACIC ·
10 MAX · SARMATIC · MAX · PRINCEPS
IVENTVTIS · FILIVS · D · N · IMP · C ·
IVLI VERI · MAXIMINI · P · F · AVG
VIAS · ET · PONTES · TEMPORE
VETVSTATIS · CONLAPSOS
15 RESTITVERVNT · CVRANTE · Q ·
DECIO · LEG · AVGG · PR · PR ·
A BRA ⁝ AVG · M · P · I

Monolitho de granito ordinario. Alt. $2^{m},2$; cir. $1^{m},61$; letr. $0^{m},09$.

Conhece-se a distancia ter sido renovado o letreiro por

[1] Diz-nos o snr. Hübner (C. I. H. L., 634) ter-lhe contado o snr. Pereira Caldas não ser aquella dissertação obra de S. Luiz, mas do allemão Diogo Köppe. Ao snr. Caldas deixa Hübner a responsabilidade, pelas palavras *quod quo jure ita esse statuerit, ipse viderit.*

estarem notavelmente fundos os traços e por um certo desalinho caracteristico.

Inclino-me a crer que foi lavrado inteiramente de novo depois de adelgaçada a pedra, excessivamente reduzida no diametro agora. Como quer que seja, a renovação parece ter sido executada com bastante escrupulo. Se não é no numero das milhas, que no parecer do snr. Hübner deve de não estar completo.

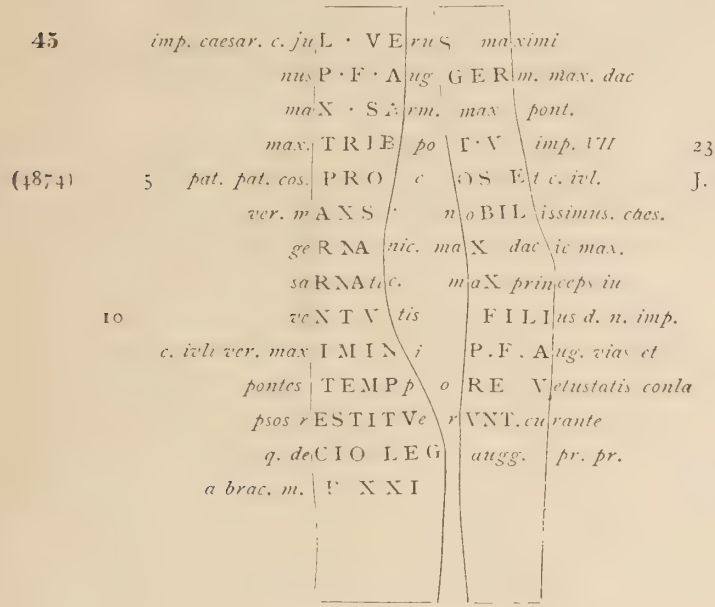
Segundo a erudita annotação (C. I. H. L., 635) d'este infatigavel epigraphista tem este titulo transitado com leves variantes pelas collecções de numerosos epigraphistas nacionaes e estrangeiros, desde Accursius até ao nosso fallecido Soromenho. Alguns d'estes como Orellio e Borghesio opinaram que o legado propretor Quinto Decio teria depois sido o imperador Decio, cujos titulos lhe contam 4 proconsulados; o snr. Hübner porém julga «muito incerta» esta conjectura, visto como este *Quinto Decio* tem nalguns titulos o nome acrescentado com o de *Valerino,* ou «Valeriano» segundo a emenda do mesmo snr. Hübner, o qual não entra no onomastico do imperador Decio como adiante se verá.

Tambem não será facil assignar a qual das duas *vias* de Braga, que de Maximino conservam mill., terá pertencido este.

Na latinidade epigraphica d'aquella epocha varía pintorescamente, *si vera est fama,* a maneira de dizer que as *estradas e pontes se arruinaram com o tempo.* Assim é que este titulo traz *tempore vetustatis* como os de n.º 4826 e 4886; *temporis vetustate* os de n.º 4788 e 4870; *in temporibus vetustate* (?) o 4853; *temporibus vetustate* (?) o 4858; *conlapsos* os de n.º 4756, 4853, 4886; *conlabsos,* 4788; *colla...sos,* 4870; *colapsos* (?), 4858.

Auctoridade, se o fôra, para todos os gostos.

Na freguezia da *Correlhan,* Ponte de Lima, estrada de Braga por Tuy:



238 de

São dois fragmentos de mill. partidos longitudinalmente, a servirem de supportes de uma parreira juncto a um muro de quinta. São de granito rijo. Alt. $2^{m},6$; letr. $0^{m},1$.

Por excepção tentei integrar, para intelligencia dos menos versados nestes estudos e porque os caracteres graphicos escapos ao vandalismo conservam geralmente o traço firme primitivo.

Assim facil será corrigir as copias dos nossos epigraphistas A. Figueiredo, Argote, Silveira e Levy, segundo a nota do snr. Hübner. De sorte que a phantasia de Silveira de um *l*IMIA na 10.ª *lin.* não tem fundamento. Tracta-se apenas de *max*IMIN*i* e mais nada. O equivoco procedeu evidentemente de ter tomado por A o primeiro angulo de N.

No atrio da capella de S. Bartholomeu de *Antas*, Rubiães, Coura, estrada de Braga por Tuy:

IMP · CAES · G · IVL · VER · MAXIM
46 P · F · AVG · GERM · MAX · DAC
MAX · SARM · MAX · PONT
MAX · TRIB · POT · V · IMP · VII 238 de
5 PAT · PAT · CONS · PROCONS · ET J. Ch.
(6228) C · IVL · VER · MAX · NOB · CAES
GERM · MAX · DAC · MAX
SARM · MAX · PRINCEPS
sic IVENT · F · D · N ⋮⋮⋮⋮⋮⋮⋮⋮ ⋮⋮⋮⋮

E' um cippo granitico, cuja parte inferior desappareceu. Alt. $1^{m},53$; circ. $2^{m},23$; let. $0^{m},9$. Serve com outros mill. de supporte ao abrigo do adro. Tem conservada a epigraphe com pequenas rasuras do tempo na 1.ª e 9.ª *lin.*; saíu porém com um *salto* da 2.ª á 4.ª *lin.* a copia que deste titulo ao snr. Hübner enviou o snr. Sarmento haverá uns 11 annos, e foi a primeira publicada segundo parece. Segundo m'informa o snr. Sarmento, cujo testimunho é superior a toda a excepção, fui eu proprio a causa involuntaria desta omissão, pois do meu traslado foi tomada a copia enviada a Berlim. Não me repugna admittir a versão, pelo que dicto fica e porque mais de uma vez me tem succedido commetter d'estes lapsos. Tambem é verdade estar inteira a minha primeira copia, como verifiquei no anno passado e disso avisei o snr. Sarmento. De modo que o êrro veiu a dar-se no traslado da copia, que a este meu respeitavel amigo e mestre tinha enviado em tempo.

Como noutra parte fica dicto, estas pedras foram-me denunciadas pelo snr. Sarmento e por mim vistoriadas a primeira vez pelos ultimos dias de 1883.

E' notavel esta epigraphe pela demasiada concisão graphica ou córte radical das siglas, de modo que não deixa vêr logo o *caso* dos nomes dos imperantes apenas denun-

ciado pela palavra PRINCEPS da penultima *lin.* Tempos de decadencia e tempestuosos, em que os serviços publicos andariam á matraca por essas provincias fóra.

Em *Bretiandos,* no jardim do solar do snr. conde do mesmo titulo, Ponte de Lima, estrada de Braga por Tuy:

IMP · CAES · G · IVL · VERVS
47 MAXIMINVS · P · F · AVG · GERM
(1870) MAX · DAC · MAX · SARMATIC · MAX
PONT · MAX · TRIB · POT · V
5 IMP · VII · P · P · COS · PROCOS · ET
C · IVL · VERVS · MAXIMINVS · NO
BILISSIMVS · CAES · GERM · MAX
DAC · MAX · SPᵉM · MAX
PRINC · IVENTVTIS · FILIVS
10 IMP · D · N · G · IVL · VERI · MAXI
MINI · P · F · AVG · VIAS · ET
PONTES · TEMPORES
VETVSTATE · COLLA ⁝
SOS · RESTITVERVN⁻
15 CVRANTE · Q · D ·
LEG · AVG · PR · PR · Æ E *sic*
A BRAC · M · P · XVIII

De granito consistente monolithica e encimada por um remate ornamental tambem de pedra. Haverá uns 12 annos estava alevantada numas terras á margem direita do Lima. Alt. $2^{m},5$; letr. $0^{m},1$, A' maneira de muitos outros, tem este mill. maior diametro na secção do alto.

Como se vê cotejando com esta lição a copia que de A. de Figueiredo e outros, nacionaes e estrangeiros, nos dá Hübner (C. I. H. L., 647) não foi esta demasiado acurada. Verdade seja que a epigraphe soffreu *retoques* e em mais de um ponto desastradamente, e bem póde ser que em tempo posterior á lição de Figueiredo.

Como quer que fosse, está nas *lin.* 8.ª a peior deformação, onde de um SARM · fizeram o enigma SPCM · Na 13.ª o segundo E do TEMPORES (que aliás ninguem conhece em latim) está alli no logar do I primitivo. Quanto ao MAXIMINVS da 6.ª e IVENTVTIS da 9.ª bem possivel é assim ficasse desde o principio. A 16.ª é accrescentada por uma addição extravagante, evidentemente postiça.

No sitio chamado bouça do *Gavião,* Campo do Gerez, Terras de Bouro, Geira:

⁝ ⁝ P · CAES · C · IVLIVS
48 VERVS MAXSIMINVS
⁝ F AVG · GERM · MAX
(4816) DAC · MAX · SAR · MAX
PONT · MAX · TRIB · POT ⁝
⁝MP · V ⁝⁝ PP · COS PROCO ⁝
ET CAIVS IVLIVS · VERVS
MAXSVMVS NOB ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝
⁝ ⁝ ⁝S ·GERM · MAX ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝
⁝ ⁝ ⁝ MAX · PRINCEPS · ⁝ VENTVT ⁝ ⁝
⁝ D · N ·IMP · C IVLI · VERI · MAX ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝
⁝ ⁝ AVG ·CVRANTE · QVINTO · DECIO
VALERINO · LEG · AVGG
⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ AVG · M · PA ⁝S ⁝ ⁝M XXV ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝

E' de granito friavel e de pequenas dimensões em diametro. Jaz tombada dentro da bouça e juncto doutros fragmentos de mill. a norte da antiga *casa da guarda* [1] e olhando a Villarinho da Furna. O sitio dos *Padrões da Cal* dista 2 milhas d'aqui em frente a S. João do Campo.

Alt. $2^{m},1$; cir. $1^{m},5$; letr. 0,8.

[1] Assim se chamavam, não ha muitos annos ainda, uns pardieiros de duas casernas para quartel das milicias dos concelhos de Terras e Santa Martha de Bouro, que guarneciam uma trincheira com que se fechava aqui o valle do Homem contra os hespanhoes nas guerras da restauração. Tinha alguns canhões de ferro para o effeito.

Dos seus congeneres differenceia-se este titulo por algumas variantes graphicas dignas de nota. Está a primeira no X seguido de S nos nomes MAXSIMINVS da 2.ª *lin.* e MAXSVMVS da 8.ª. Nesta ortographia que parece melhor abonada deixa o X de ser letra duplice e de representar a duplice grega ξ para se desdobrar nas duas correspondentes ás gregas χ e σ, repartidas pelas duas syllabas contiguas. Demais o X latino tem a mesma fórma que o χ maiusculo, e o S approxima-se da do ς final das palavras gregas. A segunda variante que parece tambem uma reminiscencia do grego, está na substituição do I pelo V em MAXSVMVS. Tambem este uso não é estranho noutras composições e em certos escriptores latinos por ex. em Sallustio, se bem me lembro. Justifica-se porventura na circumstancia do υ (iupsilon) representado por V ter no grego o valor do *u* francez (iu).

A outra novidade está na 2.ª das siglas M · P · da 14.ª *lin.*, posta por extenso (PASSVVM) segundo as copias antigas e uns indicios que ainda restam.

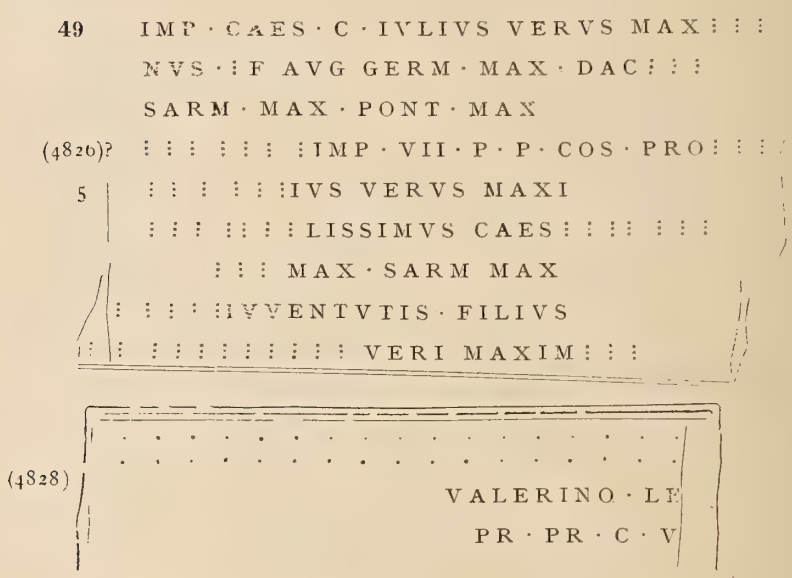
D'este caso veremos outro exemplo apenas e de pouco valor aliás.

Mais notavel porém que as variantes orthographicas são as que chamaremos de redacção, communs a mais um senão tres mill. d'esta estrada, nos quaes a clausula *vias et pontes temporis vetustate conlapsos restituerunt* foi supprimida e em compensação o nome do legado propretor *Q. Decio* vem accrescentado com o appellido de *Valerino*.

Isto parece ter induzido Argote na opinião de que se tractava de dois subjeitos distinctos que se succedessem no mesmo cargo. Tem contra si o titulo da Portella do Homem (4834) no qual o n.º V dos tribunados e VII das acclamações imperiaes é rematado por *Valerino* tambem, que aliás o informador de Argote não tinha visto; e se neste (4816) o primeiro numero falta e o segundo apenas dá V, á usura do tempo podemos attribuir a falta. Tão gasto está que, não o favorecendo especiaes condições de luz a certas horas do dia, é inteiramente illegivel como ainda em agosto do anno passado observei. Por outro lado a sigla honorifica C · V · posposta a um *Valerino* da Volta do Côvo (4828) serve egualmente a um simples *Q. Decio* na de Jinzo (4853).

Como taes anomalias explicar dirão os «sabios da escriptura».

No sitio da *Volta do Côvo,* Campo do Gerez, Terras de Bouro, Geira:



São dois fragmentos de granito friavel, e visinhos. Se fizeram parte do mesmo mill., como aconselha a visinhança dos fragmentos e a circumstancia de não se levantarem na mesma estação milliaria e ao mesmo imperante mais que um mill., falta-lhes a secção media que levou 5 ou 6 *lin.* da epigraphe. Argote dando este titulo na integra mais o fragmento de Valerino deixa-nos perplexos sobre se foram dois ou um só os mill. de Maximino aqui. A nãc ter havido equivoco que mal se concilia com o numero das milhas XXXII, que é exacto; ou leviandade culpavel, menos conciliavel ainda com o caracter do informador d'Argote o padre José de Mattos Ferreira, a dualidade fica estabelecida posto que

de encontro á regra e aos indicios locaes [1]. Como quer que fosse, aqui damos conjugados os dois fragmentos para facilitar a exposição.

Alt. do maior $1^{m},45$; cir. $2^{m},15$; let. $0^{m},09$.

Alt. do menor $1^{m},1$; circ. $1^{m},94$; letr. $0^{m},09$.

A differença na circumferencia não invalida a hypothese da unidade, que estes mill. apresentam ordinariamente maior diametro nas secções da parte superior.

Quanto á lição de Argote, [2] na parte da epigraphe que escapou aos maus tratos dos desencantadores de thesouros, e á injuria do tempo, é fiel com excepção da sigla F · da 2.ª *lin.* que ficou omissa, e do numero das saudações imperiaes que é VII e não VI. Tambem o PIVS · da 2.ª me parece ter sido tomado por equivoco com a ultima syllaba NVS da palavra MAXIMINVS.

No sitio da *Albergaria* á Ponte Feia, Campo do Gerez, Terras de Bouro:

50 D · N · IMI
⁝ ⁝ NI PF AVG CVR
(4831) ⁝ ⁝ Q DECIO VALERINO
. . . . . .
. . . . . .

E' um cippo de pedra grosseira e friavel. Alt. $1^{m},1$; cir. $1^{m},8$; letr. $0^{m},09$.

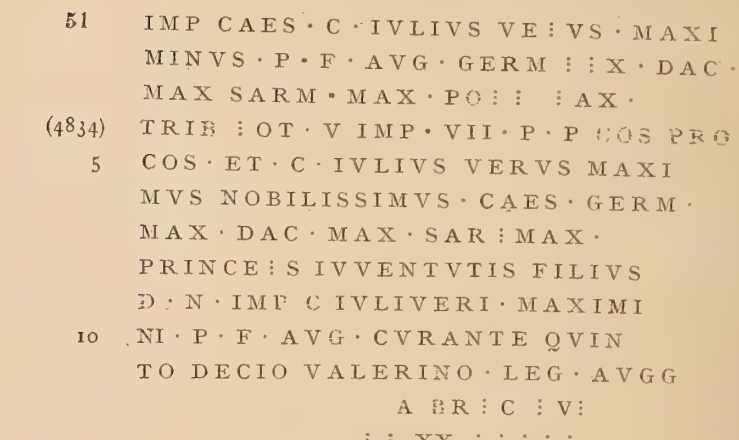
Como se vê, da epigraphe restam apenas tres das ultimas *lin.* e não inteiras. Menos dava a copia de Argote e mal: AVIP · F · AVG · CVR | IO DECIO VAL... | .....

---

[1] Ainda ha poucos dias, agosto de 95, esquadrinhou os arredores até ao rio a meu pedido o padre João Capella, abbade do Campo e nada encontrou para o caso.

[2] Cf. C. I. H. L, 643.

Na *Portella do Homem*, fronteira do Gerez, Geira:



Pedra inteira, de granito menos grosso porém rijo. Alt. $2^{m},12$; circ. $2^{m},6$; letr. $0^{m},08$.

Soffrivelmente conservada a epigraphe e sem vestigios de retoque maior. Apenas os pontos finaes das *lin.* 2.ª, 3.ª, 6.ª e 7.ª acaso abrirão suspeita de não ter andado por longe o zelo indiscreto do amador de renovações.

Tambem aqui peccou por omissão, substituição e deslocação de palavras o informador de Argote.

Nota-se omissão das siglas P· F· na 2.ª *lin.*; de MAX no principio da *lin.* 3.ª; das siglas TRIB : OT · V no principio da 4.ª; da syllaba COS no principio da 5.ª; *item* das syllabas IMVS no fim da 5.ª e principio da 6.ª; de metade da *lin.* 7.ª MAX· DAC· MAX· ; da maior parte da 10.ª P· F· AVG · CVRANTE; da 11.ª DECIO VALERINO e bem assim o que resta das 12.ª e 13.ª. Saíu egualmente omisso o numero das acclamações imperiaes na 4.ª *lin.*: E' de $\overline{VII}$ e não VI.

A substituição está no disyllabo MINVS da 2.ª *lin.* trocado por PIVS como no titulo 4826; na do PRINCIPI da 7.ª, posto em vez do PRINCEPS da 8.ª; e do IVLII · VERI da 9.ª por IVLIVERI por anomala que seja.

Quanto á localisação das palavras respectivamente ás *lm.* não vale a pena entrar em especificações: determina-se por simples confronto das duas lições.

Reapparece aqui pela ultima vez o nome VALERINO corrigido pelo snr. Hübner no titulo 4816 com intercalação de um A (VALERI*a*NO).

Consultado o caso com pessoa competente e vistoriadas novamente as pedras, nada de positivo pude apurar a favor d'aquella emenda, aliás respeitavel por ter vindo de tamanha auctoridade. Nem apparece o A nem logar para elle nas tres epigraphes mais ou menos gastas pelo tempo; e na da *Volta do Côvo* é de tal sorte nitida a gravura que nenhuma duvida deixa de que o lapidario primitivo abriu realmente ali a palavra VALERINO. Ainda se aventou a hypothese de um traço horisontal cortando á guisa de A o primeiro angulo do N, uso que parece auctorisado pelos titulos 3091 e 3272 [1] pois a esta prova resistiu ainda a nitidez da letra na pedra referida.

Com o n.º 4788 dá o snr. Hübner uma epigraphe de Maximino e Maximo *junto ao pontão de Possacos, perto da ponte de Valdetelhas.* Não na topei quando por ahi andei ha dois annos; no anno passado porém o rev. conego Cardoso, de Guimarães, foi encontral-a a meia legua d'este sitio na povoação de Valdetelhas. Ficará para outra vez por não ter sido miudamente verificada.

[1] Noto nas copias d'estes titulos o traço horisontal no N, singularmente delicado e breve. Cf. *I. H. L.*, 420 e 443.

XII

DECIO

(240-251)

Aqui novo salto na Historia (238-249) nos deixa em branco uma tirada de *sete* cesares em *onze* annos. Devorados pela febre das usurpações á mão armada, tão rapido se foram que pouco mais nos legaram que o nome. Só á sua conta viu o anno de 238 *cinco* imperantes, deixando de fóra os extinctos Maximino e Maximo: em Africa os Gordios I e II que passaram em *vinte dias* (fevereiro a março); em Roma Balbino e Pupieno, nuns *quatro mezes* (março a junho). Gordio III, esse ainda durou *seis annos* (239-244); os dois Philippes páe e filho, *cinco* dictos (244-249).

Escusado parece lembrar que pereceram todos de morte violenta; e com ser essa a saída ordinaria, nunca ao imperio faltaram pretendentes. Tanto póde no coração humano a sêde do mando.

Pela corrupção que gangrenava té á medulla o organismo do estado, e pelo amollecimento individual dos caracteres determinada a pavorosa baixa social do mundo romano, natural parece sobre elle caíssem, mesmo que as não impellisse a justiça de Deus, as massas de barbaros amontoadas ao longo das fronteiras: a modo de fluidos de densidades differentes, cujo equilibrio se não recompõe sem formidaveis embates e desencadeada tormenta.

Os preludios desta symphonia secular, de que foram

primeiras notas soltas os cimbros e os teutões em tempo de Mario e os helvecios no de Cesar, romperam nos derradeiros annos de Philippe ao norte do Danubio e celebraram a usurpação ephemera de Prisco, feitura de godos e os funeraes de Decio igualmente obra delles.

Com estas migrações em peso de um povo inteiro arrastando comsigo fazenda e familia, mal se pareciam as simplices incursões de gente armada dos mouros na Africa romana, dos persas no Oriente, dos marcomanos no Danubio, dos francos no Rheno, dos caledonios na Bretanha [1]. Todos estes facilmente rechaçados pela rijeza da legião romana, com a mesma facilidade voltavam á carga no primeiro ensejo. Agora porém a lucta era temerosa e decisiva, que a terra ficaria de vez ao vencedor; e por nove quartos seculares (250-476) impendeu sobre a cabeça do imperio esta espada de Damocles.

Entre o mundo barbaro representado pelos godos do Danubio, e o christão estabelecendo-se e radicando-se em todas as provincias do imperio, julgou Decio dever amparar o velho mundo pagão luctando contra os dois ao mesmo tempo e com as mesmas armas, as da força bruta.

Rebentou portanto nova perseguição e das mais crueis contra os seguidores de Christo. Nella se retratou o duplo traço do caracter do imperador: a crueldade de barbaro e o odio refinado de sectario, frio e calculado. Foram introduzidos novos instrumentos de martyrio para morte lenta, e obrigados os governadores de provincia sob as mais severas penas a executar os culpados do crime de fé christã, devendo ter em somenos conta os demais negocios do estado.

E assim rapido alastrou pelas provincias o fogo da perseguição, entre innumeras victimas levando nas Gallias a Saturnino, bispo de Tolosa; em Roma o papa S. Fabião e outros fieis; em Ravenna as santas Tuscia e Maura; em Catania a santa Agueda; em Arêzzo a Lourenço e Pergentino; na Tuscana a Secundiano e outros; em Lampsaco a Pedro, André, etc.; em Lambesia a Marianno e Thiago; em Alexandria a Juliano etc.; em Jerusalem ao bispo S. Alexandre; em Nicomedia a Luciano e Marciano; em Nicêa a Tryphon e Respicio; em Antiochia ao bispo S. Babylas.

[1] Cf. de Chateaubr. *Étud. hist.*, I, 88.

Por um lado a crueza dos tormentos, por outro a tibieza e apêgo de muitos christãos ás mundanidades por effeito de relativa brandura na guerra contra elles nos ultimos tempos, determinaram na Egreja varios casos de fraqueza entre os perseguidos. Alguns andaram homisiados; caíram outros, *lapsi*, em sacrificar aos deuses ou em queimar-lhes incenso ou simplesmente em apresentar attestado, *libellum*, aliás falso de o assim terem feito.

Nestes tristes exemplos de cobardia ficaram assignaladas as duas egrejas aliás tão illustres de Carthago e Alexandria, onde as defecções em turmas, de muitos que nem esperaram pela tortura para renegarem a sua Fé, cobriram de luto a Egreja de Deus [1].

«Do furioso incendio da perseguição deciana em que então ardia todo o orbe christão» [2] não podia ficar indemne esta nossa Hespanha. Aqui em Vianna soffreram martyrio seus venerandos patronos Theophilo, Saturnino e Revocata.

Por estes tempos um moço egypcio de nome Paulo natural da Thebaida inferior por esquivar a perseguição de Decio e Valeriano, e por ventura tambem pelo terror que ao longe incutia o estrepito dos barbaros juncto ao tedio da vida dissoluta dos pagãos, internou-se no deserto pondo a salvo o thesouro da sua Fé de christão mais a liberdade do serviço de Deus nos arroubamentos da oração, nas penitencias, macerações e trabalhos manuaes de cada dia. Ahi viveu n'uma caverna a vida sublime do solitario durante um seculo quasi, desde os 15 aos 113 annos de sua edade, e abriu passo á legião dos portentosos eremitas que tanto illustraram estas paragens com a pureza angelica e paz inalteravel de suas virtudes, emquanto o mundo romano desabava feito theatro de atrocidades sem nome. [3]

Assim tira Deus o bem do mal, permittindo que as ordens religiosas ás quaes estava destinado o papel de civilisar o mundo, procedendo aliás e naturalmente do seio da Egreja de Deus como do tronco os rebentos, tivessem ainda assim por causa determinante a bruteza dos barbaros e a crueldade do imperador Decio.

1 Cf. Wouters, *Hist. eccl.* I, 152, 153, 154.
2 Cf. *Breviar. brac.*, in die 14 febr.
3 Cf. *Breviar. rom.* in die 15 jan.

A Decio, *Decius*, nas inscripções IMP · CAES · C · MESSIVS QVINTVS DECIVS TRAIANUS AVG · natural de *Bubalia*, burgo perto de *Sirmium* na Pannonia, não se lhe conhecem ao certo os nomes dos páes nem a data do nascimento. Parece ter casado com uma Herennia Etruscilla da qual houvera filhos, e fôra dotado d'instrucção e dotes apreciaveis na paz e na guerra [1].

Pelo visto não entrava na conta d'estas *virtudes* a fé jurada e lealdade ao imperador Philippe, pois enviado por este á frente de um corpo de tropas para debellar na Pannonia uma insurreição, tão bem se houve que não duvidou capitanear os rebeldes que o acclamaram imperador. Este acto de felonía, consummado na batalha de Verona com a derrota e morte do imperador Philippe, abriu-lhe as portas de Roma e deu-lhe o governo do mundo.

Contra os christãos voltou logo a sua sanha, por odio de seita e motivo de affinidade d'estes com o defuncto imperador, tambem christão na opinião de antigos escriptores ou pelo menos benigno com elles [2]. Este mester confiava aos magistrados e algozes, que a si e ás legiões não os deixavam em descanso os barbaros nas fronteiras, e dentro os aventureiros aspirantes ao imperio. Emquanto nas Gallias se empenha em abafar uns inicios de guerra civil, chega-lhe recado de haverem transposto o Danubio os godos e invadido a Illyria. O mesmo na Thracia e Macedonia, onde um irmão de Philippe fôra feito imperador pelos godos. Então Decio para lá despacha com o commando em chefe ao proprio filho já feito cesar, que pouco feliz na empresa teve de abandonar aos barbaros a Thracia depois de alguns combates sem importancia.

No anno seguinte marcha o proprio imperador contra elles. Penetra na Illyria e leva-os de vencida té o Danubio, e quando contava tel-os ahi encurralados para os trucidar até ao derradeiro, perde elle com o filho a batalha e a vida afundindo-se num pantano onde no calor da refrega inconsideradamente se precipitara [3].

1 *Vir artibus virtutibusque instructus, placidus et communis domi, in armis promptissimus.* Sex. Aur. Victor, *Epitome*, XXIX.

2 Cf. Wouters, *Hist. eccl.* I, 129.

3 *Simili clade caesarem accepimus Decium... adjectum in paludem*

Para notar é que, mais que a bravura dos barbaros lhe procurou tão horrivel desastre a traição de Gallo seu subalterno, transmittindo ao inimigo o plano do ataque. E por aqui abriu caminho para o imperio precisamente como Decio fizera. Justiça de Deus.

Pertencem exclusivamente á Geira as 7 epigraphes de Decio a seguir; uma dellas porém virá no fim da obra para exemplo de phantasias *renovadoras.*

No sitio do ribeiro de *Cabaninhas,* Chorense, Terras de Bouro, Geira:

52
IMP · CAES · G
MES · Q · TRA : : : :
DECIO · INVIC
P · F · AVG · PONT ·
MAX · TRIB · POT
PROCOS · IIII
COS · II · P · P · A BR : :
M · P · XVII

250 de J. C.

Monolitho de granito ordinario e inteiro. Alt. $2^{m},5$; diam. $0^{m},5$; letr. $0^{m},1$. Jaz tombado e soterrado em parte com outro de Caro no predio subjacente á estrada. Passavam na opinião popular por duas *sepulturas de generaes romanos* e nessa conta foram denunciados ao auctor, uns dez annos haverá.

Inedita a epigraphe, bem conservada e menos mal desenhada.

Bom fôra que as duas pedras, a poucos metros da estrada, para ella fossem arrastadas e levantadas juncto da de Caracalla.

nec emergere potuisse nec inveniri. Am. Marcellinus, 368. — Sext. Aur. Victor que parece affeiçoado a Decio conta que morrera combatendo heroicamente: *Ita refecto bello, quum impigre decertaret, interiisse pari modo (in acie). De Caesaribus,* XXIX.

Doutra sorte estão condemnadas a desapparecer nos caboucos de qualquer construcção rustica mais dia menos dia.

No logar de *Sá,* Covide, Terras de Bouro, Geira:

⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝
53 ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ QV ⁝ NT ⁝
⁝ ⁝ ⁝ ⁝ AN ⁝ DECIO
(4809) ⁝ ⁝ V ⁝ ⁝ ⁝ O · PIO · F · AVG
5 ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ MAX · T · P
⁝ ⁝ ⁝ COS · IIII
⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ P · ⁝
⁝ ⁝ RAC · MIL ⁝
XXV

E' um cylindro monolithico de granito da terra. Serve de peanha a uma cruz de pedra, *cruzeiro,* á entrada da povoação.

Não lhe foram tomadas as medidas: é de corpulencia ordinaria, tem a epigraphe para baixo e quasi inteiramente soterrada. Por isso e porque é bastante friavel a pedra, vai gasto o letreiro pela acção dos saes de origem animal e das aguas pluviaes.

Entre a lição de Argote dada na integra e copiada por varios epigraphistas nacionaes e estrangeiros segundo a resenha do snr. Hübner [1] e o que actualmente pude apurar na pedra, apenas noto a sigla FEL · da 4.ª *lin.* a que não corresponde mais que F · no original. Quanto ao numero IIII dos proconsulados nada obsta o titulo 4823 que ainda conserva um resto dessa notação, como se verá, nem o 4836 que não conheço e supponho resultará de mais um equivoco de Sibelo.

[1] Cf. C. I. H. L., 641.

No logar de *Covide*, Terras de Bouro, Geira:

54

(4812)?

imp. caes
c. messio. q
tr. deci O · *invic*
to. pio. F E L *aug*
pont M A X
trib. p O *t.* *procos*
IIII. co S · *II p. p.*
a brac. a V G
m. p. xxv I

E' um fragmento longitudinal de mill., de granito rijo, e serve de supporte a um alpendre de corte de cabras do lavrador Dias de Sá, na rua da Carreira em Covide. Presumo procederá do encontrado por Brito servindo de *cruzeiro* juncto ao logar de Varzeas, fins da veiga de Santa Eufemia. Esse *cruzeiro* ha muito que não existe, pois ninguem delle me deu informações em Covide, donde concluo que tambem aqui se enganou Sibelo na copia que nos dá, mais o informador da *Revista Litteraria* [1].

As letras restantes da epigraphe ao longo do fragmento estão perfeitamente conservadas, que a pedra é durissima, e sem vestigio nenhum de contrafacção. Se fôr acceitavel a integração que proponho e a identidade do monumento, não tem cabimento a anomalia da lição de Brito na 6.ª *lin.* TRIB · POT · COS · II.

---

[1] Cf. Hübner, C. I. H. L., 641.

No sitio do *Bico da Geira*, Campo do Gerez, Terras de Bouro:

55 (4823) 5

IMP · CAES · G · MES
SO · QVINTO · TRA
IANO · DECIO · PIO
FEL · AVG
PON ⁞ · MAX · TR · POT
⁞ ⁞ ⁞ ⁞ ⁞ ⁞ ⁞ ⁞ · COS · II · P · P ·
⁞ ⁞ AC · AVG

250 de J. C.

E' um cippo de granito branco e duro. Alt. com o fragmento complementar $2^{m},24$; circ. 2^{m}; letr. $0^{m},08$.

Epigraphe gasta no principio das *lin.* 5.ª, 6.ª e 7.ª e não retocada.

A copia que de Argote e outros tomou o snr. Hübner é omissa no principio da 2.ª *lin.* onde falta a syllaba SO, no da 3.ª onde não apparecem as duas syllabas IANO e no da 6.ª. Na 5.ª estão de mais as letras IB da sigla TRIB·

Neste letreiro a anomalia MESSO por MESSIO é pouco segura; mas não se vê muito logar para o I que falta. No seguinte a cousa parece mais liquida. O titulo 4949 traz MESIO para Decio e para o filho Herennio [1].

Outra omissão se nota neste como nos dois seguintes titulos: é a falta do epitheto INVICTO em seguida ao cognome DECIO, como vem nos restantes.

No sitio da *Albergaria* á Ponte Feia, Campo do Gerez, Terras de Bouro:

56 (4833) 5

⁞ MP · CAES · G · MES
SO · QVINTO · TRA
IANO · DECIO · PIO
⁞ ⁞ L · AVG
⁞ ⁞ ⁞ ⁞ MAX · TR · POT
⁞ ⁞ OC · IIII · COS · II
A BRAC · AVG
⁞ ⁞ ⁞ ⁞ NIII

250 de J. C.

[1] Cf. C. I. H. L., 655.

Tambem este é um cippo de granito fino e duro. Alt. com o fragmento integral $1^{m},97$; cir. $1^{m},75$; let. $0^{m},08$.

Na copia do snr. Hübner tirada do Argote dão-se as omissões das *lin.* 2.ª e 3.ª como no titulo antecedente, mais a da sigla POT · no fim da 4.ª que é 5.ª aqui. Em compensação traz inteiras as *lin.* 4.ª, 5.ª e 7.ª (aqui 5.ª, 6.ª e 8.ª) cujos inicios soffreram desde então a rasura do tempo. A 8.ª *lin.* desappareceu quasi por completo com o deceparem a pedra os exploradores de dinheiro encantado.

Na *Portella do Homem,* fronteira do Gerez:

57	IMP · CAES G MESSIO	
	QVINTO TRAIANO	
	DECIO · PIO FEL AVG	
(4835)	PONT · MAX TRI POT	
5	PROC · IIII COS II	250 de J. C.?
	A BRACARA AVG	
	⁝ P · XXX ⁝ ⁝ ⁝ ⁝	

Cylindro de granito friavel. Alt. $1^{m},95$; circ. $2^{m},3$; letr. $0^{m},08$.

O letreiro menos mal conservado e sem retoques. Desappareceram-lhe em grande parte os pontos intercalados, e na 5.ª *lin.* parece ter estado o n.º III de consulados o que deitaria ao anno 251 a data do monumento. Não é nitido o ultimo algarismo, mas uma certa depressão na pedra acompanhada do travessão horisontal, d'elle dá alguns visos.

Tambem é notavel que nenhum d'estes monumentos traga o numero dos *tribunados,* quando parece averiguado que neste anno, 250, era elle *tribuno* por II ou III vez, segundo se dever contar da data da sua acclamação pelas tropas da Moesia 1 de setembro ou da morte de Philippe, 16 d'outubro de 249 [1].

1 Cf. Cagnat, *Cours d'épig. lat.*, 196, 197.

Tanto mais para estranhar que o titulo 4949 conta-lhe II tribunados; o 6229, III; os 4957 e 4958 IIII [1].

A copia que de Argote tomou o snr. Hübner pouco differe da exactidão: ligeiramente excessiva na 4.ª e 5.ª *lin.*, deficiente na 6.ª. O G· por C· na 1.ª *lin.* não altera a dicção, que os romanos parece lerem habitualmente GAIVS o nome CAIVS, dahi a facilidade de substituição em tempos de decadencia.

[1] Cf. C. I. H. L., 655, 656 — *Suppl.*, 996.

XIII

TACITO

(275-276)

Em vinte e quatro annos, quantos vão desde a morte de Decio seguida de perto pelas de seus filhos Herennio e Hostiliano, 251, até á eleição de Tacito pelo senado, 275, attinge sua mór intensidade a febre das usurpações militares. E' o periodo da confusão e anarchia a que chamam dos *trinta tyrannos,* por certa reminiscencia da historia de Athenas. Então invadem por toda a parte e percorrem as provincias do imperio os persas, os syrios, os godos, os allemães, os francos, os vandalos, os roxolanos, ora inimigos ora alliados das facções romanas que de tirarem pela purpura imperial de todo a esfarraparam. E como se não bastassem ambições tão cegas e ferozes entre os homens, para maior confusão entram em scena duas mulheres celebres, uma de origem judia, Zenobia ex-rainha de Palmyra reduzida a condição de intriguista em Roma; outra, gauleza, Victoria que punha e dispunha da purpura romana nas Gallias.

Em meio d'esta ebullição geral de paixões ferozes e senis ignavias de um povo perdido de costumes destaca a gente christã na firmeza de caracter, desprendimento e sobriedade, caridade operosa e inexgotavel, e constancia no martyrio. Valera-lhe a perseguição de Decio, apurando no cadinho da tortura o oiro fino dos eleitos e depondo as fezes dos *lapsos;* bom numero dos quaes repararam em novos combates pela Fé o desaire da primeira queda.

Com ligeiras e não geraes intermittencias continuou o fogo da perseguição, mais fortemente ateado nos derradeiros annos de Valeriano (253-259) que pagou com o captiveiro atroz na côrte de Sapor, rei dos persas, a fraqueza de caracter no morticinio de tantos innocentes por suggestões de um conselheiro fanatico.

Nem seu filho Gallieno (259-266) curou de outra cousa que de prazeres em meio de ruinas; e menos por espirito de justiça que por temor de castigos do céu suspendeu frouxamente as sevicias contra os fieis.

Com o brilhante e rapido governo de Aureliano (270-275) que por um momento restituiu o imperio romano levando deante de si os barbaros desde o Rheno ao Euphrates continuou a paz precaria da Egreja. Já elle meditava nova e geral perseguição, quando foi assassinado pelos proprios officiaes do seu sequito.

Como os ventos estivaes que amadurecem as messes, assim o da perseguição determina a preciosa colheita dos martyres. Entre innumeros deram brilhante testimunho da sua Fé por estes tempos, o valente apostolo da Africa S. Cypriano, bispo de Carthago; em Roma os pontifices S. Estevam e S. Xisto II com seu diacono o glorioso S. Lourenço, o presbytero S. Eusebio, o diacono S. Marcello, S. Hippolyto com sua familia e S. Cassiano, mestre de meninos, por elles morto a golpes de ponteiros de ferro usados na eschola, por suggestão ou sentença dos juizes.

A' provação do martyrio houve a Egreja de addicionar passivamente a da lucta contra o sophista Porphyrio, e os hereticos Sabellio e Paulo de Samosata no Oriente, Novato e Novaciano em Roma e na Africa. Tambem por este tempo apparece Manes ou Manicheus, persa, que das doutrinas de Zoroastro com as do Evangelho houve artes de fabricar tal mistura e tão sophistica como nenhuma outra té então. Era seu êrro principal o *dualismo* gnostico, reapparecido na edade media entre os Valdenses e Albigenses e hoje mesmo mais ou menos disfarçado entre franc-mações nas altas vendas. Ahi *Lucifer* o principio do mal, symbolisado pela *estrella,* planeta, Venus recebe cultos e a *guerra a Deus* é o lemma de todos os mações dos altos graus[1].

[1] Haja vista ás recentes revelações da americana Diana Vaughan ácerca do rito *Palladico*, e ao *satanismo* em voga na Italia e na America.

Tacito, *Marcus Claudius Tacitus,* nas inscripções IMP · CAESAR M · CLAVDIVS TACITVS AVG · parece ter nascido em *Interamna* ahi pelo anno 200 de J. Ch. e descender do conhecido historiador do mesmo nome. Um phenomeno curioso na historia d'aquella epocha foi a vacancia de seis mezes em que esteve o imperio, por declinarem de si a honra da eleição tanto o senado como exercito!

« Um como duello de pudor e moderação, virtude rara nos homens maxime em taes circumstancias e quasi de todo desconhecida dos soldados », como nota um historiador antigo [1].

Afinal tendo Tacito como mais qualificado dos senadores de votar em primeiro logar sobre este assumpto no senado, foi por todos acclamado imperador com varias acclamações repetidas certo numero de vezes cada uma, apesar de suas escusas e reluctancias.

Do senado foi conduzido ao campo de Marte onde recebeu as saudações das tropas e do povo.

Tacito tinha mais de 70 annos e vivia placidamente e sem ambições no goso d'immensas riquezas. Assim mesmo entrando a reinar pretendeu restituir ao senado suas antigas regalias, o que produziu na decaída assembleia alegria passageira e nenhum esforço serio para reentrar no governo activo do estado.

Que poderiam velleidades de gente enervada pelos prazeres e vicios e, de longa data, degradada aos olhos de todos e aos da propria consciencia?

Por sua conta Tacito intentou reformas e providencias que pareceram opportunas, com as quaes pretendeu regular a cunhagem e valor da moeda, reprimir as delações inhibindo os escravos de deporem contra seus senhores, e corrigir os costumes publicos de todo em todo estragados. Não se reformam costumes com emprego de medidas policiaes, e Tacito não tinha tempo nem forças para outra cousa. Nem o bom exemplo de seus costumes frugaes e honestos adiantou mais; nem a munificencia com que á custa de seus bens patrimoniaes levou a cabo em Roma reparações de monu-

1 *Ita utrinque pudore ac modestia decertabatur, rara in hominibus virtute, rebus praesertim hujusmodi, ac prope ignota militibus.* Sex. Aur. Victor, *De Caes.*, XXXV.

mentos, chegando a despojar-se a si para ornamentar a cidade.

Depois marchou para a Thracia a visitar as legiões que o juraram como em Roma e dahi teve de passar á Asia Menor salteada pelos godos que em pequenas barcas atravessavam constantemente o Ponto Euxino e infestavam o Ponto, a Bithynia, a Cappadocia, etc.

Entretanto, havendo sido assassinado Maximo governador da Syria, entenderam os assassinos que o melhor meio de escapar á punição seria novo crime e maior matando o proprio imperador.

Tacito foi morto em Tyana ou em Tarso na Cilicia em janeiro ou abril de 276.

De Tacito apenas uma inscripção e em não muito bom estado.

No sitio da *Albergaria* á Ponte Feia, Campo do Gerez, Terras de Bouro, estrada da Geira:

58 (4830)

⋮⋮⋮ CAES · CLA · TACI ·
⋮⋮⋮ ⋮⋮⋮ INVICTO · AVG
⋮⋮⋮⋮ MAX · TRIB · POTES
⋮⋮⋮IS · PAT · PAT · PROCONS
⋮ BRACARA · M · P
XXXII⋮

276 de J. Ch.

E' pedra inteiriça, de granito duro e mal cylindrada. Alt, $1^{m}.77$; circ. $2^{m},3$; letr. $0^{m},11$ algumas.

Tem aspecto de letreiro barbaro a epigraphe, no mau desenho e desigualdade dos caracteres graphicos, muito delles descendo notavelmente abaixo da linha emquanto outros apresentam proporções minúsculas. E' provavel que estas deformidades procedam em grande parte dos desmandos do cinzel renovador, que entr'outras habilidades teve a de intercalar um ponto na palavra BRACARA e deixar de renovar alguns traços della, donde resultou alguma cousa que se parece com o AC · A BRA · das copias. Como de

costume, Sibelo não foi feliz: leu *de mais* na 1.ª *lin.*; *de menos* na 2.ª, 3.ª e 4.ª.

O ponto final da 1.ª *lin.* é provavelmente do renovador, como provavel parece fôra gravado na integra o nome TACITO, ficando obliteradas com o tempo a ultima syllaba d'este nome e as siglas PIO · FEL · do principio da 2.ª, a PONT · da 3.ª e os elementos TAT das penultima e ultima syllaba de POTESTATIS na 3.ª.

E' esporadico este titulo de Tacito cá pela nossa terra, pois de nenhum outro ha noticia. Do sul do Douro traz o snr. Hübner mais *quatro*, e são quantos de Hespânha nos dá, a saber: *um* procedente de Thomar (6197) no museu do Carmo em Lisboa [1]; *dois* perto de Almeirim (4635 e 4636) e *um* não longe dahi em *Villalupi* (?) (Accursius) de n.º 4638 [2]. Nestes 3 ultimos como no presente vem a fórma do genitivo POTESTATIS pelo ablativo POTESTATE.

[1] Cf. *Supp.*, 991.
[2] C. I. H. L., 620.

XIV

CARO

(282-283)

O pequeno periodo de seis annos (276-282) cheio pelo governo de Probo entre a morte de Tacito e de seu irmão Floriano que poucos mezes lhe sobreviveu e a eleição de Caro, representa uma nova reação e mais vigorosa que a de Aureliano, da potencia imperial contra as hordas dos barbaros invasores das provincias, contra visinhos poderosos e mal contidos e contra usurpadores da purpura romana. Espanta como de tamanho cahos social pôde alguem tirar a ordem e encaminhar com justeza forças tão excentricas e alheias á disciplina. Concedendo que muito podem na restauração de um exercito mesmo de um povo as tradições illustres, força é confessar não terem sido homens vulgares os imperadores Aureliano e Probo, e quiçá subiriam ás culminancias da Historia se vieram em tempos melhores.

Probo, valente official formado nas campanhas de Valeriano e Aureliano, á morte de Tacito acclamado imperador pelas legiões da Syria, em seu favor decide na Cilicia a pendencia com Floriano, irmão do fallecido e pouco escrupuloso na usurpação do mando supremo, como em carta ao senado habilmente insinúa o mesmo Probo.

Por estas cortezias se advinha que o novo imperador aplanando qualquer attrito em Roma, queria-se desembaraçado para as operações que meditava contra differentes po-

vos germanos senhores de quasi toda a Gallia. Contra elles marchou no anno seguinte, bateu-os em tres batalhas, expulsou-os de mais de sessenta cidades, perseguiu-os além do Rheno e do Elba matando-lhes para mais de 400 mil, desterrando os prisioneiros para a Bretanha e obrigando o resto da nação a pagar onerosos tributos cada anno, por preço da paz.

Da Germania passou á Illyria em cata dos sarmatas que esquivaram o golpe retirando a tempo; depois á Thracia onde os godos supplicaram paz; dahi á Asia Menor a castigar os bandidos da Isauria e á Syria contra os blemmytas. Tamanho terror incutia a fama de suas proesas da Germania que o proprio rei da Persia, orgulhoso aliás com as humiliações inflingidas ao desgraçado Valeriano, se apressou a pedir a paz vindo pessoalmente ao campo romano depois de inuteis mensagens.

E não foi menos feliz contra varios usurpadores. Todos em breve depozeram com a vida as velleidades perigosas da soberania.

Comtudo e apesar de todas as prevenções contra a má sorte dos cesares, tanto bons como maus, victimas do ferro assassino, tambem elle pereceu ás mãos dos proprios soldados. Tinha afeito o soldado a continuo e rude trabalho no rasgar fossos, alevantar muralhas, plantar vinhas, etc. Quando na Pannonia os entretinha abrindo um canal para esgoto dos pantanos de *Sirmium*, sua terra natal, revoltaram-se e apesar da guarita de ferro donde a seguro inspeccionava os trabalhos, foi por elles trucidado.

De novo voltam as tropas á praxe de acclamar imperador sem previo voto do senado. Agora o eleito da milicia é Caro, prefeito do pretorio creado por Probo, seu camarada na guerra e por elle honrado com propôr ao senado se lhe levantasse uma estatua e désse casa á custa do thesouro. Era um pouco mais que o por elle recebido sendo môço, do imperador Valeriano.

Caro, *Carus*, nas epigraphes IMP· CAESAR M· AVRELIVS CARVS AVG· era natural de Roma, e segundo outros [1] de Narbona nas Gallias. Como quer que seja, parece procedia de baixa extirpe o que não obstou a que seguisse a

[1] Sex. Aur. Victor, *Epitome*, XXXVIII. — Eutrop. IX, (cit. p. Laurentie, IV, 304).

carreira das honras e alcançasse certa nomeada no exercito. Castigando cruelmente os assassinos de Probo talvez pretendeu desmentir a suspeita de cumplicidade no attentado, e Roma não pouco receiou do humor tyrannico do novo imperador. Entretanto mandava ao senado «se alegrasse por ter agora um imperador dos seus, e que não era justo lhes agradassem mais os estranhos que os proprios.» Por onde significava que sendo elles romanos, mal avisados tinham andado reconhecendo a estranhos, de preferencia aos filhotes de Roma como elle.

Desculpavel vaidade se era sincera, e pouco invejavel fortuna que rapido ia passar.

Bastou a morte de Probo para cobrarem animo os barbaros e tentarem novas aventuras. De modo que já os sarmatas ameaçavam outra vez a Illyria e a propria Italia quando lhes saíu ao encontro o imperador e os derrotou, com graves perdas entre mortos e prisioneiros. Partiu depois para o Oriente a conter os persas promptos a sacudir o jugo das imposições de Probo, como expiação dos ultrages á magestade do imperio na pessoa de Valeriano. Comsigo levou o filho mais novo, Numeriano, já feito cesar como o irmão mais velho Carino e dotado de melhores qualidades. A este ficou o governo das provincias occidentaes, no qual desde logo evidenciou detestaveis inclinações; o que muito contristava o páe.

Entretanto marchava este pela Mesopotamia em direitura ao coração mesmo do imperio persa, como quem procura ferir rapido e no vivo. Não resistem os orientaes á tactica e rija disciplina romana, e desbaratados em varios recontros perdem as cidades de Seleucia e Ctesiphonte. Aqui porém estaca a marcha triumphante das legiões que já o tinham acclamado *imperator* e assistido á sua apotheose em vida, pois fôra declarado e honrado como um deus! Porque a morte subita d'este deus de um dia, ferido pelo raio ou mais provavelmente pelo ferro assassino, pôz termo á comedia da vida e ás empresas bellicas.

Caro morreu no 14.º ou 16.º mez do seu governo. Antes tinham-se celebrado em Roma jogos publicos (talvez para celebrar a derrota dos sarmatas) presididos pelos filhos do imperador. Como sempre era o sangue dos combatentes mais que o das feras supremo deleite do povo romano, e lisonjear a populaça primeiro cuidado dos imperantes.

Escasseiam as epigraphes de Caro na Hespanha.

O snr. Hübner aponta-nos apenas *sete* (*Supplem.*, 1108) *tres* das quaes as de n.os 1117, 3660, 4102 aliás curiosas não eram de milliarios; *uma* duvidosa 9908; *uma* de que desappareceu o original 4786; *outra* que pelo disparate das indicações locaes, «Santa Cruz na Geira» e «Chaves», a mais de 15 legoas em *via* differente possivel é nunca existisse, 4785.

No passeio das *Carvalheiras*, Braga:

59 (4860)

IMP · CAES · M · AVR ·
CARO · P · E · INVIC
TO · AVG · P · M ·
TRIB · POTESTATIS 282/283
P · P · COS · PROCOS de J. Ch.

Pedra inteiriça de granito ordinario e bem cylindrada. Alt. 2^m; cir. 2^m.

Foi descoberta nas escavações para edificação do «hospital novo» em 1835 e hoje está levantada junto da capella de S. Sebastião.

Ás pequenas anomalias de pontos finaes nas 1.ª e 3.ª *lin.* mais ainda o E por F nas siglas P· F· da 2.ª levam-me a suspeitar de que por ahi tenha andado se bem que muito ao de leve o cinzel renovador. Não o notou o snr. Hübner talvez por não ter reparado na 2.ª irregularidade, que só verdadeiramente o é.

No sitio do ribeirinho de *Cabaninhas*, Chorense, Terras de Bouro, Geira:

60

IMP · CAES
M · AVR · CARO
P · F · INVICTO
AVG · P · M · T · P ·
COS · II · P · P 283 de J. Ch.
: : : : : : : : : : :

E' um monolitho de pedra ordinaria. Alt. $2^{m},6$; circ. $2^{m},03$; letr. $0^{m},1$.

Jaz tombado e meio soterrado com outro de Decio, como notado fica, dentro de uma propriedade subjacente á estrada.

Inedita a epigraphe e bem conservada, tirante a ultima ou ultimas *lin.* que se foram com o tempo.

No sitio do *Bico da Geira,* Campo do Gerez, Terras de Bouro, Geira:

61 (4822)

IMP CAES
M · AVR ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
CARO ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
AVG ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ 282/283
M · P ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ de J. Ch.?

Pedra inteira de granito friavel. Alt. $2^{m},12$; circ. $2^{m},3$; letr. $0^{m},1$.

A epigraphe foi visivelmente deformada, talvez pelos martelladores antigos. Mau desenho e desigualdade de caracteres, omissão de traços etc.

A copia dada pelo snr. Hübner traz na 3.ª *lin.* PRO por CARO na 5.ª IMP MNL por M · P · A' vista d'isto opina elle que terá sido de Carino e não de Probo: *Vix putaberim Probi fuisse, sed potius Corini*[1].

A usura da 3.ª *lin.* parece feita intencionalmente, como nos letreiros de Tito a do nome de Domiciano.

No sitio da *Albergaria* á Ponte Feia, Campo do Gerez, Terras de Bouro, Geira:

62 (4829)

IMP · C ⋮ ESARI
MARCO · AVRELIO
CARⁱⁿ · PIO · F 282/283
⋮ ⋮ ⋮ ⋮ AV ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ de J. Ch.?
⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮

[1] Cf. C. I. H. L, 642.

Pedra friavel porém de granito menos grosso. Alt. $2^{m},5$; cir. $1^{m},87$; letr. $0^{m},07$. São deseguaes e cacographos os caracteres do letreiro, que dou aqui por me parecer que este fôra seu logar primitivo. Substituindo o O de CARO pelos elementos syllabicos IN ficaria sem maior dispendio affeiçoado para servir a CARINO o que fôra do páe. Esta hypothese suggeriu-m'a primeiro a circumstancia de apparecer o digrapho IN a meia altura da letra R e em corpo minusculo; segundo o haver nesta estação milliaria outro titulo de Carino, quando *cesar* apenas e *principe da juventude,* na vida do páe.

A copia que de Argote tomou o snr. Hübner é deficiente na 1.ª *lin.* não dando na integra a palavra CAESARI e na 3.ª omittindo a sigla F · Nesta mesma *lin.* dá mais que a pedra o O de CARINO.

XV

CARINO

(283-285)

Eram já *cesares* desde o anno anterior, como dicto fica, e foram declarados *augustos* á morte do páe os dois filhos de Caro, Carino e Numeriano. Este ferido no mais vivo pela morte subita do páe em meio de seus triumphos, suspende a expedição e regressa com o exercito sem ter concluido a paz nem a guerra. Em marcha como não podesse supportar nos olhos magoados de pranto a luz do sol e o vento, [1] era conduzido numa cadeirinha e ahi mesmo foi assassinado por seu proprio sogro Aper tanto ás escondidas, que a tropa só deu pelo crime quando o cadaver já em decomposição o denunciou.

Emquanto isto se dava no Oriente e as legiões, passando da ira contra o assassino desconhecido á escolha de novo imperador acclamavam Diocleciano, ia no Occidente tyrannisando Carino a seu belprazer.

Carino, *Carinus,* nas inscripções IMP · CAESAR M · AVRELIVS CARINVS AVG · era como vimos o filho mais velho do imperador Caro. Da naturalidade e data do nascimento, como aconteceu com o páe e muitos outros desta epocha, nada nos conserva a Historia.

Sabe-se que o imperador ao confiar-lhe na partida para

[1] ... *ne vento obtunderetur acies.* Sex. Aur. Victor *De Caes.* XXXVIII.

o Oriente o governo das provincias occidentaes, o incumbira de passar ás Gallias a fazer face ás invasões dos barbaros de novo sublevados sabendo da morte de Probo [1]. E outrosim que um tal Sabino Juliano que se permittiu usurpar a purpura fôra por elle Carino derrotado e morto nos campos de Verona. Era então da praxe que houvesse o imperio de luctar sempre contra esta dupla especie de inimigos, o usurpador e o barbaro: na fronteira a força bruta ameaçadora, e dentro a corrupção que devorava as entranhas da patria.

E não estava Carino bastantemente armado de qualidades excepcionaes para debellar tamanhos males.

Ao contrario, «tinha-se inquinado em toda a casta de crimes. A muitos innocentes falsamente accusados condemnou á morte. Deshonrou familias nobres e nem perdoou alguns dictos picantes com que outrora o molestaram varios condiscipulos. Afinal foi assassinado, tomando parte principal neste attentado um tribuno militar cuja mulher se dizia fôra pelo imperador violentada» [2].

Segundo um curioso titulo epigraphico (3394) descoberto em 1827 em Guadix de que foi enviada copia á Academia de Madrid por Fr. José Lucas (C. I. H. L., 460) Carino teve por consorte uma MAGNIA VRBICA enfeitada com os epithetos de *augusta* e *mãe dos soldados.*

Além d'este e mais *cinco* do nosso conhecimento dos quaes deduziremos *dois* attribuidos a Caro (4822, 4829) aponta o snr. Hübner *tres;* em Tarragona *um* (4103) muito curioso; *outro* perto de Logroño (4882) e o 3385 que não encontro sob este indice.

---

[1] *Et quoniam, cognita Probi morte, barbarorum quique opportune invaserant, misso ad munimentum Galliae majore filio* (Carino) etc. Sex. Aurel. Victor, *De Caes.* XXXVIII.

[2] *Hic Carinus omnibus se sceleribus inquinavit. Plurimos innoxios fictis criminibus occidit. Matrimonia nobilium corrupit. Condiscipulis quoque, qui eum in auditorio verbi fatigatione taxaverant, perniciosus fuit. Ad extremum trucidatur ejus praecipue tribuni dextra, cujus dicebatur conjugem polluisse.* Sex. Aur. Victor, *Epitome,* XXXVIII.

No passeio das *Carvalheiras*, Braga:

63 (4761)

IMP AC NOBILIS
SIMO · CAES PRINCIPI
IVVENT M AVRELIO — De J. Ch.
CARINO P F INVICTO 282/284
AVG P M TR POT COS PROCOS
A BRAC
MP VI ·

Monolitho de granito rijo. Alt. $2^{m},32$; cir. $2^{m},11$.

Epigraphe evidentemente renovada, como notou o snr. Hübner: *litteris plane renovatis.*

Entre a lição do snr. Hübner e a minha, nenhuma differença senão é a dos pontos intercalados que a pedra não conserva, naturalmente por omissão do renovador. Só um ponto abriu e onde não podia ter logar, no final do letreiro.

Tambem a redacção do texto comparada com outras do mesmo imperante apresenta certas anomalias que auctorisam duvidar da genuidade das primeiras *lin.*, como obsersou o snr. Hübner neste logar. E' verdade que o titulo 4103 aliás genuino entra num tom ainda mais extravagante: VICTORIOSISSIMO PRINCIPI etc.; este porém não era milliario, senão devoção do presidente da provincia *Marco Aurelio Valentiniano* a seu amo *Carino.*

No passseio das *Carvalheiras*, Braga:

64 (4747)

[illegible]
[illegible]RINO
[illegible] AVG
[illegible] MAX
TRIB POTEST IIX 134/135
COS III P · P · de J. Ch.?
A BRACARAVG
ASTVR[illegible]E
M P C[illegible]

Monolitho de granito ordinario. Alt. $2^{m},77$; cir. $1^{m},98$; letr. $0^{m},06$.

Foram renovadas as letras, como advertiu já o snr. Hübner e por essa razão attribuia eu a interpolação de algum algarismo o numero excessivo dos tribunados, deixando-me assim levar da persuasão de que o titulo fôra de Carino. Agora porém noto que o snr. Hübner, sem aliás o dizer formalmente, pela data 134 a 135 de J. Ch. indicou a pertença do titulo a Hadriano; para o que basta suppôr que o curioso omittiu um A entre as duas syllabas RINO da 1.ª *lin.* e um X anteposto á expressão numerica IIX da 4.ª. Não só me não repugna admittir a hypothese, senão que me parece plausivel. Agora porém quando já não póde entrar na casa dos titulos de Hadriano, aqui ficará provisoriamente.

Apresentava este letreiro a singularidade de dar a somma das milhas de Braga a Astorga, CCXV. Era o percurso mais breve, pertencente á *via-nova* ou estrada da Geira em Portugal, que o *Itinerario* de Antonino traz em segundo logar precedido das palavras *item alio itinere*, etc. O snr. Hübner desconfia de tamanha exactidão nesta contagem da pedra e julga que a auctoridade de Ramberto não poderá afastar a suspeita de interpolação [1]. O certo é que hoje apenas se póde lêr o primeiro C do numero das milhas.

A fórma ASTVRICAE por ASTVRICAM é êrro evidentemente, como notou o mesmo snr. Hübner.

No adro da ermida de *Santa Martha*, Villa Frade, Chaves:

65 (4795)

IMP
M · AVR · CA
RINO
P · F · AVG
TR · P
P · P

284 de J. Ch.

[1] ... *ut Ramberti auctoritas interpolationis suspicionem minime excludere possit.* C. I. H. L., 634.

E' um cippo de granito ordinario. Alt. $0^m,9$; cir. $1^m,4$; letr. $0^m,1$. Está incrustado no muro baixo do alpendre; tambem serve ao mesmo mester o fragmento complementar.

Fica este mill. se milliario foi, muito desviado do traçado provavel da *via* romana [1]. Ruim desenho nos caracteres graphicos, bastante damnificados pelo tempo e maus tractos; não foi porém retocado.

No sitio da *Albergaria* á Ponte Feia, campo do Gerez, Terras de Bouro:

66 (4832)

IMP · C ⋮ ⋮ ⋮
MARC ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮
CARINO · P · F
INVICTO
PRINC ⋮ ⋮ ⋮ 282 de J. Ch.
IVVENTVTIS

E' um pedregulho de granito duro e grosseiro, cippo mal apparelhado. Alt. $0^m,98$; cir. $1^m,76$, letr. $0^m,14$, algumas.

Obra de decadencia e nem assim poupada pelo tempo.

Effectivamente parece ter sido de Carino, como aventou o snr. Hübner: *Fuit puto Carini.* Segundo Hübner, na copia de Argote introduziram um F · C na 5.ª *lin.* que lhe mereceu reparo; e na verdade a pedra não auctorisa essa novidade. Falta-lhe agora a 7.ª *lin.* que talvez se foi ao partirem a pedra.

[1] V. pag. 57.

XVI

DIOCLECIANO

(284-305)

Já declinava o seculo III da era christã, em que a historia romana se precipita rapida, confusa, marulhosa, atormentada como torrente engrossada pelos degelos alpinos, quando os *dezoito* primeiros annos do governo de Diocleciano seguidos de perto pelos *trinta e um* do de Constantino Magno lhe apresentam uma como chapada orographica por onde se espraiem agora as agoas da montanha, a bem de certa placidez e claridade de ha muito esquecida.

Verdade seja que á morte d'este ultimo de novo o terreno se empina menos escabroso comtudo, e já pelos fins do seculo IV consegue Theodosio moderar a furia da nova corrente e dividil-a em duas, das quaes uma antes de um seculo cairá no mar dos povos barbaros, emquanto que a outra levará dez seculos de curso pelos meandros preguiçosos do imperio bysantino, até se sumir pouco a pouco nos paramos dos turcos osmanlis como alguns rios de Africa nos areaes do deserto.

Evidentemente abre Diocleciano um periodo historico, inconfundivel com aquelloutro que decorre desde Caracalla até Carino: ia sendo empregnada dos ideaes christãos a atomosphera social.

Nova organisação recebe a administração do Estado, agora entregue a dois *augustos* cada um assistido pelo seu

cesar. Repartido pelos quatro o governo das provincias, ensaia-se a futura divisão do imperio; Roma já mal conhecida por muitos dos ultimos imperadores perde a côrte, que passa ás cidades de Nicomedia, Milão, Sirmium e Treviris.

Para acudir de prompto ás arremettidas dos barbaros e atalhar a tempo a erupção de aventureiros ambiciosos da purpura, parecia nada estar melhor indicado. Faltando porém Diocleciano, que por talento e direito de precedencia manteve firme a supremacia durante não poucos annos, natural era viessem a degladiar-se principes improvisados e procedentes de origens differentes. Peiorava esta situação pouco segura com a necessidade de aggravar os tributos para manter o estado de tres côrtes que valiam por quatro; pois se a de Constancio em Treveris se distinguia pela modestia senão pobreza, em Nicomedia a de Diocleciano cercava-se de todo o esplendor do luxo asiatico.

E mais não ia longe o dia em que o imperador Probo, vestido como qualquer official do seu exercito e sentado na relva a tomar a sua refeição, recebia num outeiro da Armenia a embaixada do rei da Persia. Usança archaica e reminiscencia impertinente dos velhos costumes romanos, que não obteria senão rarissimos imitadores entre pagãos.

Por este tempo os christãos, gosando ha uns 40 annos de paz relativa pelas provincias do imperio, alargavam cada dia com o numero crescente a area de sua acção e influencia, levantavam templos, celebravam reuniões e serviam cargos publicos no proprio palacio de Diocleciano.

«A muitos porém invadiu a negligencia, a preguiça e inveja, chegando a armar-se uns contra os outros, bispos contra bispos, egrejas contra egrejas; a hypocrisia de mãos dadas com a perversidade. Por isso não podia tardar a ira de Deus,» como nota um escriptor contemporaneo [1].

Em dois annos (303 e 304) feridos por quatro edictos de perseguição cada qual mais acerbo viram-se envolvidos numa conflagração geral de odios e exterminio que durou até 311 e ficou marcada com o nome de *era dos martyres*.

Postos por toda a parte, (com menos furor nas provincias de Constancio Chloro,) entre a apostasia e a morte, innumeros sellaram com o sangue a sua Fé e não poucos fraquearam em presença dos tormentos. Era o ultimo combate do heroismo

[1] Eusebio, VIII e IX (cit. p. Alzog. *Hist. uni. eccl.*, I, 169).

paciente até ao sublime dos christãos, contra o despotismo brutal do paganismo: tinha de ser terrivel e decisivo. Foi-o com effeito, e a innocencia de tão longa data perseguida e ultrajada triumphou alfim como costuma, á força do proprio sangue derramado que não do alheio.

Diocleciano deixara-se levar a taes excessos por suggestão e intrigas do cesar Galerio. Não tardará saibam os dois por seu mal como Deus usa com os voluntarios instrumentos de seus castigos.

Diocleciano, *Diocletianus*, nas epigraphes IMP · CAESAR C AVRELIVS VALERIVS DIOCLETIANVS AVG · nasceu em 245 perto de Salona na Dalmacia, de páes obscuros e mesmo de condição servil segundo parece. Tirara o nome do logar do seu nascimento (Dioclea) ou do nome da mãe.

Diz-se que nas Gallias uma sacerdotiza dos druidas lhe vaticinara o imperio logo que tivesse morto um javardo, *aper*. Quando no Oriente á morte de Numeriano foi acclamado imperador pelos soldados vendo alli o sogro e indigitado assassino do moço imperador, caíu sobre elle d'improviso e atravessando-o com a espada bradou ter morto o fatidico *javali*: Aper se chamava com effeito o morto. E brandindo a espada ensanguentada jurou pelo sol estar innocente no assassinato de Numeriano (setembro de 284).

Só alguns mezes depois (principios de 285) com a morte de Carino numa batalha na Moesia, aliás perdida como outras por Diocleciano, entrou alfim na posse plena do imperio. Do imperador Probo tinha tido o commando das tropas da Moesia, acompanhou Caro na expedição á Persia e Numeriano nomeou-o *regente dos domesticos*. Era violento e impetuoso na guerra; habil, reservado, manhôso e cruel com apparencias de clemente no tempo da paz.

No primeiro de maio de 305 em Nicomedia numa parada solemne abdicou em Galerio lançando-lhe aos hombros a purpura, dizem uns que spontaneamente, outros que forçado, ou importunado por este. Em Salona na Dalmacia passou os ultimos 8 annos da vida que terminou por 113 em suicidio.

Escasseiam na Hispanha os titulos epigraphicos de Diocleciano. O snr. Hübner apenas faz menção de cinco, dos quaes *dois* (2850 e 5140) duvidosos; em outros *dois* faltam

os nomes de Diocleciano (1439, picado e 4104) e o *quinto* é uma brevissima inscripção anonyma num annel de bronze.

No passeio das *Carvalheiras,* Braga:

67

IMP · G ⁝ ⁝ O
VALERI
O · D ⁝ OCLETI
ANI ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ P · F · AVG

E' um monolitho de modestas dimensões e pobre apparencia: granito grosso e mal cavacado. Alt. $1^{m},36$; diam. $0^{m},42$; let. $0^{m},11$.

Inedita a epigraphe e muito deteriorada pelo tempo, como se vê. Esta pedra com outras duas jazeram por muito tempo num monturo ou pouco menos no adro da capella de S. Sebastião. Quando este foi ajardinado, ergueram-nas dentro do passeio das Carvalheiras onde hoje existem. Uma das outras foi dedicada ao cesar Galerio, a terceira ao cesar Constancio Chloro. Parece haverem sido encontradas numas escavações para abertura de rua, ignoro quando e onde.

Talvez não foram milliarios estas pedras, nem fortuito o seu agrupamento. E' possivel tenham sido erigidas em 292 para commemorar a creação dos dois cesares Galerio e Constancio. Ao governo d'este ultimo pertencia Braga com a Hespanha inteira, as Gallias e a Bretanha.

XVII

MAXIMIANO

(285-305)

No mesmo quadro chronologico dos 21 annos do governo de Diocleciano tem de entrar quanto de Maximiano como *cesar* desde 285 e *augusto* desde 286 nos diz a Historia, afóra as tentativas pouco aceiadas de rehaver a purpura, deposta pouco antes e de concerto porém contra-pello com o primeiro.

Emquanto desde o Oriente acode Diocleciano á regencia do Estado mais com tractados e artimanhas politicas que á força de armas, no Occidente o seu fiel amigo e docil collega leva galhardamente as cousas pelo processo contrario: Para melhor dizer com o cognome de *Herculeo,* filho de Hercules, já que o patrão se attribuira o de *Jovio,* filho de Jupiter.

Devoção serodia, postiça e de máu gosto.

Estes filhos de deuses outros páes tiveram na real verdade, os quaes nunca sonharam por certo com tamanhas grandezas divinas e humanas.

Quando tanto sobem os homens ou descem os deuses, é que nem uns nem outros merecem o nome.

Maximiano, *Maximianus Herculeus,* nas epigraphes IMP · CAESAR C · AVRELIVS VALERIVS MAXIMIANVS AVG · era natural de *Sirmium* na Pannonia e filho de um jornaleiro, pastor ou artifice de nome ignorado e assim mesmo a

data do nascimento. Era homem inculto, porém forte e violento, vicioso e cruel, habil e reservado ás vezes. Estava-lhe indicada a carreira das armas, e em varias campanhas nas fronteiras revelara aptidões e qualidades apreciaveis para instrumento nos planos de Diocleciano. Ninguem como elle para as execuções promptas e pontuaes, e para carregar com o odioso sem pudôr nem escrupulos.

Theatro de suas proezas foram as Gallias e a Germania. Na primeira, á revolta popular dos Bagaudos parecia associar-se a tentativa de usurpação cesarea por parte de dois aventureiros Amando e Aeliano; o que tornava critica a situação e reclamava prompto remedio.

Dissipar as turbas sediciosas não custou; extinguir porém os sediciosos sumidos nas brenhas e promptos a reapparecer na primeira occasião, não era para pressas. Parece ter sido por esta occasião a famosa matança da legião *Thebana* no Vallais, alto Rhodano, commandada por Mauricio e toda composta de christãos, que se negaram a tomar parte nas ceremonias pagãs ordenadas por Maximiano. Todos soffreram a morte sem oppôr a minima resistencia [1].

Para debellar os francos e saxões que infestavam o litoral das Gallias organisou em *Bononia (Boulogne sur mer)* uma frota confiada a um destemido gaulez de nome Carausio, o qual preferiu a combatel-os vêr-se acclamado imperador pelos barbaros, passando depois á Bretanha onde firmou o seu poderio.

Não logrando Maximiano reduzil-o pela força, achou melhor pactuar com elle e voltar contra a Germania as armas romanas.

Em 290 de parceria com Diocleciano, entra triumphante em Milão onde passados 15 annos teria de depôr a purpura.

Tentando depois rehavel-a de intelligencia ou por embustes e perfidias com seu filho Maxencio, ou por assassinato de Constantino Magno seu genro, viu-se obrigado a morrer violentamente.

O militar valente e fiel a Diocleciano, devorado agora pela ambição acabou vergonhosamente no officio de vil intriguista e sicario aleivoso.

Só duas inscripções.

[1] A authenticidade desta historia é muito discutida entre os eruditos de grande nota. Cf. Alzog. *Hist. univ. eccl.* I, 171.

No passeio das *Carvalheiras*, Braga:

68

IMP · CAES
C · VAL · MA
XIMIANO
P · F · INV · AVG
P · M · T · P · P · P
A B

E' uma pedra de pobre aspecto e granito grosseiro. Alt. $1^{m},31$; circ. $1^{m},18$; let. $0^{m},14$.

A epigraphe que julgo *inedita* denuncía epocha de decadencia muito adiantada, no mau desenho graphico e na mesquinhez das siglas da 5.ª *lin.*

Juncto á ponte de *Valdetelhas*, Possacos, Valle de Passos, estrada por Chaves (?):

69

IMP · CA ⋮ ⋮
C · VAL · MA ⋮
SIMIANO · P
F · AVG

E' pedra de pequenas dimensões e jaz num muro juncto ao caminho e proximo da ponte.

Inedita. Foi copiada no anno passado pelo rev. conego Cardoso, professor do Seminario de Guimarães.

Parece não ter tido a sigla INV · como a de Braga; e as ultimas *lin.* ou as levou o tempo ou se foram com a mutilação do mill. Outro caso do desdobramento do X em X e S.

Tambem esta pedra me escapou na infeliz visita a estes logares ha dois annos.

XVIII

GALERIO

(292-311)

Apesar da lida constante e provada competencia dos dois imperadores cada um na sua especialidade, novos males eminentes reclamavam remedios novos.

Assimilhava-se então o imperio romano a velho casarão, cujos muros e travejamento outrora robustissimos os abalos do solo juncto á incuria dos morgados e mau serviço da creadagem haviam desconjunctado mais ainda que a propria acção do tempo. E porque acertara Diocleciano na escolha e opportunidade do primeiro espeque, com a nomeação de Maximiano uns 7 annos havia (285), entendeu não serem de mais dois outros agora (292) que já no Oriente os persas, Carausio na Bretanha, uns usurpadores vulgares no Egypto e na propria Italia, e agitações nas provincias d'Africa estavam pedindo prompta e vigorosa repressão.

Insinúa portanto ao collega a eleição de um *cesar* a quem faça entrar na sua familia por meio de casamento, emquanto elle por sua parte confere a Galerio Armentario em Nicomedia com a purpura cesarea a mão da propria filha Valeria.

Dahi nova partilha administrativa. Emquanto Maximiano reservando para si a Italia com a Africa romana, deixava a Constancio o resto do Occidente, no Oriente Diocleciano brindava á guisa de presente de nupcias com a

Thracia e a Illyria o genro Galerio ficando elle além do mar Egeu com a Asia e o Egypto. Aos moços, a barbaria do Rheno e do Danubio; para os velhos, mais amenas e opulentas regiões.

Absoluta autonomia não na gosavam os cesares nem mesmo o *augusto* Maximiano; e quando Deus queria mandava Diocleciano a Galerio passasse a combater na Armenia os persas de Narses, e como tivesse perdido duas batalhas consecutivas nesta campanha obrigava-o a caminhar a pé e vestido de purpura ao lado do seu coche. Para lhe quebrar o orgulho e lembrar a baixa origem donde o levantara a sua munificencia, sería; mas não é impossivel de essa humiliação nascesse o pensamento de apear do coche um dia ao velho *augusto,* para montar elle.

Galerio deixou nos annaes da Egreja uma triste nomeada, como urdidor de trapaças na côrte de Nicomedia contra os christãos e instigador da perseguição. Com o tardio edicto de tolerancia publicado pouco antes de morrer não reparou o mal feito aos christãos e ao proprio nome.

Galerio, *Galerius,* nas epigraphes IMP · CAESAR C · GALERIVS VALERIVS MAXIMIANVS AVG · era natural de Sardica na Dacia de Aureliano e filho de gente pobre. Começou por pastorear manadas de bois, donde o epitheto de *Armentario,* boieiro. Grosseiro, violento e perdido de costumes assim mesmo revelou aptidões para as armas como tantos outros, e Diocleciano contando com a docilidade servil e bravura militar do homem e tendo em menos conta o resto, como vimos nomeou-o cesar. Orgulhoso com a victoria decisiva na ultima investida contra os persas, e já enfastiado do segundo logar [1], entrou a planear a sua elevação ao imperio o que veiu a realisar em 305 com a abdicação de Diocleciano.

Durante os cinco ou seis annos de governo imperial correram-lhe mal os negocios com as luctas entre os *cesares* creaturas suas, Maximino Daia e Severo seu sobrinho e o velho Maximiano e Maxencio filho d'este. Para reduzir estes rebeldes falham duas expedições militares conduzidas até aos muros de Roma, uma por Severo, outra por elle

1 *Truci vultu ac voce terribili exclamavat :* QUOUSQUE CAESAR ? Lactan. *De mort. pers.*

Galerio em pessoa. Desesperado e ferido de uma enfermidade horrivel [1] morre pouco depois.

De *sete* inscripções de Galerio dá copia o snr. Hübner no C. I. H. L., e nenhuma dellas inteira. A de n.º 4819 da Geira na casa da Guarda, aliás bouça do *Gavião* desappareceu da pedra, tão friavel e comida dos temporaes naquelle sitio que á mão se desfaz.

As duas seguintes, porque dellas não reza o snr. Hübner, irão com a nota de ineditas.

No passeio das *Carvalheiras,* em Braga:

70

IMP
GALERIO
VAL · MAXI
MIANO · IVN
P · F · NOBILIS
SIMO · CAES

de 292-305 de J. Ch. ?

Pedra de modestas proporções e de granito ordinario. Alt. $1^{m},6$; diam. $0^{m},41$; letr. $0^{m},1$.

O letreiro *inedito,* accusa epocha de decadencia no desenho graphico; está porém inteiro ao que parece e não soffreu retoques.

Na redacção é que destoa um tanto dos outros conhecidos em Hespanha segundo o snr. Hübner, nas siglas P · F · da 5.ª *lin.* e na IVN do final da 4.ª. Esta que aliás protesta pelo destacado das letras e nitidez das duas primeiras contra a interpretação INV*icto,* tem talvez explicação no facto de haver Galerio adornado o *prenome* de origem com o *nome* Valerio tomado da nova mulher ou do sogro Valerio Diocleciano e o *cognome* Maximiano que parece Diocleciano lhe impozera como que para lhe recordar a fidelidade

[1] Uma ulcera *(vulnere pestilenti)* comida de bichos que lhe foi devorando a face e os olhos; ou da doença que os medicos chamavam *morbus pediculosus,* piolheira?

de Herculeo, como alguem pretende,[1] Assim ficaria *G. Valerio Maximiano* o moço, IVN*ior*.

Esta pedra que não me parece tenha sido milliario, veiu aqui parar de parceria com a de Diocleciano e a de Constancio Chloro, como atraz fica notado.

No sitio da *Albergaria* á Ponte Feia, Campo do Gerez, Terras de Bouro, Geira:

71

⋮ N · GAL · ⋮ AL
MXIMIAN ⋮ ⋮ ⋮
INVICTO · NOBI
LISSIMO · CÆS
ARI

292-305 de J. Ch.?

É um fragmento de granito ordinario. Alt. $0^{m},88$; cir. $1^{m},87$; letr. $0^{m},1$.

Inedita. A 1.ª *lin.* muito deteriorada alguma duvida offerece. Em todo o caso a fórma IMP · parece não fôra usada, senão a de D · N · Tambem na 4.ª *lin.* á sigla CES falta o A, se não estava collado ao E de modo insolito aliás,

Admira que o informador de Argote não désse conta desta pedra; talvez deixada á margem por sua mesquinha apparencia.

[1] Cf. Laurentie, *Hist. de l'emp. rom.* IV, 330.

XIX

CONSTANCIO

(232-306)

Emquanto pelo Oriente e muitas outras provincias do imperio ardia a perseguição de Diocleciano contra os christãos (303-304) gosavam de relativa bonança áquem dos Alpes a Gallia, a Bretanha e as Hespanhas [1]. Apenas um ou outro governador de provincia talvez por comprazer á má vontade dos dois *augustos*, ou movido de fanatismo sectario, cobiça e odio pessoal atiçava o fôgo latente que para logo extincto ficava por virtude da moderação, espirito justiceiro e desprendimento do cesar Constancio.

Se no proprio palacio, alguns officiaes que renegaram cobardemente a sua fé perante um simulacro de devassa elle reprehendeu severamente! Em reduzir os revoltosos como Carausio e Allecto na Bretanha, em rechaçar os barbaros ao longo do Rheno, e em pacificar e administrar escrupulosamente as rendas do estado empregou todo o talento e actividade, que não em espesinhar innocentes. Assim mesmo morreram por Christo em Hespanha Valerio bispo de Saragoça e o seu diacono Vicente; os fieis Justo e Pastor mais as virgens Engracia, Leocadia e Eulalia. Fôra Constancio tão modesto de portas a dentro que tendo de re-

[1] *Vexabatur universa terra et praeter Gallias ab Oriente usque Occidentem tres acerbissimae bestiae saeviebant.* Lact. (cit. p. Wouters, *Hist. eccl. comp.* I, 160).

ceber alguns amigos pediu d'emprestimo a baixella do serviço. Chamavam-lhe Constancio o *pobre*.

Se não foi christão era bem digno de o ser.

Constancio, *Constantius* por alcunha o Chloro ou *pallido*, nos titulos epigraphicos IMP · CAESAR M · FLAVIVS VALERIVS CONSTANTIVS AVG era natural da Moesia superior, illyrio como os outros desta epocha. Descendia da nobre gente dos *dardanios* e era sobrinho-neto do imperador Claudio II o gothico. Dotado de excellentes qualidades, se bem que não cultivadas pelo estudo, militou com distincção nas campanhas de Probo e Aureliano e exerceu o commando superior na guerra contra os sarmatas da Crimea. Era governador da Dalmacia quando por Diocleciano foi indigitado para a purpura. Recebeu-a em 292 das mãos de Maximiano com o titulo de *cesar* e a mão de sua enteada Theodora. Para isso teve de repudiar a propria esposa de nome Helena (sancta) christã e mãe de Constantino Magno.

Assumpto ao imperio por abdicação do sogro em 305 apenas governou um anno, vindo a fallecer em York a 25 de julho de 306 numa campanha contra os pictos. Seu filho Constantino chegava a marchas forçadas desde o Oriente a tempo de lhe receber o ultimo suspiro e a purpura imperial, mau grado da opposição de Galerio.

Escasseiam os titulos epigraphicos de Constancio em Hespanha. *Cinco* apenas nos dá o snr. Hübner, dos quaes *um* votivo (1171) outro commum aos dois augustos e dois cesares em parte obliterado (1439). Dos tres restantes aliás bem conservados *um* (4763) attribuido a Braga por Levy ninguem conhece a não o confundirmos com o publicado abaixo.

No passeio das *Carvalheiras*, Braga:

72

IMP
FLAVIO · VAL
CONSTAN
TIO · P · F · NOBILIS 292-305 de J. Ch.?
SIMO · CAES

Cylindro de granito ordinario e pequenas dimensões. Alt. $1^{m},8$; diam. $0^{m},6$; letr. $0^{m},1$.

Epigraphe *inedita*, de analoga redacção á de Galerio, n.º 70 e della parceira como notado fica; o que me leva a suspeitar que as duas mais a de Diocleciano não sendo mill. foram erigidas por algum devoto aos tres imperantes talvez para celebrar a elevação dos dois cesares em 292. Verdade seja que neste caso deveriam os letreiros apresentar um remate que assim o fizesse saber, o qual parece não ter existido.

Suggere-me esta idêa não só o facto da analogia de redacção e o de apparecerem junctos (?) tres dos cippos, como tambem o titulo 2971, de Valenzuela dedicado a Constancio pela gente de Sevilha:

D N
FLAVIO VALERIO
CONSTANTIO
NOBILISS · CAES ·
RESP · HISPAL ·
DEVOTA · NVMINI
MAIESTATIQVE
EIVS

Como quer que seja por este lado, o que por outro parece é que a epigraphe que Levy tomara dos apontamentos de Moreira D N FLAVIO | VALERIO | CONSTANTIO | NOBILISSIMO | CAESARI se realmente existiu em Braga não é a que damos atraz. Além das formas *Domino Nostro* em logar de IMP da 1.ª *lin.* e dar por extenso as palavras *Flavio* e *Caesari* da 1.ª e 5.ª, omitte as siglas P · F · da 4.ª, aliás auctorisadas por um titulo de Cordova, 2202.

XX

LICINIO

(307-323)

Quando Maxencio, filho de Maximiano Herculeo e genro de Galerio, sem attender á depravação e inepcia propria e só porque tão de perto estava aparentado com dois *augustos,* posto tivesse já abdicado um delles, levado pela ambição e despeito contra o sogro que o preterira dando a purpura de *cesar* a Severo para governar a Italia e a Africa, conseguiu que os pretorianos o acclamassem imperador em Roma, contra elle enviou Galerio ao *cesar* Severo que então residía em Milão. Sendo este porém rechaçado de Roma, onde era odiado pelas exacções a que se prestara obedecendo ás exigencias fiscaes de Galerio, acolhera-se a Ravenera onde cercado logo por Maximiano teve de render-se, é conduzido a Roma foi morto a poucas milhas da cidade.

Então nomeou Galerio em seu logar a Licinio, apesar dos exforços e intrigas de Maximiano em proveito proprio.

Licinio *Licínius,* IMP CAESAR VALERIVS LICINIANVS LICINIVS AVG · [1] tambem illyrio, parece ter nascido na Dacia de Aureliano (Moesia) ahi por 260. Era filho de gente apoucada, como os demais seus collegas tirante Constancio.

[1] O titulo epigraphico adiante traz LICINIO LICINIANO. Vai acima na ordem inversa por não me afastar da lição dos mestres.

Cf. Cagnat, *Cours. d'épigr. latin.*, 209 — Hübner, *Suppl.*, 1109

Distinguiu-se na campanha contra os persas e obteve a amisade de Galerio que em 307 o nomeou *augusto*. A morte d'este aproximou-se de Constantino cuja irmã Constancia recebeu em casamento e teve ares de se fazer christão. Voltando-se contra Maximino Daia ou Daza repelliu-o da Thracia e da Macedonia, e perseguiu-o na Asia até o extinguir com a familia delle e as duas viuvas (mãe e filha) de Diocleciano e de Galerio seu bemfeitor. Em 315 perde Licinio contra Constantino a batalha de Cibalis e com ella a Grecia e a Macedonia. Depois de uma paz de 8 annos rompe de novo a guerra entre os dois e Licinio derrotado por mar e por terra (Andrinopolis, Chrysopolis etc.) abdica, é desterrado para Thessalonica e pouco depois morto por ordem de Constantino, 324.

Licinio não se distinguiu nem por virtudes nem por vicios entre quasi todos os imperadores romanos da sua epocha. Era um homem sem educação, violento, cúpido, cruel e perdido de costumes. Em tempos assim taes qualidades não embargam o caminho para os primeiros logares da republica. O mesmo aconteceu aos outros.

De apenas quatro titulos de Licinio páe, incluindo o nosso, dá conta o snr. Hübner no C. I. H. L., e d'esses o de n.º 4105 tem delido o nome do imperante.

No sitio da *Trofa velha* (antes do logar de Antomil) Bougado, Santo Thyrso, estrada de Braga ao Porto:

73 . *d.* N VLA
. . . . . .
LICINIO
(6203) LICINIANO
AVG

Cylindro de granito ordinario, já chanfrado no fuste e na base. Alt. $1^{m},4$; diam. $0^{m},53$; letr. $0^{m},1$,

Esta pedra com outra de Constante tendo sido descobertas na abertura da estrada a mac-adam para o Porto, con-

duziram-nas uns lavradores para a proxima aldeia de Antomil, onde por duas vezes foram visitadas e copiadas pelo auctor ahi por 1882. Por esse tempo ou pouco depois tambem as copiou o snr. dr. Martins Sarmento e deu traslado ao snr. Hübner que as publicou no *Suppl.*, 993.

O rev. Fonseca Pedrosa, abbade de Santo Thyrso, conseguiu fazel-as reconduzir á Trofa velha a fim de serem levantadas á margem da estrada juncto á ponte.

A lição do snr. dr. Sarmento foi : [illegible]VA | CINIO | LICINI | AVG.

Voltando no anno passado ao local, de companhia com o snr. abbade Pedrosa pude confirmar-me na minha primeira lição. Apesar da erosão do tempo e de algumas falhas da pedra, o traço fino e firme da primeira syllaba de LICINIO e as depressões um pouco vagas porém recognisciveis das duas ultimas de LICINIANO parece-me auctorisarem o complemento dado.

Agora se a disposição LICINIO LICINIANO nos letreiros d'este imperador será ou não correcta não o sei positivamente. Contra ella tem a indicação dos dois notaveis epigraphistas atraz apontada mais o theor de tres epigraphes de Licinio filho; a favor está esta pedra e porventura o titulo 4862: D N | P · VALE | RIO · LICI | NIANO | INVIC | TO onde o nome LICINIO não chegou a figurar ou precedeu o de LICINIANO.

Além de que *Liciniano* tem mais geito de *cognome* ou *gentilicio* que de *nome*, como se póde verificar nas longas listas de nomes e cognomes romanos dados pelo snr. Hübner no *Suppl.* em muitas epigraphes funerarias e outras do C. I. H. L.

Por ex. a de n.º 2057 *(Villavieja del Cauche)* D · M · S · | L · LICINIVS · LICI | NIANVS etc.; a de n.º 3230 *(Alhamora)* P · LICINIO etc. | P · LICINIVS | LICINIANVS.[1]

[1] Vid. n.os 1136, 1360, 2366, 2237, 3652, 4383 e 6150.

XXI

CONSTANTE

(323-350)

Tres seculos de duração levava já o imperio romano quando Constantino subindo ao poder abriu uma era nova de sabia administração do estado e liberdade christã. A sementeira do Evangelho fustigada de continuo pela perseguição, medrava assim mesmo no sangue dos martyres e tempo era de ostentar á luz do sol toda a pujança de seara abençoada. A Constantino a missão de lhe trazer os dias serênos.

Desalgemar a Egreja, sental-a á mesa do convivio social como entidade juridica, ostental-a em toda a formosura desde os degráus do throno ao mundo absorto, informar com o espirito della as leis e os costumes foi empenho seu, seu papel representado com heroico vigor até ao fim.

Para isso manda gravar sobre os *labaros* ou estandartes imperiaes o anagramma de Christo, significado pelas duas primeiras letras gregas do nome entrelaçadas, o X *(chi)* e o P *(ro)*; nega-se a subir ao capitolio como era costume para dar graças aos deuses depois da victoria sobre Maxencio; dissolve de vez a guarda pretoriana; ameaça com pena de morte os delatores; protege os escravos e facilita-lhes a alforria; defende o pudôr das mulheres prohibindo que sejam conduzidas á prisão e comminando penas severissimas contra o crime de rapto; prohibe o abandono dos recemnasci-

dos mais ainda o infanticidio; põe a coberto os devedores do fisco contra a crueldade e avareza dos exactores etc., e para remate convoca e assiste ao concilio de Nicêa (325), a primeira grande assembleia dos christãos, de todas a mais illustre e importante pela doutrina definida, formulada no symbolo para todas as egrejas da communhão catholica por 318 bispos e padres, famosos em letras, santidade e constancia heroica nas luctas pela Fé.

Melhor que Augusto trazendo a *paz octaviana* tão falada, foi Constantino o *restituidor da paz* não só do Estado tambem da Egreja. Este titulo que parecería logar commum usado só na historia ecclesiastica, confirmam-no os monumentos epigraphicos do tempo sem caracter particularista.

Seja um, dado pela inscripção do arco triumphal de Constantino sobre a *via* Appia a poucos passos do Coliseu em Roma [1]; outro, uma lapida descoberta em Braga [2] ha poucos annos e jazendo actualmente no largo das Carvalheiras perto do muro da quinta dos snrs. condes de S. Martinho:

Em Roma:	Em Braga:
IMP · CAES · FL · CONSTANTINO MAXIMO	PACIS ET QVIETIS
P · F · AVGVSTO S · P · Q · R	AVCTORI LIBERTATIS
QVOD INSTINCTV DIVINITATIS MENTIS	RESTITVTORI ET VICTORI
MAGNITVDINE CVM EXERCITV SVO	HOSTIVM D N FLAVIO
TAM DE TYRANNO QVAM DE OMNI EIVS	CONSTANTINO MAXIMO
FACTIONE VNO TEMPORE IVSTIS	TD : : : INVICTO AVG
REMPVBLICAM VLTVS EST ARMIS	AEMILIVS MAXIMVS VC :
ARCVM TRIVMPHIS INSIGNEM DICAVIT	: M : DIVO AA : 3
	. . . . .
Num dos lados: LIBERATORI VRBIS	. . . . .
No outro: FVNDATORI QVIETIS	

[1] Vid. *A Roma!* pelo a., 123 n. J.

[2] Este curioso letreiro, já bastante delido, foi porfiosa e intelligentemente estudado pelo snr. Albano Bellino que delle deu copia zincographica na *Revista de Guimarães*, n.º 3, julho de 1895.

[3] Proporia integrar na 6.ª *lin.* PIO · *fel*(ici); na 7.ª V*(ir)* C*(larissimus)*; na 8.ª P*(raeses)* P*(rovinciae)* C*(allaecia)* · *nu*MI(ni) DEVOT *(us)*M*(aiis* e na 8.ª *tatique) ejus* Seria *ad instar* dos n.os 2203, 2205, e 4106.

Para tudo chegava o talento governativo e actividade de Constantino: transfere de Roma para Byzancio a côrte; converte esta cidade numa esplendida capital a que dá o seu nome; divide as provincias do imperio em quatro prefeituras e estas em dioceses, servidas por magistrados com novos titulos (prefeitos, vigarios, presidentes, duques, condes etc.) e com repetidas visitas ás provincias e numerosos edictos cheios de vigor e opportunidade tudo regúla e providenceia a seu talante.

Não assim no que toca ao governo de sua casa. Illudido talvez por intrigas de sua mulher Fausta condemna á morte o filho primogenito Crispo, enteado desta e discipulo de Lactancio, principe que tanto promettia; depois teve a mesma sorte a mulher, Fausta, o sobrinho Licinio o moço e outros seus parentes. Afinal commette o êrro de deixar dividido o imperio por tres filhos sobreviventes, Constantino, Constante e Constancio, e pelo sobrinho Dalmacio baldos todos de talento e por ventura de educação. Porisso a parentella deste grande homem aliás numerosa, desapparece rapidamente e de morte violenta.

Constante, *Constans,* IMP · CAESAR FLAVIVS IVLIVS CONSTANS AVG era o 3.º filho de Constantino Magno e de Fausta. Foi creado *cesar* com o poder tribunicio por seu páe em dia de natal, 25 de dezembro de 333; e acclamado *augusto* a 9 de setembro de 337 depois da morte d'este.

Na partilha das provincias tocou-lhe o governo da Italia, Africa e Illyria. Morto seu irmão Constantino II numa batalha contra elle junto de Aquiléa, entrou Constante na posse da prefeitura das Gallias onde feriu algumas batalhas felizes contra os francos e os obrigou a lhe pedirem alliança.

Como christão foi orthodoxo, convocou o concilio de *Sardica* (Sophia) capital da Illyria onde Santo Athanasio confundiu os arianos; censurou o arianismo de seu irmão Constancio, e tentou atalhar o scisma dos donatistas em Africa. A pureza dos costumes porém não correspondia á da Fé, nem de justiça era opprimir os pobres paizanos para ganhar o affecto da soldadesca. E' o que nos attesta um grave historiador d'esse tempo [1], hespanhol e mesmo bracarense como alguem quer.

[1] *Post cum se Constans intolerandis vitiis dedisset, ac poena provincialium favorem militum compararet*, etc. Paulo Orosio, *Histor.* l. VII, c. XXIX.

Vencido e perseguido por Magnencio usurpador da purpura nas Gallias, foi por mandado d'este mesmo assassinado em *Helena* quando pretendia salvar-se em Hespanha pelos Pyreneus.

Nenhum outro titulo de Constante além do seguinte, aponta o snr. Hübner no *Suppl.* Não póde ser maior a carestia da especie.

No logar da *Trofa velha,* Bougado, Santo Thyrso, de Braga ao Porto:

74	IMPERATORI CAESARI	
	DOMINO NOSTRO	
	⁝⁝⁝⁝IO IVNIO CONS	
(4742-6209)	TANTI MAXIMO	
5	VICTORI · AGRI ⁝ M	
	PATORI AVGVSTO	337/356 de J. Ch.
	DIVI CONSTANTINI	
	ET VALERI MAX ⁝	
	MIANI NEPOTI	
10	DIVI CLAVDI	
	PRONEPOTI	
	E BRAC	
	M P XXI	

E' uma pedra mal cylindrada e com ligeiras apparencias de pyramide quadrangular, de granito fino e consistente. Alt. $2^{m},11$; cir. $1^{m},55$; letr. $0^{m},9$.

Apresenta todos os caracteres de decadencia a feição graphica do letreiro: letras desiguaes, mal desenhadas, sem intervalos de palavra a palavra nem pontos intercalados nem respeito da linha horisontal nem siglas.

Um pastelão de pobrissimo aspecto e insipido, se bem que de facil digestão. Mesmo assim bastante respeitado pelo tempo e indemne de retoques officiosos.

A copia enviada por um curioso daquelles sitios ao nosso fallecido Soromenho, donde a tomou o snr. Hübner para o C. I. H. L. com o n.º 4742 saíu bastante defeituosa

na *lin.* 9.ª com um NOBIL em vez de NEPOTI e com a omissão da 10.ª *lin.* DIVI CLAVDI. Já no *Suppl.* emendou Hübner o êrro á vista da lição do snr. dr. Martins Sarmento. Tambem fôra notado pelo a. na visita ao monumento ahi por 1882.

Bem podem ir á conta do gravador as duas anomalias, IVNIO por IVLIO na 3.ª *lin.* e PATORI (TRIVM) por PHATORI na 6.ª Na 3.ª gastou o tempo ou qualquer outro accidente o nome FLAVIO levando-lhe as quatro primeiras letras; na 5.ª o C de AC parece collado ao T seguinte; na 12.ª está um E curvo por A.

A que attribuir a falta de palavras na 7.ª e 8.ª *lin.* para completar o sentido, é que eu não sei. Porque nenhuns vestigios ficaram nem espaço bastante para as dar *in extenso* como as demais. E comtudo ao CONSTANTINI da 7.ª *lin.* devia seguir-se FILIO | DIVI FLAVII CONSTANTII. Esta integração é abonada por analogia com o titulo de Constancio, a seguir.

Outra exquisitice é que se diga Constante *bisneto* de Claudio imperador, o gothico, quando não era senão *bis-sobrinho* segundo parece averiguado. Verdade seja que neste ponto, tal houve como Caracalla que levando a licença 'té o absurdo abriu exemplo da mór semceremonia.

XXII

CONSTANCIO II

(343-361)

Quasi como a descendencia de Carlos Magno que logo se diluiu numa linhagem de bulhentos imbecis, assim a de Constantino o grande se extinguiu depressa deixando na Historia tristes exemplos de degenerencia precoce. A que attribuir o phenomeno tanta vez repetido que vai assumindo as feições de uma lei?

Para o nosso caso um dado vem com sua força explicativa e de não pequeno valor: a descendencia por via materna d'aquelle grosseiro e baixo intriguista Maximiano Herculeo, e a ruim educação recebida de tal mãe. Sabe-se que Fausta induziu o marido por meio de infames calumnias a condemnar á morte o filho delle e de Minervina, aquelle valente e desditoso Crispo; e outro sim que fôra mulher de maus costumes e porisso acabara de morte violenta por sentença do marido. Daqui facil é conjecturar quaes elementos educativos assimilariam as almas infantis de seus filhos. Constantino teve a Santa Helena por mãe; estes, uma Fausta de má nota.

A isto accrescentemos a acção dissolvente do luxo oriental numa côrte afeita desde Diocleciano á molleza dos eunuchos e a vicios de toda a especie; mais ainda á moral laxa que o arianismo introduzira por lá.

A seita ariana apesar da condemnação de Nicéa alas-

trara e servira por toda a parte á ambição de intrusos e ás maiores desordens. Penetrou na côrte e Constancio fez-se paladino della. A' manía de orador rhetorico de que blasonava ajuntou a de theologo, e favoreceu os herejes e ordenou ou tolerou a perseguição dos bispos orthodoxos, entre elles o grande Athanasio bispo de Alexandria e Osio chamado o *páe dos bispos,* de Cordova, que presidira em Nicéa e Sardica e soffrera tortura na perseguição de Maximiano. Este santo velho, intimado pelo despota a subscrever á condemnação de Athanasio, responde com a serena altivez do apostolo: «Sabei, ó principe, que pela edade po-«día ser vosso avô (tinha mais de cem annos). Achei-me em «Nicéa e Sardica; sei o que lá se decidiu; conheço a ver-«dade; vós estais em êrro. Se quereis saber a verdade não «envieis a presidir aos concílios vossos condes e prefeitos. «Não vos intromettaes nas cousas da Egreja nem pretendaes «dar-nos lição em materias que de nós tendes de aprender. «A vós confiou Deus o Imperio, a nós a Egreja» etc.

Pois não se moveu com a voz da razão o tyranno nem com a auctoridade de tão grande homem, senão que o poz a ferros e ao fim de um anno de duros tractos abusou do pobre velho levando-o a subscrever uma formula de Fé mais ou menos ariana, segundo o testimunho de Santo Hilario aliás contestado por outros escriptores [1].

Tal era Constancio e tal o seu tempo.

Quem diría que de Constantino o orthodoxo tería de passar o imperio pelas mãos de um ariano, Constancio seu filho ás de um pagão apostata, Juliano seu sobrinho!

Constancio, *Constantius,* IMP CAESAR FLAVIVS IVLIVS CONSTANTIVS MAXIMVS AVG, segundo filho de Constantino Magno e de Fausta nasceu em *Sírmium* em 317. Feito *cesar* aos *seis* annos de edade (323), teve com os dois irmãos a dignidade de *augusto* aos *vinte* (337). Coube-lhe em partilha nesse mesmo anno o Oriente, a Grecia, a Thracia e a Macedonia; governo inaugurado pela matança em Constantinopla de sua numerosa parentella de tios e primos, senão ordenada positivamente tolerada ao menos. Apenas escaparam por então os dois irmãos Gallo e Juliano, seus primos. Depois empenhou-se numa campanha pouco feliz contra Sa-

1 Cf. Rivaux, *Tr. d'His. eccl.* 281, 282.

por II rei dos persas, 343. Melhor lhe correu a sorte quando voltou as armas contra varios usurpadores: Vetranião na Illyria, e nas Gallias Silvano e Magnencio. Este ultimo assassino de Constante e valente cabo de guerra, foi assim mesmo destroçado na sangrenta batalha de Mursa, pondo termo á vida afinal mais seu irmão Decencio.

Constancio pouco desejoso das fadigas e perigos da guerra no Oriente, nomeou em 351 *cesar* seu primo Gallo com o governo dessas provincias, para tres annos depois o mandar prender e condemnar á morte.

A prefeitura das Gallias confiou-a a Juliano em 355, e como este fosse acclamado *augusto* pelas legiões quando ao fim de cinco annos de brilhante governo era chamado ao Oriente, Constancio então na Asia propõe-se vir combatel-o. Morre porém na Cilicia, 3 de novembro de 361.

Das *sete* epigraphes de Constancio do C. I. H. L. *tres* são incompletas por estrago do tempo ou dos homens, 4824, 4852 e 4875; *uma* duvidosa, 5239; *duas* votivas 2206 e 4108; a ultima, 6237, é de um mill.

Em nenhuma d'ellas se usa o estylo da nossa, analogo ao da anterior dedicada a Constante.

No sitio da *Palafalsa,* Mouroãs, Riocaldo, Galliza, Geira :

IMP C ⋮ ⋮ ⋮ DO *mino nostro flavio*
IVLIO CONS *tantio*
MAXIMO VIC *tori ac*
⋮ RIVMFATORI AV 337/361 de J. Ch.
(4844) 5 G ⋮ STO DIVI CONSTA
NTINI MAXIMI · FILIO
DIVORVM FLAVII CON
STANTI ET VALERI MAXIMI *ani*
nepoti ⋮ ⋮ VI CLAVDII PRONEPOTI
10 ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮MM PASVS + ⋮ ⋮ ⋮VII *sic*

Monolitho cylindrico, de granito ordinario e já lascado.

Jaz tombado juncto a um dos atalhos que descem pelo valle e não longe da primeira povoação gallega. Alt. $2^{m},22$; cir. $1^{m},82$; let. $0^{m},1$.

Na epigraphe mau desenho graphico, letras desiguaes e algo delidas pelo tempo. No alto á direita do letreiro falta um pedaço da pedra com que se foram partes das 3 primeiras *lin.*, e na ultima andou evidentemente o ferro do renovador que não contente de estragar o que restava accrescentou de sua casa uma cruzeta + no principio da expressão algarismica das milhas que devia de ser XXXVII.

Por attender á lição do padre José de Mattos Ferreira na copia provavelmente colhida quando a pedra estava inteira e mandada ao Argote, segundo Hübner, é que vai a integração CONS*tancio*; pois tanto póde convir a este como a qualquer dos dois irmãos Constantino ou Constante a epigraphe.

Na 1.ª *lin.* deu o P. Mattos as siglas D · N · em vez do *in extenso* DOMINO NOSTRO e na 2.ª omittiu o nome IVLIO.

A fórma DIVORUM em vez de DIVI · · · et DIVI · · · novidade cá pela nossa terra, não o é por outras segundo me informa o snr. dr. Martins Sarmento. [1] Tambem o F por PH (Φ grego) no *triumFatori* da 4.ª *lin.* é outra novidade que poderá ir, talvez, á conta do *gravador* primitivo senão do *renovador*. A mesma letra me pareceu vêr em identica palavra da epigraphe antecedente, 74, no logar do P · Cedi porém a quem via de outra fórma.

Deficiente e inexacta a lição de Sibelo, segundo o traslado do snr. Hübner; é comtudo presumivel que tenha visto e copiado o letreiro, nessa epocha já truncado como hoje. Eis o seu traslado: AN | NOVI | M · · · RIAN | DIVI CONSTANTINO *(sic)* | · · · NI MAXIM · · · IO | · · · ORVM · · · MVII *(sic)* CON · · · | ET VALEN MAXIMVS | DIVI CLAVDII PRONEPOTI | MILIA PASVS · · · VII.

[1] Vid. outro caso, na conclusão.

XXIII

MAGNENCIO

(350-353)

No longo reinado de Constancio, cortado de incidentes provocados pela ruindade dos tempos e vaidosa inepcia do imperante, a revolta e usurpação de Magnencio não passa de mero episodio, effeito das mesmas causas. Assim mesmo foi na ordem politica o de maior gravidade, já que para seu desfecho houve mister o combate mais formidavel de força armada, e maior morticinio em guerra civil de que rezam as chronicas do tempo. Só na batalha de Mursa na Pannonia (351) ficaram no campo cincoenta mil soldados das melhores tropas do imperio, das legiões do Rheno e do Danubio. Damno sensivel para muito tempo [1].

Magnencio, *Magnentius*, nos titulos epigraphicos IMP CAESAR FLAVIVS MAGNVS MAGNENTIVS AVGVSTVS ou FLAVIVS MAXIMVS [2] MAGNENTIVS AVG era um barbaro, franco de origem, cuja naturalidade e filiação desconheço, elevado como tantos outros pela fortuna aos altos postos da milicia.

Em tempo de Constante commandava nas Gallias os

[1] *Sequitur bellum illud horribile inter Constantium Magnentiumque apud Mursam urbem gestum, in quo multa romanarum virium profligatio etiam in posterum nocuit.* Paulo Orosio, *Hist. l.* VII e XXIX.

[2] *Cagnat*, MAGNENTIVS MAXIMVS; mas não acho justificado nas epigraphes. Cf. *Cours*, 313.

jovios e *herculios* quando em janeiro de 350, mediante certos manejos pouco aceiados e emquanto se desenfadava na caça o imperador, levou a soldadesca aliás desgostosa do theor de vida de Constante a acclamarem-no a elle em Autun, *Augustodunum*. Constante perseguido na fugida para Hespanha foi, como vimos já, alcançado e morto no castro de Helena nos Pyreneus.

Então Magnencio propondo-se recolher a herança inteira da sua victima penetra na Italia e por meio do conde Marcellino ataca e mata o intruso Nepociano, sobrinho de Constantino, acclamado poucos dias antes pela populaça e defendido por ignobeis gladiadores.

Mais séria devia ser a lucta contra Constancio, resolvido a vingar a morte do irmão e mais ainda a integrar com as provincias do Occidente o seu já vasto imperio. Como não valessem negociações toma Magnencio o papel de aggressor, e á frente das suas tropas desce o valle do Danubio em demanda de Constancio que se entretinha no concilio de Sirmium a patrocinar a causa dos arianos. Quasi surprehendido pela marcha rapida de Magnencio, tentou e propoz transacção que foi regeitada; e avançando este até Mursa sobre o Drave ahi se fere a terrivel batalha que referimos e Magnencio perdeu, não por denôdo ou pericia de Constancio que durante a acção se encerrou numa egreja com um impostor de nome Valente bispo ariano á espera do desfecho, mas por defecção de Silvano, moço franco, seu logar tenente.

Retirando para a Italia não poderam garantir-lhe a permanencia na peninsula algumas vantagens pelas armas contra a gente de Constantio; porisso se internou nas Gallias onde não logrando manter-se por falta de apoio, depois de trucidar os mais proximos parentes atravessou-se com a propria espada (agosto de 353) em Lyon. «Apesar de barbaro de origem era dado ás letras, sarcastico no dizer, vaidoso e tímido quefarte; com arte encobria a timidez sob capa de audacia» [1].

São precisamente quatro das inscripções seguintes as unicas de Magnencio apontadas no *Suppl.* do snr. Hübner. Accrescentarei mais uma, desconhecida como tal por andar

[1] *Ortus parentibus barbaris..., legendi studio promptus, sermonis acer, animi tumidi et immodice timidus: artifex tamen ad occultandam audaciae specie formidinem.* Sex. Aur. Victor, *Epitome*, XLII.

desfigurada pelos copistas. Mais outra, *inedita*, de que apenas se apuram alguns traços, irá na conclusão com o refugo.

No passeio das *Carvalheiras*, Braga:

76

(4765)

OR ORI⁝⁝
TRIVMPHATO
⁝⁝SEMPER AV
⁝⁝STO MAXIMO
MAGNEN⁝⁝O
TERRA MARI
QVE VICTORI XVI

350/353 de J. Ch.

E' uma pedra mal cylindrada, rija e grosseira. Alt. 1m,77; cir. 1m,85; letr. 0m,08. A epigraphe já de si pouco apurada como todas as d'aquella epocha decadente, tem soffrido ainda em cima os maus tractos do tempo e da mão dos homens. Parece que as duas letras OR no alto á esquerda terão pertencido a outro letreiro da mesma pedra, segundo opina o snr. Hübner. No principio da 3.ª *lin.* dá este snr. a syllaba RI que não pude colher no original; assim mesmo quasi invisiveis me pareceram as tres ultimas letras da 2.ª

A formula *vencedor por terra e por mar sempre augusto* parece ter sido usada a primeira vez por Constancio numa curiosa carta toda de fanfarronadas ao rei dos persas Sapor que se intitulava *rei dos reis, commensal dos astros e irmão do sol e da lua.*[1] Dignos um do outro.

1 *Victor terra marique Constantius semper augustus* etc. Amm. Marcellinus, l. XVII, c. V.

No alpendre da capella de *S. Bartholomeu das Antas,* Rubiães, Coura, estrada de Braga por Tuy:

77 (6225)

D · N
MAGNO
MAGNENTIO
IMPERATORI
AVG
P · F
B · N · R · P · N ·
XXXI

350/355 de J. Ch

Monolitho de granito ordinario. Alt. $1^{m},6$; cir. $1^{m},9$; let. $0^{m},1$.

Esta epigraphe aliás inteira e bem conservada, differenceia-se no estylo de todas as de Magnencio por certa parcimonia e elegancia. Das outras apenas duas seguem o mesmo theor, como se verá. Na 6.ª *lin.* a formula desusada B · N · R · P · N diz *nascido para bem da republica.* É um comprimento sem relação com a realidade, como se sabe.

Tambem este titulo, denunciado com os visinhos ao auctor pelo snr. dr. M. Sarmento, saíu em 1883 no *Boletim de Arch.* e *Archeol.,* donde o tomou o snr. Hübner para o *Suppl.*

Na povoação dos *Possacos,* Valle Passos, estrada de Braga por Chaves:

78 (4791)

⁝ ⁝ MAGNO
MAGNENTI
O P ⁝ INVIC SEM
P ⁝ ⁝ AVG
B ⁝ ⁝ ⁝ ⁝

350/353 de J. Ch·

E' um cippo de granito, de pequenas dimensões, no topo de uma escada para casas de uma quinta proxima da egreja parochial.

Epigraphe damnificada pelo tempo; letras desiguaes e mau desenho graphico. Diz menos mal com a copia que de Tavora tomou Argote segundo a nota do snr. Hübner. Apenas falta agora o D inicicial da 1.ª *lin.* e os R · N em seguida ao B da 5.ª. Pelo visto tambem aqui se dizia que *nascera para bem da republica* o tal Magnencio. Se palavras valeram não haveria mal.

Na *Volta do Côvo*, Campo do Gerez, Terras de Bouro, Geira:

	D · N	
79	VICTO : :	
	AC TRIVM : : :	
(4820)	TORI · SEM : : : INVI : : :	
5	MAX : MO MAG	
	NENTIO TE : : :	250/253 de J. Ch.
	MARIQVE	

É uma pedra mal cylindrada, rija e grosseira. Alt. $1^{m},77$; cir. $1^{m},85$; letr. $0^{m},08$.

O letreiro muito deteriorado pelo tempo andava de todo desfigurado nas copias de Argote e de Sibelo, segundo Hübner, C. I. H. L., 642.

Arg.— · · · D · · · | · · VICT · · · | ACIRS · · *(sic)* · | LORI · SL *(sic)* · · · | MAX | NENE *(sic)* · · | MARIO *(sic)*

Sib.—VICTO | · · · · | · · · · | · · AX · · · | · · · · | MARIO *(sic)*.

O tal MARIO que devia de *intrigar* não pouco os epigraphistas que trabalham sobre copias alheias, resultava como se vê da conversão do Q de *mariQue* no O final de *marIO*.

A lição INVI*cto* da 4.ª *lin.* é um tanto duvidosa: melhor ficaria AVG*usto*. Dou porém o que me pareceu, annos ha e quando me não prendia tanto com estes escrupulos por falta de conhecimento adequado.

Na *Portella do Homem,* fronteira do Gerez, Geira:

⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ AVGVSTO
80 MAXIMO · MAG — 350/353 de J. Ch.
(4840) NENTIO · XXXIV

E' um pedregulho mal acabado e de pobre aspecto. Alt. $0^{m},86$; cir. $1^{m},95$; let. $0,^{m}14$.

Letras enormes e de mau desenho proprio da epocha, se é que não foram deformadas posteriormente.

Na copia do padre Mattos enviada ao Argote segundo o snr. Hübner o nome AVGVSTO era precedido do adverbio SEMPER; este porém foi-se com o tempo.

Aqui como no titulo das *Carvalheiras* (76) o numero das milhas fecha o letreiro sem signal indicador da procedencia nem da especie quantitativa.

Negligencias de epochas anormaes e tempos barbaros.

XXIV

DECENCIO

(351-353)

Se não passa de um episodio na historia tão agitada de Constancio a curta historia e não menos movimentada de Magnencio, nesta apenas será uma peripecia a de Decencio: um episodio no episodio, cujo desenvolvimento não transpõe as fronteiras da Gallia nem gasta mais de dois annos. Quando em 251 Constancio pará se desentender das luctas com os persas e mais livremente poder liquidar com Magnencio a questão da integridade do imperio teve de marchar para a Illyria ao encontro d'elle, resolveu encarregar do governo do Oriente seu primo o *cesar* Gallo; na mesma occasião e por motivo analogo entregava Magnencio as Gallias a seu irmão Decencio, egualmente creado *cesar*. Decencio era portanto um satellite de seu irmão, por elle arrastado em sua orbita aventurosa e como tantos outros subjeito aos azares da sorte.

Decencio, *Decentius*, nas epigraphes MAGNVS DECENTIVS, irmão ou primo [1] de Magnencio, governador da prefeitura das Gallias por seu irmão como dicto fica, logo que

[1] *Consanguineum suum*. Sex. Aur. Victor. *Epitome*, XLII. — *Frater ejusdem*. Paulo Orosio, *Hist.* l. XII, c. XXIX.

soube do suicidio d'este em Lyon fez outro tanto em Sens, *Senonas*, enforcando-se [1].

Durante o seu governo parece não lhe correrem bem as cousas numa campanha contra os allemães.

Deprehende-se de uma pequena medalha [2] de Decencio, ter elle sido christão. No *reverso*, perfeitamente desenhado o anagrama de Christo XP ladeado das letras symbolicas A Ω, *(principium et finis)* e circumdado pela legenda SALVS DD NN AVG ET CAES *(salvação de nossos senhores augusto e cesar)*: no *anverso*, busto de Decencio com a letra D N DECENTIVS NOB CAES.

Das inscripções de Decencio *duas* apenas nos dá o C. I. H. L. A de n.º 6221 no *Suppl.* não tem objecto real. E' mais um equivoco de Sibelo.

Mal se comprehende como désse lição tão pouco acurada deste mill. (4827) aliás erguido e perfeitamente legivel, no seu *Mappa*, 20 (C. I. H. L., 643) e ainda em cima *duplicasse* o titulo com outra versão, *Galicia*, 151 *(Suppl.*, 995) menos afastada da verdade mas ainda incorrecta. Isto na hypothese de que se não illudiu o snr. Hübner tomando por *dois* o que Sibelo não dera por mais que *um*.

Como quer que seja, a pedra é uma só e o letreiro comesinho a não mais.

Na *Volta do Côvo*, Campo do Gerez, Terras de Bouro, Geira:

		D N	
81		MAGNO	
		DECENTIO	
		NOBILISSIMO	
(4827)	5	FLORENTISSI	
		MO CAESARI	351/353 de J. Ch.
		B R P NATO	
		M XXXII	

[1] ...*laqueo fascia compositâ vitam finivit.* Sex. A. Vict. *ibidem.*

[2] Cf. Theil, *Dict. de biog. et myth.* etc. 224.

E' um cippo de granito menos grosso e modestas dimensões. Alt. $1^{m},25$; cir. $1^{m},91$; letr. $0^{m},08$.

Accusa decadencia o desenho graphico dos caracteres; estão comtudo legiveis a ponto de parecer tenham sido avivados. Por isso é de estranhar a incorrecção das lições do informador de Argote e da de Sibelo pois viram a pedra. Cotejando as tres versões facil será apontar os desmandos e deficiencias.

A outra epigraphe com o n.° 4692 no C. I. H. L., do municipio de Cartama na Betica, afasta-se do estylo d'esta substituindo NOBILISSIMO por IMP · NOSTRO PIISSIMO · e omittindo a formula final B R P NATO, *nascido para bem da republica.* Na palavra CAESARE com que fecha é possivel esteja o E final em vez do I, se a epigraphe está completa como parece.

XXV

VALENTINIANO I [1]

(361-375)

Nenhuma importancia teve nem podia o movimento reaccionario de Juliano contra a corrente christã (361-363) apesar da boa-vontade, illustração e capacidade governativa do apostata. A tentativa da reedificação do templo de Jerusalem para desmentir a prophecia de N. S. Jesus Christo, a restauração dos templos pagãos e sacrificios solemnes aos deuses, a protecção aos sacerdotes dos idolos e aos philosophos e poetas amigos das velhas tradições, os manejos velhiacos, a perseguição amaneirada, as cynicas abjurgações e doestos contra os seguidores do Evangelho, nada produziram para o intento. De longe vinha a *victoria do Galileu;* de longe e de alto para se aferir pela lucta com Juliano.

Entre os officiaes do exercito, dois accusados de christãos estavam destinados a nada menos que tomar depois e a breve trecho a purpura imperial. Joviano menos apto e menos firme tambem, foi tolerado e tomou parte na fatal

[1] Ao primeiro dos tres imperadores romanos de nome Valentiniano vai attribuido o titulo epigraphico com que fecha a presente serie, pela razão de que o II não governara esta parte do imperio, e o III pertence ao seculo V em que geralmente se não usava semelhante especie de monumentos. E' verdade que outro titulo de Valentiniano I destoa d'este; o *Suppl.* porém nenhuma epigraphe assigna ao II e III.

expedição contra os persas. Acclamado á morte de Juliano (363) apenas sobreviveu uns sete mezes.

Não assim Valentiniano que resistindo á intimação do imperador para que sacrificasse aos deuses, soffreu a pena de inactividade e exilio.

Valentiniano, *Valentinianus*, IMP · CAESAR FLAVIVS VALENTINIANVS AVG · natural de *Cibalis* na Pannonia e filho mais velho de Graciano conde de Africa, nasceu em 321. Militou com distincção no exercito de Constancio e era tribuno dos *scutarios* quando soffreu de boamente a baixa inflingida por Juliano, para salvar a sua Fé de christão; que para elle mais valiam as promessas e juizos de Deus [1].

Proclamado imperador pelos soldados (fevereiro de 364) em Nicéa, pouco depois associa ao imperio seu irmão Valente commettendo-lhe o governo do Oriente com a Thracia e a Grecia; de ahi a tres annos seu filho Graciano é associado tambem.

Valentiniano, firme na fé orthodoxa, não se envolve comtudo em contendas doutrinarias nem maltracta os pagãos renitentes. Mais se preocupa com a defensa das fronteiras contra os barbaros. Correndo ás Gallias bate os saxões nas terras dos francos, e os burgunhões que em numero de oitenta mil ou mais acampavam ao longo do Rheno. O nome d'estes segundo Paulo Orosio parece derivado do das aldeias ou castros da Germania, *burgos*, donde taes barbaros apparecem em tamanho numero apesar do desbarato soffrido em tempo de Augusto ás mãos de Tiberio e Druso.

E' notavel que por este tempo muitos godos christãos perseguidos pelo proprio rei se acolham na Gallia romana, não com o receio de quem penetra em paiz inimigo senão com a confiança de irmãos em terra de irmãos pela mesma Fé.

Em 375 fazia Valentiniano a guerra aos sarmatas na Pannonia quando numa conferencia com os barbaros para arranjos de paz caíu mortalmente ferido de apoplexia, provocada por um accesso de cholera a que era atreito.

Alguns traços para o retrato de Valentiniano:

[1] *Jussus ab imperatore sacrilego aut immolare idolis, aut militia excedere, fideliter sciens et graviora Dei esse judicia et miliora promissa, sponte discessit.* Paul. Orosius. *Hist.* l. VII, c. XXXII.

«Foi homem de bella presença, animo sagaz, caracter grave e conversação culta. Ainda que sobrio de palavras, austero e rigoroso, deixara-se assim mesmo entrar de alguns vicios principalmente da avareza; e no que vou dizer se aproximou de Hadriano: Pintava com talento, era dotado de muita memoria, habil em modelar em cera ou argila, em inventar ou modificar armas, em aproveitar as conversas, os tempos, os logares» etc. [1].

Das inscripções de Valentiniano só uma foi recolhida e essa inedita. O snr. Hübner dá outra com o n.º 4733 (C. I. H. L.) que irá no fim.

No logar de *Crasto*, Rubiães, Coura, estrada de Braga por Tuy:

82
D N
VALENTINIANO
VICTORI HAC
TRIVMPHA
TORI PERPET
SEMPER
AVGVSTO

364/375 de J. Ch.

Monolitho de granito rijo, mal cylindrado, um pouco escavacado á direita da inscripção e lavrado longitudinalmente por uma *rigola*, signal de ter sido adaptado a parapeito de um celleiro segundo informam. Hoje serve de espeque a um parreiral juncto á residencia do snr. Gaspar Teixeira, proprietario do logar. Alt. 2^{m}; cir. $1^{m},6$; letr. $0^{m},09$.

Inedita a epigraphe e menos mal conservada, apesar de jazer para baixo e afundida no estrume e na terra.

Na escripta por extenso tirante as siglas da 1.ª *lin.* e

[1] *Hic Valentinianus fuit vultu decens, sollers ingenio, animo gravis, sermone cultissimus. Quanquam esset ad loquendum parcus, severus, vehemens, infectus tamen vitiis, maximeque avaritiae; cujus cupitor ipse fuit acer, et in iis quae memoraturus sum, Hadriano proximus. Pingere venustissime, meminisse, nova arma meditari, fingere cera seu limo simulacra, prudenter uti locis, temporibus, sermone* etc. Sex. Aur. Victor, *Epitome*, XLV.

no estylo está de acôrdo com as do seu tempo, como se vê. Apenas a anomalía HAC por AC da 3.ª *lin.* podería causar estranheza; o snr. Hübner porém consultado sobre o caso adverte não haver razão para isso, como se nota noutros letreiros já desde a epocha de Septimio Severo [1].

Não apresenta signaes de retoque nem de haver sido notada a distancia em milhas.

E' curioso que a primeira e ultima chronologicamente, o A e o Ω destas 82 epigraphes mais das que seguem na conclusão por quanto dellas se possa apurar, sejam ambas *ineditas*, apparecessem no mesmo dia ao a. (30 de julho de 94) e existam no mesmo local.

A epigraphe n.º 4733 transcripta no C. I. H. L. é do theor seguinte: *d. n. fl.* | VALENTINIANVS CAESAR | AVG · GERMANIC · PONTIF | MAX · TRIBVNIC · POTEST II · | COS · II · *p* · *p* · VIAS · VETVSTATE | *Corrupt*AS · REFECIT | AD · PRI*stin*VM ·

Em Cordova num museu, donde parece ter desapparecido *(ubi periit)* como diz o snr. Hübner.

E' notavel por conservar o estylo antigo na notação do *pontificado maximo e dos poderes tribunicios*, caído em desuso desde Constantino se me não falha a memoria.

Numa pequena medalha dada por Theil [2] vê-se no *anverso* o busto de Valentiniano com a legenda D N VALENTINIANVS P F AVG, e no *reverso* uma figura de guerreiro segurando na esquerda uma *victoria* que lhe offerece uma corôa, e na direita um labaro com o anagramma de Christo XP · A letra diz: RESTITVTOR REIP(*ublicae*).

Noutra, do meu pequeno mealheiro, com identico *anverso* traz no *reverso* uma *victoria* com um ramo na esquerda e uma corôa na direita, e a legenda SECVRITAS REIPVBLICAE.

1 «Le *Hac* au lieu de *Ac* n'a rien de chocant dans un texte de cette époche; la même faute d'écriture ou de pronuntiation se trouve déjà dans les inscriptions d'une caractere publique de l'époche de Septime Severe» — *Lettre à mr. Sarmento*, Berlin, 1/4/95.

2 *Dict. de biogr. myth. et geogr. ancien*, 652.

CAPITULO IV

CONCLUSAO

SUMMARIO

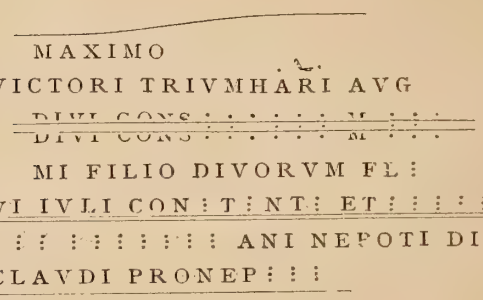
Migalhas de epigraphia romana. — Aventuras de alguns milliarios, *habent sua fata* MILLIARII; — amigos e inimigos *per accidens*; — zêlo indiscreto dos renovadores de letreiros; — ensaios de substituições; — equivocos de quem se governa por informação dos livros ou apontamentos menos bem ordenados; — desleixo das auctoridades concelhias na guarda e protecção d'estes monumentos. — Quem cura hoje disso, neste seculo de positivismo utilitario?; — ir-se-ão á formiga um apoz outro, muito antes de haver o tempo apagado no granito a ultima sigla.

Cousa natural é e vulgar recolher migalhas ao levantar a mêsa, apáras ao varrer da officina; e de boa economia apurar quanto de prestimo fôr por minimo que pareça. Já estou a vêr que nesta secção final algo apparecerá digno de ter figurado na anterior, em logar do que deveria antes transitar para aqui. Ponto de somenos importancia para o nosso fim.

Aqui deixando de parte a ordem chronologica para a qual faltam geralmente dados positivos, irão a êsmo os letreiros mais ou menos estragados pelo tempo ou por agentes de não facil determinação.

D'estes fragmentos lá virá quem tire partido para elucidação de obscuridades de epigraphia; que em mãos haveis o pouco vale muito. De modo que não é para desprezar qualquer traço epigraphico quando tomado fôr dos monumentos e com o devido escrupulo.

Nas Carvalheiras em Braga anda por ali rolando a capricho do rapazio um tamborete de granito rijo circuitado por duas *rigolas* cortadas toscamente. Pesará bem 4 quintaes e é possivel tenha servido no armazem de algum mercieiro antigo de grosso tracto. Foi de um milliario e conserva ainda em maus caracteres o seguinte:



83 *sic.*

Alt. $0^{m},8$; diam. $0^{m},5$; letr. $0^{m},09$,

Epigraphe *inedita* e sem retoques, porém defeituosa. Na 2.ª *lin.* falta a conjuncção AC depois de VICTORI, e a syllaba TO na palavra seguinte havendo escapado talvez ao lapicida foi supprida por um traço superior, obliquo e levemente anguloso mais um ponto. E' notavel mesmo assim pelo emprego da fórma DIVORVM da 4.ª *lin.* que vem confirmar a lição do titulo da *Palafalsa* (75) Mouroãs.

Deveu pertencer a Constante, Constancio II ou Constantino II.

Juncto á egreja de *Freixo*, Marco de Canavezes:

84 (6210)

INVICTO
AVG · P · M
TRI · P · P · P ·

Esta copia foi recolhida pelo snr. dr. Martins Sarmento, publicada em revistas portuguezas e enviada por elle ao snr. Hübner em 1882, que a deu no *Suppl.* com o numero acima. Tambem por esse tempo do mesmo snr. Sarmento a recebera o auctor.

No sitio de *Lampaças*, Balança, Terras de Bouro, Geira:

85

⋮ ⋮ ⋮ INVIC
P · M · T · P
ABR ⋮ XV

E' um cippo, levantado á margem da estrada. Alt. $1^{m},28$; diam. $0^{m},75$; let. $0^{m},12$. Tem defronte outro mill., mas analphabeto e tambem truncado. Este mesmo fôra descabeçado, como se vê.

Inedita. Importante por dar a contagem das milhas, XV, conformemente ao que se infere das visinhas. Argote e Sibelo dão por aqui outro mill. (senão o mesmo, porém interpretado de outra fórma) que em vão procurei.

Vão aqui agrupadas por certa analogia entre ellas e com o titulo de Maximiano, 68, existente nas *Carvalheiras*, Braga.

Nas *Carvalheiras*, Braga:

86 (4758)

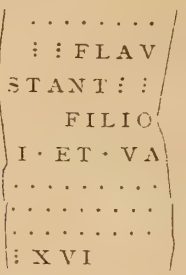
FONT · MAX · TRIB
PO ⋮ V · IMP VII · P · P
⋮ RVCOS ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ ⋮ LIVS
⋮ ⋮ VS MAXIMVS
. . . . . .
. . . . . .

Cippo de granito grosseiro, servindo de supporte a outro (43) detraz da capella de S. Sebastião. Alt. $1^{m},2$; cir.

1m,74; letr. 0m,1. O snr. Hübner deu mais algumas palavras que eu não pude apurar. Era de Maximino e Maximo, como se vê.

Na *Labruja*, Ponte do Lima, estrada de Braga por Tuy:

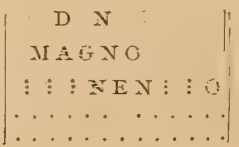
87



E' um fragmento longitudinal servindo de espeque dentro do portal da morada de um lavrador no logar do Espinheiro. Alt. 2m; cir. 1m,25; letr. 0m,1. *Inedita* e sem renovação. Perfeitamente conservadas as letras restantes. Deveu de ser de algum dos filhos de Constantino Magno.

No logar de *Fonte de Olho*, S. Martinho, Coura:

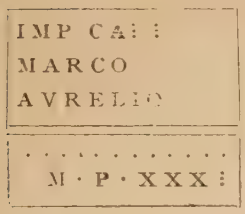
88



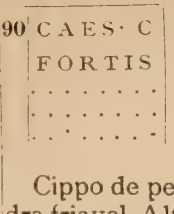
Cippo granitico, de supporte a uma ramada. Alt. 1m,3; cir. 1m,52; letr. 0m,1. *Inedita*. Apesar da rigidez da pedra está quasi de todo obliterada a epigraphe.

De Magnencio, segundo parece.

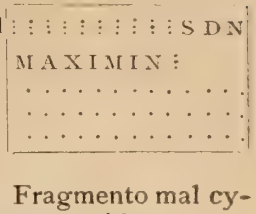
Nas *Mouroãs*, vertente gallega do Gerez, Geira:

89 

Dois fragmentos que parece terem pertencido ao mesmo mill. Alt. 1m,92; diam. 0m,55; letr. 0m,14.

90 

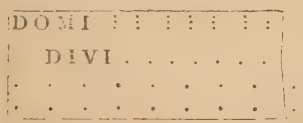
Cippo de pedra friavel. Alt. 0m,9; diametro 0m,49; letr. 0m,1.

91 

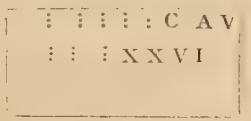
Fragmento mal cylindrado. Alt. 0m,7.

Pertencem á milha XXXV os quatro fragmentos e são *inditos* os letreiros. Os dois primeiros talvez rezaram de Caro ou Carino; o quarto, de Maximino e Maximo; quanto ao terceiro, aquelle FORTIS*(simo)* lembra Elagabalo, mas não diz com as letras da 1.ª *lin.*

Nas *Mouroãs*, milha XXXVI:

92 

E' um cippo que com dois outros fragmentos integrava um mill. bem cylindrado. Diam. 0,m65.

93 

Tambem este foi decepado. Ficou a parte inferior que mede, alt. 1m,3; diam. 0m,48

Ineditos. A pedra d'estes fragmentos de mill. é extremamente friavel; pelo que tem desapparecido quasi todos os vestigios de escriptura.

Na *Portella do Homem*, fronteira do Gerez:

94 IMP . . . .
. . . . . CÆSAR
. . . . . TES . . . .
P · P · COS III
A BRACA ⁝ ⁝
M P XXXI ⁝ ⁝ ⁝

Pedra rija e fina. Alt. $1^{m},48$; circ. $1^{m},97$; letr. $0^{m},11$. Quasi de todo obliterado e duvidosas as 2.ª e 3.ª *lin.*
Talvez de Nerva.

95 IMP . . . .
MAX ⁝
MO CÆS

E' um fragmento mal cylindrado e tosco.
Sem saída.

Ineditos.

Na *Volta do Côvo*, Gerez:

96

IMP · ⁝ ⁝ ⁝ ⁝
MARC ⁝ AV ⁝ ⁝ ⁝ ⁝ ⁝
. . . . . .
⁝ ⁝ ⁝ ⁝ POT · I ⁝ ⁝ COS ⁝
⁝ ⁝ ⁝ RA AVG
M · P · XXXII

Cippo granitico de modestas dimensões. Alt. $1^{m},7$; circ. $1^{m},92$; letr. $0^{m},1$. *Inedito.* Foi talvez de Caro.

Na *Deveza Alta*, Famalicão:

97
N P N . . . .
A V G . . .
A . . . .
R B I : S
M . . . . .

Pedra mal cavacada e á guisa de mill. Appareceu numa escavação em 1880, está hoje levantada ao portão da quinta de Pereira. Alt. $1^{m},7$; circ. $1^{m},88$.

Da epigraphe nada se apura além do AVG da 2.ª *lin.*

A' *Trofa Velha*, Bougado, no eido de um visinho:

98
: M P C A E S A R I D N
N O N E . . . . . .
. . . . . .
. . . . . , ...

De diametro reduzido. Serve de espeque a uma barra de ferro para suster a ramada do proprietario.

Em S. Pedro de *Aviôso*, Maia, á borda da estrada para o Porto:

99
C A I · P : : :
A V G P M
: : : : II COS : . .

Pedra grosseira. Alt. $1^{m},7$; circ. $2^{m},05$; letr. $0^{m},12$. Pouca ou nenhuma confiança

---

Nas *Carvalheiras*, Braga:

100
D D N : V : L : N T I N : : :
O E T : I V S F R : : : : : :
V A : : : : :
F O R T I S S I : : :
P R I N C I P I B : :
S E M P E R
A V G V S T : :

Pequeno cippo de diametro reduzido e granito fino, rematando outro de dimensões ordinarias. Alt. $0^{m},64$; circ.

1m,1 ; let. 0m,05. Depois de algumas tentativas de decifração mediante os bons officios e estremada paciencia do snr. A. Bellino, aventuro o seguinte: D D N N VALENTINIAN | O ET EIVS FR*atri* | FL*avio* | VALENTI | FORTISSIMIS | PRINCIPIBVS | SEMPER | AVGVSTIS.

A vêr o que dizem os mestres, que a gente desconfia da novidade epigraphica e da pericia propria.

No quintal do palacete do snr. *cons. Pimentel,* ás Carvalheiras, Braga:

101

. . . . . .
. . . . . .
COS · X · · · · · B
POTEST · · · · · I
PONTIF · · · · · IVS
PATER · P · · · · ·
TVDE · : : . .II

Padrão cylindrico de granito rijo. Alt. 1m,39; diam. 0m,54; let. 0m,1. Uma chanfradura longitudinal levou-lhe parte da inscripção: a parte superior da mesma foi-se com o tempo ou qualquer usura accidental.

Foi descoberto ha tempos pelo infatigavel investigador snr. Albano Bellino, que deu traslado *fac-simile* em o n.º 3 da *Revista de Guimarães.*

Inclino-me a que terá sido mill. de Augusto, se bem o rol das dignidades não esteja pela ordem costumada, mas pela chronologica assim:

	IMP · CAESAR · DIVI	
1.º *cons.* 43 ant. de J. Ch.	*F · AVGVSTVS*	
1.ª *saud. imp.* 40 ant. de J. Ch.	COS · XIII · *IMP* · XX · *TRIB*	
1.º *poder trib.* 23 ant. de J. Ch.	POTEST · XXXIIII	N. B.—Adopta-se
Pont. maximo 12 ant. de J. Ch.	PONTIF*EX · MAXIMVS*	a data do mill.
Pater patriae 2 ant. de J. Ch.	PATER · P*ATRIAE*	de Coura: 11/12
	TVDE · *M · P · XLII*	de J. Ch.

AVENTURAS de alguns mill.? — Sim; tambem correm seu fadario as brutas pedras, *habent sua fata:* martelladas no letreiro afim de perderem o caracter de monumento publico, adelgaçadas nos fustes, fendidas, mutiladas, furadas, recortadas para se amoldarem aos mil e um caprichos das conveniencias de occasião e do talento inventivo do primeiro esperto que se lembrou de as *utilisar:* Uma longa odyssea com alguns episodios ou coincidencias curiosas, resultantes de mero acaso (?)

Assim ao mill. da egreja de Rubiães em Coura, dedicado áquella besta-féra de Caracalla que se deleitou com morticinios em massa, rasgaram o ventre para convertido em carneiro nelle depositaram um cadaver; a um de Decio, perseguidor dos christãos, a gente do Campo do Gerez arvorou-lhe em cima a imagem de Christo crucificado; a outro do mesmo subjeito, em Sá de Covide fizeram o mesmo e para maior ignominia tem para a terra o letreiro; nas Carvalheiras em Braga, ha poucos annos ainda, uma columna de *Galerio* com outra de *Diocleciano* jaziam em estado bem pouco aceiado no adro da capella de *S. Sebastião!...* Quem trouxe aqui os monumentos atirados a monturo, dos algozes para tal constraste de situação com a da victima? Ninguem nisso pensou: foi o *acaso* como se usa dizer. De estas faz ás vezes o tal acaso.

AMIGOS dos mill. póde havel-os *per se,* como diz a eschola; agora inimigos, só *per accidens.* De esta segunda categoría são geralmente os amigos e inimigos das tristes pedras.

Amigos *per se* ou por amor da arte contam-se raros: Algum arcebispo de Braga como Dom Rodrigo de Moura Telles, que mandou pôr a bom recado grande numero destes monumentos e a Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, que tem no seu museu uma d'estas pedras tractada com esmeros de perfeito amador. E cá pelo norte mais nada que eu saiba, a não ser o caso do snr. Conde de Bretiandos que nos jardins do seu solar mandou alevantar, ha poucos annos ainda, o mill. de Maximino antes abandonado á margem direita do Lima. Ignoro se por salvar o monumento, se por embellezar o local. E' provavel que por ambos os motivos, attenta a illustração do nobre titular.

Amigos *per accidens,* os que conservam e protegem os

mill. já por servirem nos cruzeiros e atrios dos templos ou em edificações particulares, já por adornarem o terreiro de alguma casa antiga, como a do *Antepaço* em Ponte do Lima, a da quinta de *Pereira* em Famalicão e a do *Paiço* na Carriça.

Porque num dos mill. á entrada do portão da casa do Antepaço está chumbada uma argola, naturalmente para prisão dos cavallos, opina a gente do sitio ter havido em tempos passados direito de azylo naquella familia; de modo que no criminoso perseguido que lograsse lançar mão á salvadora argola não podiam já tocar as justiças d'El-Rei. No da quinta de Pereira mandaram ha pouco gravar uns PP muito grandes e muito comicos, para maior lustre do nobre appellido talvez e não pequeno embaraço de futuros epigraphistas.

Entre os inimigos accidentaes figuram em primeira linha os credulos exploradores de thesouros encantados: a região devastada é o Gerez. Atacam de preferencia os que apresentam epigraphe maior e mais viva; como se as letras estivessem ali para indicar dinheiros mouriscos. Raros tem escapado á marreta, e alguns estão reduzidos a tres e mais fragmentos. Para isso foram tombando todos os mill., e á Ponte Feia abriram um fosso com o mesmo intento, capaz de enterrar um boi ou mais. A gente na sua zanga misturada de compaixão, vinga-se interiormente imaginando a cara com que ficariam os pobres loucos ao partir cada uma das pedras que não deram invariavelmente senão pedra! A quanto obriga *a fome execranda do oiro!*

Outros aggridem os inoffensivos calháus para os applicarem a construcções, como pedras de conta ou de encher. Assim pereceram alguns nos cavoucos de umas casas outr'ora do duque de Bragança, em Famalicão; no muro e terreiro da residencia de Sant'Iago de Antas; na quinta de Lima Barreto á Carriça; no cemiterio de S. Mamede d'Infesta, etc., etc. Annos ha que na Geira, limites de Chamoim, foi tombado e partido um esbelto mill. Parou a obra, talvez com receio da auctoridade administrativa. No anno passado porém já um dos troços, furado e prompto, esperava o conduzissem a servir de siphão numa prêsa d'agoa. [1]

1. Em carta de 7/10/95 diz o P. João Capella, encarregado de continuar em Covide as pesquizas do mill. de Licinio o moço: «O que se apurou da segunda vez é que a tal pedra muito provavelmente foi inutilisada ainda ha dois

O ZELO INDISCRETO dos renovadores de letreiros é outra praga e das mais damninhas.

Deveriam lembrar-se de que para continuar a merecer inteira fé um titulo *renovado*, seria mister ao acto presidisse uma commissão de epigraphistas e do caso lavrasse instrumento um notario publico, de modo que com a antiga dissesse inteiramente a letra nova.

De outro modo a certeza desce ao gráo de probabilidada pelo menos, como nas renovações feitas em Braga por ordem do arcebispo Moura Telles; e ás vezes, a maior parte das vezes, cáe na duvida ou antes incerteza que torna nullo o valor do monumento senão quanto á identidade no que toca a dados numericos, epitheticos e outras minudencias.

Para amostra irão aqui tres epigraphes estropiadas.

Seja primeira a do *Cruzeiro do Campo* do Gerez, Terras de Bouro, Geira:

Obra do renovador:	Como devia estar, provavelmente:
IMP · CAES ·	IMP · CAES
102 G · MISSO · TR ·	G · MESS · Q · TRA
(1813) DACONVTO	IANO · DECIO · INVICTO
PIO · FEL · AVG ·	PIO · FEL · AVG
P · MAX · TR · P	5 PONT · MAX · TR · POT
PC · IIII · C · II ·	PROC · IIII · COS · II
P · P · ABRAC ·	P · P · A BRAC · AVG
M . P	M · P
XXVII	XXVII

Conhece-se a distancia o trabalho do renovador pelo entalhado profundo na pedra aliás rija, e mau desenho graphico. Só escaparam as ultimas duas *lin.* 8.ª e 9.ª e essas não andam nas copias.

Quanto ao estrago aprecia-se por simples confronto.

---

para tres annos... Juncto á casa (do Silva) houve um curral cuja barra era sustentada por um pilar grosso «que tinha lettras». Este curral arruinou-se, o pilar ficou entre os escombros durante muitos annos; ha pouco um genro do Silva a quem tocou o cardenho, fez da *pedra* duas pias para porcos.» (!!!)

Na ponte de *Chaves:*

Obra do renovador:

IMPCAESVES PAVGPONT
103 MAXTRIB POTX IMP $\overline{XX}$ PP COS $\overline{IX}$
IMPVESP CAESAVG F PONTTRB
(2477) POT $\overline{VIIII}$ IMP $\overline{XIIII}$ COS VI
////////////////////////////
////////////////////////////
CCALPETANO RANTIO QVIRINALE
VAL FESTO LEG AVG PR PR
D CORNELIO MECIANO LEG AVG
I ARRVNTIO MAXIMO PROC AVG
LEG $\overline{VII}$ GEM FEL
CIVITATES $\overline{X}$
AQVEFLAVIENSES AOBRIGENS
BSALI COELERINI EQVAESI
INTERAMICE LIMICI AEBISOC
QVARQVERNI TAMAGANI

Nas copias antigas:

IMP · CAES · VESP · AVG · PONT
MAX · TRIB · POT · X · IMP · XX · P · P · COS · IX
IMP · T · VESP · CAES · AVG · F · PONT · TRIB
POT · VIII · IMP · XIIII · COS · VII
//////////////////////////////
//////////////////////////
C · CALPETANO · RANTIO · QVIRINAL
VAL · FESTO · LEG · AVG · PR · PR
D · CORNELIO · MAECIANO · LEG · AVG
L · ARRVNTIO · MAXIMO · PROC · AVG
LEG · VII · GEM · FEL
CIVITATES · X
AQVIFLAVIENSES · AOBRIGENS
BIBALI · COELERNI · EQVAESI
INTERAMNICI · LIMICI · ÆBISOC
QVARQVERNI · TAMAGANI

Esta columna semelhante a um mill., parece foi copiada a primeira vez ahi por meados do seculo XVI (1548) por Affonso de Castro e outros depois, e jazia numas hortas de Simão Guedes. Actualmente está levantada a meio da ponte sobre o resalto de um dos pilares e defronte de outra (20) commemorativa da edificação da ponte á custa dos flavienses em tempo de Trajano. Formam as duas um bello ornamento monumental, pelo que bem merecem os que tal pensamento levaram a cabo. E' provavel tenha sido por essa oc-

casião o renovamento do letreiro, no empenho de maior nitidez e frescura de *toilette* para o vetusto padrão.

Como quer que seja, da simples inspecção resulta não ter saído tão escrupulosa a operação, quanto fôra para desejar. Tanto mais tractando-se de tão raro monumento e posto em tamanha evidencia entre nacionaes e estrangeiros.

Principaes defeitos, a falta de solução de continuidade na escripta das primeiras *lin.* por omissão dos pontos e espaços entre palavras, donde resulta indigesta e confusa a lição. Nas antepenultima e penultima dois nomes desfigurados: em logar de BIBALI um barbarissimo BSALI, e por INTERAMNICI (habitantes de *entre-rios?*) aquelle comico INTERAMICE que está mesmo a pedir escóda.

Quanto ao n.º VIIII (desde 1 de julho de 79) em vez de VIII dos tribunados de Tito (4.ª *lin.*) não me atreverei a condemnal-o, por me não parecer incompativel com os n.ºs dos outros cargos seus nem com os do páe. [1]

Na *lin.* 15.ª em o nome AEBISOC propoz o nosso fallecido epigraphista Borges de Figueiredo substituir a lição do A inicial por N, opinando que o *forum* ou *municipium* dos NEBISOC teria sido numa povoação antiga do monte de Lousado á ponte de Anhel sobre o Neiva, *Nebis.* [2] Os snrs. Hübner [3] e Aureliano Guerra, [4] concordando com a correcção proposta, dissentem assim mesmo quanto ao *ubi* topographico dos taes NEBISOC.

Tambem não estão de acôrdo os dois ultimos sobre o *caso* das siglas LEG · VII · GEM · FEL · Em *nominativo* as queria o fallecido academico hespanhol, attribuindo á tal *legião 7.ª gemina feliz* parceria na obra desconhecida [5] das *dez cidades;* em *ablativo* como todas as palavras precedentes para *datar* a tal obra, opina o snr. Hübner deverem estar.

Na 3.ª *lin.* falta um T · na sigla de TITO, que parece já não leu no seu tempo o copista primeiro A. de Castro. [6]

1 Cf. Cagnat, *Cours d'épig. rom.* 179 e 180.

2 *As cidades mortas de Portugal,* Bol. da Soc. de Geog. (cit. por Hübner, *Suppl.* 902).

3 *Loc. cit.*

4 *Revista Archeol.* I, 82.

5 Ao citado academico A. Guerra pareceu-lhe ter sido a tal obra uma *via* que desde Padron na Galliza (*Iria Flavia*) seguisse por Orense e Chaves té á margem direita do Douro entre a foz do Tua e a do Sabor, ligando entre si os lucenses com os vettões. — *Loc. cit.*

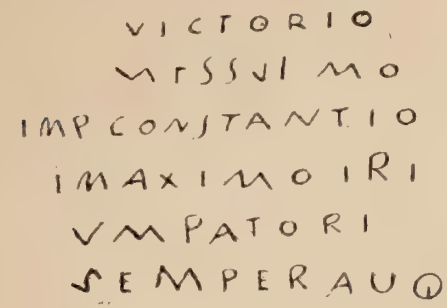
6 Cf. C. I. H. L., 346.

No terreiro da casa do *Antepaço,* Ponte do Lima:

Obra do renovador:

104.

(4873)



Como seria provavelmente:

VICTORIO
sissimo · *p*IISSIMO
IMP · CONSTANTIO
MAXIMO · TRI
VMPHATORI
SEMPER · AVG *vsto*

E' um mill. granitico de $2^{m},4$ de alt.; e circ. $2^{m},12$.

Para não alterar a feitura do renovador procurou dar-se um *fac-simile* em zincographia.

O estylo já de si barbaro, do letreiro, ficou reduzido a essa algaravia quasi inintelligivel que ahi deixo para exemplo e prevenção contra futuras suggestões do zelo indiscreto.

Do caso de SUBSTITUIÇÕES apparecem dois exemplos: delles um bastante provavel; o outro quasi certo. Para o ser falta-lhe apenas o dado positivo do testimunho alheio.

A uns 200 metros do *cruzeiro* do Campo do Gerez, para o norte, Geira:

105. IMP CAES · C · IC
(4815) AED · M · I · IS

Pedra granitica, mal cylindrada e entalada numa parede. Alt. $1^{m},6$; cir. $1^{m},75$; letr. $0^{m},08$.

Só duas *lin.* de letreiro e sem vestigios de mais; siglas intraduziveis tirante as duas ou tres primeiras; caracteres sem arte e desusados.

No sitio dos *Esporões*, Chamoim, Terras de Bouro, Geira:

106 IM CAVIO
IULIO CONSTA
NTINO A
SS

...III

Arremedo de mill. de mui limitada illusão. A 2.ª palavra que deveria ter sido FLAVIO ficou assim como se vê. Pois nem este misero espurio escapou: desappareceu haverá uns 8 ou 10 annos.

E' uma hypothese ou conjectura a das substituições nestes casos; afigura-se porém bastante plausivel para explicar taes anomalias, considerando que alguns dos mill. medindo $2^{m},5$ ou mais de comprimento, bem desempenados e atestados, deviam tentar para obra que tanto requeresse. Depois o receio de serem pela auctoridade coagidos a reparação os cubiçosos havia de suggerir-lhes o alvitre de substituir por qualquer pedra de somenos valor o marco surripiado. Dahi as tentativas de aperfeiçoar á guisa de mill. o primeiro pedregulho á mão e gravar-lhe letras imitativas; o que devia trazer não pequeno embaraço e fastio a lapicidas improvisados, e como consequencia o abandono da *obra* logo no principio.

Como quer que tenha sido, outra explicação me não occorre para taes desconcertos.

Os EQUIVOCOS de quem se governa por informação dos livros ou por apontamentos á pressa e menos bem ordena-

dos, são vulgares e cuido que inevitaveis. Dahi confusões topographicas e multiplicação de epigraphes ás vezes.

Além dos que apontados ficam a pag. 198 notemos os seguintes:

Fr. Bernardo de Brito [1] para determinar o local de uns mill. que encontrara na Geira, milha XXVII, pelas alturas do Campo do Gerez, de tal modo acumula os dados topicos que resulta mistiforio absurdo e portanto inutil não só, tambem embaraçoso:

«No caminho da Geira, no concelho de S. João, [2] na freguezia de S. Antonio de Villar juncto á capella de S. Euphemia, [3] nos limites do concelho da terra de Boura [4] com o da ribeira de Soar, [5] onde chamam a fonte de Monção [6]» etc. estavam quatro columnas, das quaes uma com letreiro de Vespasiano que Brito dá por copia. Ninguem na terra sabe onde param taes pedras, se realmente existiram, menos ainda que local podesse ser esse.

O snr. Hübner [7] por um lapso de facil explicação, confundindo *S. Bartholomeu d'Antas* com *Sant'Iago d'Antas*, colloca na estrada de Braga pelo Porto dois titulos de Coura. Lealmente advertido pelo snr. Martins Sarmento, emenda a mão no *Suppl.* [8] corrigindo o ligeiro equivoco.

Mais infeliz que todos foi Sibelo que de *sete* titulos [9] que produz á Portella do Homem (e valle das Mouroãs) se hoje lá voltasse apenas acharia *um* que se parecesse mui de leve com algumas das copias, o de Caracalla na milha XXXV, [10] e talvez o da milha XXXVIII cujo *ubi* não pude determinar. Pouco verosimil é a hypothese de roubo das pedras, em meio da serra e por caminhos de cabras; e Sibelo passou por ahi uns 40 annos haverá. Por aquellas al-

1 *Monarch. Lus.*, v, 215.

2 Não ha nem houve tal concelho.

3 A capella de S. Euphemia da freguezia de Villar da Veiga é a das caldas do Gerez, a mais de 5 kilom. da Geira e data do reinado de D. João v.

4 Terras de Eouro.

5 Ribeira de Soaz.

6 Ponte e não fonte de Monção, é entre a XXXII e a XXXIII milh. a $5\,1/_2$ milh. de aqui.

7 C. I. H. L., 633.

8 996.

9 Cf. C. I. H. L., 644 e 645 — n.os 4842, 4843, 4845, 4846, 4847, 4848 e 4850.

10 Vid. atraz, 148.

turas mais para temer é o *desencantador* de thesouros que o *raptador* de caiháus feitos.

Verdade seja que mesmo com todos os vagares e cautellas, só Deus sabe em quantos e quamanhos equivocos não incide a gente!

Pelo que toca ao DESLEIXO das auctoridades concelhias na protecção e guarda destes monumentos quasi nem vale falar, tão sabido é e tão geral. Se dos altos poderes do estado lhes viera recado para tal, possivel é algo se tentara nesse sentido; de outra fórma ninguem espere nada, e ninguem espera por certo. Outros negocios e de bem superior gravidade provocam dia a dia os cuidados e absorvem as energias administrativas de administradores e camaras municipaes.

Muitas graças se de seu moto proprio não procedem á *utilisação* dos mill. no calcetamento de estradas. Tem-se visto cousas peiores.

Para sermos justos confessemos que este desleixo é de nós todos, que olhamos com indifferença para estas cousas. Noutra parte se disse já que a camara de Terras de Bouro não ha muito ainda, levou de seu brio mandar levantar os mill. do Gerez. Pois o que esta fez, outras fariam havendo quem lhes suggira a idêa e applauda o intento.

Ahi está o illustre senado bracarense de quem temos direito a esperar mais alguma cousa; porque a *nobreza obriga.*

O retiro das Carvalheiras, onde alguns dos velhos arcebispos arrecadaram tantos monumentos de valor, está reclamando para já aceio e policia. Assim como está não fica nada bem aos creditos da falada *Bracara Augusta,* nem aos brios da formosa princeza do Minho.

A creação de um museu de antiguidades, obra relativamente facil num solo tão rico como este, onde estude o nacional e o forasteiro venha encontrar com as provas da grandeza historica de Braga as do alevantado criterio da actual geração, afigura-se-me de primeira necessidade. Se Braga fôr um dia a Guimarães (releve-me esta palavra a terra a que mais quero depois da minha aldêa natal) achará que lhe não fica bem deixar-se vencer neste ponto pela sua nobre e gentil visinha. Lá o museu da *Sociedade Martins Sarmento,* iniciado ha poucos annos, tem já que farte que ver e promette muito mais.

Quem cura hoje de museus de velharias neste seculo de positivismo utilitario, perguntará o leitor enfadado com esta parenese serodia? — Cura muita gente e boa por esse mundo fóra, precisamente nos grandes centros chamados laboratorios do pensamento moderno. Não só museus, tambem revistas, academias, conferencias, congressos, viagens, explorações archeologicas; tudo quanto póde accrescentar o patrimonio já opulento dos estudos historicos, linguisticos, ethnographicos etc. multiplica-se de anno para anno.

Quem não acompanha, atraz fica.

Além de que os tristes padrões que ninguem estima, porque nem conhece nem vê estimar, ir-se-ão á formiga um após outro, muito antes de haver o tempo apagado no granito a ultima sigla.

LAVS · DEO
VIRGINIQVE · MATRI
S · L · O · C

EXPLICIT

PRIDIE CALEND. OCTOB.
(IN FESTO S. HIERONY DOCT. MAX.)
A. D.

MDCCCXCV

Addenda. – Mutanda. – Corrigenda.

ADDENDA:

A paginas 22:

Durante a impressão do presente opusculo novos collaboradores vieram em auxilio da empresa e com sobrado *jus* á respectiva menção, outros escaparam pela malha.

Como na primeira lista o snr. dr. M. Sarmento, destaca nesta por sua cooperação intensa, esclarecida e generosa, em *Braga* o snr. Albano Bellino, môço ainda e já vantajosamente conhecido nesta ordem de estudos.

Em *Vianna* o snr. dr. José Pereira Cyrne de Castro, 1.º substituto do juiz de Direito; o capitão B. Sesinando Ribeiro Arthur, hoje major do exercito. Em *Coura* o rev. Antonio M. Ramos, parocho de Rubiães; o snr. Ferreira Guerreiro, professor official; o snr. Gaspar Teixeira, proprietario.

Na *Povoa de Lanhoso,* o P. Manoel Argainha, de S. João de Rey. Em *Amares* (Terras de Bouro) o rev. José Arraes, de Carvalheira, diacono. Na *Maia,* o P. Luiz Farinhote, abbade de S. Mamede d'Infesta; o P. João N. de C. da Cruz, de Milheiroz, publicista. Em *Valle Passos*, o snr. dr. João Lopes Ferro, medico.

A pag. 23. *Rivaux, Alzog, Wouters, Procopius.*

A pag. 63. Entre as estações milliares XXXV e XXXVII deve mencionar-se a XXXVI representada por alguns cippos e fragmentos de mill. com restos de escriptura. Vid. pag. 249.

A pag. 105 *et passim*. Ao nome de Sibelo (Barros Sibelo ou Sivelo) tantissimas vezes repetido não foi anteposto o tractamento de snr. (senhor) como se usa entre nós escrevendo de pessoas de respeitabilidade *e ainda vivas* por cuidar o auctor *terá já fallecido* o notavel explorador da Geira, tantos annos ha que por ella passou. Se por fortuna ainda vive, dê-se por accrescentado o merecido tratamento.

MUTANDA:

Pag. 5. «Dr. Manuel José Dias Salgado e Carneiro, meritissimo juiz de Direito na comarca de Ovar», é actualmente juiz na de *Oliveira de Azemeis* depois de transitar pela de Estremoz.

Pag. 22. «P. Alexandre de Carvalho, parocho da *Balança* e depois abb. de *Besteiros*», foi arcipreste de Amares e é actualmente abb. de *S. Cypriano* e *Tabuadêlo*, Guimarães.

«P. Paulo Antunes, do *Campo* do Gerez», agora reitor de S. Miguel de *Oriz*, Villa Verde.

Pag. 106 *et passim*. TERRAS DE BOURO [1] mude-se em Amares. Todas as freguezias do percurso da Geira, desde a Ponte do Porto á Portella do Homem pertencem *agora* ao concelho de Amares.

[1] Foi ha poucos mezes supprimido o antigo concelho de Terras de Bouro; o auctor porém entendeu nomeal-o té ao fim. Acabou como a Polonia retalhado a beneficio de visinhos ambiciosos, e o que mais é durante a situação regeneradora por amor da qual mais de uma vez aquella pobre gente se sacrificou. Bem bonito pago, na real verdade. Em vez do conhecido *Salutem ex inimicis nostris*, ficará melhor aqui *Perníciem ex amícis nostris* . . .

CORRIGENDA

A PAG.	ERRATA	CORRECTA
25	monolytho	monolitho
47	voto a eligibilidade	voto e eligibilidade
51 (nota)	C. I. H. L., 31	C. I. H. L., 331
83	Castro	Crasto
91	Serrasquinhos	Sarraquinho
121	Sebem	Se bem
126 (nota)	*ud soles*	*ut soles*
145	*elia*	*felia*
148	XXVJ	XXXVI
155	Taveira	Tavora
160	discripancia	discrepancia
175	notavel	notaveis
176	extirpe	estirpe
198	9908	4908
211	Vallais	Valais
219	Flavio	Valerio
Ibidem	da 1.ª e 5.ª	da 2.ª e 5.ª
224 (nota)	Callaecia	Callaeciae
Ibidem	na 8.ª	na 9.ª
233	Constantio	Constancio
241	abjurgações	objurgações
254	applicarem	applicar

INDICE

DEDICATORIA 5

CAPITULO I

A MODO DE PROLOGO. 9

CAPITULO II

A MODO D'INTRODUCÇÃO:

I — Viação romana 25
II — Hespanha 36
III — Bracara Augusta 51
IV — Epigraphes 64

CAPITULO III

TRAÇOS HISTORICO-BIOGRAPHICOS ETC.

I — Augusto 79
II — Tiberio 85
III — Claudio 93
IV — Tito e Domiciano 101
V — Nerva 108

VI — Trajano 121
VII — Hadriano 122
VIII — Caracalla 134
IX — Macrino 152
X — Elagabalo 156
XI — Maximino e Maximo 162
XII — Decio 180
XIII — Tacito 190
XIV — Caro 195
XV — Carino 201
XVI — Diocleciano 206
XVII — Maximiano 210
XVIII — Galerio 213
XIX — Constancio 217
XX — Licinio 220
XXI — Constante 223
XXII — Constancio II 228
XXIII — Magnencio 232
XXIV — Decencio 248
XXV — Valentiniano 241

CAPITULO IV

CONCLUSÃO:

Migalhas de epigraphia romana 245
Aventuras de alguns milliarios etc. 245
Zelo indiscreto dos renovadores de letreiros 255

91-B8148

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00032 7383